

IRMÃ LAURA BONDI, mscs

MADRE ASSUNTA MARCHETTI
UMA VIDA MISSIONÁRIA



Série Memórias – 6

Tu a estabelececes como benção para sempre,
e com a tua presença, a enches de alegria.
(Cf. Salmo 21,7)

IRMÃS MISSIONÁRIAS
DE SÃO CARLOS BORROMEO - SCALABRINIANAS

MADRE ASSUNTA MARCHETTI
Uma Vida Missionária

Ir. Laura Bondi, mscs



Editora CSEM
Brasília, 2011

Ficha Catalográfica

CDU N° 250
Ir Laura Bondi,mscs

Madre Assunta Marchetti
Uma Vida Missionária
Brasília/DF CSEM, 2011 - Série Memórias -06

ISBN - N° 978-85-87823-17-5

1.Ambientação geográfica da família 2. Infância e juventude
3.Migração para o Brasil 4.Vida de missionária 5.Superiora Geral
6.Testemunho de santidade de vida

Título original: Madre Assunta Marchetti: una Vita Missionaria

Tradução: Ir Sônia Delforno,mscs

Revisão técnica: Terezinha L. Santin,mscs e Leocádia Mezzomo,mscs

Diagramação: Roberto Marinucci

Impressão: Editora CSEM - www.csem.org.br

Direitos reservados à Editora CSEM

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios

SRTVN Qd 702 Conj P Sobreloja 1 e 2

Edifício Brasília Rádio Center

70719-900 BRASÍLIA - DF

E-mail: csem@csem.org.br

ISBN : 978-85-87823-17-5

ABREVIATURAS DAS SIGLAS

APR = Arquivo da Postulação – Roma

AGSS = Arquivo Geral Irmãs Scalabrinianas

ACC = Arquivo da Câmara de Camaione

APSAV = Arquivo Paroquial Santo Antonio – Viareggio

APC = Arquivo Paroquial – Camaione

APCAP = Arquivo Paroquial – Capezzano

AGS = Arquivo Geral dos Scalabrinianos

APCMI = Arquivo do Pontifício Conselho para a Pastoral dos
migrantes e itinerantes

MSCS = Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas

PREFÁCIO

*«Trabalhem todas para a glória do Senhor,
para nossa santificação,
e para o verdadeiro bem da nossa Congregação»
(Madre Assunta Marchetti, 08/09/1927).*

Talvez não se possa definir propriamente biografia o conjunto destas páginas: elas são, de fato, essencialmente fruto de uma leitura atenta e participada de alguns textos mais amplos, que nos foram deixados, sobretudo, pelos historiadores da nossa Congregação: Mario Francesconi (1919-1989), missionário de São Carlos, e Lice Maria Signor, Irmã scalabriniana. Tem sido de fundamental importância, as pesquisas e a leitura das páginas de quantos conservavam ainda viva lembrança da Serva de Deus, Madre Assunta Marchetti, mas também as investigações minuciosas de tantos documentos de arquivo a ela relacionados.

Portanto, confiamos que, quanto antes, as notícias e os testemunhos sejam tomados em consideração e, enriquecidos pela investigação espiritual e teológica requeridas, para que sejam adequadamente valorizadas.

Contudo, existe algo que pode conferir valor a esta exposição: o fato de que a verdadeira autora é a vida mesma de Madre Assunta, uma vida que parece não ter sido ofuscada com o passar do tempo. Cada momento vivido por esta mulher exemplar, equilibrada, sensibílissima, doce e ao mesmo tempo forte, reservada e franca, contemplativa e

ativa, vale mais do que qualquer outra consideração, para apresentá-la aos leitores na sua realidade humana e espiritual e, para considerá-la como nós, coirmãs scalabrinianas, a percebemos: um grande dom de Deus, à Igreja, à Congregação e aos migrantes de ontem e de hoje.

APRESENTAÇÃO

Temos a alegria de apresentar a biografia da Serva de Deus Madre Assunta Marchetti escrita pela Irmã Laura Bondi, missionária scalabriniana.

Oferecemos esta obra, principalmente, às Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas, nascidas da mente e do coração generoso de um bispo italiano, o beato João Batista Scalabrini, para dar assistência aos migrantes e, colocadas por ele mesmo, sob a proteção de um grande santo do século XVI, São Carlos Borromeo. Queremos, com estas páginas, dar uma resposta ao desejo, muitas vezes manifestado pelas Irmãs e, claramente expresso no último capítulo geral: ter, à disposição, textos consistentes para aprofundar a vida e ação de nossa co-fundadora, Madre Assunta Marchetti. Este poderá ser ao mesmo tempo, um instrumento a mais, para difundir a vida e a devoção da Serva de Deus, com os votos de que, num futuro próximo a Igreja, nossa Mãe, reconheça sua santidade.

Embora a experiência ensine que uma biografia, mesmo quando aprofundada, dificilmente pode transmitir toda a riqueza expressa por uma vida árdua e complexa como a que viveu Madre Assunta, mas diz também, que pode sempre representar um ponto de partida para produzir documentos mais completos.

O atual perfil biográfico evidencia o papel primário e por vezes heróico vivido por esta Serva de Deus nos seus cinquenta e três anos de vida religioso-missionária no Brasil, durante os quais, nomeada superiora geral por dois mandatos não consecutivos, aplicou-se, constantemente, em custodiar o carisma congregacional, em evidenciá-

lo e em dar solidez à nossa Congregação. O texto ressalta a vida da Serva de Deus comparando-a ao ‘grão de mostarda’, mencionado no Evangelho: pequeno, humilde, mas muito poderoso e fecundo.

De fato, Madre Assunta, na sua humildade e dedicação aos irmãos órfãos, migrantes e enfermos, escreve, uma página de história significativa no Brasil do seu tempo, 1895-1948, dando testemunho evangélico, na Igreja de Cristo e na sociedade. Os luminosos exemplos deixados por ela, nossa co-fundadora e nossa primeira superiora geral, são tão sábios e atuais que, com eles, podemos alcançar a linfa que nos ajudará a responder com radical fidelidade aos compromissos de nossa vida religioso-missionária de Irmãs mscs.

O exemplo de Madre Assunta pode, ainda, iluminar muitos religiosos e leigos chamados a serem ‘os bons samaritanos’ dos migrantes em meio aos muitos êxodos de um mundo globalizado, para lembrar também aos desatentos, aos superficiais e aos egoístas as palavras de Jesus: “Eu era forasteiro, e me recebestes em casa” (Mt 25,35). Principalmente os queridos irmãos migrantes pobres e, conseqüentemente desprezados, poderão descobrir, nestas páginas, o quanto a Serva de Deus os amou, serviu, assistiu, acompanhou e educou. Poderão, desta forma, reencontrar a energia necessária para lutar com dignidade e acreditar na própria vida, muitas vezes desprovida de reconhecimento dos direitos humanos fundamentais.

Enfim, apresentamos a Ir. Laura um sincero profundo agradecimento pelo árduo trabalho que significou a redação deste perfil biográfico. Que, pela intercessão da nossa querida Serva de Deus Madre Assunta, o Senhor a recompense e a ilumine sempre.

Roma, 30 de setembro de 2010

Ir. Alda Monica Malvessi, mscs

Superiora Geral.

CAPITULO I

CONTEXTO AMBIENTAL E FAMILIARDE MARIA ASSUNTA CATERINA MARCHETTI

A história humana de Assunta Marchetti, geralmente denominada Madre Assunta, começa na Toscana, na Lucchesia (compreendendo por Lucchesia a cidade de Lucca e sua zona rural, a Garfagnana, o Medio e Alto Valle do Serchio, o Barghigiano e a Versilia)¹ e se conclui no Brasil, cinquenta e três anos depois de sua partida da Itália. Começa em um moinho e termina num Orfanato, entre as órfãs, como tantas vezes Madre Assunta havia pedido.

A Serva de Deus viveu seus primeiros vinte e quatro anos, na Itália, em duas localidades da Toscana ocidental, Lombrici de Camaione e La Fabbrica de Camaione.

A TOSCANA

A Toscana, região da Itália central, de clima geralmente temperado, pela proteção concedida pelos Apennini limita-se com a Liguria, a Emilia-Romagna, as Marche, a Umbria, o Lazio e, ao oeste, abre-se para o mar Tirreno. Corresponde, aproximadamente, ao território habitado pelos antigos Etruscos. A atual denominação é derivada do latim *Tuscia*, nome com o qual os Romanos indicavam a

¹ Cf. D. ROVAI, *Lucchesia, terra di emigrazione - Traccia per una storia dell'emigrazione lucchese attraverso i secoli*, Ed. Fazzi, Lucca 1993, p. 9.

terra habitada pelos Etruscos, ou seja, a Etrúria.² É em grande parte montanhosa e cheia de colinas, sendo atravessada pela vertente oeste do Apennino Tosco-Emiliano e por uma grande faixa de relevos anteapennínicos. Ao noroeste, separadas do mar pela faixa costeira da Versilia, surgem as sugestivas Alpi Apuane, caracterizadas pelas brancas veias de mármore. Não lhe faltam, porém, amplas planícies bem irrigadas. Suas províncias são: Arezzo, Firenze, Grosseto, Livorno, Lucca, Massa e Carrara, Pisa, Pistoia e Siena. Camaiore, na província de Lucca, está entre suas cidades mais povoadas. Discreta é a produção de cereais, sendo fundamentais a vinicultura e o cultivo de oliveiras e de flores. A Toscana apresenta um tecido industrial muito rico e articulado. Permaneceu, um tempo, na vanguarda na Itália, pelos recursos do subsolo; hoje se extrai ainda carvão fóssil, ferro e pirita de ferro. É, efetivamente, uma das regiões mais ricas em obra-prima de arte e de peças arqueológicas etruscas, razão pela qual o turismo está, sem sombra de dúvida, à base de seus recursos econômicos.³

CAMAIORE⁴

Ao sopé do monte Gabbari ou Gabberi (1.108 m), contraforte dos Préalpes Apuane, em uma vasta e amena planície, concha pedemontana da vertente tirrenica dos Prealpes, à direita da torrente Lucese, a 34 m. sobre o nível do mar, surge a cidadezinha de Camaiore, capital de um distrito, que, segundo as Estatísticas da Secção Repartição de Registro Civil, em 31/12/08 contava com 31.941 habitantes. Distante de Lucca 24 km, é o município mais antigo e mais vasto da Versilia.⁵ O clima é ameno e muito saudável. Seus montes e suas colinas possuem rica vegetação: vinhas exuberantes, bosques férteis de oliveiras e de castanheiras, pomares de toda espécie, legumes e messes que se alternam

² Cf. *Enciclopedia Italiana Grolier*, Ed. Eraclea Roma 1987, Vol. XIX, p. 331.

³ Cf. *Modernissimo Dizionario Illustrato*, Ed. Istituto geografico De Agostini, Novara 1968, Vol. II, p. 1079 - 1080.

⁴ Já se superou a hipótese do século XIX de que este derive da *castra maiora* (grandes acampamentos) e é aceita a derivação de *campus maior* (grande planície) (cf. F. BELLATO, *Camaiore Valle di luce*, Ed. Fazzi, Lucca 1979, p. 17).

⁵ Guglielmo Lera defende a pertença de Camaiore à Versilia (cf. G. LERA, *Lucca città da scoprire*, Ed. Del Testimone, Massarosa (LU) 1968, p. 23).

de modo surpreendente. Os montes mais importantes que dominam o vale camaioirese, além do Gabberi, são: o Matanna (1.317 m), e o Prana (1.221 m) que delimitam o vale ao nordeste e noroeste, o Pedone (1.074 m), o Vallimona (810 m) e o Rondinaio (740 m) à leste, ao redor da torrente Lucese, o monte Moneta (830 m) ao sudoeste, o monte Penna (494 m) ao norte. Boa parte do território de Camaioire é banhada pelo rio homônimo que tem sua origem na confluência, na garganta de São Lázaro, das torrentes Lucese e Lombricese e que desemboca entre o Mar e Viareggio. Outros cursos de água são: o Freddana, o rio de Misciano, o rio dos Colli e o fosso do Secco.

Os habitantes das zonas rurais dedicam-se à agricultura e à criação de gado, de onde retiram carne, leite, manteiga e queijo. Sobre os montes, ricos em pastagem, dedicam-se ainda ao pastoreio. A economia, no seu conjunto, é baseada na agricultura.⁶ Prevalece o cultivo de cereais, da uva de vinho, da azeitona, das frutas, das batatas, além da floricultura.⁷ A indústria⁸ coloca no mercado produtos de alumínio, papel e calçados. O turismo é particularmente desenvolvido na zona balneária de Lido di Camaioire.⁹

Cesare Sardi,¹⁰ num estudo histórico, disse que *Campus Maior*, de onde deriva Camaioire, lembra o tipo de destino das legiões de Júlio César. De fato, parece que em 56 a.C. o comandante romano foi a Lucca com seus legionários para a estipulação dos pactos do primeiro triunvirato e, por isto, é mais que óbvio supor que na sua origem, Camaioire, definido como o coração da Versilia,¹¹ tenha sido,

⁶ Do censo de 1982 resultava que, numa superfície territorial de 8.459 ha., cerca de 4.500 eram destinados à cultura, num total de 2.450 empresas (cf. *Corso di aggiornamento degli Insegnanti*, Camaioire, Scuola Media Statale “E. Pistelli”, Anno Scolastico 1995-96, Unità Didattica n. 10, p. 2, in *APR*).

⁷ «Pela variedade e fertilidade do terreno, boa parte do território distrital é produtiva» (F. BELLATO, cit., p. 47).

⁸ No censo de 1991 estavam presentes no território quase 3.000 empresas, das quais 1.200 na indústria (cf. *Corso di aggiornamento degli Insegnanti*, Camaioire, Scuola Media Statale “E. Pistelli”, Anno Scolastico 1995-96, Unità Didattica n. 10).

⁹ Cf. *Enciclopedia Italiana Grolier*, cit., p. 78.

¹⁰ Cf. V. TABARRANI, *Guida storica di Camaioire*, Tip. Benedetti 1930, p. 3.

¹¹ Tabarrani, que em opinião difere de Lera, coloca em discussão a pertença de Camaioire à Versilia e a sua tese se vale de um diploma com o qual Federico I, em 1185, teria confirmado os bens de certos senhores da zona, compreendendo-os todos sob o nome de “Valvassores

realmente, um seu acampamento militar. O distrito, de fato, na sua planta retangular, conserva as características do acampamento romano, com estradas que se entrecortam perpendicularmente entre elas.

Vários cronistas, além do exame do nome e da configuração do lugar, como também do estudo das ruínas das velhas fortalezas que se erigiam sobre as colinas dos vales circundantes, deduziram que as origens de Camaiore se perderam nas longas guerras que os Romanos sustentaram contra os Ligures Apuanos (239-117 a. C.), e isto confirmaria a sua origem romana, em geral aceita e confirmada. Em 180 a. C. os Romanos fundaram Lucca, sua atual sede de província. Ao longo dos séculos, pelo menos a partir da vinda dos Longobardos na Itália (VI século d.C.), podemos afirmar que Camaiore participou dos principais acontecimentos da história de Lucca e sempre ressentiu, por causa dos episódios que se alternaram, dentro e fora dos muros desta cidade. De fato, os Longobardos constituíram, na Tuscia, três ducados, Lucca foi escolhida como sede do rei e Camaiore começou a fazer parte do ducado lucchese. As ruínas dos castelos que circundam seu vale falam das tentativas de defesa dos vários e poderosos senhores feudais que dominaram seu território. Um, dentre os mais poderosos, o Cattani, foi definitivamente vencido pelos Lucchesi em 1226 e, com a destruição do seu castelo de Montecastrese, Lucca começa, de algum modo, sua hegemonia sobre Camaiore que, pela sua abertura ao mar, sua posição central a respeito da bacia constituída pelas colinas circundantes, a presença de uma estrada de grande comunicação, como a Via Francigena¹² e o solo plano, foi uma das pérolas do território

de Versilia e de Camaiore”; e o mesmo acontece em 1234 em um acordo entre os Pisani e os Lucchesi em que se faz a mesma distinção (cf. V. TABARRANI, cit., p. 11). Também Paolo Dinelli (*La Storia di Camaiore. Dall'epoca preromana ai primordi del '500*, Arti Grafiche di Camaiore (LU) 1971, p. 104) exclui Camaiore da terra da Versilia, embora reconhecendo que em outra época, por razões de ordem política, a Versilia tenha englobado no seu território também Camaiore.

¹² «Certo é que na idade longobarda o percurso da via Francigena ou Romea passava por Camaiore, e era via preferida, à de Massarosa que percorria à margem, na zona pantanosa do território. Isto é o que emerge à luz, do itinerário seguido entre 990 e 994, pelo aventureiro *Sigerico*, Arcebispo de Canterbury, quem, por ocasião de sua viagem de retorno de Roma à sua sede episcopal, anotou com particular riqueza de detalhes, as estações de parada e entre estas, o lugar entre Lucca e Luni, cita “Campo Maior” ou Camaiore, cujo primeiro núcleo habitado

lucchese e permaneceu assim até 1799. Neste ano os franceses entraram em Lucca e decretaram o fim da República aristocrática, que desde a metade do século XVI tinham dirigido os destinos desta cidade e dos territórios ligados a ela.

Camaiore também foi saqueada e devastada. Quando, em 1801, depois de alternadas regências, foi constituída a nova República Lucchese, independente do Reino da Etrúria, Camaiore continuou a estar na órbita de Lucca e assim mesmo quando, em 1805, Lucca passou a ser principado, sob o governo de Elisa Bonaparte, irmã de Napoleão, e do seu esposo, Felice Bacciocchi, príncipe de Piombino.¹³

Com o Congresso de Viena (1815) Lucca foi destinada a Maria Luisa de Borbone. A ela sucedeu o filho Carlo Lodovico, que em 22 de dezembro de 1836, por reconhecimento à fidelidade dos camaiorenses, “declarou, com decreto próprio, cidade, o antigo castelo de Camaiore e lhe concedeu todos os privilégios dos quais gozavam as demais cidades do ducado”. Camaiore esteve sob o domínio da família Borbone até 1847, quando Carlo Ludovico passou os direitos de soberania sobre o estado de Lucca a Leopoldo II de Lorena, grão duque da Toscana.

Em 31 de dezembro de 1859 o distrito de Camaiore compreendia a sede e 24 frações. No ano seguinte, com o resultado do plebiscito (12 de março de 1860) favorável à anexação, a Toscana (e, portanto, Camaiore), passava a fazer parte da monarquia constitucional do Reino da Sardenha. Os habitantes de Camaiore eram, aproximadamente, 16.000.¹⁴

LOMBRICI

Como nos tempos da Serva de Deus, Lombrici é ainda hoje, fração do distrito de Camaiore, da qual dista 2km e meio. Pelo sugestivo

é mencionado, entre outros, num pergaminho do ano de 984. [...] Com o passar dos séculos a via Francigena perdeu totalmente sua função de ligação européia, vindo a ser uma via útil para o comércio local» (L. SANTINI e GRUPPO ARCHEOLOGICO DI CAMAIORE, *La Via Francigena nel territorio di Camaiore*, Tipografia Massarosa off-set, Massarosa (LU) 1995, p. 4 - 5).

¹³ Cf. F. BELLATO, cit., p. 39 - 40.

¹⁴ Cf. V. TABARRANI, cit., p. 57-59.

panorama que oferece, pode considerar-se uma pérola do camaioense. É imersa no verde, a 100 m de altitude; constitui uma paisagem suave e austera ao mesmo tempo. Com o profundo silêncio que normalmente a envolve, consegue levar a mente do visitante a voltar no tempo, quando entre os montes que a circundam, devia ressoar, não raramente ameaçador, o ruído das armas.¹⁵ É banhada pela torrente Lombricese e se estende até o pé do Gabberi. Os cronistas do século XV sustentam a idéia de que a aldeia teve o nome extraído de *Lucius Imbricius*, cidadão romano.

A antiga presença dos Romanos nesta zona seria comprovada, por exemplo, por causa de uma urna de mármore encontrada, com a escrita: D. M. C. Mussio Quir. Asel. U. B. M. F. que se traduz por: Aos Deuses Mani. A Caio Mussio da Tribu Quirina, feita por Asellia benemérita,¹⁶ e por outros achados.

De um passado muito prestigioso fala a igrejinha românica, dedicada a São Braz, já citada em um documento de 1083.¹⁷ Na Idade Média, Lombrici pertencia à família descendente dos nobres de Montemagno, proprietários de um dos castelos que, das alturas circundantes, protegiam Camaiore.

Lombrici, atualmente, conta com cerca de 130 habitantes. Em 1871, quando nasceu a Serva de Deus, contava com 31 famílias e 171 habitantes. Assunta, como veremos, foi batizada na igreja Colegiada de Camaiore, porque a igreja de Lombrici, desde longínqua data, estava

¹⁵ «O castelo de Monte Castro ou Montecastrese surge a 305 m. de altura, à esquerda da torrente Lombricese, que recebe o nome da aldeia de Lombrici. Parece que a origem do castelo de Montecastrese seja muito distante no tempo, e alguns historiadores a atribuem aos Romanos. Deve-se aos Lucchesi a sua destruição. Por volta de 1224, estes, encorajados pelas vitórias sobre os Pisanos, haviam decidido exigir a rendição de todos os castelões da Versilia, os quais, porém, responderam dizendo estar prontos a combater. De fato, houve os combates, mas Lucca saiu-se melhor. Venceu todos, um a um, a exceção do castelo de Montecastrese. Por fim também este castelo, embora defendido com garra pelos soldados comandados por Cattani, foi vencido e destruído, em boa parte. Quando Virginia, a esposa de Cattani, viu o marido morto e tanta ruínas ao redor, temendo cair nas mãos do inimigo, foi com a filha à beira do precipício mais alto. Com o punhal matou a filha e, depois de abraçá-la ternamente, precipitou-se pelo declive do monte, e as duas se esfacelaram no leito da torrente» (cf. V. TABARRANI, cit., p. 16-18).

¹⁶ *Ibid*, p. 182.

¹⁷ Neste documento está escrito: «*Actum in loco et finibus Lumbrici, prope ecclesiam S. Basii*», no Arquivo Capitular de Lucca. Diplomático, pergaminho "G" 128 .

subordinada à mesma, provavelmente passa a ser paróquia autônoma somente em 1887, por isso, não tinha a pia batismal. O cuidado pastoral era entregue a um ‘ecônomo espiritual’. Do Registro do Arquivo anexo à igreja, resulta que em 1871 era ecônomo espiritual o Pe. Antonio Giannecchini.¹⁸

Nos anos em que se desenvolve a primeira parte da história humana de Assunta, os lombriceses dedicavam-se, sobretudo, ao trabalho dos campos e ao cuidado das oliveiras. Chegava-se a Lombrici com meios de transporte puxados por animais, principalmente por cavalos e burros.¹⁹

As únicas indústrias, (se assim possam ser chamadas) presentes em Lombrici no último quarto de século eram um lagar de azeite e alguns moinhos, entre os quais aquele administrado por Angelo Marchetti, o pai de Assunta.

A FAMÍLIA DA SERVA DE DEUS

A família Marchetti encontra suas longínquas origens na aldeia de Casoli,²⁰ fração de Camaione.

O primeiro documento encontrado referente ao sobrenome “Marchetti” remonta ao ano de 1430, onde são descritos os bens de um certo *Marchetto de Silano*, que num manuscrito anterior fora indicado como *Marchettus* de Casoli.

Marchettus, porém, era originário de outra aldeia, da qual se ignora o nome, e estabeleceu-se em Casoli por volta de 1400.²¹

¹⁸ Cf. Certidão de Batismo da Serva de Deus, no Arquivo paroquial de Camaione (LU) e no Arquivo de Batismos, anexo à igreja de Lombrici (LU).

¹⁹ Cf. Carta de P. Dinelli às Irmãs Missionárias de São Carlo Borromeo, Scalabrinianas, Camaione, 4 de junho de 1996, in *AGSS* 1.3.7.

²⁰ «Casoli, fração de Camaione (LU). Está situada a cerca de 400 m. de altitude, distante da sede pouco mais de seis km. Tem um panorama bellissimo tanto na direção dos montes, quanto na parte do mar que, ao por do sol, parece uma grande extensão dourada. Os colonos latinos estabeleceram-se neste lugar, como os demais, sucessivamente à colonização romana que terminou aqui em 180 a. C., quando Lucca foi declarada território romano e com ela, o seu território» (V. TABARRANI, cit., p. 179 e R. ANTONELLI - L. SANTINI *Casoli. Mille anni di storia e più*, Tipografia Massarosa off-set, Massarosa (LU) 1987, p. 55).

²¹ «Entre 1400 e 1430, por causa das epidemias de peste, houve uma impressionante queda

Marchettus dará origem ao sobrenome *Marchetti*. Muitos descendentes de *Marchettus* transferiram-se de Casoli para Bargecchia, Corsanico, Viareggio, Camaione e, entre estes últimos, talvez, os que se referem à vida de Assunta.

A partir de Antonio,²² avô paterno de Assunta, é possível chegar aos seguintes antepassados:²³

- * Silvestro;
- * Matteo de Casoli;
- * Pasquino nascido em 2/2/1599;
- * Matteo de Lombrici, nascido em 15/1/1630;
- * Antonio de Vicinanza,²⁴ nascido em 17/6/1667;
- * Giò Michele de Vicinanza, nascido em 1709 e falecido em 1777;
- * Giò Antonio, nascido em 3/1/1758 e falecido em 1808, no Primeiro

Moinho;²⁵

* Giuseppe, filho de Giò Antonio e de Raffetà Caterina, nascido em 14/9/1795 e falecido em 1/2/1888; é moleiro, reside em S. Lázaro de Camaione (hoje “Fratì”),

demográfica em todo o camaioiese. Em Lombrici, por exemplo, resulta presente uma única família! A continuidade destas frações estava estritamente ligada à chegada de outras famílias» (*Ibid*, p.51).

²² *V.* nota 32.

²³ Para esta pesquisa foram consultados os Registros de Batismo e Registros de Mortes, os Registros dos ‘fiéis’ conservados no Arquivo paroquial da paróquia Santa Maria Assunta, de Camaione.

²⁴ De *Vicinanza*: tal denominação indicava a faixa de habitações que circundavam o centro histórico de Camaione (LU).

²⁵ A localidade do Primo Molino é ainda hoje indicada a cerca de 1 km. de Camaione, à esquerda de quem vem de Camaione, depois da Igreja paroquial da Imaculada Conceição, da fração de São Lázaro, igreja há um tempo entregue aos cuidados dos Frades Franciscanos Menores. «Na localidade Primo Molino existia um moinho e um lagar de azeite. A proprietária das duas fábricas era Maria Teresa de Savoia, esposa de Carlo Lodovico (1824-1847), filho de Maria Luisa de Borbone a quem tinha sido entregue a cidade de Lucca, no Congresso de Viena (1815). Carlo Lodovico e a esposa, depois do declínio do Estado lucchese, vieram frequentemente aos Planaltos de Capezzano, onde, a seguir, adquiriram uma residência, a vila Orsucci. Bem acolhidos pela Prefeitura de Camaione e pela população, criaram ali uma pequena corte. Impulsionaram a agricultura local e significaram uma contribuição, não indiferente, para a economia; muitos camaioienses trabalharam nos Planaltos, em dependência destes nobres» (F. BELLATO, *Camaione e Dintorni*, Eurograf, Lucca: 1983, p. 8). A existência deste moinho e sua pertença à princesa Maria Teresa de Savoia são, desta forma, comprovadas pelo correspondente documento cadastral: *Correspondência ano 1.871, incluído n. 39, objeto fábricas hidráulicas. Localização do edifício em Camaione, no lugar denominado Primo Molino. Qualidade da fábrica: moinho a tarrafa*. Proprietária: S.A.R. Maria Teresa, princesa de Savoia (ACC).

no nº 38, na localidade Primo Molino; é proprietário, enquanto contribuinte; provavelmente possui e administra o moinho que dá nome à localidade. Casado com Maria Domenica Raffetà é viúvo e vive com:

o filho Antonio, de quem partiu nossa pesquisa de arquivo, em sentido ascendente.

* Antonio (avô paterno da Serva de Deus),²⁶ nasceu em 2/7/1821, foi moleiro como o pai; era casado com Maria Ângela D'Alessandro, filha de Silvestro e de Lucia Pellegrinetti que tinha, no momento do recenseamento, os seguintes filhos:

* Domenico, nascido em 26/5/1840, carpinteiro;

* Giuseppe, nascido em 2/3/1842, ex-religioso;

* Angelo (pai da Serva de Deus) nasceu em 17/10/1845 e era moleiro;

* Caterina, nasceu em 30/8/1847; era casada com Antonio Ghilarducci, irmão da mãe de Assunta;

* Giacinto, nasceu em 4/5/1849, jardineiro, era casado com Caterina Ghilarducci, irmã da mãe da Serva de Deus;

* Vincenzo, nascido em 1/9/1850, era moleiro;

* Teresa, nascida em 26/12/1852, era costureira;

* Salvatore, nascido em 21/2/1854, era moleiro;²⁷

* Anna, nascida em 26/7/1860, era tecelã.

Giuseppe, o irmão de Angelo, portanto, abraçou o estado religioso, mas não perseverou. Como seu pai Antonio, Giuseppe emigrou e morreu na América. Em 2 de julho de 1894, também Salvatore emigrou para a América (naqueles tempos este nome podia indicar tanto os Estados Unidos, quanto a América do Sul), mas em 26 de abril de 1911 retornou à Itália e se estabeleceu em Viareggio.²⁸

ANOTAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA GHILARDUCCI

O avô materno da Serva de Deus é Domenico Ghilarducci, filho de Luigi²⁹ e até o presente não encontramos dados suficientes

²⁶ Cf. ACC, *Folha de Família*, n. 38, no Registro do recenseamento de 1864, Povo de Camaione, Vizinhança, Camaione rural.

²⁷ Marchetti Giuseppe bisavô da Serva de Deus, em 1882, reside com a família do neto Salvatore, casado com Maria Firma. É provável que Salvatore tenha substituído o avô na administração do moinho (Registro 'Estado das Almas' de Camaione (LU), fração S. Lázaro, Ano 1882, in APC).

²⁸ *Ibid.*

²⁹ Certidão de Batismo da mãe da Serva de Deus, in AGSS.

para delinear o seu contexto familiar. Quanto até agora obtivemos, nos confirma somente a antiga origem viaregina desta linhagem e nos orienta, de modo aproximativo, sobre o lugar de sua residência em Viareggio (Lucca) e sobre sua situação socioeconômica.

Em uma publicação de julho de 1996,³⁰ apareceu o resultado de uma pesquisa que, a seu tempo, havia recolhido e publicado os nomes dos 147 chefes de família residentes em Viareggio na década 1773-1783. No elenco, como 59º, encontramos Ghilarducci Francesco, que documentos posteriores dirão ser antepassado da Serva de Deus. Tal documentação é a seguinte:³¹

** Atestado de óbito de Pier Angelo Ghilarducci (nº 3).*

No dia 16/10/1809, Pier Angelo Ghilarducci filho do falecido Francesco de Viareggio, morreu, após ter recebido todos os Sacramentos, com a idade de 81 anos. Nascido em 1718, ele nos ajuda a chegar a Francesco Ghilarducci (mencionado entre os 147 chefes de família dos quais se falou acima), o avô do bisavô da Serva de Deus.

** Certidão de matrimônio de Luigi Ghilarducci (nº 2).*

No dia 14 de setembro do ano de 1799, Luigi filho de Pier Angelo Ghilarducci e Teresa de Filippo Palmerini, ambos desta Circunscrição, casaram-se na Igreja de São Cristóvão de Lucca na presença de M. R. Innocenzo Borsotti por especial delegação do Ill.mo Mons. Nicolao Primo Mansi, Vigário geral.

Testemunhas: Giuseppe Pasquini e Giovanni Franchi. Pier Angelo Ghilarducci é o pai do bisavô da Serva de Deus.

** Certidão de matrimônio de Domenico Ghilarducci (nº 1).*

No dia 18/11/1838, após as três previstas Conciliares Apresentações

³⁰ Cf. *Viareggio Ieri* - Nº 17 (Ano V), *Um documento de 1783: as primeiras famílias viareginas*, p. 22.

³¹ nº 1 - V. Registro de Matrimônios do ano 1838, p. 219, in *APSAV*.

nº 2 - V. Registro de Matrimônios (1.706-1818) - Matrimônios de 1799, in *APSAV*.

nº 3 - V. Registro de óbitos do ano 1809, in *APSAV*.

em três dias festivos *inter Missarum* [ilegível], nesta Igreja Paroquial de Santo Antonio de Viareggio, segundo o Rito da S. R. C., pelo Padre Gabriele Micheli (delegado) uniram-se em S. Matrimônio os seguintes célibes: Domenico Ghilarducci filho de Luigi, já falecido, e Lenci Franceisca di Giò Domenico. Testemunhas: Pasquale Bargellini e Pietro Maffei, ambos de Viareggio. Luigi é o bisavô e *Domenico* é o avô da Serva de Deus.

A SITUAÇÃO SOCIAL DOS GHILARDUCCI

Esta família não era “miserável”, nem fazia parte daquele estrato social que é denominado “vagabundos”: o censo de 1783, publicado na Revista viaregina mencionada (p. 16), excluía tal categoria de pessoas. Além deste dado certo, são possíveis duas hipóteses, ambivalentes como valor histórico: os antepassados da Serva de Deus poderiam, como outros Ghilarducci viareginos, operar junto ao pequeno, mas dinâmico porto, na foz do Buslamacca,³² ou se dedicavam à agricultura. E, como veremos mais adiante, avança esta segunda hipótese, o falecido sacerdote Franco Marchetti,³³ sobrinho da Serva de Deus, quando tenta explicar o encontro de Angelo Marchetti, camaiorese, com Carola Ghilarducci, viaregina. As duas hipóteses convergem ao nos indicar a condição humilde desta família que, em 1.867, não titubeou em dar por esposa Carola para Angelo Marchetti, moleiro “operário” de Camaiore. A condição modesta dos Ghilarducci é-nos também confirmada por sua estável residência na paróquia de Santo Antonio, localizada num bairro que, naquela época, estava entre os menos abastados de Viareggio.³⁴ Mas, Domenico o pai de Carola,

³² Cf. Carta de M. Palmerini a L. Bondi, Viareggio (LU), 20 de julho de 1996, in AGSS 1.3.7.

³³ Franco Marchetti, sacerdote, filho de Agostinho, irmão da Serva de Deus e de Agostinelli Genoveffa, nascido em Camaiore (LU), no dia 27 de junho de 1921 e falecido em Viareggio (LU), no dia 26 de junho de 1994 (Cf. Notas fornecidas a Ir. Laura Bondi pela irmã do mesmo, a senhora Marisa Marchetti Masini, Via Filippo Corridoni, 54, Viareggio, LU, atualmente falecida).

³⁴ «A origem da igreja da Paróquia Santo Antonio está estritamente ligada à chegada a Viareggio dos Padres Reformados de São Francisco (1619). A Paróquia de Santo Antonio era a única paróquia de Viareggio até 1842, ano em que foi desmembrada, com decreto arquiépiscopal, para construir uma segunda paróquia, dedicada a Santo André Apóstolo, e entregue aos Servos de Maria. A

casou-se com Francesca Lenci, pertencente a uma família socialmente mais elevada, como veremos a seguir, e isto nos autoriza a supor que, de algum modo, a família dos Ghilarducci se distinguisse e fosse digna de estima por outros valores, como por exemplo, a honestidade, a laboriosidade e o bom caráter de seus membros.

ANOTAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA LENCI

A avó materna da Serva de Deus é Francesca, filha de Giò. Domenico Lenci, filho do falecido Vincenzo e Rosa Volpe di Lorenzo.³⁵ Ao contrário dos Ghilarducci, os Lenci não podem ser encontrados entre as linhagens viareginas muito antigas. Isto é comprovado pelo fato de que este sobrenome não aparece no resultado daquele censo trazido à luz em julho de 1996 pela revista *Viareggio Ieri*,³⁶ e por isso devemos situar os Lenci em Viareggio em data posterior a 1783.

A SITUAÇÃO ECONÔMICA DOS LENCI

Esta família parece ser de uma classe social digna de certa consideração, o que é comprovado pelo fato de que o nome ‘Lenci’ emerge do silêncio e do anonimato que normalmente acobertam a quantos não têm nada de humanamente interessante a deixar à posteridade. Um de seus descendentes, digno de consideração, é o historiador Francesco Lenci, que escreve a respeito de seus antepassados:³⁷

linha demarcatória das duas Paróquias era representada pela Via Giardino (hodierna Via Antonio Fratti), que cortava a cidade em sentido longitudinal, de Norte a Sul. Assim, praticamente, a parte “do mar” passava à nova Paróquia de Santo André, enquanto aquela “do monte”, ou seja, a mais antiga e popular ficava para a Paróquia de Santo Antonio, além do interior rural e parcialmente pantanoso» (F. BERGAMINI - M. PALMERINI), *Viareggio e la sua storia, Comune di Viareggio*, (LU) Arti Graf. Pezzini 1965, p. 45-53). Os Lenci, depois de 1842, poderiam ter passado à Paróquia de Santo André, caso contrário não se poderia explicar o caminho espiritual de Caterina Lenci, (de quem se falará a seguir), sob a orientação dos Servos de Maria. Por outro lado, como pescadores, não poderiam privilegiar senão esta zona “ao mar”.

³⁵ V. Registro de Batismos, dos nascidos de 1806 a 1823, in *APSAV*, p. 57.

³⁶ V. nota 30.

³⁷ Francesco Lenci nasceu em Viareggio no dia 18 de novembro de 1869 e morreu em Pisa no dia 19 de outubro de 1956. Sobrinho de Irmã Maria Giuliana Lenci (nome civil Caterina),

«A família Lenci não era totalmente desprovida de bens de fortuna, era uma das mais abastadas da aldeia. Possuía uma grande casa, com dois andares, na Via della Stella (hoje Via Matteotti) maior que as demais casas vizinhas, que também lhe pertenciam. Esta casa era chamada pelo avô de “Sagrande”, ou seja, “casa grande”. Francesca, avó da Serva de Deus, (Francesca de Sagrande, segundo o costume viaregino de identificar as pessoas com o apelido) teve nove irmãos, mas só conhecemos o nome de quatro: Francesco de Sagrande, Vincenzo de Sagrande, Antonia de Sagrande e Caterina de Sagrande, a última da numerosa prole, nascida em 14 de março de 1830.³⁸ Via della Stella pertencia à paróquia de Santo Antonio até 1842, ou seja, até quando esta cedeu parte do seu território em favor de uma nova paróquia, a de Santo André, entregue, por Decreto do Duque de Lucca Carlo Lodovico di Borbone, aos Servitas.³⁹ E à luz dos conselhos e exemplos destes Frades, formou-se espiritualmente Caterina, alcançando um nível de virtude tal, sendo recordada ainda hoje com veneração na terra que a viu nascer. Quanto à profissão dos Lenci observamos que a família buscava no mar o seu sustento e o mar, como vimos, lhes garantia um certo bem estar. Eram, em realidade, pescadores, ou ao menos o era Gio. Domenico o bisavô da Serva de Deus, já que o historiador C. Gabrielli Rosi traz num texto seu que Caterina (a futura Irmã Giuliana) era chamada ‘a filha do pescador’».⁴⁰

OS PAIS DA SERVA DE DEUS

O Pai da Serva de Deus, Angelo Marchetti, filho de Antonio e de Marianna D’Alessandro, nasceu no dia 17 de outubro de 1845 e morreu aos 19 de abril de 1893. Seu lugar de nascimento, como já vimos, é Camaiore (LU), precisamente São Lázaro, hodierna “Frati”, na localidade denominada Primo.⁴¹

licenciado em Farmácia, exerceu a profissão e tornou-se proprietário de uma farmácia em Viareggio. Sucessivamente, porém, dedicou-se ao magistério, tornou-se professor de farmacologia na Universidade de Pisa e publicou alguns estudos de caráter científico. Enamorado de sua Viareggio, desempenhou numerosos cargos de caráter público no campo da Assistência e do Turismo e publicou várias obras entre as quais, em 1941, em Pisa, *Viareggio dalle origini ai nostri giorni*, à qual faremos referência mais adiante (cf. C. GABRIELLI ROSI, *Il Palazzo delle Muse*, Ed. Pacini-Fazzi, Lucca 1973, p. 133).

³⁸ F. LENCI, *Viareggio dalle origini ai giorni nostri*, Nistri-Lischi Ed., Pisa 1941, p. 126.

³⁹ Cf. GABRIELLI ROSI, cit. p. 79.

⁴⁰ *Ibid*, p. 80.

⁴¹ V. notas 25, 26.

No Registro de Batismo “N”, p. 56, n. 172 da paróquia Santa Maria Assunta de Camaione consta que *Gio. Angelo Carlo Ludovico Giuseppe Marchetti*, filho de *Antonio di Giuseppe e de D’Alessandro M. Angela di Silvestro* nasceu em Camaione (LU), no dia dezessete (17) de outubro do ano de 1845, e foi batizado no mesmo dia, pelo Pe. Giov. Battista Neretti na igreja colegiada de Camaione.⁴²

Carola Ghilarducci, filha de Domenico, filho do falecido Luigi e de Francesca, filha de Gio. Domenico Lenci de Viareggio, é a mãe da Serva de Deus.

No Registro de Batismo do ano de 1849, da paróquia de Santo Antonio de Padova, em Viareggio, sob número 292, de 14 de dezembro de 1849, consta que *Ghilarducci M. Adelaide Carola*, filha de Domenico, filho de Luigi e de Francesca, filha di Gio. Domenico filho de Vincenzo Lenci, “casados legitimamente”, de Viareggio, nasceu no dia treze (13), às 22hs e foi batizada na pia batismal da paróquia de Santo Antonio de Padova em Viareggio, segundo o rito da S. R. C. pelo Pe. Carlo Mariani com autorização (*sic*) de Pe. Francisco Giannotti, pároco. Padrinhos: Gio. Battista Gemignani e Adelaide D’Astiano, de Viareggio.⁴³

O CASAMENTO DOS PAIS

«Como Ângelo de Camaione tenha conhecido Carola é impossível saber. Pode-se presumir que Ângelo, sendo moleiro, ia, com frequência, buscar trigo também junto aos camponeses de Viareggio, e a levar-lhes a farinha. Naquele tempo os habitantes de Viareggio, em geral, eram pequenos agricultores».⁴⁴

Eles «se uniram em matrimônio, segundo o rito da Igreja Católica, pelo Pe. Eustachio Dati, por disposição do pároco Pe. Paolo Giannini, em Viareggio, na igreja de Santo Antonio, no dia 8 de setembro de 1867».⁴⁵ Segundo o costume da época, ambos eram muito jovens: vinte e dois anos

⁴² Certidão de Batismo, no Arquivo paroquial de Camaione (LU).

⁴³ Certidão de Batismo do ano 1849, do Arquivo paroquial, Igreja de Santo Antonio, Viareggio (LU).

⁴⁴ Carta de F. Marchetti a L. Bondi, Lucca, 20 de outubro de 1992, in AGSS.

⁴⁵ Cf. Registro “3” de Matrimônios dos anos 1846/1877, Arquivo paroquial, Igreja de Santo Antonio, Viareggio (LU).

o esposo e dezoito a esposa,⁴⁶ e a juventude, com o sincero sentimento de bondade que os unia, parece ter constituído sua única riqueza.

Os novos esposos foram morar em Lombrici, no moinho pertencente à igreja de São Braz, à esquerda do lagar de azeite, moinho pertencente à família Mariotti de Monteggiori,⁴⁷ uma das famílias mais abastadas da zona.⁴⁸

⁴⁶ Cf. Certidão de Batismo do pai da Serva de Deus, Arquivo paroquial, Igreja de Santa Maria Assunta-Camaiore e Certidão de Matrimônio religioso dos pais da Serva de Deus, cf. nota 45.

⁴⁷ «Monteggiori dista 8,9 km. de Camaiore e está localizada a 265 m. acima do nível do mar. Da Estadual Sarzanese, além de Capezzano, sai a estrada comunal que com numerosas curvas sobe a Monteggiori e toca o castelo de Rotaio, bem conservado e restaurado. Edificado em posição estratégica sobre uma colina que dominava a via Romea ou Francisca, o nome Rotaio deriva talvez de *colina rutario*, de Rotari, rei Longobardo.

Foi construído por Lucca em 1223, como se lê em uma inscrição colocada junto à porta de entrada; um alto muro circunda a fortaleza à qual se chega através de uma porta, vigiada desde uma torre. No interior, o mastro do forte envolve uma torre circular. Esta fortaleza foi testemunha de muitas batalhas no decorrer da sua história; convém lembrar a valorosa defesa de Mateo Paoli, castelão de Camaiore, durante o assédio de Francisco Sforza em 1437.

Prosseguindo pela comunal panorâmica chega-se a Monteggiori, situada na região dos Apuanos, sobre o lado oeste do Gabberi, famosa pelo cultivo de oliveiras em forma de terraços inclinados. Numa posição militar de grande importância, foi conquistada por Lucca em fins do século XII. Chegou a ser propriedade pessoal do senhor de Lucca, Castruccio Castracani dos Antelminelli, como dote da mulher Pina degli Stregghi. Castruccio construiu um penedo do qual se vê os restos, o circundou de muros e fez aí uma prisão do estado. Paolo Guinigi em 1400, passou a ser o proprietário e depois, a Prefeitura de Lucca» (cf. F. BELLATO, cit., p. 118-119).

Luca Santini, atento pesquisador camaioirese contemporâneo, remonta a primeira presença dos Mariotti neste lugar em 1513, quando aparece um certo Amigo (genovês). A este nome seguem os descendentes até chegar a Antonio, nascido em 1799, e falecido em 1863. Antonio teve três filhos: Giovanni, Luigi, Giuseppe Giovanni e Luigi, são os proprietários do moinho do qual faz menção o Artigo da avaliação cadastral n. 54.

⁴⁸ Como demonstrar que Angelo e Carola Marchetti vão morar em Lombrici?

«Próximo à páscoa, o pároco, além de abençoar as famílias, fazia também um censo das mesmas. Portanto na Páscoa de 1868, nos Registros do Arquivo Paroquial, resulta presente a família de Marchetti Angelo, filho de Antonio com Carola, esposa e o filho Agostino » (Carta de D. Della Latta — pároco de Lombrici de 1952 — a L. Bondi, Lombrici, 29 de maio de 1996, in AGSS 1.3.7). Mas, em Lombrici onde habitavam os Marchetti? E, como saber, se faltavam os números cívicos de referência? Responde ainda o Pe. Della Latta: «É certo que Marchetti Angelo era moleiro. Naquela época existam três moinhos na parte alta, chamada Candalla. Mas em nenhum destes habitavam os Marchetti. O pároco iniciava a bênção das casas começando das mais distantes: família 1; família 2, etc. e seguiam os nomes. Nestes números baixos não estão os Marchetti que têm um número muito mais alto. Consta que estes moinhos pertenciam aos Romanini, parentes entre eles. Entre estes, um tal Romanini Romano, nascido no ano de 1869 e falecido em 1953, assistido por mim. Permanecem os outros dois

Luca Santini, o pesquisador camaioirese já mencionado, remonta, como se pode ver, a primeira presença dos Mariotti no lugar a 1513, quando surge um certo “Amigo” proveniente da Ligúria. A estes, seguem os descendentes até Antonio, nascido em 1799 e, falecido em 1863. Antonio teve três filhos: Giovanni, Luigi, Giuseppe. Giovanni, Luigi, no Artigo da consideração cadastral nº 54, (cf. nota 47), resultam ser os proprietários do moinho que, até 1880, será administrador, Angelo Marchetti.

A data da chegada da nova família a Lombrici nos é transmitida pelo Arquivo paroquial do lugar, onde encontramos os Marchetti presentes desde 1868, e do *Artigo da consideração cadastral*, n. 54, p. 12. O Moinho onde moravam Angelo e Carola era de antiga origem. Diz-se que dependia de um castelo medieval do qual já não existe mais nada, embora tenha sido mostrada a posição. Pode-se ver ainda um pequeno caminho, a poucos passos do lagar de azeite, contíguo, unindo o castelo e o moinho. Nele existem bem visíveis, traços de veras românicos, sobretudo na parte mais antiga, a mais estreita e a mais alta, onde presumivelmente estava a habitação dos Marchetti. O moinho apóia-se sobre subterrâneos antiquíssimos, datados, diz-se, por volta do ano mil. O moinho, como o lagar de azeite, era ativado por um canal que trazia a água da torrente Lombricese. Os proprietários do moinho

moinhos abaixo da igreja que eu, para distingui-los, os coloco um à direita e outro à esquerda. Seguindo a numeração das famílias, segundo a bênção das casas, no lagar de azeite, à direita encontra-se a família Chicchi e à esquerda, portanto, por exclusão, os Marchetti. Conheci pessoalmente Valentina Chicchi, de 70 anos. Interrogada por mim, confirmou-me ser a neta dos Chicchi que moravam na casa que coloquei à direita, e isto, não por ouvir dizer, mas por informações diretas, obtidas de seu pai que nasceu em 1.880» (Carta de D. Della Latta a Madre Marissônia Daltoé, Lombrici, 29 de novembro de 1995, in *AGSS* 1.3.7).

O moinho ao qual D. Della Latta se refere, pertencia aos Mariotti de Monteggiori (*Documento cadastral* no Arquivo de Estado, Lucca, U. T. E., Cadastro velho de Camaioire, 1867-1868), cópia em *AGSS* 1.3.7). «Artigo da consideração Nº 54; Artigo do quadro indicativo (correspondente ao Mapa Cadastral) N 244-246-250-256. Indicação e situação *Del Fondo*: Uma construção para uso de moinho registrado no L.D. como Lagar de azeite, do Mariotti. Possuidores: *Mariotti Luigi e Giovanni di Antonio* de Monteggiori. Descrição: Andar térreo: dois cômodos um usado como cozinha e outro como moinho com duas mós, movidas a roda. Primeiro andar: dois cômodos com pavimento de tijolo, usado como quartos, chamado prédio, é distinto na planta do apto. de Nº 256. Anexo a este prédio existe um pátio comum, distinto na planta, do apto. de Nº 250 e um “*gorile*” comum com outros edifícios».

e do lagar de azeite, não eram os mesmos.

A Angelo Marchetti é entregue só a administração do moinho⁴⁹ e que, por mais de uma década, exercerá seu trabalho de moleiro “operário”, não proprietário,⁵⁰ moleiro, como o avô Giuseppe e, talvez, como o pai Antonio.⁵¹

⁴⁹ Atualmente o moinho pertence à família Romanini Maria, que mora em Capezzano Pianore (LU), Via Cafaggioli, 4.

⁵⁰ As informações expostas acima sobre o moinho, que nos interessam, foram fornecidas verbalmente à ex-superiora geral das Irmãs Scalabrinianas, Madre Marissônia Daltoé, pelos proprietários do lagar de azeite contíguo, os irmãos Giampaolo e Duilio Bertola, moradores em Camaiole (LU), Via Roma, 60.

⁵¹ «As pitorescas ruínas que se encontram ao longo dos diques de Camaiole são o que resta dos antigos moinhos, que há apenas meio século representavam um perfil de grande interesse na vida social e econômica da comunidade camaiolese. Dos primeiros moinhos deslocados ao longo da torrente Lombricese, encontram-se documentos que remontam ao século XIII. Os anos mil e oitocentos representam o período de máxima expansão da atividade de moagem; no cadastro de 1858/1860 resulta que na câmara de Camaiole existiam mais de 60 fábricas, das quais 29 eram constituídas pelos moinhos. Tal número permaneceu inalterável até as primeiras décadas do século XX. As mulheres também desempenhavam papéis fundamentais, embora distintos daqueles dos homens, pelas diferentes e mais consoantes tarefas. Poucos eram os moleiros proprietários dos moinhos, a maior parte era locatário ou meeiro. A estatística efetuada em 1860 fala claro: sobre uma amostra de 15 moinhos, presentes em uma parte do Lombricese, só três deles resultam ser propriedade dos moleiros que trabalham. Os outros doze pertencem a famílias ricas da zona. Caso se queira avaliar a diferente consistência existente no século XIX, entre a renda patrimonial dos ricos lucchese e os moleiros de Camaiole, podemos referir-nos aos registros de imposto predial onde se encontra, por exemplo, que Giuseppe Cerù, abastado possuidor, proprietário de três moinhos, três lagares de azeite e uma ferraria, declara uma renda cadastral igual a 9.288 liras, enquanto para o moleiro camaiolese Baldassare, filho de Giovanni Romanini, unido ao irmão Giovanni, locatário de um moinho de Giovanni Cerù, registra uma taxa de 53 liras, 8 vinténs e quatro dinheiro. E com a quantia semelhante a de Baldassare, na seção de Lombrici, encontramos os outros arrendatários» (L. SANTINI, «Il lavoro dei mugnai a Camaiole tra '800 e '900,» in L. Bondi (a cura de), *La Serva di Dio Assunta Marchetti, cittadina di Camaiole* (1871-1948), Tip. Don Orione, Borgonovo Valtidone T. (PC.), 1995 (p. 45-47).

CAPITULO II

OS PRIMEIROS ANOS DA SERVA DE DEUS

NASCIMENTO E BATISMO

Neste contexto social, tecido de fé, modéstia, honestidade laboriosa, sobriedade de costumes, silêncio digno e austera pobreza, no dia 15 de agosto do ano de 1871, nasceu *Assunta Marchetti*, a Serva de Deus.¹

Assunta é a terceira, dos onze filhos de Angelo e Carola que, vendo nos filhos um dom, acolhiam com alegria aqueles que Deus mandava.² Assunta é a primeira das irmãs, ou seja, aquela que, um dia, deverá servir de mãe às menores. Aguardam-na os dois irmãos: Agostino e Giuseppe, que ignoravam totalmente o dom que o céu concedia a sua família com o nascimento da primeira irmãzinha. Adiantamos o quadro da família de Assunta:

* Agostino, 08/07/1868 - 27/02/1923, o único inexplicavelmente nascido na localidade Primo Molino;³

¹ Cf. Certidão de nascimento da Serva de Deus, no Arquivo da Câmara de Camaione (LU).

² «Os filhos da família Marchetti foram 11; a família normal daqueles tempos tinham entre 4 e 13 filhos. Como explicar este fenômeno? Por vezes morriam mais filhos de quantos sobreviviam. E os filhos, então, como atualmente em muitas outras partes do globo, eram a única riqueza da família, porque eram os braços para o trabalho» (C. BOVE, «Os I primi 24 anni di Assunta Marchetti. Memoria storica e funzione antropologica.», in L. Bondi, (a cura de), cit., p. 50-59).

³ Cf. *Índice anual do Registro de nascimentos*, 1868, n 337, *Certidão de nascimento* de Marchetti Agostino, ACC. Cópia in AGSS.

A certidão de nascimento do irmão mais velho da Serva de Deus (1868-1923) traz a residência

- *Giuseppe, 03/10/1869 - 14/12/1896;
- * **Assunta**, 15/08/1871 - 01/07/1948;
- * Angela, 19/01/1874 - 28/06/1950;
- *Teresa, 04/08/1875 - 22/09/1946;
- *Pio, 22/08/1877 - 18/03/1952;
- *Vincenzo, 27/02/1879 - † 5/03/1879;
- *Elvira, 09/07/1880 - 11/05/1966;
- *Filomena, 17/11/1884 - † 23/12/1885;
- *Filomena, 22/11/1886 - 06/11/1973;
- *Maria Luisa, 10/07/1891 - 09/08/1987.

O moinho de Lombrici acolhe a vida de Giuseppe, Assunta, Angela, Teresa, Pio, Vincenzo e Elvira; as três últimas irmãzinhas (1884-1891) nasceram, ao contrário, no moinho de La Fabbrica.⁴

Maria Assunta Caterina, «nascida no dia 15, às 23 horas», foi regenerada à vida da Graça do Batismo no dia 16 de agosto,⁵ na igreja paroquial de Santa Maria Assunta de Camaione (LU),⁶ igreja que conserva

dos esposos Marchetti na casa paterna de Angelo, ou seja, no Primo Molino de São Lázaro. Como explicar isto, se da Páscoa de 1868 os Marchetti resultam já inseridos na paróquia de Lombrici? (cf. nota 48). Pode-se responder apenas com suposições. Por exemplo: foi só na espera do feliz evento que a jovem Carola tenha-se transferido para a casa do sogro para ter maior conforto e assistência? E ainda: a residência da família do moleiro Marchetti, embora comprovada em Lombrici na Páscoa de 1868, vivia, em julho seguinte, ainda em uma residência provisória? A provisoriedade, entre outros, seria, em certo sentido, comprovada pelo fato de que o segundo filho, Giuseppe, (1869-1896), no ano seguinte, resulta nascido em Lombrici (Cf. Certidão de nascimento de Giuseppe Marchetti, concedido pela Câmara de Camaione (LU) a 20/06/1995. Cópia in AGSS.

⁴ Cf. *Schede anagrafiche*, no Arquivo da Câmara de Camaione (Lucca).

Carta de Marta Maria Luiza (denominada Marisa) Marchetti Zioni a L. Bondi, São Paulo, 24 de setembro de 1996. In AGSS 1.3.7.

⁵ «A pressa dos pais em pedir para ela a vida nova em Cristo não era, naquele tempo, excepcional: a fé dos pais e também a frequência da mortalidade infantil, aconselhava que, normalmente, o Batismo fosse próximo ao dia do nascimento» (cf. L. POLLASTRINI, «Camaione riabbraccia una sua figlia dimenticata», in L. Bondi (a cura di) *La Serva di Dio Assunta Marchetti, cittadina di Camaione (1871-1948)*, cit., p. 57).

⁶ Certidão de Batismo da Serva de Deus, expedida pelo pároco de Camaione, Mons. Lelio Pollastrini, em 07/06/1993, in AGSS.

Por que de Camaione? «No tempo dos Marchetti, em Lombrici, não se chamava de pároco,

parcialmente a sagrada fonte onde a Serva de Deus recebeu a vida sobrenatural.⁷ Nascida no dia da Assunção, titular da paróquia, «leva-lhe o nome consigo», como se diz ainda hoje no camaiorese. A história da vida de Maria Assunta Caterina será escrita, de fato, exclusivamente com o nome de ‘Assunta’ ou de ‘Madre Assunta’, porque é com este nome que a Serva de Deus era conhecida e estimada. Padrinho e madrinha de Batismo foram dois irmãos de Carola: Antonio e Caterina. Antonio Ghilarducci se casará, em seguida, com Caterina Marchetti, irmã do pai da pequena Assunta, enquanto Caterina Ghilarducci, sua madrinha, se unirá em matrimônio com Giacinto Marchetti, irmão de Angelo, o moleiro de Lombrici, tornando assim, mais forte, os laços entre as duas famílias.⁸

A INFÂNCIA (1871-1880)

De 1871, ano do seu nascimento, a 1880, ano em que a família se transferiu de Lombrici⁹ para La Fabbrica, a vida da Serva de Deus, salvo os parênteses vividos junto aos avós maternos em Viareggio, desenvolveu-se, eminentemente, no âmbito lombricese, no solitário moinho escondido entre o verde e, observado, embora protegido, pela austera moldura das colinas circundantes, soberbas guardiãs de tantas memórias do passado.

Lombrici de Camaione, com «todos aqueles plátanos verdejantes que parece nos introduzir em um mosteiro»,¹⁰ constituiu o ambiente

mas de vigário perpétuo. Este vigário, a partir de 1639, por ordem do Bispo de Lucca, era nomeado pelo Prior da igreja Colegiada de Camaione, porque, desde 1548, as duas igrejas de São Miguel de Corsanico e de São Braz de Lombrici, a pedido do Prior de Camaione, eram unidas à igreja de Santa Maria Assunta, de Camaione. Esta particular situação explica a razão pela qual não havia pia batismal em Lombrici, portanto, todos os nascidos eram batizados na igreja de Camaione» (Carta de P. Dinelli a L. Bondi, Camaione (LU), 04 de junho de 1996, in *AGSS* 1.3.7).

⁷ Em 1871, na paróquia de Santa Maria Assunta, nasceram 287 crianças (cf. *Registro de batismos*, Ano de 1871, in *APC*).

⁸ V. Dados de cadastro dos irmãos de Angelo Marchetti.

⁹ «A família Marchetti está ainda presente em Lombrici, na Páscoa de 1880, ano em que deixa definitivamente aquela localidade» (Carta de D. Della Latta, a Madre Marissônia Daltoé, ct.).

¹⁰ C. BOVE, «I primi 24 anni di Assunta Marchetti. Memoria storica e funzione antropologica», in L. Bondi (a cura de) *La Serva di Dio Assunta Marchetti, cittadina di Camaione*, cit., p. 24.

ideal para educar a menina Assunta à profundidade do pensar e do sentir, à tenacidade do querer, à concepção positiva da vida. A tudo isso, juntou-se a ação pedagógica da família, uma família, que transmitia, no sentido mais pleno, determinados valores fundamentais, como o amor à vida, revelado antes de tudo pela aceitação da numerosa prole, o sentido do dever, a confiança em Deus, o amor recíproco, a solidariedade, a capacidade de acolher no coração o sofrimento do próximo, ou seja, as virtudes, das quais a Serva de Deus será modelo e mestra no transcurso de sua vida religioso-missionária.

A ação educativa de Angelo Marchetti e de Carola Ghilarducci no confronto de sua primogênita foi, sem sombra de dúvida, determinante e pode contar também com a preciosa colaboração de uma educadora eminente, Caterina Lenci, irmã da avó materna,¹¹ ou seja, a tia Caterina.

A família de Assunta Marchetti foi, realmente, uma família positiva, honesta, benquista pelos vizinhos,¹² uma família da qual se podia orgulhar, apesar da modesta condição econômica, determinada pela humilde profissão de moleiro não proprietário, exercida pelo pai. Nesta família, sadia de mente, de espírito, dos costumes dos pais, cristãos praticantes,¹³ Assunta pode aprender e formar um justo conceito de Deus, da existência e da convivência.

Sua primeira catequista foi a própria mãe, pessoa piedosa, que um dia, depois de ficar viúva, será, por um determinado tempo, religiosa, junto com a filha Assunta.¹⁴ Algumas testemunhas dizem que Carola, acompanhada desde cedo pela filha mais velha, freqüentava, cada dia, a igreja, recebia com freqüência a Comunhão e que a formação cristã da Serva de Deus começou na família, continuada numa escola onde a diretora era uma tia religiosa, de quem Assunta aprendeu também o

¹¹ «Soube, pela minha mãe, que Madre Assunta e as irmãs freqüentaram uma escola das Irmãs, cuja superiora era uma pessoa da nossa família, talvez uma tia». (Memórias de Ana Lúcia C. Bianco, sobrinha da Serva de Deus, filha de Marieta, irmã de Assunta, in *APR*).

¹² Cf. Memórias de Marta Maria Luiza (conhecida como Marisa) Marchetti Zioni, sobrinha da Serva de Deus, última filha da irmã Marieta, in *APR*.

¹³ Cf. Recordações de uma habitante de Mirassol, SP, Brasil, muito amiga de Madre Assunta, in *APR*.

¹⁴ Cf. Recordações de uma Irmã Scalabriniana que viveu um mês com a Serva de Deus.

amor às virtudes cristãs.¹⁵ Parece, portanto, que não faltou para Assunta nem mesmo certa formação intelectual, embora a Serva de Deus lamentasse, muitas vezes, de sua insuficiente cultura.¹⁶ As páginas que seguem trarão algo mais sobre o nível acadêmico a que Assunta pode ter acesso e, portanto, justificarão a dificuldade experimentada por ela, em muitas ocasiões, por causa do seu modesto patrimônio cultural.

Era dotada de viva inteligência¹⁷ e de fino equilíbrio, como fica evidente em todo seu agir, além da memória prodigiosa, mas precisou interromper muito cedo seu compromisso escolar, porque se viu na necessidade de ajudar a mãe, de saúde precária, a criar os irmãos, nascidos depois dela.¹⁸ E ainda, naquele tempo, geralmente não havia muita preocupação com a cultura das mulheres, e muito poucas eram encaminhadas ao estudo.

Mas, quem era a tia, diretora da escola frequentada pela Serva de Deus, e que sabemos a seu respeito?¹⁹

Era a tia Caterina, de quem se falou acima, que se tornou Irmã Giuliana Lenci, irmã de Francesca Lenci, avó materna de Assunta.²⁰ A vida “da tia Caterina” apresenta traços comuns com a da Serva de Deus; ilumina, ademais, embora parcialmente, o tecido social de onde procedia a mãe de Carola Ghilarducci e, delineia o tipo de escola frequentado por Assunta.

Viareggio viu nascer Caterina no dia 14 de maio de 1830, décima e última filha de Domenico Lenci e Rosa Volpi. O pai e os irmãos de

¹⁵ V. nota 3.

¹⁶ Informação obtida por meio de uma benfeitora de Madre Assunta, nos seus doze anos de missão em Mirassol, in *APR*.

¹⁷ Conforme as recordações da sobrinha Ana Lúcia C. Bianco: «Tinha facilidade nos estudos, mas não teve possibilidade de aprofundá-los».

¹⁸ Informações transmitidas por Ir. Letícia Negrisol, (†2007), a superiora que acompanhou nos últimos meses de vida, in *APR*.

¹⁹ Para as informações biográficas desta figura luminosa remetemos, além do já citado Lenci, a: Anônimo, *Brevi Cenni, Caterina Lenci*, Tip. Benedetti, Camaiore (LU) 1895; M. PALMERINI, «Un'umile grande figlia del popolo viareggino, Sr. Giuliana», in *Viareggio Ontem*, 2ª Serie, Ano 1, n. 3 (Ir. Giuliana: no século Caterina Lenci). O Lenci, no seu livro, diz-se com orgulho, sobrinho de Ir. Giuliana (cf. F. LENCI, cit., p. 13).

²⁰ V. nota 43, Cap. I.

Caterina, como a maior parte dos viareginos, eram pescadores. Como já foi dito, a dos Lenci, não era uma família pobre, mas bem abastada para aqueles tempos difíceis.

Desde a mais tenra idade Caterina sentiu-se vivamente atraída pela vida religiosa e, muito cedo se delineou na sua mente o ideal da clausura, mas adoeceu seriamente e teve que adiar a realização do seu projeto vocacional. Durante este tempo, porém, não apenas recuperou as forças físicas, como também se inseriu na vida paroquial. Foi-lhe confiado o ensino da catequese. Mas Caterina foi além. Às primeiras meninas acolhidas, ensinou, pacientemente, ademais dos princípios religiosos, os elementos iniciais de gramática e de aritmética. Em 1848 decidiu abraçar a vida monacal no mosteiro das Agostinianas de Lucca, onde era já religiosa uma Larini, sua parente.²¹ As Agostinianas a acolheram amavelmente, mas, quando falou sobre a doença tida anteriormente, disseram-lhe que a vida do convento, inevitavelmente dura, não era para ela. Embora amargurada, Caterina não se desencorajou. Mulher concreta, sustentada por uma fé inflexível, e com bom senso e franqueza toda popular, disse imediatamente que iria armar «tenda por sua conta».²² De volta a Viareggio, agiu com prontidão de ânimo e retomou, por primeiro, o ensino às meninas e adolescentes do lugar. Reuniu junto a ela duas jovens colaboradoras, às quais se juntaram outras, pouco depois, uma terceira, mais adulta, de vinte e nove anos, Rosa Petri.²³ Este foi o núcleo das Irmãs da Ordem Terceira dos Servos de Maria, denominadas Irmãs de Nossa Senhora das Dores. O começo desta minúscula “Congregação” foi muito difícil, por causa da pesada situação econômica; foram muitos os sacrifícios e as privações, mas Ir. Giuliana, assim se chamou Caterina depois da

²¹ Existe alguma relação entre esta monja e Ir. Angela Larini, uma das duas primeiras companheiras de missão da Serva de Deus? É uma pergunta interessante, destinada, porém, a permanecer sem resposta.

²² Cf. M. PALMERINI, cit., p. 12.

²³ «Para o encaminhamento de sua obra religiosa, o pai concedeu a Caterina, o uso de uma grande sala, na casa da família, em via da Stella» (F. LENCI, cit., p. 125).

Esse é um dado que permite avaliar a situação econômica da família de Gio. Domingos Lenci, avô de Carola Ghilarducci e a sua capacidade de ler, à luz de uma fé genuína, acontecimentos que, de outro modo, permaneceriam completamente inexplicáveis.

profissão religiosa, e suas companheiras, tinham confiança ilimitada na Divina Providência e seguiram adiante. Em 1853, além da escola, Ir. Giuliana ocupou-se, durante a noite, do hospitalzinho provisório, aberto em Viareggio, especialmente para os idosos e os mais pobres. Em 1854-1856 apareceu a cólera, ocasião em que se viu realizar, por parte das Irmãs, prodígios de caridade, depois da abertura do hospital para a assistência de crianças com tuberculose “*escrofulose*”, foi-lhes exaltada, publicamente, a heróica caridade.

Nos projetos acadêmicos, a Lenci apontava diretamente a um sistema educativo que devia unir à instrução elementar o ensino dos trabalhos da mulher.

As alunas pagantes eram pouquíssimas e a todas as demais, pertencentes às famílias pobres, o ensino era dado gratuitamente. Ir. Giuliana Lenci morreu aos 65 anos no dia 09 de janeiro de 1895.

No dia 25 de outubro daquele mesmo ano, sua sobrinha neta, Assunta Marchetti, que havia recebido os primeiros elementos do conhecimento humano e cristão na sua escola para meninas pobres, partiu para o Brasil, como missionária.²⁴

O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO²⁵

Não parece sem fundamento, o atribuir à tia, Ir. Giuliana, uma parte ativa na preparação da pequena Assunta para este momento de graça. Ninguém melhor que ela, dedicada por vocação, ao ensino das coisas de Deus, poderia prepará-la para receber a visita do Espírito Santo. De outro modo, não se poderia explicar, se não se leva em conta a família de Carola Ghillarduci, oriunda de Viareggio, o fato de que

²⁴ «Em 1895, o Instituto de Ir. Giuliana Lenci contava com 18 Irmãs e 450 alunas. Tal Instituto se mantém independente até 04 de setembro de 1.910. A partir desta data, faltando condições para a auto-suficiência, se fundiu com o Instituto das Irmãs Mantellate de Pistoia que, desde aquela época, têm em Viareggio o homônimo grande Instituto de Via S. Francesco e transmitem a lembrança da obra que floresceu da humilde caridade de Ir. Giuliana, mestra de fé e de conhecimentos para a Serva de Deus» (M. PALMERINI, cit., p. 14).

²⁵ Atestado de Crisma da Serva de Deus, paróquia de Santo Antonio de Padova, Viareggio (LU), in *APR*.

Assunta tenha sido crismada em Viareggio e não em Camaiore ou a Lombrici, como outras suas irmãs.²⁶ O certificado de Crisma atesta que Assunta Marchetti se encontra entre os crismandos da paróquia de Santo Antonio de Padova de Viareggio. Aqui foi batizada a mamãe Carola e também, foi abençoado o amor dos pais da Serva de Deus. Nesta mesma igreja, o bispo Dom Niccola Ghilardi, no dia 26 de setembro de 1876, concedeu o sacramento da Confirmação a Assunta quando ela tinha apenas cinco anos. Foi sua madrinha Giorgina Del Prete.

A data da Crisma poderia indicar o início, também, de sua formação intelectual. Tudo o que expusemos até aqui, em base à documentação encontrada, permite-nos deduzir que os primeiros nove anos de vida da Serva de Deus estão também, de alguma forma, ligados a Viareggio, onde florescia a obra da tia avó Ir. Giuliana e onde as casas dos avós Ghilarducci-Lenci poderiam ser uma agradável alternativa ao pobre moinho de Lombrici.

²⁶ No Registro dos Crismandos da paróquia de Lombrici, encontra-se, por exemplo, que no dia 29 de junho de 1879, duas irmãs de Assunta recebem o sacramento da Confirmação (da Crisma, como se falava então), das mãos de S. Ecc. Dom Nicola Ghilardi, em Lombrici: Angela e Teresa, das quais foi madrinha Rosa Tabarrani, in *APR*.

CAPÍTULO III

ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

DE LOMBRICI AO MOINHO DE LA FABBRICA

Em 1880,¹ a família de Angelo Marchetti tinha sete filhos: *Agostino, Giuseppe, Assunta, Angela, Teresa, Pio, Vincenzo* e, estava esperando *Maria Albina Pia, conhecida por Elvira*, que nascerá no dia 9 de julho do mesmo ano.² Com sua chegada, a família do moleiro de Lombrici, alcançava dez pessoas e isto se constituía, certamente, num motivo não indiferente de preocupações, para quem devia pensar na manutenção da mesma.

Administrar o moinho de Lombrici,³ povoado rico só de belezas naturais, apenas podia oferecer modestas garantias de subsistência. Emigrar era um fato muito comum na zona,⁴ mas, com oito filhos e o mais velho, Agostino, só tinha doze anos, partir para o exterior deveria colocar interrogações inquietantes, também para quem, como Angelo, tinha tido o pai e um irmão, emigrados além do Oceano. Por tudo isso, deveria parecer uma oportunidade providencial, a de poder

¹ Segundo Pe. Dante Della Latta, Carta à Madre Marissônia Daltoé, cit., 1880 é o ano em que a família de Angelo Marchetti deixou o moinho de Lombrici.

² Cf. *Índice anual do registro de nascimentos*, 1880, nº 317, in ACC. Certidão de nascimento de Marchetti Maria Albina Pia, cópia in AGSS 1.3.5, ao informar que a menina nasceu em 9 de julho, confirma que naquele momento, a família de Angelo Marchetti residia ainda em Lombrici.

³ O moinho, como já se disse, era movido pelas águas da torrente Lombricese.

⁴ Cf. Capítulo V, *Sotto capitolo: L'emigrazione dalla Toscana e dalla Lucchesia*.

transferir-se ao vale, na zona de São Lázaro⁵ de Camaione, exatamente no moinho situado em La Fabbrica,⁶ uma oportunidade que não se podia perder, porque significava um real progresso econômico e social.⁷ A transferência para La Fabbrica deve ter acontecido após a Páscoa de 1.880, quando os Marchetti resultam ainda na paróquia de Lombrici e, um tempo depois de 9 de julho, como se vê, Maria Albina Pia, conhecida por Elvira, resulta ter nascido naquele dia em Lombrici de Camaione.⁸

Aos nove anos de idade, Assunta fez a experiência, ainda que em modesta dimensão, do que seja emigrar. La Fabbrica, naquela época, estava no território da paróquia de Camaione, mesmo nos confins. Vindo da ponte sobre o rio, à esquerda estava a paróquia de Camaione; à direita a de Capezzano Pianore. Atualmente, ao contrário, pertence à paróquia da Imaculada Conceição de São Lázaro, paróquia criada pelo bispo de Lucca, Dom Antonio Torrino, no dia 7 de março de 1940.⁹

O moinho de La Fabbrica pertencia ao marquês Giovan Battista Mansi,¹⁰ filho de Ascanio, homem político de grande importância a tal

⁵ Tal denominação remonta ao antigo “lazzaretto” para leprosos e peregrinos que antigamente funcionava naquele lugar (cf. V. TABARRANI, cit., p. 116).

⁶ Na linguagem popular da época chamava-se “fabbrica” um casario que compreendia o moinho e o lagar para azeitonas e o moinho com o pisoteador para pisotear o cânhamo e o linho. O vocábulo “fabbrica” neste sentido aparece pela primeira vez em 1541 (Informações fornecidas verbalmente à Ir. Laura Bondi por Luca Santini, pesquisador camaioiese contemporâneo).

⁷ «Para melhorar as míseras condições familiares, em fins de 1879, a família Marchetti deixou o moinho de Lombrici e alugou outro, do marquês .G.B. Mansi, em La Fabbrica, localizada na paróquia de Camaione, nos confins de Capezzano e de Pedona»: V. MARCHETTI ZIONI, Perfil biográfico inédito de Pe. José Marchetti, p. 3, Orig. in AGSS 1. 2. 3.

⁸ V. nota 7.

⁹ Cf. Carta de L. Pollastrini a L. Bondi, Camaione, 30 de maio de 1996. Orig. in AGSS 1.3.7.

¹⁰ «Em 1845 encontramos Giovan Battista designado mordomo de Luisa Maria, filha da condessa de Berry e futura esposa do filho herdeiro do duque de Lucca, Ferdinando Carlo. Em 1846 o duque Carlo Ludovico envia Giovan Battista Mansi a Roma para cumprimentar o neo pontífice Giovanni Mastai Ferretti, que subiu ao trono pontifício com o nome de Pio IX. Mas quem orienta a política do ducado com habilidade e astúcia é Tommaso Ward, que exatamente, porque considera Giovan Battista pessoa conciliadora, com capacidade intelectual não de se sobressair e, portanto, de não causar incômodo à sua política, o faz nomear em 1847, Ministro de Assuntos Exteriores, cargo que o Mansi conservou até o fim do Ducado. Do grande político que fora seu pai, não tinha herdado o tino, pois ele mesmo reconhecia não ser capacitado para assumir aquela função, que aceitou relutando muito» (Carta de P. Dinelli a L. Bondi, Camaione, 8 de agosto de 1996), AGSS 1.3.7, nesta carta o escritor refere-se a G.

ponto de merecer representar Lucca no Congresso de Viena. Muito diferente a estatura política do filho Giovan Battista Mansi que, na carreira política, desfrutou, sobretudo pelo fato de ser filho de tal pai, mas que, na vida, revelou-se somente cavalheiro e homem de bom coração. De fato, podemos passá-lo à história como um autêntico benfeitor da família de Angelo Marchetti, o administrador do seu moinho de La Fabbrica, presumivelmente a partir do verão de 1880. Um provérbio local da época afirmava: «Quem quiser estar bem neste mundo, apoie-se em uma torre de igreja ou em uma pedra redonda»,¹¹ e se Angelo não renunciou à função de moleiro foi porque aquele trabalho lhe garantia, ao menos, o pão cotidiano.¹²

Neste clima, portanto, de maior esperança, Assunta chegou à adolescência.

O quadro natural circunstante era, a partir deste momento, decididamente diferente, porque na planície de La Fabbrica o horizonte era mais amplo que o de Lombrici e os montes estavam mais distantes. Mas a grande casa onde residiam os Marchetti depois da Páscoa de 1880 era, como a de Lombrici, rodeada de silêncio,¹³ que poderia se tornar opressor sem o barulho rítmico da mó, que será, logo, o compromisso também de Assunta.

LUCERELLI: *Lo sconncertante Duca di Lucca* – Carlo Ludovico de Borbone-Parma, Ed. Pacini-Fazzi, Lucca 1986.

¹¹ Cf. L. SANTINI, «Il lavoro dei mugnai a Camaiore tra Ottocento e Novecento», em L. BONDI, (a cura de), *La Serva di Dio Assunta Marchetti, cittadina di Camaiore*, cit., p. 45.

¹² «O imóvel da Fabbrica, construído no começo de 1880, fazia parte da vasta propriedade da família do marquês Giovan Battista Mansi. A propriedade foi depois dividida e uma, aquela de maior interesse para o atual plano de recuperação, foi adquirida pelo engenheiro Virgilio Cavallini, que providenciou a reestruturação do imóvel e à valorização da fazenda. Alguns anos depois de sua morte, em 1944, a fazenda foi se degradando rapidamente por causa do abandono dos colonos. Em fins dos anos 1950 o moinho e o lagar de azeite cessaram sua atividade. Outros blocos constituíam o imóvel: lagar de azeite, moinho, depósitos, anexos agrícolas e moradia para o moleiro, o que trabalhava o lagar e o administrador. Em La Fabbrica Assunta viverá por quinze anos. Atualmente, a antiga fazenda dos Mansi está por desaparecer, [...] porque a velha mó com a que trabalhou Assunta cederá lugar a confortáveis apartamentos. Talvez, naquele lugar permanecerá apenas uma placa para recordar a passagem da “santa”» (Artigo anônimo em *La Nazione*, Lucca 6 de junho de 1995, p. 20). [N. B. Aquilo que era previsto no artigo, atualmente já é realidade!]

¹³ O futuro demonstrará a fecundidade deste silêncio operoso.

Tratava-se, deveras, de uma grande casa.¹⁴ Sua composição, segundo o mapa cadastral, era a seguinte:

«Andar térreo: uma sala coberta de tablado, dividida por arcos, usada como moinho com três mós, movidas por rodas por tarrafas, com ingresso do Nascente, com pequena escada de tijolos sobre o N° 7709.

Primeiro andar: uma sala coberta de tablado como cozinha, com escada de madeira, como parte do N° 7708, entre o ângulo Nascente-Poente.

Primeiro andar, em parte, e em parte, segundo andar: cinco quartos, cobertos com telhado, colocados no mesmo nível; um deles para vários usos; dois como dormitórios, no 1º andar, N° 7709, e outros dois quartos no 2º andar, correspondente à área sobre a cozinha do 1º andar, N° 7708.

Anexos:

Um forno e um galinheiro com o N° 7707.

Um quarto, coberto, para guardar a lenha com o N° 7723.

Um canal geral com o N° 7094.

Um pátio¹⁵ com o N° 7706.

E quatro escapes (*sic*) com os números N° 7701-7702-7715-7737. [*Seguem algumas observações pouco significativas*].».

Esta casa ainda pode ser vista no seu complexo: vindo de Camaione, aparece à esquerda de uma pequena ponte, antes da bifurcação Viareggio-Lido. O moinho anexo, do qual Ângelo assumiu a gestão, era movido pelas águas do rio de Camaione que, por sua vez, recolhia as águas das torrentes Lombricese e Lucese.

Deste período temos, verdadeiramente, pouquíssimas informações da vida de Assunta, o que é compreensível, quando se pensa que a Serva de Deus viveu a maior parte de sua vida no Brasil. O que temos nos permite, contudo, estabelecer que, entre os muros do

¹⁴ «Artigo do quadro indicativo, correspondente ao Mapa cadastral, NN° 7708 - 7707 - 7709 - 7723 - 7710 - 7694 - 7706 - 7701 - 7702 - 7710 - 7715 - 7737. Indicações e Situações do Fundo Construção Às Fábricas para uso de Moinho. Proprietário: Mansi, Giovan Battista, filho de Ascanio, de Lucca» (*Articolo della stima N° 1805*, in *ACC*, Seção cadastral, cópia in *AGSS* 1.3.7).

¹⁵ «Linguagem de cartório: fabricado acessório de um edifício» (N. ZINGARELLI, *Vocabulário da língua italiana*, Ed. Zanichelli, Bologna 1996, p.1459).

moinho de La Fabbrica, Assunta aprendeu que a vida é coisa séria e que é necessário aprender desde cedo a arte que forma os santos, ou seja, aquela da doação e do serviço gratuito e constante. A mãe da Serva de Deus tinha saúde precária; os irmãozinhos eram já uma ninhada; o pai, nos trabalhos da “fabrica” podia contar somente com a ajuda do filho Agostino, ainda adolescente. Tudo isso exigiu o empenho diurno e noturno de Assunta,¹⁶ sobretudo a partir do ano escolar 1883-1884, quando o irmão Giuseppe, dois anos mais velho que ela, decidiu e conseguiu iniciar os estudos, como aluno externo, no seminário de São Miguel ao Foro, em Lucca,¹⁷ pois aspirava ao sacerdócio.

«Assunta, de índole ardente, despendia sua extraordinária energia ajudando a mãe que, com saúde delicada, via-se sobrecarregada de ocupações. Prestativa e amável, Assunta era seu braço direito durante o dia; à noite, muitas vezes, substituiu o pai e o irmão Giuseppe no trabalho do moinho».¹⁸

«Era uma menina piedosa, simples, trabalhadeira; aceitava a situação de pobreza da família».¹⁹

«Desde criança dedicava-se muito ao próximo».²⁰

Mais tarde, muito mais tarde, a mesma Serva de Deus, contará algo do tempo da sua adolescência, um tempo sempre agradável de ser lembrado, ainda que tenha vivido nele, momentos de antecipada e austera maturidade. Falará, lembrando com afeto e veneração «o pobre papai», «a pobre mamãe», o moinho, o campo, o trigo, o céu. Dirá que, desde pequena, acompanhava a mamãe à Missa quotidiana, bem cedo, antes do nascer do sol. Em seus relatos emergem também episódios divertidos e serenos. Por exemplo, o seguinte. Quando o pai transportava a farinha para a cidade, da porta de casa, Assunta lhe gritava: «Papai, traga-me um vestido!» Ao que o pai respondia rindo:

¹⁶ Do que se recolheu das recordações de Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, sobrinha da Serva de Deus, conservadas em *APR*, encontramos: «Também Assunta trabalhava no moinho, nas horas livres dos trabalhos domésticos. E, quantas vezes, durante a vida, deverá preparar o pão para centenas de órfãos, em um país muito distante!».

¹⁷ Cf. M. FRANCESCONI, *Come una meteora*, Gráfiche Moro, Cassola, (VI) 1969, p.10.

¹⁸ Leticia Negrisoló, Perfil biográfico inédito da Serva de Deus, manuscrito, sem data, p. 1, em *AGSS* 1.3.

¹⁹ Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, filha de Maria Luisa Marchetti Zioni, última irmã de Assunta. V. nota 16.

²⁰ Lembranças transmitidas por Ana Lúcia C. Bianco, sobrinha da Serva de Deus, cit.

«A, Assunta, vermelho, nunca! Verde, espere!».²¹ Recordava ainda²² que, perto de sua casa e do moinho, voavam e assentavam numerosos bandos de passarinhos em busca de comida e ela, no desejo de ter algum para si, um dia pediu ao pai que lhe ensinasse o modo de conseguir pegar um, ao que, como é óbvio, o pai lhe fez gozação.²³

UN ANO IMPORTANTE PARA A FAMÍLIA MARCHETTI

Em 1883 dois acontecimentos, particularmente significativos, tocaram de perto a vida da família da Serva de Deus e ambos incidiram sobre a vida de Assunta: o início dos estudos do irmão Giuseppe no Seminário de Lucca,²⁴ e o primeiro encontro com Jesus Eucarístico, que marcará o começo de uma amizade íntima, profunda, jamais renegada para com ele.²⁵

No Arquivo paroquial de *Capezzano Pianore*, (Lucca), realmente, no *Registro dos fiéis do ano de 1883*, entre os trinta e cinco juvenzinhos admitidos à S. Comunhão, no número 30, encontramos o nome de Caterina Marchetti, filha de Angelo. A Serva de Deus, batizada em

²¹ Recorda um habitante de Mirassol com quem a Serva de Deus falava, com frequência, de sua família. In *APR*.

²² Os fatos aqui descritos não podem ter sido referidos antes de 1935, ou seja, antes da chegada de Madre Assunta a Mirassol, portanto, são relatos muito antigos da infância da Serva de Deus, mas ela soube transmitir detalhadamente.

²³ V. nota 21.

²⁴ «Ele encontrará, em um primeiro momento, um alojamento junto ao sacristão da paróquia de São Miguel, dom Angelo Volpi, esperando que os pais lhe permitissem entrar no seminário, como interno, o que teria sido impossível sem a caridade do “patrão”, o marquês Mansi e de Pe. Eugenio Benedetti, pároco de Capezzano» (M. FRANCESCONI, *Come una meteora*, cit., p. 10).

²⁵ Cf. *Registro dos fiéis*, Ano 1883, in *APCAP*.

Depois da *certidão de nascimento de Maria Albina Pia*, 9/7/1880 existe um vazio documental de aproximadamente três anos, sobre a família Marchetti. Esta reaparece, quanto atesta sua transferência, no registro do censo de 1883, na localidade São Lázaro (in *ACC*) e no *Registro dos fiéis de 1883*, n° 73 (in *APCAP*), onde aparece anotado que Assunta fez a primeira Comunhão exatamente naquele ano. A falta de documentos se explica pelo fato de que, «naqueles anos, os cidadãos não tinham obrigação de informar as autoridades sobre a mudança de residência, pelo que, na prática, eram anotados somente os casamentos, os nascimentos e as mortes» (Carta de A. Roncoli, responsável pela Secretaria da Cultura, Comuna de Camaiore (LU), a L. Bondi, Camaiore, 21/11/96, in *AGSS* 1.3.7.

Camaiore com o nome de Maria Assunta Caterina, do Arquivo paroquial de Capezzano Pianore, é transmitida à posteridade somente com seu terceiro nome: Caterina. Mas por que Assunta fez a primeira Comunhão em Capezzano Pianore²⁶ e não em Camaiore, na sua paróquia?

Não faltam elementos para afirmar que a igreja de Capezzano foi, efetivamente, a mais frequentada pelos Marchetti, pelo menos desde que foi proclamada paróquia,²⁷ em 1882. La Fabbrica dista 2,7 km de Camaiore e 1,4 km de Capezzano, e isto explica, talvez, a escolha a favor da igreja desta localidade: Capezzano era mais próximo.²⁸ E, como naquele tempo se ia a pé, isto era determinante. Assunta, providencialmente, viveu assim, em outros tempos, a mesma situação de tantas crianças emigrantes, sujeitas, muitas vezes, a várias mudanças ambientais, requeridas pelas exigências do trabalho dos pais. Ela nasceu em Lombrici, foi batizada em Camaiore, recebeu a Crisma em Viareggio, aos nove anos “emigrou” para La Fabbrica e, aos doze, fez a sua primeira Comunhão em uma paróquia de ‘adoção’, a de Capezzano Pianore.

«A primeira Comunhão foi um acontecimento significativo na vida da Serva de Deus. Naquele dia, quando lhe retiraram dos ombros a capinha que ornava o seu vestidinho para entregá-la a uma menina que pertencia a uma classe familiar superior, demonstrou firmeza na virtude, conformidade à vontade de Deus e humildade. Creio que a primeira Comunhão tenha influenciado muito a vocação religiosa da Serva de Deus, porque aumentou nela o amor por Jesus Eucarístico».²⁹

²⁶ «Capezzano, situada a 4,8 km de Camaiore, é fração populosa e rica, famosa pelo cultivo de fruta e de flores. O nome é, como quase todos os centros do Camaiorese, derivado do latim (*capitius*). A igreja é do século dezenove (1882). Dois quilômetros depois, à direita, separa-se da estrada estadual que conduz à vila Borbone, ao Pianore, a residência preferida da esposa do Duque Carlo Lodovico, Maria Teresa de Savoia». (F. Bellato, Camaiore e arredores, Viareggio, 1999, p. 49).

²⁷ V. *Nota anterior*.

²⁸ «De la Fabbrica se chegava a Capezzano por uma estrada chamada ‘de sob monte’. Antigamente era a única estrada. Camaiore distava de la Fabbrica 1,3 km a mais que de Capezzano» (Don Dante Della Latta, notícias fornecidas verbalmente a Irmã Laura Bondi, em 13 de julho de 1996).

²⁹ De fato, Ir. Leticia Negrisoló, a última superiora da Serva de Deus e Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, sua sobrinha, narraram: «No dia da primeira Comunhão, a diretora da escola onde, provavelmente Assunta fora preparada para este grande dia, pediu a Assunta para dar

O fato de receber frequentemente a Eucaristia fez com que se tornasse sempre mais claro o chamado à vida religiosa³⁰ e que se fosse delineando sua acentuada devoção eucarística, que foi profunda e constante na vida de Madre Assunta.³¹ De fato, sua vida de piedade, neste período, começou a ser caracterizada pelo amor a Jesus Eucarístico e, na família, era chamada “a freirinha”.³² Era, portanto, já capaz de compreender a vocação sacerdotal do irmão e de apoiar seu desejo de entrar no seminário.

DESCOBRINDO O PROJETO DE DEUS

O exame grafológico³³ ilumina o mundo da personalidade de Assunta e permite avaliar que, sem ele, seria difícil ou até impossível, sobretudo porque a Serva de Deus soube cobrir-se, constantemente, com o manto da naturalidade e da simplicidade. Trazemos, apenas como exemplo, algumas observações do grafólogo:

«Forte, mas não aferrada irracionalmente, que consente estabilidade no ser, coesão de pensamento, coerência de vida»; «grande vitalidade e energia que a pessoa emprega em um constante dinamismo construtivo, sem nenhuma pretensão de se sobressair, de impor-se, de governar e comandar, embora dispondo de alto domínio psicológico»; «coesão interior, estabilidade de caráter, coerência entre pensamento e vida, qualidades que a tornam previsível e confiável».³⁴

Assunta se revela, sem sombra de dúvida, “confiável”, enquanto assim dotada e, não espanta o fato de que bem cedo projete sua vida em

sua capinha branca a uma menina de condição social mais elevada. E Assunta consentiu com generoso desprendimento», in *APR*.

³⁰ Cf. Relato de uma Irmã recebida na Congregação pela Serva de Deus, então superiora geral, e que viveu alguns anos com ela, in *APR*.

³¹ V. nota anterior.

³² Cf. Relato ao Governo Geral por Dom Vicente Marchetti Zioni, bispo, sobrinho da Serva de Deus, in *APR*.

³³ Cf. Análise da grafia de Madre Assunta Marchetti, Instituto Grafologico “G. Moretti”, Urbino, 20 de junho de 1995. *AGSS* 1.3.1. Em 1995 o Instituto Grafologico “G. Moretti” de Urbino, Via São Francisco, 7, sob a direção do Ordinário em grafologia, Pe. Nazzareno Palaferri, examinou uma carta informal da Serva de Deus. A perícia grafológica produzida ocupa 23 páginas e a ela ainda se fará referência para preencher vazios documentais significativos.

³⁴ Cf. *Análise sobre a grafia de Madre Assunta Marchetti*, cit, p. 4-5.

vista de uma doação particularmente exigente, como seja a do mosteiro de clausura. Havia um em Camaiore, convento das Teresianas,³⁵ e

³⁵ «Já em 1588, alguns homens das melhores famílias de Camaiore, haviam decidido fundar um mosteiro de monjas, sob os auspícios dos augustos nomes de Jesus e Maria, prevendo o local, que era então um aglomerado de pequenas casas, e também tinham sido providenciados os bens, quando, não se sabe qual a razão, o supremo magistrado da República não concedeu sua permissão. Os deputados, ainda que não perdendo a esperança de um dia poder obter o consenso, decidiram usar aquele local como abrigo para crianças pobres e mais expostas aos perigos da rua.

Em 1590, obtido o consentimento da República, foram nomeados seis provedores que entregaram o cuidado interno da casa religiosa às duas nobres Matronas: Caterina Fiorentini, filha de Fatinelli e Beatrice, filha do Duque degli Orsucci. As primeiras meninas escolhida para formar a família monástica foram: Caterina Bonuccelli, Maddalena Betacchi, Marchesa Beghini, Caterina, filha de Francisco Bonuccelli, Bianchina da Fornara e Angela del Mancini. Estas, no dia 1º de junho de 1590, depois da solene procissão, foram acompanhadas pelas duas Matronas e pela sua Mestra até o local providenciado, que fora alugado, e desta forma, iniciou-se a construção do Mosteiro. Em 1600, este, embora não concluído, acolheu em seu seio as virgens de Deus e elas, encontraram aí, morada estável. Tendo chegado ao número de 20, estas jovens, pediram e obtiveram do bispo de Lucca, Dom Alessandro Guidiccioni, permissão para vestir o hábito religioso e de professar os votos simples. Tudo isso aconteceu no dia 1º de junho de 1604, nas mãos do venerável Pe. Cesare Franciotti, sacerdote da congregação da Mãe de Deus.

Com o passar do tempo, foi ampliada a construção com a soma notável de 20.000 escudos, com a participação de muitas nobres jovens de Lucca, as quais contribuíram, em parte, para morar nele, na qualidade de educandas e em parte, para ficar para sempre. Em 1633, no dia 24 de novembro, o Papa Urbano VIII, a pedido dos pais das jovens acima referidas, concedeu o diploma com o qual se declarava que a congregação de Jesus e Maria já ereta em Camaiore, fosse instituída em Mosteiro de perfeita e regular clausura, sob a invocação de Santa Teresa, com a regra carmelita, a ser atenuada naquelas partes que parecessem ou fossem muito difíceis, a critério dos juizes delegados. No dia 14 de maio de 1634, as monjas de Santa Teresa, em número de noventa e cinco, com dez ‘conversas’, além das noviças, professaram a regra carmelita e, depois do discurso do Pe. Baldassare Guinigi da congregação da Mãe de Deus, foi anunciada, nas formas devidas, a perfeita clausura. E a sagrada instituição prosperou em uma calma celeste por um século e meio e, houve muitas filhas de Santa Teresa que se distinguiram por doutrina e por virtude. Entre estas vale recordar Madre Cherubina do Cordeiro de Deus que viveu e morreu em odor de santidade e que tem o título de venerável. Foi sepultada na igreja do convento e hoje, seus ossos encontram-se no coro da igreja, junto ao novo convento.

Sob o reinado dos Baciocchi o convento, como os demais da Lucchesia, foi abolido com decreto de 8 de junho de 1806 e as Religiosas foram transportadas ao convento de Santa Clara, de Lucca. Mais tarde, sob o governo dos Borboni, o grande patrimônio das Teresianas teve diferentes destinações e, em Camaiore, ficou só a construção habitada por elas.

Em 1823, algumas jovens obtiveram licença para reabitar o Convento. Em primeiro de janeiro de 1824, começaram sua vida solitária, vivendo do trabalho e de esmolas. As primeiras novas fundadoras foram Marianna Salvi, Maddalena Giunta, Teresa Rosi e Elisabetta Marsili. A vida de abnegação e de dificuldades durou vários anos para as piedosas jovens, até que a compaixão

para este, é razoável pensar que se orientava provavelmente a Serva de Deus. Além disso, a tia, Ir. Giuliana Lenci,³⁶ no início do seu caminho vocacional, também havia batido à porta do mosteiro das Agostinianas de Lucca, pelo que não deveria ser difícil para a jovem Assunta sentir, um dia, nascer in si o desejo de responder, deste modo generoso, o chamado de Deus.

«Em um primeiro momento a Serva de Deus queria ser carmelita. Postergou sua entrada no convento porque sua presença em casa era indispensável; de fato, o pai não é capaz de negar seu consentimento, mas a mãe, que, por razões de sua saúde precária, não é capaz de dispensar a ajuda de Assunta em casa e insiste, para convencê-la a adiar a realização do seu projeto, para quando os irmãozinhos estivessem crescidos».³⁷

E Assunta adiou a data de sua partida.

Para compreender melhor seu consentimento ao desejo materno, humanamente justificado, o grafólogo pode ajudar-nos ainda, quando atesta que «a Serva de Deus era dotada de intuito psicológico que lhe possibilitava compreender as situações íntimas das outras pessoas e de ter alto sentido de dependência, mas também grande sentido de autonomia, de critérios e de ação».³⁸ Não podia, portanto, deixar de responder docilmente à situação concreta da sua família. Mais tarde, renovou seu pedido e recebeu o “sim” de seus pais. Parecia que tudo estivesse resolvido, mas a pneumonia veio obstaculizar seus planos: Confortado pelos Sacramentos, morreu o pai, ainda no vigor das forças,³⁹ por causa desta então implacável enfermidade.⁴⁰ Era o dia 26 de abril de

de Luisa Giannini e, sobretudo da Duquesa Maria Teresa, fez ressurgir o Mosteiro ao primitivo esplendor. A Duquesa conseguiu da Santa Sé, para elas, toda a antiga construção e, a autorização para vestir o hábito e viver comunitariamente, com clausura episcopal. E o Convento refloresceu por vários anos, deixando de existir com a nova supressão de 1866. Naquela época, o Governo se apoderou do estabelecimento e de tudo o que constituía patrimônio para a manutenção das monjas, mas estas permaneceram lá e viveram ali até 1902» (V. TABARRANI, cit., p. 89-91).

³⁶ V. Cap. II.

³⁷ Ir. Leticia Negrisoló, Perfil biográfico inédito da Serva de Deus, cit. p. 2.

³⁸ Análise sobre a grafia de Madre Assunta Marchetti, cit., p. 4.

³⁹ Ir. Leticia Negrisoló, Perfil biográfico inédito da Serva de Deus, cit., p.4.

⁴⁰ «Minha mãe, Marietta, dizia que o meu avô, pai da Serva de Deus, morreu de pneumonia»: (Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, em conversa com Ir. Laura Bondi, em São Paulo-Brasil, 22/7/1995). Angelo Marchetti havia nascido em Camaione no dia 17 de outubro de 1845 (v.

1893, e Angelo Marchetti tinha apenas quarenta e sete anos e meio;⁴¹ Assunta vinte e dois; a irmã Elvira treze; a irmã Filomena sete e Maria Luisa completaria dois, no próximo mês de julho. Assim, diante da dor materna, tornada mais aguda por causa da perspectiva da próxima partida da filha mais velha, a Serva de Deus disse: «Não, mamãe, agora não quero partir. Vejo que o Senhor me quer ainda junto a ti».⁴² E «assumiu a responsabilidade de tudo».⁴³ O santo querer de Deus começava a ser absolutamente determinante na vida de Assunta e toda a sua existência demonstrará o quanto sabia permanecer fiel. Esqueceu-se mais uma vez de si mesma, permaneceu na família à espera de que Deus lhe manifestasse o momento certo para realizar o seu desejo de consagração.

A este ponto poder-se-ia perguntar, em que medida, a opção pela clausura era escolha livre para Assunta. Não poderia derivar de circunstâncias contingentes, como, por exemplo, a presença de um mosteiro na cidade? Esta dúvida revela-se pelo menos inconsistente, porque em Camaione existia também uma florescente comunidade religiosa de vida ativa: a das Irmãs Estigmatinas.⁴⁴ Nenhuma memória,

Certidão de Batismo, cópia in *AGSS*), e morreu no dia 26 de abril de 1893, *Registro de óbitos de 1893*, 122, in *ACC*).

⁴¹ V. Nota anterior.

⁴² Ir. Letícia Negrisolo, Perfil biográfico inédito da Serva de Deus, cit., p. 3.

⁴³ Cf. Informações transmitidas por escrito pela família de Maria Luisa (Marietta) Marchetti Zioni, irmã da Serva de Deus, in *APR*.

⁴⁴ «Em 1858 as escolas públicas do município de Camaione eram abertas só para os meninos e, para as meninas, existiam escolas particulares, às quais podiam ingressar as meninas das famílias de condições abastadas, assim que a população feminina podia ser considerada analfabeta. Os salários daquela época eram muito baixos e, muitas as horas de trabalho nas famílias dos operários. Além do chefe de família, era necessário que também a mãe buscasse uma ocupação para colaborar no sustento dos filhos. Na longa ausência dos pais da casa, as crianças ficavam livres e, se os meninos podiam frequentar a escola, as meninas só tinham como lugar de instrução a estrada. Mons. Giovanni Rossi, Prior da igreja Colegiada de Camaione, vendo que este estado de coisas poderia resultar em danos para a família, e, como consequência para a sociedade, em 26 de julho de 1855, escreveu uma carta ao ‘Gonfaloniere’ da Comuna, Dr. Giovanni Mariotti, para que a administração pública procurasse providenciar a instituição de uma escola, também para as meninas.

Na sessão dos Magistrados em 16 de janeiro de 1856, o ‘Gonfaloniere’ leu a carta de mons. Priore e ficou deliberado estudar um projeto para instituir as escolas femininas para as quais a Comuna podia contribuir com um adequado subsídio.

Depois desta deliberação, foi iniciada a procura de um lugar para ser adaptado como escola e poder abrigar as Irmãs que se encarregassem de instruir as meninas. A escolha recaiu sobre uma

porém, aponta para a incerteza da escolha por parte de Assunta, o que nos faz imaginar que fora tocada interiormente unicamente pelo ideal claustral.

construção de propriedade do nobre senhor Giovanne Battista Ghivizzani, de Lucca, situado no *Sesto São Michele*, hoje Via IV de Novembro. Iniciadas as conversações com o proprietário, este concordou vendê-la, pedindo por ela a soma de 17.829 Liras Toscanas, 6 soldos, 8 denários, equivalente a 14.976,6 Liras Italianas. Esta cifra era muito considerável para a Comuna, dada a exigüidade do Balanço e, por isso, foi enviado um pedido S.A.I.R., a Grã-duquesa da Toscana e a S.A.R. a Duquesa de Parma, Maria Teresa para que se interessassem em adquirir o local. Elas responderam dizendo que dariam uma ajuda de 2.000 Liras Toscanas, respectivamente.

Na audiência com o Magistrado, de 19 de abril de 1856, o Gonfaloniere anunciou o subsídio concedido pela LL. AA. RR. e foi deliberada a aquisição do local, bem como, de solicitar a autorização às Autoridades Superiores para ter em nosso meio as Irmãs dos Sagrados Estigmas de São Francisco, visto que já se encontravam nos Bagni de Lucca. De fato, o departamento da Pública Instrução, em data de 29 de julho de 1856, concedeu permissão para instituir as escolas femininas e chamar para a instrução as Irmãs Estigmatinas.

Obtida a aprovação, foi enviado o pedido à Irmã Anna Lapini, superiora e fundadora das Irmãs Estigmatinas, para que viessem a Camaiore visitar o local a ser adquirido e indicar os trabalhos que julgasse necessários para acolher convenientemente as monjas. A Superiora, em 3 de setembro, respondeu que viria depois do dia 9 do mesmo mês e, realmente por aqueles dias deve ter vindo, porque no dia 18 foi deliberada pelo Magistrado, a aquisição do edifício Ghivizzani e, convidado o Conselho Geral a aprovar a deliberação, o que, de fato, aconteceu no dia 15 de outubro, com 17 votos a favor e 3 contra. S. A. R. I. Grão Duque da Toscana com soberano rescrito de 17 de dezembro de 1856 sancionou a deliberação do Conselho Geral, apesar de uma parte da construção ser destinada para uso dos dois RR. Ministros. Obtida a permissão de adquirir o prédio, foram retomadas as negociações com o Sr. Ghivizzani e, no dia 21 de março de 1857, foi estipulado o contrato de compra pelos Notários toscanos Antonio Minucciani e Giuseppe Conti, pela soma de 17.829 Liras Toscanas, como ficou dito acima.

O prédio de que se está falando, passou a ser propriedade de Giovan Battista Ghivizzani por compra realizada, da parte do nascente, do Marquês Giovan Battista Mansi e da parte do poente, da Nobre Senhora Luisa Arnolfini in Burlamacchi.

Depois da compra da parte do nascente foram iniciados os trabalhos necessários para acolher as Irmãs e as classes para as meninas e, no mês de setembro de 1857, Ir. Anna Lapini enviou a Camaiore duas monjas para averiguar se os locais eram do seu agrado. Obtida a aprovação, em 10 de janeiro de 1858, vieram entre nós 5 Irmãs Estigmatinas, acompanhadas do seu procurador Cav. Giovan Battista Del Turco. A população acolheu com benevolência esta pia instituição e, embora houvesse alguns opositores, muitíssimas meninas procuraram imediatamente a escola, de tal forma que nos últimos dias de fevereiro, passando por Camaiore duas Irmãs do convento de Bagni de Lucca, aí ficaram para ajudar as cinco que aí se encontravam, pois já não podiam prover a instrução de tantas meninas. [...] Os nomes das primeiras sete Irmãs que vieram a Camaiore são: Ir. Bernardina de Santa Caterina - Superiora; Ir. Serafina do Menino Jesus; Ir. Giovanna della croce; Ir. Sperandio della Fede; Ir. Isabella de São Ludovico; Ir. Acle della Conversione; Ir. Ildegarda della Passione[...]» (Crônica da comunidade das Irmãs Estigmatinas, Camaiore, Arquivo da Comunidade).

Não é difícil entrever o ritmo cotidiano da vida da Serva de Deus neste tempo. Tinha a mãe para apoiar e cuidar, três irmãzinhas⁴⁵ para acompanhar e era necessário colaborar concretamente no trabalho do moinho, que se constituía na única fonte econômica da família.

«Desde jovem era a protetora dos pobres. Era de uma atividade inacreditável e de uma resistência invejável; toda sua energia era empregada em favor dos outros».⁴⁶

Daquele tempo não nos chegou nenhuma imagem fotográfica de Assunta. Porém, podemos representar seu aspecto físico através de uma descrição bem detalhada, feita por Ir. Letícia Negrisoló, a superiora que a assistiu no momento da morte.

«A Serva de Deus era de estatura média, mais alta que baixa; quando jovem era magra; era quase loira, de pele clara, com cabelos e olhos castanho-escuros. Não era de uma beleza deslumbrante, mas extremamente simpática; seu aspecto era sereno, pacífico, sério, mas os olhos, muito vivos, sorriam sempre e esta era a razão porque era tão procurada: seus modos atraentes eram de uma doçura invejável».⁴⁷

Para confirmar quanto se disse acima, existe outro testemunho:

«Certo dia um homem, em São Paulo, disse em italiano, à Serva de Deus, ainda jovem: “Que belos olhos! Pecado que seja freira!”. Então ela não se controlou e lhe deu uma bofetada. E os que passavam aplaudiram a jovem religiosa por seu gesto».⁴⁸

Era esta a aparência da jovem Assunta que, toda dedicada à família, esperava confiante a hora de Deus, enquanto buscava fazer todo o possível para tirar proveito espiritual deste ulterior adiamento que a realidade familiar lhe impunha.

⁴⁵ «A Serva de Deus tinha vinte anos quando nasceu sua última irmã que é minha mãe. Como a vovó não tinha boa saúde, tia Assunta tomou a iniciativa de buscar uma ama. Sua mãe reclamava a presença da menina, mas tia Assunta insistia em dizer que seria melhor cuidada pela ama, dado que a avó não tinha mesmo condições» (Recordações de Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, sobrinha de Madre Assunta, in *APR*).

⁴⁶ Carta de L. Negrisoló a L. Bondi, São Paulo, 1º de novembro de 1993, in *AGSS* 1.3.7.

⁴⁷ Carta de L. Negrisoló a L. Bondi, São Paulo, 22 de fevereiro de 1993, in *AGSS* 1.3.7.

⁴⁸ Recordações de Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, sobrinha de Madre Assunta, cit.

«Vendo-se obrigada a permanecer ainda na família, buscou compensar a sua frustração inscrevendo-se na Ordem Terceira de São Francisco para não enfraquecer o ideal de perfeição de vida, de recolhimento e de oração contemplativa».⁴⁹

A sua casa transformou-se, no entanto, numa verdadeira escola «de serviço, de obediência, de benevolência em favor da mãe e de seus irmãozinhos que muito amava».⁵⁰ Mas, apesar das fadigas que isto lhe custava, não renunciou dedicar-se em atividades apostólicas.⁵¹

Não é fora de propósito supor que o pároco de Capezzano, Pe. Eugenio Benedetti, que manteve correspondência com a Serva de Deus e com sua mãe, tenha acompanhado a vocação da jovem Assunta, vocação que encontrou proteção e alimento, sobretudo, na Eucaristia, no espírito de piedade e de sacrifício. A sua casa, ou melhor, o seu «primeiro orfanato»,⁵² constituiu-se um desafio, quotidiano exercício de boa vontade que serviu antes de tudo para colocar em

«evidência a sua consistência interior e a sua fortaleza que, sem tirar nada à energia e a sua qualidade volitiva, conseguia fundir-se com a brandura tornando-a extraordinariamente equilibrada».⁵³

Foi assim que a encontrou o irmão, Pe. Giuseppe, quando voltou do Brasil, em fins do verão de 1895.⁵⁴

⁴⁹ Recordações do bispo Vicente Marchetti Zioni, sobrinho da Serva de Deus, in *APR*.

⁵⁰ Recordações de Ana Lúcia C. Bianco, sobrinha da Serva de Deus, cit.

⁵¹ *Ibid.*

⁵² C. BOVE, «I primi 24 anni di Madre Assunta Marchetti», in L. Bondi, (a cura di), *La Serva di Dio Assunta Marchetti, cittadina di Camaione*, cit., p. 29.

⁵³ M. DALTOÉ, «Il significato umano e religioso delle origini di Madre Assunta Marchetti», in L. Bondi (a cura di), *La Serva di Dio Assunta Marchetti, cittadina di Camaione*, cit., p. 14.

⁵⁴ Cf. Carta de G. Marchetti a G. B. Scalabrini, Ipiranga, 14 de junho de 1895. Cópia in *AGSS* 1.2.

CAPÍTULO IV

DISPONIBILIDADE AO PROJETO DE DEUS (1895)

A COLABORAÇÃO COM PADRE GIUSEPPE¹

Giuseppe, o segundo dos irmãos de Assunta Marchetti, nasceu, como a irmã, em Lombrici de Camaiole (LU) e como ela, morreu em São Paulo, SP, Brasil, onde, em janeiro de 1895, iniciou o seu apostolado como missionário, depois de, já sacerdote, unir-se aos Missionários de São Carlos, fundados em Piacenza pelo Bem-aventurado G. B. Scalabrini.

Ao término do verão de 1895, Pe. Giuseppe Marchetti volta por algum tempo à Itália. Tem tantos projetos na mente e no coração, entre os quais o de convencer a mãe e a irmã Assunta a acompanhá-lo a São Paulo para cuidar dos órfãos que viessem bater à porta do grande Orfanato que, graças à Providência, estava quase terminado. Pois, ele havia iniciado a construção do Orfanato Cristóvão Colombo no terreno

¹ As informações sobre a vida e obra de Pe. Giuseppe Marchetti, podem ser encontradas em M. FRANCESCONI, *Come una meteora*, cit., p. 1-48 e em V. Marchetti Zioni, Perfil biográfico inédito, p. 30. Orig. in AGSS 1.2.3. A congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas o reconhece, como co-fundador. A 08 de outubro de 1996 foi apresentado ao Card. Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, pedido para instituir o inquérito diocesano para encaminhar sua causa de canonização. Pe. Giuseppe Marchetti faleceu em São Paulo, SP, Brasil, no dia 14 de dezembro de 1896, e no dia 09 de outubro de 1996, S. E. o Cardeal Arns encaminhava à Santa Sé o pedido do previsto *nihil obstat*.

doado por Dr. Vicente de Azevedo.² Agora tinha necessidade de pessoas que assumissem o cuidado dos órfãos. Por isto, faz um apelo a Assunta que, inicialmente, o rejeita. O irmão a conduz, então, diante de um quadro do Sagrado Coração de Jesus, dizendo-lhe:³

“Veja bem! Jesus te pede para ir cuidar dos órfãos e tu queres negar isto a Jesus?” E ali, diante daquele quadro, lhe pede que prometa que irá com ele ao Brasil para colaborar na sua obra em favor dos órfãos, filhos, predominantemente, dos emigrantes italianos”.

Pe. Giuseppe havia sido tão incisivo que conseguiu convencê-la a substituir, no seu coração, o ideal claustral, pelo ideal missionário scalabriniano. Assunta, de fato, reconhece que Deus esperava dela docilidade para uma mudança radical do seu primeiro projeto. Esta troca modificaria a forma externa de sua doação a Deus, mas não a essência que, aliás, parecia ser mais exigente: renunciava à idéia do mosteiro, mas, para abraçar com a determinação e a radicalidade que lhe eram próprias, um gênero de vida religiosa muito difícil porque ainda indefinida, existente de fato só no pensamento de seus principais artífices, Dom Scalabrini e Pe. Giuseppe Marchetti.

O PROJETO PASTORAL DE DOM GIOVANNI BATTISTA SCALABRINI

A mediação do irmão Pe. Giuseppe a respeito da vocação da Serva de Deus faz com que seu caminho existencial venha a cruzar com

² «Chegados ao alto do Ipiranga, o conde de Azevedo mostra ao Padre um terreno de 1.408 m², circundado de tanto verde e tanta paz, um lugar de sonho. Mas, o dinheiro? “Gostou, Padre? É seu!”. Faltava apenas a aprovação do bispo, que o mesmo Conde se encarrega de apresentar-lhe o missionário. Dom Joaquim Arcoverde concede, imediatamente, as autorizações necessárias. Ele, mesmo que não fosse um homem das fáceis concessões!» (M. FRANCESCONI, *Come una Meteora*, cit., p. 26).

O Dr. José Vicente de Azevedo nasceu na cidade de Lorena, SP (Brasil), no dia 7 de julho de 1859, filho do coronel José Vicente de Azevedo e de D. Angelina Moreira de Castro Lima Azevedo. Era advogado e dedicou boa parte de sua vida à política. Em 1896, fundou, no Ipiranga, uma Creche para meninas órfãs e abandonadas e, quase contemporaneamente, contribuiu para a fundação do Instituto Cristóvão Colombo para os órfãos, filhos dos imigrantes, sobretudo italianos. Depois de uma vida de caridade, faleceu no dia 03 de março de 1944, com 85 anos de idade (Cf. *“Positio super vita” da Serva de Deus Madre Paulina do Coração Agonizante*, Sacra Congregatio pro Causis Sanctorum, Prot. n. 1.084, Roma, 1986, p. 139).

³ O episódio é conhecido e transmitido por várias pessoas.

o do projeto de um personagem ilustre daquele tempo e, não menos, hoje:⁴ Giovanni Battista Scalabrini, bispo de Piacenza, reconhecido pela Igreja como fundador dos Missionários de São Carlos (1887), da Sociedade São Rafael (1889) e das Irmãs Missionárias de São Carlos (1895). Estas instituições permanecem como testemunho de sua intuição singular daquilo que significava emigrar para tanta pobre gente, sobretudo em um tempo em que o Estado italiano se revelava desprovido para atender os emigrantes, juntamente com uma pastoral da Igreja não ainda em consonância com as necessidades dos tempos.

Em 1895, Dom Scalabrini, com 56 anos, inicia a fundação das futuras Irmãs Scalabrinianas. A Serva de Deus tinha, então, 24 anos, e, como o Bispo de Piacenza, busca unicamente a vontade Deus. Alguns anos antes do encontro com ela, em 19 de março de 1889, Scalabrini tinha dirigido palavras de despedida a seis Missionárias do Sagrado Coração, fundadas por Madre Francesca Cabrini, que ele havia convencido a iniciar a ação missionária do seu Instituto, enviando as Irmãs para ajudar os Missionários de São Carlos, na América do Norte.⁵ Em seu discurso às que partiam, o Bispo de Piacenza ressaltou um dado totalmente novo naquele tempo: o papel importante da Religiosa no apostolado entre os emigrantes, aos quais enviava suas interlocutoras com a secreta esperança de que respondessem plenamente às suas expectativas.⁶

Em 18 de março de 1891, dois anos depois, Scalabrini obtém da Madre Rosa Gattorno, fundadora das Filhas de Santa Ana, cinco Irmãs,

⁴ Com o Decreto emitido pela Congregação *pro Causis Sanctorum*, assinado pelo Card. Prefeito Pietro Palazzini, em data de 16 de março de 1987, foi solenemente reconhecida e declarada a heroicidade das virtudes do Servo de Deus J. B. Scalabrini. Em 05 de dezembro de 1996, a Consulta médica declarava humanamente inexplicável a cura do tumor de uma Irmã Missionária de São Carlos Borromeo-Scalabriniana e, no dia 21 de março de 1997 o Congresso peculiar de Teólogos se expressava positivamente em mérito ao caso (cópia in AGSS, 1.1). Em 09 de novembro de 1997, o Papa João Paulo II o declarava bem-aventurado.

⁵ Cf. M. FRANCESCONI, *Giovanni Battista Scalabrini*, Ed. Città Nuova 1985, p. 1054-1055.

⁶ Eis as palavras textuais pronunciadas pelo Scalabrini a este respeito: «A obra dos Missionários não seria completa sem a vossa obra, ó veneráveis Irmãs. Existem coisas às quais só vós podeis conseguir. Deus infundiu no coração da mulher uma atração toda particular, pela qual exerce um poder arcano sobre as mentes e sobre os corações. Espero, portanto, que respondereis à graça de Deus que vos chama a terra longínqua, a uma missão sublime de religião e de civismo» (*Ibid*).

também, para a missão dos Missionários de São Carlos, em New York. Mas, as duas expedições foram apenas tentativas, sem continuidade. Encontramos a confirmação destes fatos em um Relatório sobre a obra dos Missionários de São Carlos, escrita pelo mesmo Bispo de Piacenza em 1900, cinco anos depois do seu encontro com a Serva de Deus e suas companheiras. Assim escreve ele:⁷

«A obra dos Missionários seria incompleta, especialmente na América do Sul, sem a colaboração das Irmãs. Para tanto, pedi a várias congregações já existentes, mas não obtive êxito. As boas Irmãs Missionárias de Codogno, é verdade, se dispuseram, e eu lhes abri as portas da América, onde fazem muitíssimo bem, mas não é o bem que nossa congregação tem em vista. Necessitamos de Irmãs como as dispersas nas Dioceses da França, as quais se adaptam a viver em apenas quatro e, sem pretensões, lecionam na escola primária, ensinam o catecismo, e, onde for possível, assistem os doentes, com todos os cuidados que a prudência e a experiência sugerem. Por mais que os Missionários insistissem e fizessem violência ao meu coração, para ter semelhantes Irmãs, eu sempre me opus, sentindo uma extrema repugnância de colocar mãos a esta nova obra. Mas, há alguns anos, uma série de circunstâncias providenciais me fizeram conhecer ser este o querer de Deus».

Não é difícil reconhecer duas destas circunstâncias ‘providenciais’, talvez as principais: a ousadia de Pe. Marchetti e a disponibilidade de Assunta em colocar sua vida, diferentemente orientada, a serviço da emigração. Atualmente, com um olhar no passado, pode-se dizer que foi esta sua disponibilidade, unida, como veremos, à de suas companheiras, que fez com que o bispo Scalabrini iniciasse, ao menos *ad tempus*, uma experiência de fundação: o grupo de pessoas que chega de Camaione no dia 23 de outubro de 1895 consegue envolvê-lo em um acontecimento, no qual, lhe é dado pela Providência, a função primordial, ou seja, o papel de fundador.

Depois da decisão tomada por Assunta de acompanhar o irmão

⁷ J. B. Scalabrini, relatório sobre a obra dos Missionários de São Carlos para os emigrantes italianos, 10 de agosto de 1900, minuta in *AGS* 7/5. Em fevereiro de 1899, o Bispo de Piacenza havia escrito a um seu missionário, Pietro Colbacchini. Tal carta revela como, na mente do ilustre Prelado, era claro o perfil da nova fundação feminina, embora ele fosse ainda «muito titubeante» em realizá-la (cf. Carta de J. B. Scalabrini a Pe. Colbacchini, Piacenza, 15 de fevereiro de 1899, in *AGS* 104/1).

ao Brasil, exatamente dois dias antes de partir, Pe. Marchetti, sua mãe Carola, sua irmã Assunta e duas jovens de Compignano⁸ chegam a Piacenza para se encontrar com o Bispo daquela cidade, falar com ele do seu projeto missionário e, sobretudo ouvi-lo. Daquele encontro que, a bom título, pode ser definido histórico, sobretudo para a Serva de Deus, foram conservadas lembranças significativas e emocionantes no candor da sua simplicidade. Eis algumas:

«Antes de ir para o Brasil, Pe. Marchetti apresentou sua mãe, sua irmã, e duas jovens a Dom Scalabrini, responsável da obra migratória».⁹

«Portanto foram a Piacenza, para conversar com Dom Scalabrini. Lá receberam o véu, um simples hábito e pronunciaram os votos privados, por seis meses. O hábito religioso deveriam vesti-lo no Brasil. De Piacenza foram a Gênova, de onde partiram para o Brasil».¹⁰

«A Serva de Deus e suas companheiras pronunciaram os votos temporários em 25 de outubro de 1895, na capela episcopal de Piacenza, nas mãos de Dom Scalabrini. No mesmo dia, depois do café da manhã oferecido pelo distinto Prelado, a pequena comitiva dirigiu-se para Gênova, de onde embarcou para o Brasil».¹¹

«Depois de participar da Eucaristia, as candidatas receberam o crucifixo de missionárias das mãos de Dom Scalabrini e, Pe. Giuseppe recebeu do

⁸ São elas: Maria Franceschini, de 22 anos, e Angela Larini, de 20, ambas de Compignano (LU) (v. Cópia da Certidão de nascimento fornecida pela Comuna de Massarosa (LU), em 19/12/1992, de Franceschini Maria Stella Regina, filha de Paulo), pedreiro e de Cesira Franceschini, nascida em Compignano, localidade “ai lecci”, em 14 de março de 1873, e o de Larini Maria Angela, filha de Michele, agricultor, e de Rosa Chicchetti, agricultora, residentes em Compignano, nascida em 23 de agosto de 1875. Ir. Angela Larini, identificada como “Irmã de Caridade”, morreu em 14 de novembro de 1899 de tuberculose crônica (v. atestado de óbito, no Registro Civil das pessoas naturais, 9º Subdistrito - Vila Mariana - São Paulo - SP); Ir. Maria Franceschini, ao contrário, sempre identificada como “Irmã de Caridade”, passará à melhor vida em 21 de abril de 1901. Causa da morte: tuberculose pulmonar (v. atestado de óbito, no Registro Civil das pessoas naturais, 2º Subdistrito - Liberdade, Oriel de Almeida César - São Paulo - SP).

⁹ Informação dada por Ir. Maria José Vasconcellos (†1989). Ela entrou no Instituto no mesmo ano em que a Serva de Deus foi nomeada superiora geral pela segunda vez e viveu com ela, boa parte do seu segundo mandato, in *APR*.

¹⁰ Informações obtidas pelas recordações de uma Irmã (†1988) que viveu uma relação fraterna muito profunda com a Serva de Deus, a tal ponto de falar dela com emoção e admiração. In *APR*.

¹¹ Recordações da sobrinha da Serva de Deus, Ana Lúcia C. Bianco, cit.

mesmo, a incumbência para receber os santos votos das jovens, depois de seis meses. Dom Scalabrini encarregou Pe. Giuseppe de escrever as Constituições, baseando-se na das Visitandinas». ¹²

Infelizmente, até agora não foi encontrado nenhum documento oficial que declare a fundação da congregação à qual a Serva de Deus se ligava *ad tempus*, denominada, como veremos no capítulo seguinte, congregação das ‘Servas dos órfãos e dos abandonados no exterior’. O valor histórico de tal nome é indiscutível, porque coloca claramente em evidência a finalidade missionária da humilde fundação.

AS MISSIONÁRIAS ‘SERVAS DOS ÓRFÃOS E DOS ABANDONADOS NO EXTERIOR’

Os momentos relevantes daquele 25 de outubro de 1895 foram amplamente narrados pelo pároco de Capezzano (LU), Pe. Eugenio Benedetti, o sacerdote que tinha sustentado economicamente o seminarista Giuseppe Marchetti em seus estudos. No dia 30 de outubro do mesmo ano, ele redigiu um artigo pormenorizado, intitulado: *A partida de D. Marchetti*, para um jornal diário local, *L'Esare*, do qual temos uma cópia. ¹³ Trata-se do seguinte:

«Capezzano, 28 de outubro de 1895.

Sou mesmo forçado a tomar a caneta para decorar as páginas do seu jornal com as impressões que provocaram a partida do Missionário, nosso concidadão, sacerdote Giuseppe Marchetti com as primeiras Missionárias que voaram para o Brasil com o título de ‘Servas dos órfãos e dos abandonados’ para cuidar dos Orfanatos fundados pelo mesmo Marchetti. Antes de partir, realizou uma Exposição solene da Eucaristia nesta Igreja, em sufrágio de seu pai. O numeroso povo participante não pôde conter as lágrimas, ao comovente adeus do Missionário, especialmente quando dirigiu sua apostólica palavra à Superiora da expedição, que, por um singular desígnio da Providência divina, era sua mãe. [...] Depois da

¹² Informações obtidas pelas recordações da sobrinha da Serva de Deus, Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, cit.

¹³ *Esare*, (antigo nome do Serchio, rio que desemboca no Mar Tirreno passando ao Norte de Lucca) jornal quotidiano que saiu de circulação há alguns anos. Lucca, 30 de outubro de 1895, in AGSS.

solene bênção do SSmo., acompanhado pelo toque dos sinos e o amor de todos os concidadãos, partia para Piacenza, o Marchetti, com seu grupo composto por Carola Marchetti, superiora, Assunta Marchetti, Maria Franceschini e Angela Larini. Eu mesmo subi na viatura e os acompanhei até Piacenza. Lá me aguardavam impressões verdadeiramente novas. Presenciei o Marchetti abraçado a Dom Scalabrini e me pareceu um São Francisco de Sales dando um abraço a um querido apóstolo. Aqueles dois corações ardentes se compreendiam, falando a linguagem dos apóstolos; o sentido de sua conversa dava a perceber, pelas lágrimas que brilhavam nos olhos. Enquanto isso, do Abrigo das Surdo-mudas, onde estavam hospedadas, eram conduzidas ao Episcopado, as novas ‘Servas dos órfãos e dos abandonados’. A acolhida foi ao estilo de um Santo ardente pela glória de Deus. Ele conversou longamente com a superiora, assegurando-lhe que a obra de seu filho, com a colaboração delas, seria a Providência e a salvação daquelas populações longínquas. Terminada a reunião, o Bispo confirmou e aumentou as faculdades do Marchetti, e os convidou para o dia seguinte às 7h da manhã, na Capela particular do Episcopado para a emissão dos votos. Às 7h, pontualmente, estavam todos na Capela. O Bispo se paramenta para o Santo Sacrifício. O missionário e as Missionárias se recolheram em profunda contemplação até o mestre de cerimônia entoar o *Confiteor*. Então, o zeloso Bispo, voltado para os presentes com o Santíssimo nas mãos diz: «Eis o Cordeiro de Deus», e se cala. Nosso Pe. Giuseppe, prostra-se, então, diante do Santíssimo e, comovido pronuncia com voz clara mais ou menos estas palavras: «Eu, Giuseppe Marchetti, chamado às honras do Apostolado Católico, diante de Deus aqui presente sob as espécies eucarísticas, faço voto perpétuo de Castidade, Obediência e Pobreza. Ó Jesus abençoa-me e fazei que estes votos que Vós me inspirastes, sejam a minha força na vida, o meu conforto na morte e a minha coroa na eternidade». O Bispo dá a comunhão às ‘Servas’ e termina a Missa. Coloca a preciosa Mitra, abençoa os crucifixos e, em seguida, faz um breve discurso às Missionárias. Uma delas, também com voz comovida, diz em nome de todas: «Embora indignas, nós Carola Marchetti, Assunta Marchetti, Maria Franceschini e Angela Larini, chamadas pela Divina Providência às honras do Apostolado Católico, juramos ao nosso Esposo celeste fidelidade e fazemos voto *ad tempus* de Castidade, Obediência e Pobreza. E vós, ó Jesus, aqui presente, vivo e verdadeiro, imortal e glorioso, fazei que estes votos sejam a nossa força na vida, o nosso conforto na morte, a nossa coroa no Céu. Amém». O Bispo, comovido até às lágrimas, abençoou os crucifixos e, voltado para os novos apóstolos, disse: «Eis o vosso companheiro inseparável nas peregrinações apostólicas, o conforto, a força e a vossa salvação». Aceita, portanto, a promessa de obediência,

abençoa, chorando, entrega um volume da vida de Perboyre,¹⁴ como exemplo, um abraço, um beijo ao Marchetti e a cerimônia é terminada. Tomam o café da manhã no Episcopado, entram na viatura e vai-se ao trem. [...] Entre o ruído da locomotiva ecoa, dominando, o grito de Viva Maria. Com este grito de exultação chega-se a Gênova. Um grupo (*sic*) de pobres emigrantes exulta pela ótima companhia. Logo exultarão os órfãos, os abandonados lá, pelas imensas terras do Brasil».

Outro documento, *Brevi Cenni sulla fondazione e sviluppo delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo, Scalabriniane, anteriormente denominadas Ancelle degli orfani e derelitti all'estero*,¹⁵

¹⁴ Gian Gabriele Perboyre nasceu em Puech, pequena fração de Montgesty, no dia 6 de janeiro de 1802. Foi ordenado sacerdote aos 23 de setembro de 1826 e, partiu, como missionário para a China, em 16 de março de 1835, onde seu navio aportou em 29 de agosto do mesmo ano. Em 16 de setembro de 1839, traído e vendido por um catecúmeno por 30 taél, foi preso pela guarda revolucionária. Após meses de atrozes sofrimentos cristãmente aceitos, numa 6ª feira, 11 de setembro de 1840, recebeu a condenação à morte, para ser executado imediatamente. Motivo da condenação: “Kiao fei”, ou seja, difusor de uma falsa religião. Foi-lhe preparado um patíbulo em forma de cruz, com aproximadamente 1,20m de altura; o mártir foi despojado de seu casaco vermelho de prisioneiro, com mãos e braços atados ao patíbulo, enquanto um carrasco lhe passava ao redor do pescoço uma corda que terminava com uma taquara que apertava, para estrangulá-lo. Um dos guardas, para certificar-se de que estava morto, deu-lhe um forte pontapé no ventre. Os cristãos, com uma estratégia, conseguiram que lhes entregassem o corpo para sepultá-lo na encosta da Montanha Vermelha, onde havia o cemitério cristão, e ali permaneceu até 1858. Em seguida, seus restos mortais foram levados a Paris. Leão XIII o proclamou bem-aventurado em 10 de novembro de 1889 e João Paulo II o canonizou em 2 de junho de 1996. Havia escrito aos paroquianos, na prisão: «Certamente serei condenado à morte, mas estou feliz de morrer por Cristo» (*O Primeiro Santo da China: Gian Gabriele Perboyre*. Especial Canonização. Graf. Alzani, Pinerolo, da p. 7 à p. 23).

¹⁵ G. ZIONI, *Breves Referências sobre a fundação e desenvolvimento da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos, anteriormente denominadas Servas dos órfãos e dos abandonados no exterior*, in AGS 103/7, datilografado, sem data. Testemunha a autenticidade do autor uma carta de S. Excia. Dom Vicente Marchetti Zioni, bispo emérito de Botocatu, SP (Brasil), sobrinho da Serva de Deus e filho do acima referido Giuseppe Zioni, cunhado de Madre Assunta e seu colaborador. A carta de Dom Zioni desmente que a autora de *Brevi Cenni* tenha sido a Serva de Deus, como se havia pensado, sem, contudo, negar a colaboração que ela deve ter dado, pois muito do que aí aparece só ela devia conhecer (Cf. Carta de V. Marchetti Zioni a L. Bondi, Botocatu, SP, 29.5.1994. Orig. in AGSS 1.4.4) e afirma que o autor principal de *Brevi Ceni* foi seu pai, Giuseppe Zione. O documento *Brevi Cenni* foi apresentado pelas Irmãs Scalabrinianas à Concistorial em 1931 e recolhe o testemunho das primeiras Irmãs, especialmente de Madre Assunta que, sem dúvida, colaborou na redação do mesmo. A data de apresentação do documento à Concistorial é exata, tendo o Cardeal Rossi anotado nele a data de sua chegada: 21 de agosto de 1931, in AGSS.

Daqui em diante o documento será denominado simplesmente *Brevi Cenni*, pois é assim

confirma e enriquece a narração do Pároco de Capezzano e por isso parece útil transcrever o seguinte trecho:

«No alvorecer do dia 23 de outubro de 1895, partiram de Camaione, onde residiam, vestindo o hábito de postulantes: a senhora Carolina Ghilarducci Marchetti e a filha Assunta Marchetti, acompanhadas das duas ‘noviças’, Ângela Larini e Maria Franceschini. Estas [...] corajosas religiosas que incluía a mãe e a irmã mais velha do Pe. Marchetti, espontaneamente dedicadas ao Senhor, dirigiam-se a Piacenza, sede da Congregação dos Missionários de São Carlos, para serem admitidas à presença de Dom G. B. Scalabrini, bispo daquela Diocese, com o único fim de colocar nas mãos daquele ilustre Prelado, qual protetor e fundador da sua nova Congregação, os votos, as aspirações, e dele receber sábios conselhos e lúcidos ensinamentos. Chegaram a Piacenza na tarde daquele mesmo dia. Foram hospedadas na Casa das Filhas de Sant’Ana, vizinhas às Surdo-mudas Sacramentinas e, no dia seguinte, acompanhadas por mons. Domenico Costa, pároco de Santo Antonino, daquela cidade, e pelo Pe. Eugenio Benedetti, pároco de Capezzano, pequeno povoado, vizinho a Camaione, e do Pe. Marchetti, fundador do Orfanato Cristóvão Colombo, em São Paulo, (Brasil), vindo à Itália para organizar as Irmãs, às quais confiaria a direção da seção feminina daquele abrigo, foram admitidas à presença de Dom Scalabrini que, encorajando-as em seu santo propósito, deu-lhes sua bênção. No dia 25 do mesmo mês, depois de participarem da Santa Missa, celebrada por Dom Scalabrini na capela do Episcopado, Pe. Marchetti pronunciou seus votos perpétuos e as supracitadas Irmãs, os votos temporários por seis meses, recebendo, cada uma, o Crucifixo que deveria acompanhá-las na longa e fatigosa peregrinação, como símbolo da fé e do espírito de abnegação que guardavam em seus corações. Pe. Marchetti obteve de Dom Scalabrini a faculdade de receber a renovação dos votos das Irmãs por mais seis meses e no término destes por um ano, como também redigir os Estatutos e Regras tendo como base as Constituições das Irmãs da Visitação, fundadas por São Francisco de Sales».¹⁶

DE PIACENZA AO PORTO DE GÊNOVA - DESTINO BRASIL

A Serva de Deus, juntamente com suas companheiras de vocação, deixa Piacenza como *serva dos órfãos e dos abandonados no exterior*,

conhecido em âmbito congregacional.

¹⁶ *Brevi Cenni*, cit, p. 1 - 3.

portanto, como missionária. Porém, no pensamento de Deus existia um nome diferente, “um nome novo” que um dia entrará na história da nascente congregação para diferenciá-la na Igreja: o de *Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas*. Por ora é bom tomar conhecimento de quanto o dia 25 de outubro tenha marcado a vida de Assunta. Antes de tudo sua promessa de consagração a Deus, acolhida por Dom Scalabrini e abençoada por ele, embora sem um valor propriamente jurídico, reveste de oficialidade a sua doação, e isto deveria convencê-la da positividade dos conselhos do irmão Giuseppe, evitando-lhe dúvidas e mudança de opinião. Tendo pronunciado os votos apenas por seis meses, não deve induzir a engano e colocar em questão suas sérias intenções. Uma carta de Scalabrini ao missionário Pe. Faustino Consoni coloca de lado qualquer perplexidade. Assim escreve o Bispo de Piacenza: «Quisemos iniciar com votos temporários: veremos o que Deus quiserá».¹⁷ Queria-se, portanto, contemporizar para perceber melhor o pensamento do Senhor a respeito da nova fundação, cuja continuidade no tempo estava, em certo sentido, assegurada pelas consoladoras palavras dirigidas por Scalabrini às que partiam: «Ide, confiantes, filhas! Enviarei-lhes outras coirmãs, e vocês voltarão para se formarem e consolidarem no espírito religioso».¹⁸ Além disso, Dom Scalabrini havia entregue às novas missionárias um Regulamento *ad experimentum*, como encontramos confirmado na sua carta a Pe. Consoni, acima citada. Com algumas certezas e com tanta inevitável incerteza no coração, portanto, para a Serva de Deus, talvez, à tarde mesma do dia 25, chega *exultante*¹⁹ a Gênova, de onde mais concretamente poderá dirigir o pensamento ao grande espaço de mundo que a espera e ao qual se aproxima, fazendo-se “migrante com os migrantes” para colocar-se a serviço dos migrantes.

¹⁷ Carta de J. B. Scalabrini a F. Consoni, Piacenza, 12 de abril de 1897, in *AGS* 3023/2.

Pe. Faustino Consoni, 1857-1933, teve um papel importante e positivo na história da Serva de Deus. (São numerosas as cartas endereçadas a ele, por Madre Assunta, e conservadas no Arquivo da Sede Geral das Irmãs Scalabrinianas), que o excelente missionário a teve sempre em especial consideração.

¹⁸ E. MARTINI, Memórias sobre a fundação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - *Scalabrinianas*, datilografado, original in *AGSS* 1.4, p. 1.

¹⁹ Cf. *L'Esare*, v. nota 13.

CAPÍTULO V

O FENÔMENO MIGRATÓRIO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

A vida de Assunta Marchetti se insere, em grande parte, na realidade migratória, que, por isso mesmo, não pode ser totalmente deixada de lado. A emigração do mundo ocidental, especialmente nas Américas, foi, no século XIX, um dos maiores acontecimentos da história econômica e social do mundo contemporâneo. Deste movimento migratório participou de modo todo particular a Itália, sobretudo aproximadamente, a partir de 1875.¹

Para colher as particularidades da emigração italiana deve ser considerado o complexo momento histórico vivido pela Nação no século XIX.² Dar-se-á espaço somente a dados relativos à emigração toscana e à imigração brasileira porque constituem o contexto social do qual a Serva de Deus faz parte, e aquele que a acolhe no Brasil, em 17 de novembro de 1895.³

¹ M. SABBATINI - E. FRANZINA, *I Veneti in Brasile, nel centenario dell'emigrazione (1876-1976)*, Ed. Accademia Olimpica, Vicenza 1980, p. 49.

² «As consequências foram graves: foi-se formando gradativamente “uma Itália no exterior”, no descuido dos governantes e das classes dirigentes. O continente americano, sozinho, absorverá 50% dos expatriados e, no seu interior, a América Latina, a principal destinatária deste movimento. Para ela se dirige mais de 70% dos expatriados americanos e o Brasil sozinho recebe 44,5% dos fluxos que se dirigem para a América do Sul» (G. ROSOLI, *Un secolo di emigrazione italiana, 1.876-1.976*, Ed. CSER, Roma 1978, p. 21). Nestes 44,5% devemos, sem dúvida, incluir também Assunta Marchetti.

³ *Brevi Cenni*, cit., p. 4.

A EMIGRAÇÃO DA TOSCANA

«Nesta parte da Itália os primeiros fluxos migratórios são registrados à margem da mesma, exatamente na terra fechada pelo arco montanhoso do Appenino que domina as províncias de Massa Carrara e Lucca».⁴

A partir das estatísticas oficiais, a emigração das duas províncias: Lucca e Massa Carrara, representa 86% das correntes toscanas migratórias até 1890.

A situação geográfica das duas Províncias justifica estes dados. Dominadas pelo complexo apenínico, recobrem uma superfície rude e frágil onde os recursos agrícolas não garantem senão um baixíssimo nível de vida aos habitantes. É possível unicamente uma agricultura de sobrevivência, dominada pela pequena propriedade, com as pequenas atividades pastoris, que ficam bem longe de nutrir por todo o ano, as famílias dos camponeses que, desde 1860, dão vida a um fenômeno migratório de época, consistente. A nova legislação sobre os bosques, a alienação dos bens comunais e depois a dos bens das congregações religiosas que tinham um espaço importante na província de Lucca, suprimem os direitos de uso sobre os bosques e sobre as zonas de pastagem, privando deste sustento não somente os camponeses mais pobres, os diaristas sem terra, mas também os pequenos proprietários. A nova ordem econômica, a constituição de um mercado aberto às concorrências inter-regionais e internacionais fazem desaparecer uma série de rendimentos secundários, sustentos já precários no passado, mas muito úteis, como, por exemplo, contrabando ou o trabalho nas pequenas empresas que se localizava ao longo dos cursos d'água; já que o primeiro não tem mais razão de ser e as pequenas empresas, das quais se falou, estão em perigo, muito frágeis e arcaicas, para resistir ao novo contexto econômico. Nenhuma atividade substitutiva está em condições de suprir as dificuldades da agricultura local: impõe-se o êxodo para o exterior, primeiro no Appennino e mais tarde no vale, de tal forma que, gradativamente, as províncias de Massa Carrara e Lucca entram na emigração de massa. Os anos da grande crise compreendem o decênio 1880-1890. O ano mais terrível foi o de 1887, quando, na província de Lucca, houve mais de 8.000 partidas registradas. A este

⁴ C. DOUKI, «L'émigration toscane de 1860 à 1914: rythme et flux», in *Studi Emigrazione*, revista trimestral, n. 109, Ed. CSER, Roma 1993, p. 29.

tempo de alta crise, corresponde também, ao apelo de mão de obra que chega do além Atlântico e que oferece uma resposta ao problema econômico, às necessidades demográficas e contribui para encorajar as saídas.⁵

A respeito da emigração da Lucchesia percebe-se que, a partir dos anos 1870, essa constituiu, até à Primeira Guerra Mundial, um aspecto da vida econômico-social da zona; o fenômeno migratório fez parte da história de milhares de pessoas que a ele deram toda sua contribuição de sacrifícios e de amor,⁶ como no caso da Serva de Deus.

Ao redor de Lucca as primeiras partidas, inicialmente esporádicas, para o território brasileiro, datam da segunda metade de 1800. A partir dos anos 1870, a emigração para o Brasil interessou a Lucchesia de maneira mais massiva: eram grupos sempre mais consistentes de carvoeiros, de pedreiros e, sobretudo de lavradores. O que tornou de proporção mais considerável um fluxo que até os anos 1870 mantinha características de continuidade com a emigração tradicional, não foi certamente alheio à difusão sempre mais capilar dos agentes das companhias de navegação, os recrutadores, representantes dos Estados brasileiros. Deu-se vida a um verdadeiro bombardeamento publicitário.⁷

No decênio 1878-1888, o Brasil foi constantemente uma das metas transoceânicas preferidas dos emigrantes da Lucchesia. Os destinos sempre mais preferidos foram o Estado de São Paulo, o Estado do Espírito Santo e o de Minas Gerais. Lucchesia e Garfagnana foram, no centro da Itália, as duas primeiras áreas que apresentaram fluxos

⁵ Cf. C. DOUKI, cit., p. 33 - 36.

⁶ Cf. A. DADÀ, *Documenti e Studi*, nn. 14/15, Semestral do Instituto histórico da Resistência e da idade contemporânea na Província de Lucca, Lucca 1993, p. 149.

⁷ Fala disso Giovanni Battista Scalabrini, o Apóstolo dos emigrantes: «Se os agentes de emigração fossem pessoas de confiança entre as várias Sociedades de Navegação e os emigrantes, e restringissem sua ação em esclarecer sobre o modo e sobre o tempo dos embarques; e as agências fossem apenas simples sucursais dos escritórios centrais de Navegação, não haveria do que preocupar-se. Mas, a ação deles, supérflua em muitos casos, não seria danosa. E poderia até ser cômoda para os emigrantes. Mas quantos emigrantes arrebatados por eles com falsas promessas, foram para além do oceano em meio a terras inóspitas, sobrecarregados de inúmeras dificuldades insuperáveis! O recrutamento, no fato de emigração, é algo intrinsecamente mal, que altera as funções deste fenômeno social» (G. B. SCALABRINI, *Il disegno di legge sulla Immigrazione Italiana*, Tip. dell'Amico del Popolo, Piacenza, 1888, p. 8-10).

migratórios para o Brasil, e só os arredores de Lucca contribuíram, até 1900 com 50% dos emigrantes para terras brasileiras. Em 1896, um ano depois da partida da Serva de Deus, o Brasil tinha absorvido 68,6% dos emigrantes dos arredores de Lucca. Naquele ano, 3.861 pessoas deixaram esta terra para ir ao Brasil.⁸

Dois anos antes, 110 habitantes de Compignano, fração de Massarosa (LU), em 4 de outubro de 1894, partiam do porto de Gênova no navio Pará, direto para o Brasil.⁹ Compignano contava, então, com 210 habitantes!¹⁰

Acompanhara-os a Gênova o pároco do Povoado, Pe. Giuseppe Marchetti,¹¹ o qual, diante do espetáculo piedosamente sugestivo daquela partida em massa do seu rebanho, compreende qual a vontade de Deus a seu respeito, vontade que levará, quinze dias mais tarde, a tomar ele mesmo o caminho do mar, capelão de bordo, para acompanhar os emigrantes. Um ano mais tarde, sua irmã Assunta escolherá, ela também, a emigração como campo de missão.¹² Partirá de sua terra com os emigrantes, como eles, para a ‘América’, mas com motivação diferente, que a levará a escrever uma página muito singular na história da emigração italiana no Brasil, terra marcada pela mobilidade das pessoas.

⁸ Cf. L. BRIGANTI, «La Lucchesia e il Brasile: storia di emigranti, agenti e autorità», in *Documenti e Studi*, semestral do Instituto Histórico da resistência e da idade contemporânea na província de Lucca, nn. 14/15, 1993, p. 161-193.

⁹ Cf. *Il Giornale del Mondo*, Montreal, outubro de 1894, p. 4.

¹⁰ Cf. M. FRANCESCONI, *Come una Meteora*, cit., p. 16.

¹¹ Cf. *Ibid.*, p. 17-21.

¹² «Os emigrantes! Alguns partiam chamados pelos parentes que os haviam precedido no êxodo voluntário, outros, sem saber, precisamente, para onde dirigir-se, atraídos por aquele potente instinto que faz migrar as aves. Iam para a América onde havia trabalho bem pago para quem tivesse braços fortes e boa vontade, como tinham ouvido repetir tantas vezes. Sem pesar, dispunham-se a abandonar a Pátria, já que esta só a conheciam sob duas formas odiosas, o recrutamento e as taxas de impostos e, como para o deserdado, a pátria é a terra que lhe dá o pão» (G. B. SCALABRINI, *L'Emigrazione Italiana in America*, Tip. dell'Amico del popolo, Piacenza 1887, p. 4).

BRASIL: UM PAÍS DE IMIGRANTES¹³

A primeira imigração foi, naturalmente, dos portugueses, quando descobrem a terra em 1500 e a colonizaram, empurrando os indígenas para o interior. À imigração portuguesa seguiram outras, ininterruptamente, através dos séculos,¹⁴ mas por volta de 1860 tal fenômeno tornou-se mais consistente e mais heterogêneo em razão do progresso no trabalho do algodão, do desenvolvimento da indústria, das restrições dos Estados Unidos da América à entrada de mão de obra do exterior e, sobretudo, por causa da expansão do cultivo do café.¹⁵ O café entra no Brasil quando todas as indústrias estão em crise e praticamente salva a economia,¹⁶ também porque desfrutava da mão de obra gratuita dos escravos.

Quando foi promulgada a lei que abolia a escravidão, (13/05/1888) muitos escravos, que ficaram livres, deixaram os “cafezais”, o que se fez necessário incentivar de todos os modos, a vinda dos agricultores europeus para resolver o problema agrícola do sudeste brasileiro, como havia acontecido no Sul, onde os alemães e os italianos, sobretudo, tinham resolvido o problema do despovoamento.¹⁷ «Desta forma, o imigrante italiano começou a ter um papel de particular relevo nos “cafezais paulistas”».¹⁸

Para avaliar a consistência do fenômeno da inserção dos imigrantes italianos no Brasil entre os séculos XIX e XX, foi necessário, sem dúvida, fazer atenção à cidade de São Paulo.

Em fins de 1886 os italianos em São Paulo eram 5.717 sobre 44.030

¹³ Cf. E. FRANZINA, *Gli Italiani al nuovo mondo. L'Emigrazione italiana in America (1.492-1.942)*, Ed. Mondadori, Milano 1995, cap. V, p. 451 ss.

¹⁴ J. F. BRAIDO, «As migrações na atualidade brasileira», em *Migrantes: Êxodo forçado*. Centro de estudos migratórios, Ed. Paulinas, São Paulo 1980, p. 15 - 16.

¹⁵ «Este produto, tem sua origem, na Etiópia» (*Enciclopedia Italiana Grolier*, Vol. 4, Grolier International 1987, p. 17). Daí é levado ao Ocidente, na França, pelos Árabes. Da França passou à Guiana Francesa e de lá chegou ao Brasil, onde foi introduzido por Francisco de Melo Palheta. O seu cultivo, espalhou-se, sobretudo, para o norte e nordeste do Estado de São Paulo (cf. M. C. P. V. F. FREIRE - M. ORDOÑEZ, *História do Brasil*, São Paulo, Ed. Ática LTDA 1967, p.89).

¹⁶ *Ibidem* p. 89.

¹⁷ *Ibidem*, p. 87.

¹⁸ *Ibidem*, p. 85.

habitantes; um terço eram lucchesi e junto a eles, não poucos do sul da Itália. Pela metade do decênio 1880, a influência italiana já começava a ser evidente na construção das casas que, decididamente se distanciavam dos modelos de construção portuguesa: o gosto arquitetônico italiano estava se afirmando e preparava São Paulo à grande decolagem urbanística, que se tornará mais evidente na pós-crise comercial, que provocou a fuga das fazendas, que a seu tempo foram coletoras de força-trabalho dos imigrantes. Em breve tempo, a marca mais acentuada de São Paulo passa a ser sua italianidade.

Ouvia-se falar mais italiano em São Paulo, que em Turim, Milão e Nápoles, mas, enquanto na Itália se falava os vários dialetos, em São Paulo todos os dialetos se fundiam, principalmente sob o influxo dos Vênetos e dos Toscanos. A italianidade caracterizava sempre mais o ambiente: acordar de manhã em São Paulo, sobretudo nos bairros populares, era como acordar em uma cidade italiana.¹⁹ Uma estatística de 1900 dizia que 81% do total dos operários de São Paulo eram italianos.²⁰ Nesta Itália paulista, à tarde do dia 30 de novembro de 1895²¹ chegava também a Serva de Deus.

¹⁹ «Era necessário compreender um idioma particular que pode ser denominado “portiliano”, uma mistura de português e de italiano onde “l’andove” substitui “laddove”, o “tegno” é colocado em lugar de “ho” e o “mio Deuse” é usado no lugar de “mio Dio”» (E. FRANZINA, cit., p. 457).

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Brevi Cenni*, cit., p. 4.

CAPÍTULO VI

OS PRIMEIROS PASSOS DE UM LONGO CAMINHO (1895-1896)

PARTIDA DA ITÁLIA¹

«A Serva de Deus e suas companheiras, depois de se despedirem de Dom Scalabrini na manhã do dia 25 de outubro, chegavam ao porto de Gênova e, na tarde do dia 27, partiam a bordo do barco *Fortunata Raggio*, da Companhia de Navegação *La Ligure Brasiliana*, que devia partir para o porto de Santos naquele dia».²

Os Raggio, principais protagonistas das empresas de navegação genovesa, eram tidos como armadores por volta de 1875, sob a firma *Raggio Fratelli*. Em 1886, Edilio Raggio comprou, na Inglaterra, um dos maiores cargueiros existentes, o *Bell Rock*, que foi chamado de *Fortunata Raggio*. O navio, como os outros dos Fratelli Raggio, era

¹ Uma premissa: o papel importante de Pe. Marchetti na decisão vocacional da irmã não deve minimamente diminuir a figura da Serva de Deus e atribuir-lhe um papel quase secundário. Este engano pode ser evitado, descobrindo Assunta Marchetti como aquela que dará consistência às frágeis raízes da nascente Congregação e, que soube esperar os frutos de “uma planta” que, sem se despedaçar, deixou-se transplantar, pela vontade de Deus, no Orfanato de uma terra longínqua.

² *Brevi Cenni*, cit., p. 4. Pesquisaram-se, inutilmente, documentos oficiais, relativos a esta partida. O Arquivo do Estado de Gênova assim respondeu: «Notificamos que este Arquivo não possui matrizes de passaportes ou outra documentação relativa à emigração italiana para as Américas de fins de mil e oitocentos. Não temos conhecimento de que tal documentação seja ainda conservada em outras repartições de Gênova» (Ministério dos Bens culturais e ambientais, Arquivo do Estado, Gênova, Carta a L. Bondi, 8 de outubro de 1994), in *AGSS*.

alugado *ad tempus* à Veloce, à Ligure Romana e à Ditta Gavotti para ser usado na linha do Brasil. Estes navios, essencialmente unidade de carga, podiam conter também, em seus amplos porões e, principalmente nos corredores, beliches de três tipos para os emigrantes. Se pensa que o *Fortunata Raggio* chegou a embarcar, naquele tempo, até 1.800 emigrantes,³ não é difícil imaginar o quadro que acolheu a Serva de Deus na sua partida de Gênova. Pobres, pobres, muitos pobres emigrantes. E cada um com sua bagagem de frustração e de ansiedade, da qual esperava poder libertar-se lá longe, na terra à qual, corajosamente esperava, ao dizer adeus às privações e à Pátria.

O nosso grupo se uniu, portanto, a estes pobres, mas sem identificar-se com eles, porque a única finalidade de seus componentes era o de chegar lá onde Deus o enviava, para colaborar ao projeto do bem em vista do qual foram escolhidos. Pe. Giuseppe, sua mãe, (Carolina Ghilarducci, viúva Marchetti), Assunta, as duas corajosas jovens de Compignano, (Maria Franceschini e Ângela Larini), partiam unicamente porque se sentiam chamados por Deus, e logo o demonstrarão.

Com elas, também as irmãzinhas menores da família do falecido Angelo Marchetti: Elvira, Filomena e Maria Luisa, respectivamente de quinze, nove e quatro anos,⁴ talvez as únicas a encarar, despreocupadamente, a aventura da viagem. Está documentado que também elas foram a Piacenza, testemunhas oculares dos momentos solenes vividos por sua mãe e pelos irmãos mais velhos, Giuseppe e Assunta.⁵ Foram as ‘primeiras órfãs’ que a Serva de Deus teve que cuidar, e agora a acompanhavam, para chegar com ela, ao Orfanato de São Paulo, onde muitas outras seriam beneficiadas com seu amoroso serviço. A viagem proporcionava ainda a oportunidade de rever

³ Cf. Pro SCHIAFFINO, *Le “Carrette” degli armatori genovesi*, Ed. Nuova Editrice Genovese, Gênova 1996, p. 55-56.

⁴ Cf. Anotações de Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, sobrinha da Serva de Deus, entregues à Ir. Laura Bondi, em 14 de junho de 1994, in *AGSS* 1.3.3. Marta Maria Luiza convalida sua afirmação dizendo ter tido conhecimento sobre o passaporte de Carolina Marchetti, sua avó materna, visto no Instituto Cristóvão Colombo por ocasião de uma exposição, organizada no aniversário de fundação do mesmo Instituto. Infelizmente, porém, este passaporte não pôde ser encontrado.

⁵ *Ibid.*

Angela,⁶ a irmã de vinte e dois anos que os havia precedido em São Paulo, acompanhando o marido, empenhado na construção do Orfanato Cristóvão Colombo, desde o início.⁷

Em 17 de novembro, o *Fortunata Raggio* atracava, finalmente, na Ilha Grande, na baía do Rio de Janeiro, em águas brasileiras, e lá, a Serva de Deus e o grupo que a acompanhava viveu dois momentos de intensa e comovida felicidade: Pe. Marchetti celebrou a Missa e distribuiu a Primeira Comunhão a, aproximadamente, oitenta e três crianças, preparadas durante a longa travessia do oceano e, as quatro Irmãs, receberam o véu monástico, substituindo o lenço de seda que usavam para cobrir a cabeça. Depois de três dias, exatamente na manhã do dia 20 de novembro, chegaram a Santos e, à tarde do mesmo dia a São Paulo, no bairro do Ipiranga, onde foram hospedadas pela compatriota a Sra. Giorgia Paradisi. Em seguida, foram, por dois dias, junto às Irmãs de São José, encarregadas da Santa Casa de Misericórdia, de

⁶ Ângela Marchetti foi cozinheira no Orfanato até 1914, ano em que retornou, viúva, à Itália. Morreu em Viareggio, no dia 29 de junho de 1950 (Cf. Anotações de Marta Maria Luiza Marchetti Zioni entregues à Ir. Laura Bondi, em 1984, cit. in M. FRANCESCONI, *Storia della Congregazione Scalabriniana*. Vol III. - *Le prime missioni nel Brasile (1888-1905)*, Centro Studi Emigrazione, Collana “Sussidi” - 4, Roma 1973, p. 137). A lembrança, em AGSS, 1.3.3, impressa na Itália, no trigésimo dia de sua morte, assim a recorda: «Simplicidade de fé e de costumes, fortaleza cristã, refulgem na vida de Angela Marchetti que, do exemplo do heróico irmão missionário e da escola da Companhia de Santa Ângela, aprendeu a doar-se em serena alegria, esquecendo-se de si, para o bem dos outros». Em 1950, quando a lembrança foi impressa, a Serva de Deus havia falecido apenas há dois anos e a fama de sua santidade ainda não havia chegado à Itália, de onde estivera ausente, por bem cinqüenta e três anos. Por esta razão, se acena somente «ao heróico irmão». Este documento tem o mérito de dar-nos a conhecer que outro rebento da humilde família de Angelo Marchetti havia experimentado a atração por Deus, de tal modo que realizou uma especial consagração a Ele, depois de sua viuvez.

⁷ Que Ângela estivesse em São Paulo antes da chegada da Serva de Deus é confirmado também pela seguinte carta de Pe. Marchetti: «Excelentíssimo Senhor Doutor, eis-me a cumprir o meu dever para com V.S. depois de regressar a São Paulo. Fiz uma viagem muito feliz, seja espiritualmente, seja em favor da obra. Encontrei velhos abandonados que foi necessário recolher com os órfãos, pois são, verdadeiramente, mais infelizes que os pequenos. Peço-lhe, portanto Senhor Doutor, digne-se entregar à minha irmã os sacos de cal para trabalhar e fazer coisas úteis para a obra que iremos inaugurar no próximo dia 25 de novembro, como espero [...]» (Carta de G. Marchetti a V. de Azevedo, Ipiranga, 25 de setembro de 1895. Cópia em português in AGSS 1.2.; em italiano: L. BONDI, *Alcuni scritti inediti per richiamare e approfondire la figura di Padre Giuseppe Marchetti*, Scuola tip. Don Orione, Borgonovo Valtidone (Pc), 1995, p. 59).

São Paulo. Depois, voltaram ao Ipiranga e aí se estabeleceram na velha casa de propriedade do Dr. José Vicente de Azevedo, junto ao Museu Paulista, onde permaneceram por um mês, à espera que o Orfanato Cristóvão Colombo estivesse em condições de recebê-las. O edifício foi inaugurado no dia oito de dezembro, festa da Imaculada Conceição. Esta data colocou fim ao seu peregrinar, já que, sem demora, assumiriam a direção do Orfanato e o cuidado dos órfãos, por quem eram esperadas.⁸

NO ORFANATO CRISTÓVÃO COLOMBO

Desde o início da construção do edifício do Ipiranga chegavam pedidos de admissão e, no dia 8 de dezembro de 1895, a pequena comunidade das *Servas dos órfãos e dos abandonados no exterior* tinham sob seus cuidados, vinte órfãos.⁹ No início, os alunos eram admitidos em duas sessões, a masculina e a feminina, no mesmo edifício, sem distinção de nacionalidade e de idade. No Programa do Orfanato,¹⁰ constava que o Instituto se propunha a preparar bons operários e bons cidadãos, os órfãos dos infelizes emigrantes que, no mar ou nas colônias, tivessem perdido a vida; e de acolher também crianças que, embora não fossem órfãs, eram deixadas à vadiagem.¹¹

«A primeira obra da Congregação foi o Orfanato Cristóvão Colombo, destinado aos órfãos dos emigrantes italianos e aos órfãos dos autóctones. Esta obra era dirigida pelo Pe. Marchetti».¹²

«Em 8 de dezembro de 1895 deu-se a inauguração do primeiro Orfanato, que foi entregue, a partir deste dia, à Superiora das ‘Servas dos órfãos e dos abandonados no exterior’, Sra. Rev. Carolina Marchetti».¹³

⁸ Cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 4-5.

⁹ Carta de G. Marchetti a G. B. Scalabrini, Ipiranga, 12 de dezembro de 1895, cópia in *AGSS* 1.2.

¹⁰ Cf. G. MARCHETTI, *Orphelinato de Artes e Offícios “Cristovam Colombo - Programma”*, São Paulo, 10 de março de 1895. Cópia in *AGSS* 1.2.

¹¹ No mesmo programa, se especificava que os meninos com menos de seis anos estariam sendo recolhidos em uma sessão à parte, da qual se ocupariam diretoras específicas.

¹² No relatório geral de prestação de contas das despesas para o Orfanato, de Pe. José Marchetti. Ipiranga, 12 de janeiro de 1896. *AGSS* 1.2.

¹³ Cf. *Brevi Ceni*, cit., p. 6.

Quanto à Serva de Deus, ao contrário, sabemos que foi nomeada ecônoma da casa,¹⁴ confirmando o bom senso do qual já havia dado prova no moinho de La Fabbrica, de Camaioire. Porém, aqui, devia mostrar uma habilidade administrativa verdadeiramente singular, porque se tinha acreditado na caridade dos bons, dos colonos dispersos nas fazendas do Estado de São Paulo e dos mesmos fazendeiros *que* Pe. Marchetti visitava periodicamente,¹⁵ mas, sobretudo, na Providência, que constantemente dava prova da sua assistência solícita. Significativa a este respeito, a parte de uma carta de Pe. Marchetti a Scalabrini:

«Ontem fiz as contas gerais com a Casa fornecedora, de tudo, não excluindo o dinheiro e, para minha surpresa, encontrei um saldo de 25 contos!»¹⁶

Ter saldo era um verdadeiro milagre. Antes do Natal as pioneiras tiveram a alegria de um encontro oficial com o Bispo de São Paulo,¹⁷ visita que deve tê-las encorajado e confortado bastante, do momento que o ilustre Prelado dignou-se admirar explicitamente o bom critério da Superiora.¹⁸

SOMBRAS E LUZES DA FÉ

Nos primeiros meses de permanência em terra brasileira, o missionário Pe. Giuseppe e as *Servas dos órfãos e dos abandonados no*

¹⁴ Cf. M. FRANCESCONI, *Storia della Congregazione Scalabriniana*, Vol. III. Le prime missioni nel Brasile (1888 – 1905), CSER, 1973, p. 137.

¹⁵ «Nos 30 dias que estive embrenhado pelo interior, o Senhor deu-me a oportunidade de fazer 72 pregações, de confessar 2.600 pessoas, de legalizar uma infinidade de matrimônios irregulares e, o que mais conta, de dar a primeira Comunhão a 720 jovens, entre os quais, alguns já casados e, quase todos maiores de 16 anos, e são italianos!» (Carta de G. Marchetti a G. B. Scalabrini, São Paulo, 17 de março de 1896, cópia in AGSS 1.2).

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, bispo titular de Argo, nasceu em 1848 em Pernambuco, diocese de Olinda, e em 1892 tornou-se bispo coadjutor de São Paulo (Anuário Pontifício - Ano 1895). Em 1905 tornou-se Cardeal, o primeiro sacerdote latinoamericano nomeado cardeal. (Cf. *Tudo-Dicionário Enciclopédico Ilustrado*, Ed. Abril Cultural, 1977, p. 124). Em 1897 publica uma carta em favor do Orfanato Cristóvão Colombo (J. Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Carta a quantos a lerem, São Paulo, 12 de março de 1897. Cópia in AGSS 1.2.3).

¹⁸ Cf. Carta de G. Marchetti a G. B. Scalabrini, Ipiranga 12 de dezembro de 1895. in AGSS 1.2.

exterior tiveram que enfrentar muitas provas, mas Deus sempre esteve presente, sustentando-os com tantos favores visíveis. Um mês após a inauguração do Orfanato, da qual as ‘Servas’ tinham participado, já com a cabeça coberta com um véu preto, sobreposto a uma faixa branca que escondia os cabelos,¹⁹ a Serva de Deus adoeceu gravemente com tifo. Também Pe. Giuseppe sentiu-se maleteve que comprar um cavalo, porque as pernas já não agüentavam. Desde Piacenza, ou seja, do Fundador, que para Pe. Marchetti era também seu Superior, não chegava nem sequer uma linha, e isto provocava certa angústia em todos, especialmente no jovem missionário que sentia falta de um coirmão com quem partilhar as fadigas apostólicas e a quem pudesse confiar a celebração Eucarística para as ‘Servas’ nos períodos em que devia deixá-las, para exercer o seu ministério nas fazendas, ministério que, além de tudo, garantia o pão aos órfãos. Profundamente responsável pelas pessoas que o haviam seguido, desejava poder oferecer-lhes toda a ajuda possível para consolidar sua resposta vocacional.²⁰ Exatamente a este propósito, tinha já projetado um Noviciado para as Irmãs, como comunicará ao fundador na carta de 25 de março de 1896.²¹ Neste ínterim, o Governo concedia água gratuita para o Orfanato, canalizando-a especialmente para este edifício, e os órfãos afluíam, a tal ponto que depois de poucos meses da inauguração, eram já quarenta. Finalmente, chegaram depois, dois escritos muito esperados, de Dom Scalabrini: um, endereçado ao bispo de São Paulo, Mons. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti que era uma apresentação oficial do missionário Marchetti e da sua obra, expedido quatro meses antes, e o outro, o de março de 1896, para o Pe. Marchetti, que lhe havia calorosamente solicitado na carta de 31 de janeiro de 1896.²² O Bispo de São Paulo responderá prontamente dando notícias lisonjeiras sobre a presença scalabriniana no Ipiranga e assegurando, de sua parte, estar disposto a fazer todo o possível para a Congregação de São Carlos e para as ‘Servas dos abandonados’.²³ Pe.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ Cf. Carta de G. Marchetti a G. B. Scalabrini, São Paulo, 12 de janeiro de 1896, cópia in *AGSS* 1.2.

²¹ Carta de G. Marchetti a G. B. Scalabrini, São Paulo, 25 de março de 1896, in *AGSS* 1.2.

²² Carta de G. Marchetti a G. B. Scalabrini, São Paulo, 31 de janeiro de 1896, cópia in *AGSS* 1.2.

²³ Carta de J. Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti a G. B. Scalabrini, São Paulo, 19 de

Marchetti, por sua vez, respondendo ao que lhe chegou com uma forma que contradiz, de algum modo, sua jovem idade, mas que encanta pelo seu candor, escreve: «*Deo gratias!* Como me lamentava sem razão! Foi descuido do correio e, que descuido! Agora, porém, recebi a carta e estou verdadeiramente contente!»²⁴

Em março de 1896, chegavam a Piacenza notícias gratificantes a respeito das ‘Servas’: era reconhecido o bom espírito que as animava e valorizado ao máximo o empenho assumido por elas na condução do Orfanato. Tais notícias estavam incluídas na carta de Pe. Domenico Vicentini a Scalabrini, depois de sua viagem a São Paulo, que terminava com estas palavras: «As Irmãs realizam obra de sacrifício e utilíssima para o Orfanato; sem elas certamente não se faria nada para estes pequeninos».²⁵

Assunta tinha decididamente assumido o caminho da caridade e do serviço, juntamente com o da humildade. Aquela que, um dia, assinará suas cartas com a expressão “vossa humilde serva” tinha começado cedo a ser, no Orfanato Cristóvão Colombo, a amável, incansável serva dos pequenos hóspedes daquele Instituto, conformando pouco a pouco aquela imagem de si que será recordada pela posteridade como *heroína da caridade*. Uma testemunha coloca em evidência algumas particularidades a respeito de seus compromissos pessoais:

«Trazidas das fazendas por Pe. Marchetti, as pobres crianças chegavam ao Orfanato com um aspecto miserável. A cabeça provocava repulsa. Mãos e pés adormecidos pela quantidade de parasitas que deformavam os pequenos dedos. Limpar esta “sujeira”, cobertas de farrapos, era uma tarefa que a Serva de Deus não cedia a ninguém. Em pouco tempo, aquelas pobres criaturas começavam a sorrir ao calor do afeto que lhes oferecia a nova mamãe. Os recém nascidos, apesar de que no Orfanato faltasse uma técnica moderna própria dos jardins de infância, eram maravilhosamente cuidados pela Serva de Deus, que de noite se

fevereiro de 1896: «Estou muito feliz com a obra do seu Pe. Marchetti. No começo, pela falta de experiência, e também pela idade, cometeu, algumas falhas; mas hoje, que já aprendeu a conhecer os homens e as dificuldades, está muito bem e age como verdadeiro apóstolo» (M. FRANCESCONI, *Storia della Congregazione Scalabriniana*, Vol. III, cit., p. 136).

²⁴ Carta de G. Marchetti a G. B. Scalabrini, São Paulo, 17 de março de 1896. Cópia in AGSS 1.2.

²⁵ M. FRANCESCONI. *Storia della Congregazione Scalabriniana*, Vol. III, cit., p. 136.

levantava por causa eles, respondendo ao mínimo chamado e chegando até a satisfazer seus caprichos. Deitava-se com uma veste leve para poder atender ao primeiro chamado dos seus assistidos».²⁶

Entretanto a pequena comunidade, e também a Serva de Deus, pôde valer-se da concreta orientação das Constituições, redigida em suas linhas essenciais pelo mesmo Pe. Marchetti que, como lhe havia indicado Dom Scalabrini ao partir de Piacenza, escreveu, tomando como modelo as Regras das Visitandinas, depois de ter suprimido os capítulos sobre a clausura. Estas Regras, da qual se conserva o manuscrito original,²⁷ dizem, entre outras coisas, que o Instituto feminino deveria ser considerado simplesmente um ramo do masculino. Para confirmar, reportamos dois parágrafos:

«O Instituto é governado por uma Superiora, denominada Madre Superiora, a qual, sob a obediência dos legítimos superiores, governa a Congregação no espírito das Constituições, aprovadas pelo Superior Geral».²⁸

«A congregação das ‘Servas’, no que se refere à administração dos bens, dependerá em tudo e para tudo, do Provincial, o qual, conforme o programa das casas-Orfanatos deverá encarregar-se da administração exterior e temporal, e isto para que elas estejam mais disponíveis para os exercícios espirituais e para que exista um vínculo bem estreito entre as casas dos Missionários e das Missionárias, para melhor conservar o espírito das Constituições comuns».²⁹

O Superior Geral das ‘Servas’ era, portanto, o Superior Geral dos Missionários de São Carlos e as Constituições, eram absolutamente comuns entre os dois Institutos. Neste espírito de estreito entendimento com a congregação masculina, no dia 25 de abril de 1896, exatamente seis meses depois dos votos pronunciados no episcopado de Piacenza, todas as ‘Servas’ não hesitaram renová-los por igual período. Recebia a primeira renovação prometida ao Senhor, Pe. Marchetti, como nos

²⁶ Ir. Leticia Negrisoló, Perfil biográfico inédito da Serva de Deus, cit., p. 4.

²⁷ G. Marchetti, *Primeiras Regras das «Servas dos órfãos e abandonados no exterior»*, Manuscrito, 1895, original no arquivo das Irmãs MSCS da Província de São Paulo. Fotocópia in AGSS 1.4.2.

²⁸ *Ivi*, Cap. I, Governo do Instituto, p. 45.

²⁹ *Ivi*, Cap. III, Administração dos bens, p. 48.

conta *Brevi Cenni*, segundo a delegação recebida de Dom Scalabrini.³⁰ Quatro meses antes, talvez durante a redação das primeiras Regras, Pe. Marchetti havia também solicitado ao Fundador “«a ratificação escrita da Congregação nascente, com a obrigação dos votos semestrais no início, depois anuais, depois perpétuos e todas as faculdades especificadas que eram concedia a ele e às Servas»”.³¹

Da cerimônia de 25 de abril, marco fundamental, sobretudo do caminho vocacional de Assunta, que será fiel às promessas daquele dia por bem cinqüenta e três anos, permanece a carta enviada pela superiora, Ir. Carolina Marchetti, ao Fundador em nome do grupo, para informá-lo sobre o quanto, por graça de Deus, tinham celebrado. Tal carta é digna de consideração porque revela aspectos concretos da realidade que se vivia na jovem comunidade das ‘Servas’ e a coragem e perseverança exigida às mesmas. É a seguinte:³²

«Excia. Ilma. Revma,

Este dia foi solene para nós, embora o tenhamos passado, deixando-nos todas sobre a cruz! Como passaram rápidos os primeiros seis meses! Certamente passarão com a mesma rapidez os outros seis, pelo que estamos apressadas em nos estreitarmos novamente a Jesus, nosso dulcíssimo Esposo. A circunstância não foi propícia para nossa caríssima Ir. Maria do SS. Sacramento. Estava acamada e, talvez, para não mais restabelecer-se! Como a solenidade foi comovente!

Na Capela do Colégio nesta manhã, estavam 40 (*sic*) jovens operárias, antes em maus caminhos, recebendo, depois a primeira Comunhão das mãos do Pe. Giuseppe. Em dado momento, o nosso Padre, com o SSmo nas mãos, disse: Filhas, neste momento nós experimentamos a doçura da união com Jesus. Na parte de cima, está acamada uma Esposa do Senhor que deseja Jesus, quer consagrar, novamente, a Ele sua vida, quer renovar-lhe o Compromisso Esponsal; vinde, vede... E Ir. Maria, com as demais, diante da Hóstia Santa, renovaram os Santos Votos. A agonizante esposa de Jesus morre vítima do seu dever, do seu zelo; seja louvor a Deus! É a morte de São Luis. O bom Deus mandou quem a substitua. As coisas vão bem, só sofremos porque não podemos fortalecer nosso ânimo na companhia de Jesus, pois quando o Padre não está, não temos nem a

³⁰ Cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 3.

³¹ Cf. Carta cit., de G. Marchetti a G. B. Scalabrini, Ipiranga, 12 de dezembro de 1895, cit.

³² Carta de C. Marchetti (Irmã) a G. B. Scalabrini, São Paulo, 26 de abril de 1896, in *AGSS I.2*.

Santa Missa. Que sofrimento! Os alunos são muitos, o Padre mandou duplicar este colégio do Ipiranga. Bendito seja Deus, porque nos ajuda de fato! O nosso Padre é caluniado, perseguido, invejado, mas não faz caso e, segue adiante com as obras. Encarrega-nos de saudar da parte dele e de [ilegível] V. Excia. Ilma. e Revma e pede Sua Bênção.

Por caridade, abençoe as suas ‘Servas’ e as futuras ‘Servas’ que estão em experiência 5, (sic) mas especialmente a mim, que com profundo obséquio, me confirmo

De V. Excia. Ilma e Revma.

Uma e Oblma. Filha

Irmã CAROLINA MARCHETTI».

Os pontos mais significativos da carta são: as ‘Servas’ renovam os votos por outros seis meses, de acordo com as primeiras Constituições;³³ Ir. Maria Franceschini, de apenas vinte e três anos, está gravemente enferma;³⁴ chegaram novas vocações. De fato, Pe. Marchetti, com autorização do Bispo de São Paulo, havia admitido, como postulantes, duas tirolesas, Maria Bassi e Camila dal Ri³⁵ e, em uma carta a Dom Scalabrini podemos ler:

«O Senhor mandou-me outras duas ‘Servas’, mulheres exemplares, as quais não puderam entrar com as Missionárias de São José, uma por causa da idade avançada e outra, porque viúva. Ambas tinham sido educadas no espírito Apostólico pelo Pe. Parisi, jesuíta, e nosso diretor espiritual».³⁶

Não é de se admirar que sejam recebidas entre as ‘Servas’ aspirantes que, pelos motivos acima referidos por Pe. Giuseppe, tinham sido rejeitadas por outras Congregações: com Carolina Marchetti, viúva de quarenta e sete anos, nomeada superiora das ‘Servas’, foi, por assim dizer, uma afirmação tácita de que a idade madura e viuvez não seriam obstáculo para a admissão de tais candidatas. Estas primeiras

³³ «Por enquanto confirmarão solenemente seus votos cada seis meses» (*Primeiras Constituições*, cit., p. 6).

³⁴ Tratava-se de tuberculose, uma doença que naquele tempo não perdoava (cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 14).

³⁵ Cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 6.

³⁶ Carta de G. Marchetti a G. B. Scalabrini, Ipiranga, 12 de dezembro de 1895, cit.

Irmãs que as ‘Servas’ receberam no Ipiranga,³⁷ as primeiras, ao menos de que se tem notícia e, nestes primeiros passos da vida religiosa e missionária da Serva de Deus, no longo caminho que a levou pela via da santidade.

³⁷ No transcurso das narrações fez-se referência, mais vezes, a este lugar. *Ipiranga* é um nome de origem indígena: tupi-i = rio vermelho. Indicava, de fato, o rio que atravessa a cidade de São Paulo, um rio de águas avermelhadas. A origem do Ipiranga, como localidade distinta do rio, remonta ao século XVI, quando o seu nome aparece já na história, citado como o lugar de parada para os viajantes que podiam desfrutar da água do rio homônimo. Pelo fim do século XIX, o nome passou a compreender parte das terras e das colinas situadas entre o rio Ribeirão do Ipiranga e o pequeno rio do Moinho Velho. Nas últimas décadas daquele século, o tempo que mais nos interessa, era um subúrbio isolado, uma zona periférica da cidade de São Paulo. Foi povoado, sobretudo pelos italianos e portugueses, principalmente depois da proclamação da Independência do Brasil (1822), da qual este bairro foi o berço. Os italianos tiveram o mérito de começar a urbanização (cf. *Gazeta do Ipiranga*, “periódico semanal”, 28 de Setembro de 1994, São Paulo).

CAPÍTULO VII

RUMO AOS PRIMEIROS VOTOS PERPÉTUOS (1897)

A MORTE DE PE. GIUSEPPE MARCHETTI

As ‘Servas’ deveriam renovar seus votos no dia 25 de outubro de 1896, quando estava previsto que os renovariam por um ano,¹ no dia 25 de abril de 1896, data em que se fez referência, no capítulo anterior, e ninguém podia imaginar que isto não aconteceria. De fato, a celebração de 25 de outubro, esperada como fonte de renovadas energias, encontrou espaço, como se verá só no coração das generosas missionárias.

Depois do dia 25 de abril, a vida continuava ainda mais fervorosa e ativa para as ‘Servas’, comprometidas com delicadas tarefas. A Serva de Deus era ecônoma e sua mãe superiora; também as duas companheiras da primeira hora tinham recebido uma missão específica: Ir. Angela Larini era a enfermeira da comunidade, e Ir. Maria Franceschini, embora enferma, a mestra de formação das postulantes.² As ‘Servas’

¹ Cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 9.

² O Orfanato Cristóvão Colombo tinha, certamente, necessidade de pessoal para sua condução. In M. FRANCESCONI, *Storia della Congregazione Scalabriniana*, Vol. III, cit., p. 137, algumas informações confirmam esta necessidade: «No Orfanato exerciam, respectivamente, as funções de cozinheira e de mestra da seção feminina duas irmãs de Ir. Assunta, Angela [de quem já se falou] e Elvira». Na mesma obra é também confirmada a presença de um de seus irmãos, que trabalhava como padeiro assalariado. Poder-se-ia desaproveitar toda esta parentela em uma casa religiosa. Porém, parece que se possa justificar, por exemplo, com um trecho da carta de 4 de abril de 1895 de Pe. Giuseppe a Dom Scalabrini: «As Colombinas, por enquanto, serão *damas de caridade*; quando tiverem dado prova, poderão, de fato, formar uma congregação».

consideravam prioritário o estudo das Constituições, as quais, desde as primeiras páginas, ressaltavam que, «para alcançar rapidamente o fim, dever-se-ia transformar em sumo e sangue o conteúdo das Constituições».³

Particularmente preocupadas pela prolongada ausência de Pe. Marchetti, sempre solícito por servir espiritualmente os pobres imigrantes e buscar o pão para os órfãos que aumentavam cada dia, e no começo de 1896 quase chegavam a ser oitenta.⁴

Sua ausência⁵ não era sem consequências para a comunidade nascente; essa significava realmente a falta da Missa quotidiana, a diminuição da orientação espiritual, que somente o Pe. Giuseppe estava em condições de proporcionar de modo adequado, e um aumento de trabalho e de preocupações para as Irmãs que, ainda não inculturadas, tinham que assumir a responsabilidade *ad intra* de sua pequena comunidade e *ad extra* do Orfanato. Desta forma, chega o mês de outubro, mês que assinala um ano da partida das Irmãs da Itália e mês no qual deveriam renovar os votos.

No dia 3, dia em que completou seus vinte e sete anos, Pe. Marchetti estava no Orfanato, onde, em vista de uma missão particularmente comprometedoras que ele esperava realizar na companhia de um coirmão, renovava os votos religiosos⁶ de pobreza, castidade, obediência, aos quais acrescentou outros dois: aquele de caridade e aquele de não perder nem mesmo um quarto de hora de tempo em vão. À cerimônia da renovação dos votos do irmão, participou trazendo-lhe, sem dúvida,

A superação do tempo ‘de prova’ porém, não parece ter sido rápido, por isso, não há nada de contraditório, se Giuseppe e Assunta Marchetti tenham comprometido seus irmãos de sangue no serviço aos órfãos.

³ G. Marchetti, *Primeiras Constituições*, cit., p. 3.

⁴ Cf. G. SANTANELLO, *Fundação e vida do Asilo*, sem destinatário e sem data, manuscrito. Cópia in AGSS I.2.

⁵ «Há 65 dias que viajo no meio de bosques e da febre amarela» (Carta de Pe. G. Marchetti a Pe. G. Molinari, Campinas, 18 de agosto de 1896, in AGS ID-21).

⁶ O missionário esperado era o Pe. Marco Simoni (cf. M. FRANCESCONI, *Come una meteora*, cit., p. 42.). Mas Pe. Simoni chega a São Paulo somente em 1897, depois da morte de Pe. Marchetti para colaborar com Pe. Faustino Consoni que, como se dirá, sucederá a Pe. Marchetti na condução do Orfanato (cf. carta circular de Angelo Ceccato para anunciar, em 1952, a morte de Pe. Marco Simoni à Congregação, Orig. in AGS DE 42-07-40).

edificação, também à Serva de Deus, como aparece confirmado na fórmula, usada por Pe. Marchetti, que começa exatamente, assim:

«Onipotente Senhor, aqui diante de Vós, na presença de toda a corte celeste, de Maria Santíssima, destas Irmãs e destes meus filhos, eu renovo o meu sacrifício unindo-me a Vós perpetuamente [...]».⁷

Há alguns meses, Pe. Marchetti já não estava bem de saúde; apesar disso, depois do seu aniversário, partiu ainda sozinho e, nove dias depois, já estava nas fazendas de Ribeirão Preto,⁸ de onde escreveu a Dom Scalabrini ressaltando a miséria dos pobres italianos, «que faria compadecer até o coração dos tigres».⁹

A sua meta primordial era, porém, a zona de Jaú,¹⁰ que deveria, literalmente, “queimar-lhe” as energias.¹¹

⁷ Fórmula dos votos renovados em parte e, em parte, emitidos pela primeira vez por Pe. Giuseppe Marchetti, missionário de São Carlos, 3 de outubro de 1896. Cópia in AGS ID-21.

⁸ Ribeirão Preto, SP (Brasil), (400.000 hab.), cidade situada às margens do rio homônimo. Importante centro comercial (café, algodão, cereais) com indústrias mecânicas, químicas, de fumo e de alimentos (Cf. *Enciclopedia Geografica Commerciale*, Instituto Geográfico De Agostini, Vol. VI, KZ, p. 991).

⁹ Carta de G. Marchetti a G. B. Scalabrini, Ribeirão Preto, de 12 outubro de 1896, cópia in AGSS.

¹⁰ «Jaú, na época, estava distante 600 km da cidade de São Paulo» (Carta de F. Consoni a Pe. G. Molinari (vigário geral), São Paulo, 22 de julho de 1897, in AGS ID-21).

Jaú, Estado de São Paulo, Brasil. Os “bandeirantes”, (conquistadores de terras, ouro, prata e pedras preciosas) que se dirigiam a Cuiabá (planalto central do Brasil), tinham pescado no rio Tietê, na embocadura de um riacho, um peixe denominado Jaú. Aquele lugar passou a ser conhecido a partir de então como “Barra do Ribeirão do Jaú”. A fundação de Jaú remonta a 15 de agosto de 1853, quando alguns habitantes da região pertencente ao município de Rio Claro, Região de Araraquara, decidiram organizar uma comissão para iniciar a fundação de uma nova cidade. A tarefa foi empreendida por Manoel de Moraes Navarro, pelo tenente Manoel Joaquim Lopes, pelo capitão José Ribeiro de Camargo e por Francisco Gomes Botão. O terreno compreendia aproximadamente 40 hectares desde a margem esquerda do rio Jaú e do riacho Figueira. O primeiro pároco de Jaú, Pe. Joaquim Feliciano Amorim Sigar e o capitão José Ribeiro de Camargo foram os demarcadores do plano da nova cidade.

Jaú, hoje, a 300 km de São Paulo, localiza-se no centro-oeste paulista. O clima é quente, com inverno seco. No início, a economia de base era a agricultura, cuja produção era café, cana de açúcar, algodão e cânhamo, e isto explica o interesse de Pe. Marchetti pela zona, uma zona de imigrantes, *Enciclopédia dos Municípios brasileiros*, planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira, Vol. XXIX, Rio de Janeiro 1957, p. 35-36).

¹¹ Cf. F. CONSONI, *Il Missionario e l'Orfano*, número único, in *Orphanato Christovam Colombo. Comemoração da morte de Pe. Giuseppe Marchetti*, São Paulo, 14 de dezembro de 1902. AGS

Esta longa viagem o forçou a uma prolongada ausência, que impediu às ‘Servas’ de renovar seus votos religiosos regularmente no dia 25 de outubro. Pe. Marchetti, de fato, era a única pessoa oficialmente delegada por D. Scalabrini para receber as promessas das Irmãs¹² e, naquele dia, ele estava longe, muito longe,¹³ já que, naquela época, Pe. Giuseppe era o único missionário scalabriniano presente na região de São Paulo.¹⁴ A cerimônia dos votos foi adiada, e os acontecimentos que se seguiram a deixaram suspensa por longo tempo.

Ele voltou ao Ipiranga somente no dia 20 de novembro:¹⁵ extenuado, sem forças, com febre, atormentado pelas dores reumáticas, mas ainda não totalmente vencido. Oito dias depois teve que se entregar¹⁶ por causa do tifo, enfermidade que o levará à sepultura no dia 14 de dezembro,¹⁷ com apenas vinte e sete anos e dois meses de idade.

É inútil tentar descrever a aflição de sua mãe, Irmã Carolina, da irmã, a Serva de Deus, e dos 180 órfãos que tinham encontrado no Orfanato uma casa,¹⁸ e, em Pe. Marchetti um verdadeiro pai.¹⁹ A partida

ID-21.

¹² *Brevi Cenni*, cit., p. 3.

¹³ Estava em Jaú, aproximadamente a 300 km de São Paulo.

¹⁴ «O iniciador da obra scalabriniana no Estado de São Paulo — prescindindo do trabalho de preparação de Pe. Pietro Colbachini — foi Pe. G. Marchetti» (M. FRANCESCONI, in *Storia della Congregazione Scalabriniana*, Vol. III, cit., p. 120).

¹⁵ G. PISANI, *Elogio pronunciado nas exéquias solenes do missionário Giuseppe Marchetti*, Lucca, Igreja do Sufrágio, 3 de abril de 1897, p. 41. Cópia in AGSS 1.2.

¹⁶ Cf. F. CONSONI, *Il Missionario e l'orfano*, cit., p. 2.

¹⁷ Cf. *Fanfulla* (jornal cotidiano), São Paulo (Brasil), 16 de dezembro de 1896.

¹⁸ Cf. Carta de N. Pigato a G. Molinari, Ipiranga, 14 de dezembro de 1896. Cópia in AGSS 1.2.2. «Nascido em Mason Vicentino no dia 24 de dezembro de 1861, Pe. Pigato teve uma vocação contrastada: seus pais o obrigaram casar-se. Porém, a mulher e a filha morreram cedo e ele entrou no Instituto de Mons. Mander. Com o fechamento deste Instituto, viu-se obrigado retornar à casa. Em 1894 entrou na Congregação dos Missionários de São Carlos e, no ano seguinte, foi ordenado sacerdote pelo Venerável Fundador que o enviou ao Brasil. Chegou em São Paulo quando Pe. Marchetti estava morrendo, e assim teve que assumir o encargo de conseguir alimento para os órfãos. Pouco depois foi enviado ao Paraná, onde esteve em Santa Felicidade e Rondinha; doou tudo aos pobres, até sua camisa. Com suas orações, conseguiu paralisar uma onda de gafanhotos que infestavam a região; muitos episódios semelhantes são contados a seu respeito. Morreu em Rondinha no dia 11 de setembro de 1926 em conceito de santidade. Os italianos do Paraná o invocam como santo» (cf. *Menologio - Confratelli Scalabriniani* - 11 Settembre).

¹⁹ Cf. F. CONSONI, *Il Missionario e l'Orfano*, cit., p. 2.

de Pe. Giuseppe pode ser definida, sem sombra de dúvidas, a prova de fogo a que foi submetida Madre Assunta no Brasil.²⁰

Pe. Pigato, citado anteriormente, era o missionário enviado a São Paulo para oferecer sua colaboração ao Pe. Giuseppe. Quando chegou ao Orfanato, porém, foi acolhido, tal como conta ele mesmo na carta, pelo comovente espetáculo de gritos de dor dos órfãos e *das pobres Irmãs*, recolhidos em oração diante do altar da Virgem de Pompéia para obter a graça de que não lhes fosse tirada aquela pessoa querida. Pe. Marchetti morreu antes da carta ser enviada. Desta forma, antes de enviá-la, puderam inserir a triste notícia, assim descrita:

«Estou chocado pelo desespero de todos os pobres órfãos e das pobres Irmãs, ficando todos sem seu Pai, sem apoio, sem bens de subsistência onde buscar o sustento. Em casa (no orfanato) ninguém têm rosto humano, de tão abatidos. Que devo eu fazer?»²¹

Vários documentos de arquivo fazem referência à Serva de Deus em tão dolorosa circunstância mostrou grande fé, fortaleza, equilíbrio, embora tivesse apenas vinte e cinco anos e, apesar da dor pela perda daquele que havia sido para ela o orientador vocacional convincente, e o ponto de referência espiritual e humano constante.²² Por exemplo:

«Com a morte do irmão, Irmã Assunta e as outras Irmãs perderam o diretor e guia e, isto causou preocupação nas Irmãs que, a exceção de Ir. Carolina eram todas jovens. Irmã Assunta reagiu com serenidade e aceitou a morte do irmão submissa às disposições de Deus. O Trabalho junto aos órfãos, foi-lhe benéfico, pois funcionou como estímulo para a superação».²³

«Pe. Giuseppe morreu no dia 14 de dezembro de 1896, um ano depois da inauguração do Orfanato [e catorze meses depois da chegada das ‘Servas’

²⁰ Na tarde do dia 15 de dezembro aconteceu, de forma solene, os funerais de Pe. G. Marchetti (Cf. In memoriam: Publicação única para comemorar o primeiro centenário da morte de Pe. Giuseppe Marchetti, 1896-1996, p. 35, in *AGSS* 1.2).

²¹ N. Pigato, *Apêndice da carta enviada a J. Molinari*, Ipiranga, 14 de dezembro de 1896. Cópia in *AGSS*.

²² Cf. Recordações de uma sincera admiradora da Serva de Deus, in *APR*.

²³ Memórias deixadas ao Arquivo *APR* por um sobrinho da Serva de Deus, Alexandre Antônio Marchetti Zioni.

no Brasil]. Madre Assunta, diante de tão grande prova, demonstrou-se serena e aceitou humildemente a vontade de Deus». ²⁴

«A Serva de Deus, aceitava a morte, de modo confiante e mais do que resignado, ou seja, a encarava como algo bom para o cristão. Por isso, considerou a morte do seu irmão como a morte de um santo. As Irmãs, porém, ficaram em grande dificuldade». ²⁵

«Madre Assunta se encontrou sozinha, mas não se desesperou». ²⁶

«A Serva de Deus, pessoa equilibrada e de muita fé, aceitou com resignação a morte do irmão, não sem sofrer muito, porque a situação era difícil. Intensificou sua oração e sua união com Deus. Consolava sua mãe dizendo-lhe: “Coragem, mamãe! O nosso *Beppe* está no céu!”» ²⁷

Assunta tinha completado vinte e cinco anos no dia da festa da Assunção: restavam-lhe cinquenta e dois anos de caminho terreno, antes de reunir-se ao irmão que lhe tinha indicado a estrada da vontade de Deus.

Em data de 31 de janeiro de 1897, o secretário do Orfanato, Giuseppe Santanello, escrevia ao Reitor da Casa Mãe dos Missionários de São Carlos, Pe. G. Molinari, para esclarecer o pesado período que se seguiu depois da morte de Pe. Marchetti e para informar ao Superior distante, um intermediário seguro com Scalabrini, sobre a situação nada tranqüila em que se encontravam as Irmãs:

«Devo também, informar-lhe, Revmo. Padre, que aqui toda a comunidade das Irmãs se encontra sem a renovação dos votos, e Pe. Natale pede, a este respeito, instruções categóricas, se não seria o caso, de elaborar um regulamento apropriado e enviá-lo para cá, não sendo nem mesmo inoportuno prover a uma Madre Superiora, já que a atual terminou suas funções e está para voltar para a Itália. E já que se fala de tomar providências, o nosso Pe. Natale solicita a Sua Excia o Bispo, por meu intermédio, se ele pode receber no Instituto noviças, que se ouve dizer serem boas pessoas». ²⁸

²⁴ Escrito de Ir. Maria José Vasconcellos († 1989) que conheceu a Serva de Deus em 1927, in *AGSS* 1.3.

²⁵ Cf. Recordações da sobrinha da Serva de Deus Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, cit.

²⁶ Cf. Recordações da sobrinha de Madre Assunta Ana Lúcia Bianco, cit.

²⁷ Recordações transmitidas à Ir. Blandina Felippelli por uma Irmã scalabriniana († 2001) que conheceu Madre Assunta em 1924 e que, se encontrou, muitas vezes com ela. In *APR*.

²⁸ Carta de G. Santanello a G. Molinari, Ipiranga, 31 de janeiro de 1897. Cópia in *AGSS* 1.2.3.

O REGRESSO DE CAROLINA GHILARDUCCI MARCHETTI À ITÁLIA

«A morte de Pe. Giuseppe Marchetti trouxe a desolação aos ânimos dos componentes do Instituto, encontrando-se os mesmos diante de uma catástrofe».²⁹

Nos dois meses que seguiram à sua morte, Pe. Natale Pigato teve que assumir a responsabilidade do Orfanato. Ele, no dia de Natal, onze dias depois da morte de Pe. Marchetti, pegou de novo a caneta para enviar, sempre a Pe. Molinari, seu superior, uma carta de quatro páginas. Nela confirmou a situação de extrema precariedade em que se encontrava o Instituto que, apoiado unicamente na Providência divina, tinha o compromisso de prover a todas as necessidades de aproximadamente duzentas pessoas. Dizia ainda que se sentia incapacitado para a tarefa de conduzir aquele complexo de dificuldades e confessava experimentar a tentação de fugir de lá o mais rápido possível.³⁰

Não se tem conhecimento de que a Serva de Deus tenha sentido tal tentação.

«Onde esteve Madre Assunta após a morte de Pe. Marchetti? Nada sabemos de certo a respeito. Porém, considerando que o trabalho assistencial dos órfãos urgia sobre maneira, exigindo a presença constante da Madre Assunta, concluímos que esta jamais deixou o seu campo de trabalho no Brasil».³¹

Entretanto, Ir. Carolina, que passou à história como ‘Madre Marchetti’, escreveu a Dom Scalabrini. O escrito preanunciava outra provação para o coração de Assunta, já experiente em ver seus planos subvertidos por Deus e na superação dos momentos de tempestade com um digno, operoso, orante silêncio. A carta datada em 12 de fevereiro de 1897 foi, portanto, escrita dois meses depois da morte de Pe. Giuseppe.³²

²⁹ G. SANTANELLO, *L'orfanotrofio Cristoforo Colombo, São Paulo - Brasil. Fundação e vida do Orfanato*. Exposição de Milano do ano 1906, § 19. Orig. in AGSS 1.2.3.

³⁰ Cf. Carta de N. Pigato a G. Molinari, Ipiranga, 25 de dezembro de 1896. Cópia in AGSS 1.2.2.

³¹ Carta de V. Marchetti Zioni a L. Bondi, Botucatu, 26 de fevereiro de 1994. Orig. in AGSS 1.3.

³² Carta de C. Marchetti a G. B. Scalabrini, São Paulo, 12 de fevereiro de 1897, Cópia in AGSS

Ir. Carolina, depois de agradecer Scalabrini por ter participado da sua grande dor e depois de fazer aceno no conforto encontrado na contemplação da Virgem Dolorosa, acrescentava:

«Agora, uma preocupação que me atormenta é a família que, ficando aborrecida quer voltar à Itália, quer abandonar esta terra inóspita. E eu, em vista disso e diante desta obrigação, não posso decidir-me de fazer os votos perpétuos. Abandonar a família à deriva do mundo é uma consideração que me faz tremer e as súplicas dos meus filhos me convencem a retornar à Itália. [...] Mas Ir. Assunta prestará ainda sua colaboração neste Instituto³³ e todos nós rezaremos a fim de que o Instituto possa prosperar e os sacrifícios do meu filho sejam abençoados por tantos órfãos».

Carola Marchetti, portanto, preparava-se para partir da terra em que seu falecido filho a havia conduzido, deixando, desta forma, mais só a Serva de Deus que, no espaço de poucos meses, se encontrará órfã de quantos eram, humanamente, seu maior apoio. O motivo apresentado por Carolina ou Carola³⁴ para a partida: acima de tudo o desgosto de seus familiares no confronto de uma terra que se mostrou cruel pela morte de um familiar. A documentação encontrada, porém deixa entrever outros problemas. Contudo, há mais de um século de distância, é impossível estabelecer quais foram, verdadeiramente, os motivos que determinaram a decisão de Carola Marchetti, a menos que não se queira acreditar em uma carta sucessiva da mesma a Pe. Faustino Consoni.³⁵

1.3.5.

³³ Madre Assunta continuará, de fato, seu caminho destemidamente. Não foi encontrado nenhum dado que revele oscilação interior na Serva de Deus, que prossegue, apesar das feridas no coração, com a força de auto determinar-se sempre pela escolha do dever indicado pela vontade de Deus.

³⁴ De agora em diante, sempre se omitirá o título de “Irmã” diante do nome *Carola*.

³⁵ «Se parti do Brasil, não foi por minha própria vontade, nem por meu capricho; fui pressionada e, é bom que se diga, que até que aqueles dois Padres não me viram fora do Orfanato, não ficaram contentes; não sei qual seria a intenção deles, mas o certo é que me vi obrigada, embora tenha partido com o coração esperançoso de poder voltar a abraçar os meus órfãos. A causa principal que me fez deixar o Orfanato foi o de haver acordado com o Bispo de São Paulo, juntamente com o de Curitiba, que confirmaram como diretor o Pe. Natale Pigato» (Carta de C. Marchetti ao Pe. F. Consoni, Camaione, 10 de agosto de 1897. Cópia in *AGSS* 1.3.5). Outro documento significativo:

Carola voltou, portanto, à Itália, e sua carta a Scalabrini de 17 de junho de 1897 informa o seu endereço: Camaione, Via del Suffragio, a terra que a Serva de Deus, não mais verá. O conteúdo desta carta é interessante, sobretudo, porque faz referência a três pontos: Carola deixa intuir que voltava à Itália por causa do filho que deveria prestar o serviço militar; acrescenta ainda o desejo de voltar à obra que tinha sido muito recomendada pelo filho agonizante, embora se reconhecendo culpada de ter se distanciado; informa enfim sobre a situação a que foi obrigada a aceitar depois da morte de Pe. Giuseppe, e isto, torna mais compreensível sua improvisada decisão:

«Encontrei-me transtornada por achar-me assim abandonada, ou melhor, desprezada por aquele padre que passou a ser o diretor. Por isso, agora que meu filho está liberado do serviço militar e está para contrair núpcias, estou propriamente decidida de retornar a São Paulo. E se fosse indigna de voltar ao Orfanato como Religiosa, quero voltar ao menos como funcionária, mas morrer onde morreu meu filho. Dirijo-me, portanto ao senhor para que me autorize partir. Aliás, irei antes a Piacenza receber sua bênção e assim continuar até a morte servindo estes pobres órfãos. Estou certa de que Vossa Excelência desejará escrever-me uma carta de obediência como eu vivamente desejo».³⁶

Podemos imaginar quanto sofrimento teve que aceitar a Serva de Deus, depois daquele triste 14 de dezembro que a privou de um irmão tão significativo como era para ela e para sua família Pe. Giuseppe. Mas em seu desejo de entrar no Carmelo, sem dúvida a jovem Assunta tinha, também aspirado a uma vida de imolação e, gradualmente,

«Referi acima sobre a saída da Madre Superiora, a senhora Marchetti, mãe do falecido Pe. Giuseppe: é justo que se saiba como aconteceu este fato. Depois da morte do filho e depois de despedir alguns empregados que estavam prejudicando a Casa, a senhora Carola começou apresentar todo o tipo de males, uma espécie de alienação mental, a tal ponto que os médicos aconselharam mudança de ambiente. Foi mandada a um bairro da Cidade, e assistida como se deveria, mas, não dando sinais de melhora, as filhas disseram ao Pe. Natale que a Superiora esteve por nove anos naquelas condições, e que agora, simplesmente havia renovado a antiga doença. Foi então que o Diretor conversou com o Vigário e o Bispo de São Paulo, e estes lhe disseram que era necessário providenciar a qualquer custo uma superiora, não podendo mais contar com a antiga» (Carta de G. Santanello a G. Molinari, Ipiranga, 31 de janeiro de 1887, in *AGSS* 1.2.3).

³⁶ Cf. Carta de C. Marchetti a G. B. Scalabrini, Camaione, 17 de junho de 1897. Cópia in *AGSS* 1.3.5.

Deus lhe concedia, de outra forma, tudo aquilo que seu coração de fé pura e generosa tinha desejado. Assim, uma vez mais, senhora dos acontecimentos não vacilou, quase indiferente aos ventos contrários, sem inquietações incontroladas, confiante em Deus e, portanto nunca subjugada, nem mesmo pelo aumento de responsabilidade de que foi investida em força dos acontecimentos. «Substituiu a mãe, forçada a deixar a Vida Religiosa, na direção do Orfanato e do Instituto»,³⁷ vindo a ser o valoroso sustento humano da comunidade, onde se encontrava também uma jovem Irmã enferma com tuberculose:³⁸ Ir. Maria Franceschini. Como havia sido o eixo da família na morte do pai, assim também o foi desde então para o Orfanato e para a Congregação que tentava os primeiros tímidos passos.

Não se conhece a data da partida de Carola, mas foi antes da chegada³⁹ de Pe. Faustino Consoni ao Orfanato, pouco depois, convidado a continuar a obra de Pe. Marchetti.⁴⁰ Ele chegou no dia 4 de março de 1897, nomeado por Dom Scalabrini desde o mês de janeiro do mesmo ano. Com a chegada de Pe. Consoni abriu-se uma nova fase para a Serva de Deus, que chegara a São Paulo como primeira colaboradora daquele que só formalmente lhe fora anteposto, portanto, em uma situação privilegiada que lhe garantia certa posição de prestígio. Agora fará a experiência de estar concretamente subordinada a estranhos. Poderá, desta forma, expressar melhor sua vocação peculiar, aquela que diferenciará a sua história: o serviço humilde, constante, gratuito, tão espontâneo de parecer nela inato. Felizmente, Pe. Consoni demonstrará compreender o grande valor humano e espiritual daquela que os órfãos

³⁷ *Perfil Espiritual da Serva de Deus Madre Assunta Marchetti*, aos cuidados das Irmãs da Equipe da Postulação da Causa de Beatificação da Serva de Deus, São Paulo, dezembro de 1986, p. 60.

³⁸ Cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 14.

³⁹ F. Consoni, na sua primeira carta a G. B. Scalabrini, dirá que não encontrou a senhora Marchetti no Ipiranga e de não saber explicar o porquê da pressa da sua partida (Cf. Carta de F. Consoni a G. B. Scalabrini, São Paulo, 9 de março de 1897. Orig. in *AGS* ID-21).

⁴⁰ «Faustino caríssimo, eu o destinei a ocupar o lugar do saudoso Pe. Marchetti. Ele era um santo e vos ajudará certamente, do céu a levar adiante a obra fundada por ele. No seu lugar (em Santa Felicidade, Paraná) irá o Pe. Natale Pigato e com você, em São Paulo, ficará o excelente Pe. Marco Simoni. Filho querido, o Senhor me inspira grande confiança no seu trabalho» (V. Carta de G. B. Scalabrini a F. Consoni, Piacenza, 15 de janeiro de 1897, *AGS*, BA-9bis).

um dia será chamada com o terno apelativo de *mãezinha* e de saber apreciá-lo devidamente.

SOB A ORIENTAÇÃO DE PE. FAUSTINO CONSONI⁴¹

Depois da morte de Pe. Marchetti e da partida de Carola Ghilarducci, viúva Marchetti, do Brasil «as Irmãs experimentaram em todo o seu alcance a dificuldade do caminho incerto determinado pelo fato de ter permanecido sem um válido orientador».⁴² Se tudo isso era sofrido pelas Irmãs em geral, muito mais o era para a Serva de Deus, pela herança que lhe havia deixado sua mãe: aquela do pequeno mundo *in fieri*, constituído pela sua Comunidade religiosa e pelo mesmo Orfanato. Soube, porém, em força da virtude, seguir adiante e encontrar a chave da sua íntima paz no incondicional e silencioso serviço, feito com simplicidade.⁴³

Provavelmente é deste período o começo da doença também de Ir. Angela Larini, enfermeira da comunidade, talvez contagiada ao prestar seus caridosos cuidados à outra companheira da primeira hora, Ir. Maria Franceschini. De fato, entre os documentos encontramos:

⁴¹ «Faustino Consoni nasceu em Palazzolo sull'Oglio (Brescia) no dia 11 de dezembro de 1857. Lutou para encontrar o caminho certo: buscou percorrer a estrada franciscana, mas a saúde o deteve; queria ser o missionário, mas um tio o impediu enquanto fugia da casa. Aos 25 anos entrou no Instituto de Mons. Mander e de lá passou à congregação dos Missionários de São Carlos, tornando-se sacerdote aos 36 anos, ordenado pelo Fundador aos 31 de maio de 1893. Partindo para o Brasil, esteve dois anos em Santa Felicidade e, em 1897, com a morte de Pe. Marchetti, passou à direção do Orfanato C. Colombo de São Paulo, assumindo também a reitoria de Santo Antonio na cidade. Durante meio século foi ajuda para todos os necessitados, o confessor santo, a guia dos transviados; salvou bem quarenta sacerdotes. Passou pelas fazendas para proteger os direitos dos italianos. Pouca comida, cavalgadas por dias inteiros, debaixo do sol e da chuva, repousava à intempérie. Tudo isto fez dele o verdadeiro missionário. Foi superior provincial de toda a província de São Paulo durante os vinte anos seguintes à morte do Fundador. Teve bem no coração a Congregação das Irmãs scalabrinianas. Morreu no hospital Santa Catarina - São Paulo, no dia 12 de agosto de 1933, considerado e invocado por muitos como um santo. S. Pio X lhe concedeu, em 1905, a honra "Benemeriti" e, em 1911, lhe enviou um "breve". Vittorio Emanuele III, em 1927, concedeu-lhe o título de "cavaleiro da Coroa de Itália"» (*Menologio - Confratelli Scalabriniani* - 12 Agosto).

⁴² Cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 10.

⁴³ Cf. Escrito do sobrinho da Serva de Deus, Dom V. Marchetti Zioni, in *APR*.

«Madre Carolina Marchetti é aconselhada a voltar ao estado secular para acompanhar os filhos menores dos quais tinha sido tutor Pe. Giuseppe; as duas companheiras, Ir. Angela Larini e Ir. Maria Franceschini, estavam definhando na doação total aos órfãos; por tudo isso [e pelos dons que lhe eram próprios], do pequeno grupo pioneiro, somente Ir. Assunta podia estar em condições de assumir a árdua missão de guiar a nova família religiosa e de lhe imprimir a identidade».⁴⁴

Quando Pe. Pigato entregou a direção do Orfanato a Pe. Consoni, este

«deu-se conta de que se tratava de uma entrega bem magra, aliás, desastrosa: a caixa não possuía nada, a dispensa de alimentos estava quase vazia, o crédito quase totalmente abalado, cento e noventa órfãos para manter e quase todo o pessoal à espera do salário».⁴⁵

Mas Pe. Faustino não era homem que se entregava facilmente e, muito menos, o era a Serva de Deus: ambos permaneceram alicerçados sobre as dificuldades, ancorados em suas certezas interiores, cada dia à espera da mão providente de Deus.

A pesquisa realizada a este respeito forneceu quanto segue:

«Pe. Consoni foi nomeado por Dom Scalabrini para assumir a direção do Orfanato. Foi assim que ele entrou na vida da Serva de Deus, e se tornaram grandes amigos».⁴⁶ «Ele veio a ser grande amigo e conselheiro da Serva de Deus».⁴⁷ «Em março de 1897, veio definitivamente para o Orfanato, Pe. Consoni, que trabalhou com a Serva de Deus por muitos anos».⁴⁸ «O Orfanato passou por uma crise difícil e a Serva de Deus recorreu à ajuda do povo. Pediu ajuda a um senhor e este lhe respondeu com generosidade. Mais tarde a Serva de Deus veio saber que se tratava de um protestante».⁴⁹ «Pe. Pigato não conseguiu enfrentar as dificuldades inerentes à direção do Orfanato e veio Pe. Faustino Consoni, do Paraná. Existia grande afinidade entre este e a Serva de Deus, sobretudo, no

⁴⁴ Cf. *Perfil Espiritual*, cit., p. 8-9.

⁴⁵ G. SANTANELLO, *Fondazione e Vita dell'Asilo*, cit.

⁴⁶ Particularidade reportada por uma Irmã do Instituto, in *APR*.

⁴⁷ Elemento obtido na pesquisa de uma Irmã particularmente amiga da Serva de Deus, in *APR*.

⁴⁸ Cf. Recordações de Ana Lúcia C. Bianco, sobrinha de Madre Assunta, cit.

⁴⁹ Outro cartão que evidencia o valor da vida da Serva de Deus, in *APR*.

que diz respeito à caridade para com os órfãos». ⁵⁰ «Sem jamais querer aparecer, a Serva de Deus sabia sempre colocar os outros no primeiro plano, fazendo-o com a maior simplicidade». ⁵¹

Com a sua virtude conseguiu criar uma relação positiva, de estima recíproca entre ela e o novo Diretor. Tal estima durou no tempo, nunca foi desfeita e fez de Pe. Consoni o único sacerdote (depois do irmão, Pe. Giuseppe) em quem se pode perceber o sustento espiritual, o conselheiro prudente da Serva de Deus.

No dia 09 de março, cinco dias depois de sua chegada, Pe. Consoni escreveu uma longa carta a Dom Scalabrini. Mais que carta, poder-se-ia falar de uma relação detalhada da situação complexa e confusa, encontrada no Orfanato. ⁵² Entre as tantas coisas, ele informava o Bispo de Piacenza, seu superior, que pesava sobre o Orfanato uma grave situação de débitos e que também a família Marchetti gozava de um crédito de oito mil liras por dinheiro emprestado pelo falecido Pe. Marchetti e por pagamentos devido a prestações; lamentava ainda que no Instituto estivessem presentes tantos membros da família do falecido Missionário, entre os quais um avô e um tio, ⁵³ além das duas irmãs, respectivamente empregadas no Instituto: aquela viúva, como cozinheira e outra como professora. Sublinhava enfim a urgente necessidade de regularizar a situação das Irmãs «apresentando ao Bispo de São Paulo sua titulação» a qual, segundo o escrevente, anexava: «fundadas por Dom Scalabrini, bispo de Piacenza», que, por sua vez, deveria ainda aprovar as Constituições, escritas por Pe. Marchetti. Para Pe. Consoni era muito importante assegurar uma continuidade para as ‘Servas’, mais que admirável na sua tenaz fidelidade, capazes de

⁵⁰ Cf. Recordações de Ir. Leticia Negrisola († 2007), última superiora de Madre Assunta, in *APR*.

⁵¹ Notícia fornecida pelo bispo V. Marchetti Zioni, sobrinho da Serva de Deus, in *AGSS* 1.1.1.

⁵² Cf. Carta de F. Consoni a G. B. Scalabrini, São Paulo, 9 de março de 1897, in *AGSS* 1.1.1.

⁵³ Já foi dito que Antonio, o avô da Serva de Deus, e seu filho Giuseppe haviam emigrado para a América. Naquela época, emigrar além Oceano, significava simplesmente “ir para América”, sem preocupar-se de definir se seria América do Norte ou do Sul; consta ainda que «para o Brasil tenha ido 44,5% dos migrantes da América do Sul» (Cf. G. ROSOLI, *Un secolo d'emigrazione italiana*, 1876-1976, cit.): Entre estes, disse Pe. Consoni, devemos agora incluir também os parentes que precederam em São Paulo a Serva de Deus.

enfrentar de modo digno de honra o contexto ambiental, sobretudo anômalo ao qual se acenou anteriormente. Em outra parte da carta ele falava sobre a necessidade de estabelecer quem deveria receber os votos das noviças e a renovação dos mesmos, daquelas que já os tinha vencidos. Entre estas estava também a Serva de Deus. Era urgente comunicar ao seu Superior o pensamento do Bispo de São Paulo que se questionava sobre “pessoas” chegadas da Itália ao Ipiranga para servir os órfãos:

«Estive com sua Excia. no dia seguinte à minha chegada e o que mais me impressionou foi a frase que pronunciou a respeito das Irmãs. Perguntou-me: “Que fazem aquelas mulheres lá no Orfanato?”, e eu senti aquelas palavras muito humilhantes. Respondi que escreveria imediatamente a V. Excia. pedindo que aprovasse as Constituições que o falecido Pe. Giuseppe Ihes havia dado [...] e que, em seguida, reorganizaria tudo, e com isso ficou satisfeito [...]».

“Aqueles mulheres”, sobre quem vigiava a Serva de Deus, eram pessoas seriamente comprometidas em dar à sua própria vida uma resposta coerente com o chamado que receberam, mas, sem nenhum reconhecimento jurídico como eram e desta forma inseridas naquela estranha moldura de parentes e de dívidas, deveria se constituir em uma verdadeira preocupação para a autoridade eclesiástica competente. Dado confortante daquele longo manuscrito de catorze páginas: cinco jovens vocacionadas do Paraná estavam dispostas a ingressar no noviciado, e isto justificava também a solicitação urgente de receber a faculdade de entregar o véu e de receber os votos da profissão religiosa.

A PRIMEIRA PROFISSÃO PERPÉTUA DA SERVA DE DEUS

A carta de Pe. Consoni teve uma resposta clara e lacônica ao mesmo tempo: o Fundador queria, evidentemente, contemporizar e escreveu:

«Quanto às Irmãs havia um regulamento aprovado *ad experimentum*. Caso não o encontre, escreva-me, imediatamente. Quisemos começar com os votos temporários: veremos o que Deus quer; por agora, receba também as jovens sobre as quais me escreveste; mas esteja atento que

sejam tais como devem ser. O Pe. Vicentini seria um excelente diretor para as Irmãs». ⁵⁴

Na sua brevidade, foi uma resposta de grande valor histórico porque, concedendo a Pe. Consoni a faculdade de receber *as jovens* e, implicitamente os votos das ‘Servas’ - faculdade antes concedida ao falecido Pe. Marchetti - Scalabrini garantia a elas, ao menos idealmente, um futuro e um caminho regular na Igreja.

Assim, «depois de um período tumultuoso, com grande alegria e dando graças ao Senhor», em 24 de outubro de 1897, festa de São Rafael Arcângelo, elas pronunciavam os votos perpétuos simples, como se pode extrair de uma anotação de Pe. Faustino, escrita de próprio punho nos registros do Orfanato Cristóvão Colombo naquela data, com a seguinte premissa:

«Hoje, precedido por um tríduo de pregações e de Santos Exercícios, emitiram os votos cinco Irmãs, votos perpétuos (simples) de castidade, pobreza e obediência, *solúveis ad nutum Episcopi Placentini*. Os nomes das Irmãs: Ir. Assunta Marchetti, Ir. Maria Franceschini do SS. Sacramento, Ir. Maria Bassi, Ir. Camilla Dal Prisofella. Recebi os votos, eu Pe. Faustino Consoni, por delegação dada por Dom G. B. Scalabrini, Geral e Fundador da nossa Congregação em Piacenza, Itália, com faculdade de receber ainda outras noviças, contanto que tenham as qualidades exigidas pelos regulamentos e nossas Constituições. Isto seja *ad perpetuam rei memoriam*, hoje, dia de São Rafael Arcângelo, aqui no Orfanato Cristóvão Colombo, na capela dedicada a São José, esposo de Maria Santíssima». Assinado: Pe. Faustino Consoni, missionário de São Carlos. ⁵⁵

FÓRMULA DOS SANTOS VOTOS PARA AS SERVAS DOS ÓRFÃOS DA CONGREGAÇÃO DE SÃO CARLOS

«Chamada, embora indigna, à altíssima honra de Missionária, Serva dos órfãos, *eu...*, na presença de Deus onipotente, de Maria Santíssima Imaculada, e de toda a Corte celeste, cheia de gratidão por tão inestimável benefício, faço votos perpétuos de castidade, de obediência e de pobreza

⁵⁴ Carta de G. B. Scalabrini a F. Consoni, Piacenza, 12 de abril de 1897, in *AGSS* 1.1.1.

⁵⁵ *Brevi Cenni*, cit., p. 10.

conforme (*sic*) as Regras de São Carlos, nas quais espero, com o auxílio divino, perseverar até a morte. E Vós, ó meu Jesus, que eu adoro aqui presente, sob as Espécies Eucarísticas, vivo, glorioso, imortal, recebei, eu vos suplico, esta minha irrevogável consagração ao vosso divino serviço. Abençoai-me e fazei que eu possa observar fiel e constantemente os votos que me haveis inspirado, a fim de que sejam a força da minha vida, o conforto na minha morte, e meu prêmio na eternidade. Assim seja».⁵⁶

Como já foi dito, as Irmãs deveriam ser cinco, embora não apareça o nome de Ir. Angela Larini. Resulta também escrito de modo incorreto o sobrenome de Ir. Camila que deveria ser Dal Ri. Surpreende muito, entretanto, o nome novo com o qual as ‘Servas’ se identificam. Inesperada de fato a denominação ‘Servas dos órfãos da Congregação de São Carlos’, e inexplicável enquanto documentação, o uso de uma fórmula diferente daquela das Primeiras Constituições,⁵⁷ substituída aqui com a mesma fórmula dos Missionários de São Carlos.⁵⁸ Com estes votos, portanto, embora juridicamente privados - o regulamento delas era ainda *ad experimentum*, as cinco neo professoras se agregavam, ao menos moralmente, à Congregação dos Missionários de São Carlos, como previam as primeiras Constituições,⁵⁹ que nunca foram submetidas à aprovação. Infelizmente, a escassez de documentos não permite conhecer o caminho interior percorrido pela Serva de Deus para chegar a identificar-se com uma denominação diferente daquela

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ Fórmula para a profissão religiosa que conta nas Primeiras Constituições: «Favorecida por Deus pelo sublime dom da vocação religiosa, *eu*, Ir. N N., aqui, na presença da SSma. Trindade, sob a proteção de Maria Virgem das Graças, dos Coros dos Anjos e dos Santos (*sic*) Protetores, em vossas mãos, Revda. Madre, que para mim representais a Deus, e na presença de todos os circunstantes, faço profissão e prometo a Deus onipotente, com voto, de viver em castidade, obediência e pobreza conforme as Santas (*sic*) Regras do Instituto das Servas dos Órfãos e dos abandonados no Exterior. Confirmai-me, Vós, ó Coração adorabilíssimo e amantíssimo do meu Jesus, tornai-me vossa digna esposa, toda vossa, irrevogavelmente sem reservas. A.M.D.G.» (G. MARCHETTI, *Prime Regole delle Ancelle degli orfani e dei derelitti all'estero*, cit., p. 112-113).

⁵⁸ C. Porrini, *Cronaca della cerimonia della professione perpetua dei missionari di San Carlo*. Orig. in AGS BA-02-02.

⁵⁹ É razoável supor que a Serva de Deus não estivesse presa às orientações de tais *Constituições* porque essas nunca foram impressas, nem aprovadas.

recebida em Piacenza no dia 25 de outubro de 1895 (*serva dos órfãos e dos abandonados no exterior*), antes de deixar a Itália. A documentação que temos à disposição só nos permite levantar suposições, das quais uma, em particular, apresenta boa probabilidade de fundamento: talvez a Serva de Deus tivesse compreendido que a sua adesão à vida missionária encontrava o seu pleno significado na acolhida explícita e total do carisma que havia encantado o irmão sacerdote. Mais que as outras, Assunta tinha conhecido os projetos dele e, por sua vez, não podia ignorar o pensamento de Scalabrini, e agora, depois de haver reelaborado cada coisa no seu espírito atento, não titubeou ao ser chamada *serva dos órfãos da Congregação de São Carlos*. Foi, sem dúvida, um momento de graça este em que se tornou visível a unidade de fundo existente entre o pensamento do Fundador e aquele de Pe. Giuseppe, concordes em ver a Congregação feminina como um ramo, uma parte daquela masculina. Instrumento desta graça foi, indubitavelmente, a docilidade iluminada de Assunta que, pela autoridade que se lhe reconhecia, serviu de exemplo às demais.

A profissão religiosa perpétua da Serva de Deus “conforme as Regras de São Carlos” veio unir oficialmente a Congregação feminina ao projeto original de Scalabrini a seu respeito, evidenciando a solidez do fio que tinha guiado o caminho das ‘Servas’ na história. A partir daquele momento, a Serva de Deus passa a ser uma referência histórica significativa e respeitável. Ter aceitado emitir a profissão perpétua segundo as Regras da Congregação dos Missionários de São Carlos, porque é assim que se lê na expressão “conforme as Regras de São Carlos” atribui a Ir. Assunta um papel histórico particularmente significativo: o de cofundadora. A história da Congregação a recordará como aquela que soube perceber “o momento favorável” para colocar na Igreja a *scalabrinianidade* de modo feminino. No dia 24 de outubro de 1897, portanto, o Instituto das Missionárias de São Carlos, graças à humilde clarividência da Serva de Deus, conclui sua pré-história e, na fé, vai ao encontro das surpresas de Deus.

CAPÍTULO VIII

O TRIÊNIO 1897-1900

O RETORNO DE CAROLA MARCHETTI AO ORFANATO DE SÃO PAULO

No final de 1897 encontramos, com certa surpresa, Carola Ghilarducci Marchetti em São Paulo, que, como foi dito anteriormente, havia deixado o Brasil para retornar definitivamente na Itália, nos primeiros dias do mês de fevereiro do mesmo ano.

Sua carta¹ de agosto precedente evidencia que a decisão de voltar a terra onde seu filho havia morrido não foi apressada, mas maturada numa tomada de consciência progressiva do que, por exemplo, significava viver em Camaione com duas meninas, sem nenhuma fonte de sustento. A carta enviada ao Diretor do Orfanato, Pe. Faustino Consoni, é interessante; reportamo-la parcialmente seja porque ajuda a justificar o segundo adeus de Carola à Lucchesia, seja porque deixa entrever a preocupação e ansiedade com que Ir. Assunta devia acompanhar a mãe, com o pensamento, nos meses que ela passou no lugar que guardava tantas lembranças familiares mas que, infelizmente, não oferecia nada para viver.

«[...] Senhor Diretor, se eu pudesse imaginar que seria o senhor a vir, juro-lhe que não me moveria, por nenhum desprazer. Dirijo-me agora, não por mérito próprio, já que nada mereço, mas em nome da caridade, à

¹ Carta de C. Ghilarducci Marchetti a F. Consoni, Vila Prudente, 10 de agosto de 1897. Cópia in *AGSS* 1.3.1.

bondade do seu coração para que cuide de mim: peço-lhe pela memória do meu falecido filho que eu possa retornar ao orfanato, ou ao menos, ter uma ajuda com a qual possa sobreviver, eu e estas minhas filhas, do contrário, logo me encontrariam a esmolar. No demais, como lhe disse, submeto-me a todos os seus bons conselhos e farei sempre o que o senhor me disser. Igualmente, a respeito do dinheiro que deve receber o meu cunhado, como o que devem receber meus filhos, eu deixo à sua consciência. [...] Portanto, refiro-me àquilo que conscienciosamente o seu coração decide, e quero acreditar que os meus filhos não ficarão na miséria. (Segue uma explicação de empréstimos e de depósitos – intencionalmente deixados - para demonstrar que o Orfanato devia a ela e aos seus filhos uma quantia significativa de dinheiro). [...] A Angelina² não havia partido por caridade, tanto ela como o marido, mas tinham sido chamados por ele, e combinado um pagamento que nunca foi feito. [...] Se meu filho vivesse, pode-se dizer que também eles estariam bem, portanto, como o senhor bem vê, foram truncadas suas posições, arriscaram a vida, com o perigo de perdê-la, para obedecerem a mim e ao irmão; esforçaram-se o quanto puderam, deverão então permanecer [palavra ilegível] sobre a terra? Mas espero que isto nunca venha acontecer. O senhor que sente piedade dos órfãos privados de tudo, não sentirá o mesmo pelos meus? [...]».³

O texto é compreensível por si. Foi, portanto a «triste miséria» o que determinou o retorno de Carola ao Brasil, onde, porém, apareceu outro duro momento para enfrentar e superar. Sobre isso fala uma pessoa da família Marchetti, com condições de dar tal informação. Trata-se de Maria Luisa Marchetti, conhecida como Marietta, a irmã mais nova da Serva de Deus, que viveu pessoalmente a amarga vicissitude. Também aqui a narração dispensa comentários e é a seguinte:

«Quando nossa mãe, Filomena, Pio⁴ e eu partimos para a Itália, Madre Assunta sofreu muito [...]. Quando retornamos da Itália, chegamos a São Paulo de noite e caminhamos a pé desde a estação; passamos pelo bairro Cambuci, próximo ao Monumento do Ipiranga e, finalmente, chegamos ao Orfanato. Era tudo bosque, havia somente um caminho tão estreito que passava apenas o carro de boi. Quando chegamos no Orfanato, nem Pe. Marco, nem Pe. Faustino quiseram nos receber. Madre Assunta suplicou, de joelhos, a Pe. Faustino: “Por caridade, ao menos por esta

² De Ângela já se falou no Capítulo VI.

³ O texto foi retocado para corrigir alguns erros graves de ortografia.

⁴ Também o irmão Pio, portanto, resulta no Brasil ao menos até 1897.

noite! Mamãe lá fora, com duas meninas pequenas!.” Mas foi tudo inútil: não fomos recebidas. Tivemos que ir a um quarto particular, na casa de um senhor apelidado “o negro.” Na manhã seguinte, Pe. Faustino mandou dois de seus ajudantes nos buscarem. Estava arrependido, mas era tarde. Este fato foi um golpe muito duro para minha mamãe». ⁵

E, certamente, não foi menos duro para a Serva de Deus, espectadora daquele triste episódio, naquela circunstância, como também, a revelação de um coração de gelo de um Missionário conhecido por ela como caridoso. Apesar disso, nenhum comentário saiu de seus lábios, demonstrando desta forma como aos vinte e cinco anos, era capaz de aceitar a mais aguda dor e de saber sublimá-la, silenciosamente. Apesar disso, Carola Ghilarducci Marchetti que passou à história em *Brevi Cenni* como “a veneranda senhora que até a morte de Pe. Marchetti tinha ocupado o cargo de superiora,” assumiu depois um lugar bem diferente daquele tido anteriormente junto da filha religiosa, pois, a filha era agora ‘a superiora’ e ela, a mãe, sua colaboradora, não mais como religiosa, nos vários serviços que o cuidado dos órfãos requeriam. ⁶

Carola Ghilarducci Marchetti será tomada em conta por Dom Scalabrini, que, em uma carta de 1900, enviada a Pe. Faustino Consoni, entre outras coisas dizia:

«Após alguns dias da chegada, as novas Irmãs⁷ assumirão a direção da Casa, e as antigas se recolherão para fazer uma espécie de Noviciado, por alguns meses. Durante este tempo, sem deixar o trabalho necessário da Casa, aplicar-se-ão com particular atenção às obras de piedade e de perfeição que lhe serão sugeridas. [...] Abenção a todas e a cada uma e peço a Deus que as cubra, com suas copiosas graças. Também a mãe do querido Pe. Marchetti, que do céu reza por nós, poderá ser aceita e entrar com as demais no Noviciado». ⁸

Dom Scalabrini tinha, portanto, compreendido o valor desta mulher, mãe de onze filhos, e, a história lhe é profundamente

⁵ De algumas páginas deixadas por Maria Luisa Marchetti Zioni, irmã da Serva de Deus, in *APR*.

⁶ Cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 12.

⁷ As Apóstolas do Sagrado Coração, de quem se falará a seu tempo.

⁸ Carta de G. B. Scalabrini a F. Consoni, 08 de agosto de 1900. Orig. In *AGS* 103/2.

agradecida, embora Carola tenha optado por não aceitar a possibilidade que lhe fora oferecida. Com isto, foram esgotadas as informações biográficas daquela que foi a *Madre Marchetti*, a quem a posteridade não poderá desconhecer como uma mulher de fé corajosa e de coração misericordioso. Será lembrada novamente, apenas para informar sobre sua morte.

NA DOAÇÃO COTIDIANA AOS ÓRFÃOS

Como seria a vida cotidiana da Serva de Deus no contexto do Orfanato? As recordações de quantos tiveram a oportunidade de conviver com ela, sobretudo dos órfãos, permitem responder a tal pergunta e, é por isso, que várias serão apresentadas:

«O Orfanato estava sem luz, sem água e ao seu redor havia um matagal onde se escondiam os que eram procurados pela polícia. Ao seu redor havia um panorama selvagem».⁹

«As crianças a chamavam “mãezinha Assunta.” Era paciente, atenciosa, afetuosa. Ocupava-se de modo particular das meninas, que tratava como filhas. Lutava com as dificuldades econômicas, mas sempre encontrava um modo para não deixar faltar o necessário para os órfãos. Se, por exemplo, surgisse qualquer briga, Madre Assunta levava consigo à dispensa quem se queixasse e, sem pedir explicações, consolava com algumas balas, acabando assim com o litígio. Não queria nem saber quem estava errado. Apenas pacificava, porque ela não se considerava um juiz, mas uma mediadora de paz. Exortava ao amor. Não queria privilégios, não se considerava importante. Tinha sempre uma carícia para “os seus filhinhos”. Com a mesma naturalidade com que acariciava os cabelos das crianças, tinha nas mãos a enxada, quando ajudava na horta, trabalhando a terra, depois de ter levantado o hábito até a cintura. Quando foi eleita superiora do Orfanato Madre Antonieta, a “mãezinha” desapareceu e as crianças ficaram novamente órfãs. “Mãezinha Assunta” doava seu amor em Cristo com doçura, pureza e delicadeza. [...] Levantava-se às quatro, preparava o café e o servia a todos. [...] Naquele tempo, o jejum Eucarístico começava a meia noite. Ir. Assunta fazia este trabalho sempre em jejum».¹⁰

⁹ Notícias fornecidas verbalmente à Ir. Laura Bondi por uma das sobrinhas da Serva de Deus, Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, durante sua permanência em Roma, em julho de 1995. In: *APR*.

¹⁰ Escrito deixado para o arquivo *APR* por Ruth Martino Veronesi, que conheceu a Serva de Deus,

«Meu conhecimento sobre Madre Assunta provém, de ter vivido com ela, na mesma casa, durante o período em que permaneci no Orfanato. Falava pouco, mas tratava as órfãs de modo imparcial, com muito respeito, com amor. Era solícita com as doentes, mesmo com aquelas infectadas com sarnas. Embora fosse de poucas palavras, era muito materna. Nunca percebi que houvesse atritos entre ela e as Irmãs. Alguns alunos difíceis recebiam dela um tratamento de especial benevolência. Não aproveitou do cargo de superiora, porque se ocupava da cozinha, da lavanderia, da horta. Não me lembro que tenha perdido a calma. Falava muito de Deus e se podia compreender que cuidava de nós por Seu amor. Ocupava-se de cada serviço, por mais humilde que fosse».¹¹

Uma ex-aluna do Orfanato lembra quando a Serva de Deus lavava os banheiros jogando água com o hábito levantado e preso à cintura, um hábito remendado e descorado.¹² Testemunha, assim, mais uma vez a humildade e laboriosidade de Madre Assunta e acrescenta:

«O relacionamento da Serva de Deus com as órfãs era muito afetuosos. Cuidava das doentes, tratando-as com muito afeto. Fiz esta experiência quando tive sarampo e minha irmã “bernes”¹³ na cabeça. Nunca vi Madre Assunta sentada; estava sempre trabalhando: na cozinha, na lavanderia ou ocupada a dar banho às meninas pequenas. Lembro seu aspecto doce, tranquilo, sempre igual».¹⁴

«Demonstrou um amor extraordinário pelos órfãos. A qualquer hora, tanto de dia como de noite, estava sempre pronta para qualquer necessidade. Ou melhor, tinha tudo preparado para uma bebida quente ou uma medicação de emergência».¹⁵

«Era muito bondosa. Sabia corrigir com paciência. Se alguém errasse ao fazer alguma coisa, dizia: “Se fosse Nossa Senhora, teria feito

sobretudo, através da estima que sua mãe, ex-aluna do Orfanato Cristóvão Colombo, nutria por ela.

¹¹ Recordações de uma ex-aluna do Orfanato que fala com saudade de Madre Assunta em um seu escrito, agora in: *APR*.

¹² In *APR*.

¹³ *Bernes*: do lat. *Vermis*, larva da mosca vomitória (V. SPINELLI – M. CASASANTA, *Dizionario completo Italiano - Portoghese [Brasiliano] e Portoghese [Brasiliano] - Italiano*, Ed. U. Hoepli, 1980 p. 181).

¹⁴ In *APR*.

¹⁵ Notícias extraídas de um escrito de Ir. Maria José Vasconcellos (+ 1989), que fala com particular convicção sobre as virtudes da Serva de Deus, cit

assim”». ¹⁶

«Para as meninas era afetuosa e queria que as Irmãs as tratassem bem». ¹⁷

«Quando faltava alguma coisa necessária, sobretudo nos primeiros tempos da fundação, não se alterava. Confiava na Providencia Divina que sempre mandava aquilo que estava precisando. Prova do fruto desta confiança é o seguinte caso. Certa ocasião, no Orfanato, faltavam os cobertores; Madre Assunta, então, pediu à Ir. Clarice para ir à Capela com as pequeninas e rezar por essa necessidade. Depois de algum tempo, tocou a campainha e chegaram os cobertores: foram doados». ¹⁸

«Tenho por Madre Assunta sentimentos de gratidão e afeto. Tenho dela a melhor das recordações; considerava-a mais como uma amiga que como uma superiora. Era sempre pronta a demonstrar afeto a quem tivesse necessidade, embora soubesse repreender no momento oportuno. Porém, o fazia sempre com o sorriso nos lábios. Desempenhava todos os trabalhos da cozinha, da lavanderia; dava banho nas crianças, as vestia; trabalhava na horta. Fazia seu trabalho com entusiasmo, dedicação, serenidade. Nos momentos de repouso rezava o terço. Via com frequência Madre Assunta na capela, absorvida: ou recitava o rosário ou fazia a *Via Sacra*, beijando o chão em cada estação. De manhã, ia logo colher as flores para colocá-las diante das imagens. Fazia isso todos os dias, antes das cinco. Ensinava a amar a Eucaristia. Amava rezar o terço com as crianças e as convidava a rezá-lo com ela. Diante das traquinagens das crianças dizia: “Almas santas do Purgatório, ajudai-me.” Isso o dizia sorrindo. Pedia esmola aos ricos para prover as necessidades das crianças abandonadas que recolhia. Dedicava-se, sobretudo aos órfãos com problemas particulares. Eu estava infectada com a coréia (dança de São Vitor) e teve comigo o máximo cuidado. Mesmo de noite cuidava das meninas. Nunca dava ordens, pedia por favor, com delicadeza, sem imposição. Nunca a vi tratar mal alguém. Não consigo esquecer a bondade que demonstrou para com meu irmão *Antonio*. Ele tinha aberto um negócio como sapateiro; consertava também os sapatos das órfãs e das Irmãs, mas precisava de uma máquina industrial para costurar. Madre Assunta lhe emprestou o dinheiro para comprá-la, dinheiro que ele devolveu um pouco por vez. Nossa família levava uma vida de privações, mas com esta máquina pudemos melhorar nossa condição. A Serva de Deus fazia jejuns, penitências, percorria as ruas

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ *Ibid.*

do bairro distribuindo palavras de conforto e tudo o que as pessoas precisavam».¹⁹

Não se expressa de modo substancialmente diferente um ex-aluno interno do Orfanato por seis anos. Do seu escrito extraímos:

«Considero Madre Assunta minha segunda mamãe. Quando, depois da morte de minha mãe, cheguei ao Orfanato com meus três irmãos, a Serva de Deus foi minha mãe, irmã, médico. Cheguei cheio de piolhos. Banhou-me, cortou-me os cabelos, as unhas e me colocou em condições de participar do jantar junto com os outros. Sempre me demonstrou um afeto especial. Quando foi aberto o Orfanato de Vila Prudente, minhas irmãs foram transferidas para lá e eu ia com frequência, visita-las. Aproveitava para visitar também Madre Assunta que me recebia sempre afetuosamente. Nossas roupas eram lavadas na Vila Prudente. Eu sempre encontrava, no bolso das calças, uma cartinha de Madre Assunta, minha segunda mamãe. Estou certo de que estava disposta a sacrificar a vida pelos outros».²⁰

Outras particularidades inéditas são transmitidas por uma das sobrinhas de Madre Assunta:

«A Serva de Deus era caridosa e imparcial, mas dedicava maior atenção às crianças mais abandonadas, às quais outros teriam cuidado com maior dificuldade, como os mais imundos e aqueles com doenças repugnantes. No início, quando começou a funcionar o Orfanato, as crianças vinham do campo, cheios de pequenos vermes nos pés, com piolhos e sujos. A primeira coisa que tia Assunta fazia, era dar-lhes um banho e depois, com um pequeno canivete que lhe servia de bisturi, cortava a pele dos dedos dos pés e das mãos para livrá-los dos parasitos, penetrados debaixo da pele. Dizia-se que limpar estas ‘imundícies’, esfarrapadas, era um dever que a Serva de Deus não cedia a ninguém. Depois disto, dava-lhes de comer e os mandava dormir para colocá-los em condições de começar uma vida melhor. Certa vez, chegou um menino com uma saliência na cabeça: parecia um tumor. Foi levado ao hospital, mas o médico não quis fazer a incisão na protuberância por causa da sua localização. Foi levado de volta ao Orfanato e aí, no dia seguinte, a Serva de Deus preparou o menino, desinfetou o seu canivete da melhor forma, suplicou a Deus que não acontecesse nada de mal e cortou ‘o tumor’ em forma de cruz. Ficou surpresa: não era um ‘tumor’, mas uma cavidade tão cheia

¹⁹ Recordações particularmente significativas de outra ex-aluna do Orfanato. In *APR*.

²⁰ Relato de um ex-aluno do Orfanato que conheceu a Serva de Deus aos nove anos. In *APR*.

de vermes de causar repugnância. Com cuidado, tia Assunta a lavou, desinfetou, enfim, medicou; no dia seguinte o menino já estava melhor. Foi levado de volta ao médico que, maravilhado, perguntou quem tinha feito a pequena intervenção cirúrgica».²¹

Outra sobrinha da Serva de Deus, *Maria Teresa Zioni*, afirma, por sua vez, ter ouvido de sua mãe que tia Assunta usava o cilício.²²

Para confirmar isto, encontramos, em um *perfil biográfico inédito* de Madre Assunta outras vezes citado:

«usou-o sempre e só o deixou, de fato, quando a Divina Providência o substituiu com uma doença, que foi para ela o cilício mais martirizante, porque foi constrangida, ela que era tão ativa, a permanecer acamada por longos meses. De fato, à noite, até quando pode, enquanto todos davam ao corpo cansado o merecido descanso, Madre Assunta recuperava os sacos de tecido branco, com os quais depois confeccionava roupa íntima para os orfãozinhos. Contudo, infalivelmente, às quatro se levantava e começava um novo dia de trabalho».²³

Da admirável laboriosidade de Madre Assunta fala também o seu sobrinho, Alexandre Antônio Marchetti Zioni: «Tinha um tremendo horror ao ócio; nunca a vi ociosa; estava sempre em atividade».²⁴

Além disso, o mesmo acrescenta: «Era equilibrada e madura».²⁵

Ostestemunhosreferidos,deixandoentrever várias características da Serva de Deus, no seu conjunto, delineiam seu estilo de vida, como parte “ontológica do seu ser”. Podem, portanto, ser visualizados em todo o seu processo existencial e religioso. Através deles Madre

²¹ Recordações de Ana Lúcia C. Bianco, sobrinha da Serva de Deus. In *APR.cit*

²² Cf. Notícias recolhidas por Ir. Laura Bondi, em São Paulo, em 20 de julho de 1995, durante uma conversa com Maria Teresa Zioni, outra sobrinha da Serva de Deus. In *APR*.

²³ Ir. Leticia Negrisola, perfil biográfico inédito da Serva de Deus, cit.

²⁴ Alexandre Antônio Marchetti Zioni, sobrinho da Serva de Deus e irmão mais velho de Maria Teresa, de Ana Lúcia e de Marta Maria Luiza. Conheceu Madre Assunta desde pequeno e esteve em contato com ela durante toda a vida.

Além disso, tomou parte ativa na elaboração de *Brevi Cenni*, o primeiro texto que traz, em parte, mas com exatidão, a história da Congregação das Irmãs Scalabrinianas. Deixa para o *APR* um escrito específico sobre Madre Assunta do qual se extraiu o texto acima.

²⁵ V. Nota anterior.

Assunta se revela heroicamente empenhada a perseverar na fidelidade ao dever cotidiano, construindo gradativamente as premissas para vir a ser aquilo que Deus queria que fosse: a pedra angular da jovem congregação que encontrará nela o elemento idôneo para garantir-lhe a continuidade e esclarecer a identidade.

1898 – NOVAS PROVAS PARA O INSTITUTO NASCENTE

O ano de 1898 é carente de notícias sobre as Irmãs do Orfanato do Ipiranga. De importância histórica foi o que Dom Scalabrini criou, neste ano, na Itália, em Piacenza, na casa situada ao n. 45 de Via Nicolini: o noviciado feminino que lhe haveria permitido manter a promessa feita à Serva de Deus e às suas companheiras, no dia 25 de outubro de três anos antes: a de enviar outras co-Irmãs a fim de permitir a elas, dedicarem-se à própria formação.²⁶

Ao que parece, entretanto, nem Madre Assunta nem sua Comunidade foram informadas, fato não isolado a partir do momento que na correspondência do Beato Scalabrini não aparece nenhum sinal de escritos enviados diretamente às Irmãs de São Carlos. Esta pobreza de comunicação com o Fundador, não impediu a Deus de velar sobre o caminho das Irmãs do Ipiranga através da presença da Serva de Deus, em quem as Coirmãs encontraram sempre um exemplo singular e admirável de clareza, autenticidade, humildade, confiança, virtudes dignas da proteção divina.

Um sinal desta proteção foi o ingresso no noviciado de quatro jovens e o início do postulante de outra jovem, no mês de junho de 1899.²⁷ Num clima de grande fé, talvez foi aceita como uma bênção também a morte da mais jovem do grupo pioneiro, Ir. Angela Larini,

²⁶ Cf. L. M. SIGNOR, *João Batista Scalabrini e a migração italiana - Um projeto sócio-pastoral*, Gráfica Pallotti, P. Alegre, RS 1986, p. 195.

²⁷ As postulantes que iniciaram o noviciado são: Maria das Dores, brasileira, de 23 anos; Clarice Baraldini, italiana, fruto do trabalho apostólico de Pe. José Marchetti, que a tinha recolhido durante uma de suas viagens apostólicas nas fazendas, levando-a ao Orfanato há 13 de julho de 1896; Angelina Meneguzzo, também ela de origem italiana, Teresa Montagnoli, que mais tarde precisou voltar à família por problema de saúde. Sofria de ataques epiléticos (cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 13).

de apenas vinte e quatro anos, mas já considerada por Deus «madura para o céu».²⁸

O funeral de Ir. Angela, precedido, no tempo por aquele de Pe. Giuseppe, foi o segundo ao qual a Serva de Deus participou em terras brasileiras com sentimentos de esperança cristã, mas também com o coração sofrido, porque ambos a desprendiam de pessoas queridas e humanamente necessárias, com as quais havia pensado percorrer um longo caminho. Embora, em nenhum dos casos se tenha entregue a lamentações, mas, se manteve íntegra sua dignidade de cristã.

Para tornar mais profundo o sofrimento de Madre Assunta por esta separação prematura estava o estado de saúde de Ir. Maria Franceschini, outra companheira da primeira hora, tão gravemente enferma que fazia pressentir estar próximo também seu fim.²⁹ Pela situação que se criou, não se pode excluir, completamente, que o estado de saúde de Ir. Maria tenha feito recair sobre os ombros da Serva de Deus também a formação das candidatas, a partir do momento em que não se consegue perceber

²⁸ A certidão de óbito de Ir. Ângela Larini, fornecido pelo cartório de Registro Civil do 9º Subdistrito - Vila Mariana, São Paulo, em 16 de outubro de 1997, AGSS 4.2, diz: «No livro C-001 do registro de mortos, folha 077F, sob o número 292, consta que a 15 de novembro de 1899 foi registrada a morte de Ir. Ângela Larini, falecida no dia 14 de novembro de 1899, às 15 (como a Serva de Deus!), no Orfanato Cristóvão Colombo: de cor branca, de profissão Irmã de Caridade, de 24 anos, originária de Lucca, Itália, filha de Antonio Larini e de Rosa Larini. O atestado de morte (AGSS, 4.3) dá como causa: bronco-pneumonia crônica; é assinado pelo Dr. Giovanni Sodini, lucchese, que havia tratado, com particular zelo, junto ao Dr. Dario Azzi, originário da Garfagnana - Lucca, Itália – também Pe. Marchetti, buscando arrebatá-lo da morte (cf. G. PISANI, *Nas exéquias do missionário Giuseppe Marchetti, celebrada na igreja do Sufrágio de Lucca*, 3 de abril de 1897. Cópia in AGSS 1.2.1). As Irmãs Scalabrinianas recordam enternecidas de Ir. Ângela, a primeira co-Irmã que foi para o céu. O diretor do Orfanato, Pe. Consoni, ao comunicar seu falecimento, a definiu «dotada de heróicas virtudes e de caridade para com o próximo e os órfãos». Pelo mesmo sacerdote, sabemos também que «esta santa religiosa foi vítima de um mal que não perdoa, contraído ao prestar assídua assistência a uma co-Irmã» (*Brevi Cenni*, cit., p. 14). Apesar da pouca idade, Ir. Ângela Larini estava realmente preparada para comparecer diante de Deus.

²⁹ Morrerá também ela, muito jovem e santamente. Seu atestado de morte (AGSS 4.2), fornecido a 17 de outubro de 1997 pelo cartório de Registro Civil, 2 Subdistrito - Liberdade, com número 157, folha 156 V, atesta quanto segue: «Maria Franceschini, Irmã de Caridade, italiana, residente e domiciliada em São Paulo, no Orfanato Cristóvão Colombo, morreu no dia 21 de abril de 1901, à 1 da madrugada, aos 27 anos. A causa da morte, declarada pelo Dr. Giovanni Sodini, é a seguinte: tuberculose pulmonar. Como observação acrescenta: “Deixa bens. Deixa testamento”».

quem pudesse estar em condições de assumir aquela delicada função, anteriormente, atribuído a Ir. Maria.

O folheto³⁰ que devia difundir em São Paulo a notícia da morte de Ir. Angela Larini chegou até nós. Nele, a Irmã é apresentada como associada às Irmãs de São Carlos, porém, aparece, como responsável do triste anúncio, somente o Diretor do Orfanato, Pe. Faustino Consoni. Hoje, nos surpreende que não apareça também o nome da superiora da Irmã falecida, Madre Assunta Marchetti, mas talvez isto não foi estranho à Serva de Deus, habituada como estava a não reivindicar direitos e a ter para si apenas a dor para oferecer.

CHEGADA AO IPIRANGA DAS IRMÃS APÓSTOLAS DO SAGRADO CORAÇÃO (1900)

A Serva de Deus, que se distinguirá logo como a mente mais iluminada para definir e salvaguardar a identidade da congregação, dando provas de uma autoridade capaz de favorecer a unidade entre as Irmãs, continuava a submeter-se ao peso de uma fadiga cotidiana tal, que preocupava também o diretor do Orfanato, Pe. Consoni. Faziam-se necessários reforços! No mês de maio de 1900, o mesmo escrevia a Dom Scalabrini: «As pobres Irmãs fazem sacrifícios extraordinários, mas o arco muito estendido se quebra, e já estou com três enfermas».³¹

Na memorável carta de dezembro de 1900, endereçada ao Bispo de Piacenza - a esta carta será dado espaço a seguir - a Serva de Deus, também em nome de suas companheiras, fala de «seis anos de vida dedicada aos infelizes órfãos, sem que nenhuma pensasse em abandonar o campo apostólico, apesar de que uma já tivesse perdido a vida e outra a saúde». Deveria assim ressoar como uma alegre notícia aquela da chegada de pessoal para reforço. Vários são os documentos que falam e todos estão de acordo em identificar «este esperado pessoal» com as Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração.³² Junto a Pe. Marco Simoni, e

³⁰ AGSS 4.2.

³¹ Carta de F. Consoni a G. B. Scalabrini, São Paulo, 14 de maio de 1900, in M. FRANCESCONI, *Storia della Congregazione Scalabriniana*, Vol. III, cit., p. 147.

³² Omite-se a história deste Instituto porque não é considerada necessária para o atual trabalho.

como ele provenientes de Piacenza e partidas do porto de Genova a 10 de agosto, seis Irmãs chegaram ao Ipiranga a 18 de setembro de 1900.³³ Mas, quem eram estas Irmãs?

Dom Scalabrini deve tê-la recebido em fins de janeiro ou no começo de fevereiro de 1898, que, depois de ter conhecido a história daquele Instituto, não soube recusar à Fundadora, Madre Clélia Merloni, sua ajuda material e seu apoio. Naquele momento a acima referida Madre parecia estar disposta a tudo, contanto que superar as angústias de ordem econômica em que estava imersa, pelo que foi simples para o Bispo de Piacenza perseguir um projeto que parecia positivo para as duas partes: sob a proteção de Dom Scalabrini, às Apóstolas teria evitado a falência institucional e elas, em troca, assumiriam o compromisso da missionariedade entre os migrantes italianos no exterior. Na prática, era assegurar a vida das Apóstolas em outra instituição que, na intenção de Scalabrini, deveria consistir em uma fusão de três grupos: o grupo mais antigo, ou seja, aquele da Serva de Deus; aquele do noviciado instituído pelo mesmo Scalabrini em Piacenza; aquele das Irmãs de Madre Clélia Merloni dispostas a se tornarem Irmãs de São Carlos.³⁴ Depois de várias anuências e discórdias, decidiu-se, finalmente sobre o nome com o qual identificar esta refundação: *Irmãs Missionárias Apóstolas do Sagrado Coração*; *Apóstolas*, porque a Fundadora não queria renunciar a este título, e *Missionárias*, porque Scalabrini queria sublinhar, de modo explícito, a finalidade missionária da instituição.

³³ As seis Irmãs eram: Ir. Maria Elisa Pedersini, de 38 anos; Ir. Assunta Bellini, de 26 anos; Ir. Agnese Rizzieri, de 28 anos; Ir. Carmela Tomedi, de 33 anos; Ir. Madalena Pampana, de 62 anos; Ir. Antonieta Fontana, de 25 anos (*Brevi Cenni*, cit., p. 14). Elas pertenciam a uma instituição de Madre Clélia Merloni, iniciada em Viareggio em 1894, mas não ainda aprovada pela autoridade eclesiástica. Em 1898, tal instituição estava precipitando à falência, pela imprudência ou desonestidade de um administrador, e as Irmãs foram forçadas a pedir ajuda. Como a Madre Fundadora tinha se transferido à Piacenza, chegou à porta do coração de Dom Scalabrini, pedindo-lhe ajuda (cf. M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di S. Carlo Borromeo-Scalabriniane*. Trata-se de folhas datilografadas e grampeadas, sem data e lugar, p. 20).

³⁴ Dom Scalabrini, no seu primeiro encontro com a Fundadora, expôs sua intenção «de agregar a instituição das Irmãs Apóstolas à Pia Sociedade dos seus missionários a favor dos emigrados italianos, declarando-se disposto a favorecer por todos os meios a ressurreição da sua obra desacreditada e humilhada» (Uma Religiosa do Instituto, *Vita di Madre Clelia Merloni*, Tip. Poliglotta Vaticana, 1954, p. 81).

Por fim, porém, o título de “missionárias” desapareceu porque Madre Francesca Cabrini, de Codogno, via em tal denominação o perigo de que se criasse confusão com o seu Instituto denominado: *Instituto das Missionárias do Sagrado Coração*. A 10 de junho de 1900, Dom Scalabrini tinha confirmado o nome de *Apóstolas do Sagrado Coração*, declarando a ereção canônica da nova instituição.³⁵ Dois meses depois, como já foi observado, partiam de Genova as Irmãs Apóstolas com destino a São Paulo, Ipiranga, Orfanato Cristóvão Colombo. Aqui deviam encontrar a Serva de Deus, suas coirmãs e começar com elas uma experiência de vida em comum que, no pensamento de Scalabrini, deveria ser também de comunhão. Três destas novas missionárias eram provenientes do Instituto de Madre Clelia Merloni e três, Antonieta Fontana, Carmela Tomedi e Agnese Rizzieri vinham do noviciado, instituído pelo Bispo de Piacenza, em 1898.³⁶

«Era desejo de Dom Scalabrini que as Apóstolas Missionárias se unissem àquelas de São Carlos, fundadas por ele a seu tempo e que já estavam no Brasil para a assistência aos migrantes, mas o projeto foi, humanamente, um fracasso».³⁷

³⁵ «Giovane Battista Scalabrini, Prelado Doméstico e Assistente ao Sólido Pontifício de Sua Santidade Leão PP. XIII. Pela graça de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Piacenza e Conde da mesma Santa Sé imediatamente subordinado. Vistas e examinadas as presentes Regras da nascente Congregação denominada as Irmãs Apóstolas Missionárias do Sagrado Coração de Jesus. Tendo obtido de nosso venerável co-irmão de Alessandria e de outras personagens, as mais amplas garantias do espírito da piedade e do zelo de cada Congregada. Ouvido o parecer de pessoas iluminadas e piedosas. Invocado as luzes do Espírito Santo e a especial assistência de Maria Santíssima. No desejo de render agradável homenagem ao divino Redentor na aurora do novo século. Ordenamos e decretamos quanto segue: É instituída em Piacenza a Congregação das Irmãs Apóstolas Missionárias do Sagrado Coração. As chamadas Constituições são por nós aprovadas *ad experimentum* por uma década. Piacenza, 10 de junho de 1900. Assinatura: † G. Batista Bispo» (*Decreto episcopal*, Constituições da Congregação das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, Piacenza, 1902. AGSS 1.4.2). Note-se que, desde a sua primeira publicação, das referidas Constituições já havia desaparecido o adjetivo “missionárias”.

³⁶ Cf. M. FRANCESCONI, *Giovanni Battista Scalabrini*, cit., p. 1084.

³⁷ Ir. Giovannina Gelfi (no século Elisa), Apóstola e ecônoma geral da Congregação da Madre Merloni, testemunhou no processo de beatificação de G. B. Scalabrini, dizendo: «Entrei no Instituto no dia 30 de julho de 1900 e foi aqui que conheci o bispo Scalabrini. [...] Sei que era desejo de Dom Scalabrini que as Apóstolas Missionárias se unissem àquelas de São Carlos, fundadas por ele e que estavam já no Brasil para a assistência dos emigrados, cuja união não foi possível» (Deposição integral dos Textos do Processo Diocesano do Beato G. B. Scalabrini, p. 432).

Deus tinha outros planos, mas foram necessários sete anos para que as pessoas o compreendessem. A Serva de Deus, ao contrário, o compreendeu depois de três meses. Tentou, como veremos a seguir, demonstrar a quem de direito que a pacífica fusão dos dois Institutos era impossível, mas foi inútil. Soube, então, heroicamente, esperar com serenidade e confiança que Deus interviesse para esclarecer e, conseqüentemente, decidir, guiando à espera dócil também suas Coirmãs.

CAPÍTULO IX

AS IRMÃS APÓSTOLAS DO SAGRADO CORAÇÃO

DE SUPERIORA A NOVIÇA: SEGUNDO NOVICIADO DE MADRE ASSUNTA

No mês anterior à chegada das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração, G. B. Scalabrini escrevia em uma carta a Pe. Faustino Consoni:

«[...] As Irmãs! Eis um assunto que deve ser considerado com toda a seriedade. As novas Apóstolas do Sagrado Coração foram formadas seriamente na vida religiosa. Faz-se necessário formar também as boas filhas que há tempo trabalham com dedicação pelos nossos órfãos. Por aquilo que me escrevestes, conheço seu bom espírito e o desejo de servir a Jesus, seu Esposo, do melhor modo possível, animadas unicamente pelo seu melhor bem. Alguns dias depois da chegada, as novas Irmãs assumirão a direção da Casa e as antigas se recolherão por alguns meses para fazer uma espécie de noviciado. Durante este tempo, sem deixar o trabalho necessário para a Casa, a seu critério e o da superiora, dedicar-se-ão com particular atenção às obras de piedade e de perfeição religiosa que lhe serão sugeridas, procurando crescer no conhecimento e no amor a Nosso Senhor, cultivando-se nas virtudes da humildade, da obediência, do espírito de sacrifício, certas de assim se tornarem dignos instrumentos da divina misericórdia. Eu as abençoo a todas e a cada uma e peço a Deus que as cubra com suas copiosas graças. [...] Ao término deste noviciado, as que forem consideradas dignas, e o serão todas, renovarão seus votos».¹

¹ Carta de G. B. Scalabrini a F. Consoni, 8 de agosto de 1900, *AGS* 103/2.

Parecia estar mesmo próximo o tempo de poder regularizar, do ponto de vista canônico, a Congregação das Irmãs que cuidavam das crianças do Orfanato, desde os primeiros anos de sua existência. E para ser bem sucedida era indispensável o noviciado. Mas, como se pode deduzir da seguinte carta das Irmãs de São Carlos, o Bispo de Piacenza parece ter determinado ainda que as Irmãs de São Carlos vestissem o hábito das Apóstolas e assumissem o nome da congregação fundada canonicamente por ele em Piacenza, em 10 de junho de 1900. Tudo isto, desencadeou um vendaval no ânimo das Irmãs de São Carlos. Chocou, sobretudo, a Serva de Deus, que percebeu imediatamente nestas disposições perigo concreto de perder a Identidade da Congregação.

Depositária e guardiã de cada detalhe dos fatos ligados às origens, Madre Assunta não podia aceitar passivamente tais determinações que, embora ordenadas com reta intenção, deveria parecer-lhe, absolutamente inaceitáveis. Infelizmente, os seus temores eram bem fundados, e são confirmados também por quanto segue.

«As Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, enviadas por Dom Scalabrini para serem agregadas à nova Congregação, ou à fundação das Irmãs Missionárias de São Carlos, mas, na realidade, as Irmãs Apóstolas tinham a intenção de absorver tal Congregação. Para realizar este plano, obtiveram a autorização de submeter as Irmãs que estavam em São Paulo, a um período de noviciado. Foi assim que Madre Assunta passou de superiora a noviça ou, mais precisamente, da superiora a cozinheira, obediente, como sempre, mas entristecida porque tinha compreendido as reais intenções das novas recém chegadas. Escreveu, a este respeito, a Dom Scalabrini e, pelo que me consta aquela carta, embora redigida em termos respeitosos, foi enérgica e recriminou as intenções e as astúcias usadas para alcançar um fim mais que discutível».²

«Dom Scalabrini enviou as Irmãs da madre Clélia Merloni para ajudar aqui em São Paulo, mas não foi possível a fusão dos dois Institutos, tendo cada um, uma regra de vida própria.

No início não houve dificuldades particulares. Madre Assunta recebeu bem as Apóstolas, mas logo em seguida, surgiram mal entendidos. A Serva de Deus deixou suas funções com muita naturalidade, porque não

² Alexandre Antônio Marchetti Zioni, filho de Maria Luisa, a irmã menor da Serva de Deus. Memórias entregue em 1987, para o Arquivo da Postulação. In *APR*.

tinha nenhuma pretensão de ser superiora e escreveu a Dom Scalabrini. Não me recordo o conteúdo desta carta, mas sei que estava disposta a lutar para continuar o trabalho de assistência aos órfãos. Sabia discernir e por isso permaneceu firme no seu ideal, vendo nisto a vontade de Deus».³

«Com a chegada das Apóstolas, a Serva de Deus, profundamente humilde, aceitou a condição de noviça, depois de ter sido deposta da função de superiora. O grupo das Irmãs do Brasil começou o noviciado. A Serva de Deus, percebendo as intenções das Irmãs de madre Clélia Merloni, escreveu a Scalabrini comunicando-lhe a estratégia delas, e pedindo-lhe para não permitir que o carisma fosse desviado».⁴

«Madre Assunta sofria, sofria, sofria, mas aceitou e obedeceu às ordens de Scalabrini, passou novamente a ser noviça, vestiu o hábito das Apóstolas e tomou também o nome da congregação delas»,⁵ exatamente como Dom Scalabrini havia disposto.

«As Irmãs Apóstolas vieram com plenos poderes e, a Serva de Deus, que há cinco anos dirigia a comunidade e o Orfanato, teve que entregar tudo a elas e se tornar uma simples noviça. Não se entregou ao desânimo: para o bem da Congregação e para a glória de Deus teria feito ainda mais. Com um espírito de fé extraordinário, obedeceu e se tornou noviça»;⁶

«mas, intuindo que as Apóstolas queriam fazer prevalecer o carisma delas, reagiu energeticamente, porque era humilde, sim, mas também *leader!*»⁷

Tudo o que foi dito acima, evidencia bem a confusão daquele período passado à história como “crise das Apóstolas” e, no seu conjunto, poderia também erroneamente levar a acusar a Serva de Deus de excessiva submissão, ela que nunca aderiu interiormente àquilo que não experimentava ser vontade de Deus, a seu respeito e a respeito de sua Congregação. Além disso, tendo compreendido antes mesmo de Scalabrini as reais intenções de madre Merloni, em nome das coirmãs,

³ Memórias de uma Irmã do Instituto MSCS (+ 1988). Conheceu a Serva de Deus em 1915, quando Madre Assunta era Superiora Geral. Desde então começou a estimá-la, a amá-la e desejar imitá-la. In *APR*.

⁴ Recordações de Ir. Maria José Vasconcellos, cit.

⁵ Recordações de Ir. Afonsina Salvador, (+ 1988), uma Irmã que viveu muitos dos acontecimentos relacionados ao desenvolvimento da Congregação. In *APR*.

⁶ Memórias de Ana Lúcia Bianco, sobrinha da Serva de Deus, cit.

⁷ Memórias de Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, irmã de Ana Lúcia Bianco, cit.

não duvidou também em enviar ao Bispo de Piacenza uma longa carta, que pode ser definida inspirada e até mesmo, profética, assinada também por todas as suas coirmãs. Talvez a Serva de Deus nunca tenha sido guiada pelo Alto, como nesta carta. Passados mais de cem anos, toda Irmã scalabriniana a lê ainda com emoção e, com sentimentos de profunda gratidão, olhando para aquela que viu a necessidade de redigi-la. Em certo sentido, essa foi a única tentativa possível naquele momento, para salvaguardar a pureza do carisma, segundo o qual tinham sido pronunciados os primeiros votos. Por seu particular valor histórico, a carta é aqui, integralmente transcrita:

«Excelência, transcorre o sexto ano desde que foi fundado o Orfanato Cristóvão Colombo, na cidade de São Paulo, pelo desafortunado missionário Pe. José Marchetti, Orfanato que, tendo tomado aquele desenvolvimento e importância, previstos pelo seu miraculoso fundador, encontra-se, hoje, à altura de uma função que desperta admiração e assombro nos nacionais e nos estrangeiros. As humildes abaixo-assinadas, chamadas a colaborar com o próprio trabalho em uma obra de tamanha caridade e importância, atenderam ao chamado e, com o consentimento e aprovação de V. Excia. Ilma. aceitaram o véu e se submeteram às Constituições que foram escritas, primeiro pelo falecido Pe. Marchetti e depois, reformuladas pelo seu sucessor, o digno Pe. Faustino Consoni, tomando ao mesmo tempo o nome de Irmãs de Caridade da Congregação de São Carlos de Piacenza. Suas Constituições foram escritas tomando por base aquelas de São Francisco de Sales, por ordem e determinação de V. E. e, assim aceitas e observadas escrupulosamente pelas humildes Irmãs que assinam esta carta.

Em seis anos de vida, toda dedicada em bem dos desafortunados órfãos e à oração pelos nossos benfeitores, e para a salvação de nossas almas, nenhuma de nós deu motivo algum que nos fizesse desmerecer a estima dos nossos Superiores ou, tivesse, por um só momento, abandonado o campo de trabalho, sempre agradável para nós, porque devido. Uma de nossas queridas Irmãs perdeu a vida no seu árduo dever,⁸ e outra, pode-se bem dizer, perdeu a saúde; mas nem sequer um lamento, nem uma acusação, nem um desejo, nunca saiu da boca de nenhuma de nós, que ambicionasse mudança ou melhora de vida. Tudo foi feito sempre para realizar a vontade de Deus. Com a morte do saudoso Pe. Marchetti, que teve como sucessor o Pe. Consoni, fomos chamadas a renovar

⁸ Alusão à Ir. Ângela Larini, falecida, como se disse, um ano antes.

os nossos votos para torná-los perpétuos e, foi nessa ocasião, que se uniram a nós, três novas Irmãs professoras, depois de ter feito um longo período de estágio e de provas. Depois disso, parecia que cada coisa continuasse o seu caminho; foi nomeada superiora a mais humilde das abaixo-assinadas, e nunca existiu entre nós sombra de distinção ou de preferência nas fadigas. De tudo isso podem ser testemunhas os mesmos Padres Consoni, Simoni e Dotto que tiveram mais tempo para observar o espírito com que sempre fomos animadas e as nossas disposições para o bem e para a prosperidade do Instituto.

Foi em meados do ano que está para terminar que começamos ouvir falar da vinda de novas Irmãs nossas da Itália, e nós recebemos a notícia com satisfação, mais bem, com entusiasmo, seja porque nos chegava, em tempo oportuno, uma poderosa ajuda, seja porque, com tal fato, se previa o desenvolvimento progressivo deste Orfanato que nós vimos construir, crescer, animar, povoar e, finalmente, tornar-se uma obra digna de ser admirada e reconhecida pelo mundo inteiro, depois de ter superado os obstáculos da fome, das privações, da incredulidade humana, das perseguições nativistas, etc. No passado mês de setembro chegaram as novas Irmãs e, para nós foi uma satisfação recebê-las e abraçá-las com aquele afeto fraterno, que é o símbolo da harmonia e do amor alicerçados no verdadeiro espírito de sacrifício. Mas, infelizmente nossa alegria foi de curta duração. Soubemos que as determinações de V. Excia. Revma. feriam no mais profundo, as lembranças das humildes abaixo-assinadas: foi-lhes logo imposta outra superiora, entre as novas recém-chegadas, demitindo do seu cargo aquela que jamais havia ambicionado ou desejado a distinção que lhe fora outorgada. As exigências não pararam por aí: é preciso, foi-nos dito, trocar os antigos votos pelos novos, fazendo novo noviciado e mudando hábito e regra. E aqui começaram as dolorosas notas. Excelência! É com o coração transpassado de dor que nos dirigimos a V. Excia. Revma., ajoelhando-nos aos vossos pés e implorando toda vossa proteção. Com que coragem, poderemos e deveremos nós, depois de seis anos de vida passados na observância das nossas leis e, com o nome do qual nos honramos e gloriamos, ou seja, o de Irmãs de São Carlos Borromeo, abandonar e perder a memória das nossas fadigas e as constituições com as quais fomos chamadas a fazer parte da Congregação? Com que espírito de justiça, se pode pretender que nós, sustentadas até agora em nossa ordem, renunciássemos a todo um passado de amor pelos órfãos e de glória pela nossa Congregação? Com qual lei humana se pode nos impor um sacrifício, pelo qual renegando um passado espinhoso sim, mas abençoado por Deus e pelos homens, devêssemos enfrentar um futuro no seio de uma nova família obscura

para nós, não pedida, nem escolhida? Excelência! Persistindo nas ordens dadas e continuando a exigir o que nos é comunicado pelos superiores locais, isto é, a renúncia à Congregação de São Carlos, nós não teremos outra saída, a não ser abandonando este Instituto, para procurar consumir o resto de nossa vida em outras obras de caridade. Mas, será este um caminho seguro para nós? E o nosso futuro poderá deixar tranqüila a consciência de quem quer nos deixar à mercê do acaso? Não! E a justiça de V. Excia. Revma. fará vibrar as cordas do seu coração para nos proteger, ajudar-nos e deixar que continuemos a consumir nossa vida pelo bem dos órfãos, para conquistar com as mais duras fadigas, os mais cruentos sacrifícios, os mais pungentes espinhos, a paz e a glória da vida futura. Com esta esperança aguardamos confiantes as disposições de V. Excia. Revma. que, como nosso Pai e supremo Superior, quererá também nos abençoar».⁹

De modo objetivo, claro, determinado Madre Assunta coloca em evidência a dificuldade em que se encontravam as Irmãs de São Carlos, implorando, de quem podia dar-lhes, a ajuda necessária para reencontrar um pouco mais de esclarecimento. A esquisita e grave situação que se criara, emerge também do confronto de duas cartas citadas por Pe. Mario Francesconi, missionário scalabriniano, em seu texto de pesquisa histórica sobre a Congregação scalabriniana feminina.¹⁰ Essas ajudam a justificar o apelo angustiante contido na carta acima referida e, por isso,

⁹ Carta de Madre A. Marchetti (e Coirmãs) a G. B. Scalabrini, São Paulo, 28.12.1900. In AGS 103.4. Assinam: Ir. Assunta Marchetti, Ir. Maria Franceschini, Ir. Camilla Dal Ri, Ir. Maria Bassi, Ir. Maria das Dores, Ir. Ângela Meneguzzo, Ir. Clarice Baraldini, Postulante Luigia Micheletto. Embora esta carta seja assinada por todas as Irmãs da Comunidade das Irmãs de São Carlos, é atribuída, sobretudo, a Madre Assunta, por ser, por muitas razões, o membro mais autorizado do grupo. É uma carta de valor histórico porque, de modo iluminado e enérgico, a humilde Serva de Deus, desde sempre considerada a principal autora deste escrito, sustenta e defende a identidade da Congregação. [Durante os bombardeios da 2ª Guerra Mundial, 1939 – 1945, o material do Arquivo dos Padres Scalabrinianos de Piacenza, aquele sobre as pessoas e as províncias, foram transportados, prudentemente, nos locais adjuntos ao Santuário de Nossa Senhora do Castelo de Rivergaro (Piacenza) para protegê-los de possíveis perdas. O Reitor do Santuário, que estava escrevendo a vida de Pe. Consoni, julgou oportuno e necessário buscar no Arquivo eventuais documentos que fossem úteis para a redação desta biografia. Chegou, desta forma, ao conhecimento de um documento, datado de 28 de dezembro de 1900, enviado ao Fundador Dom Scalabrini pelas Irmãs residentes, naquele tempo, em São Paulo. O Revmo. Pe. Carlo Porrini, gentilmente, entregou uma cópia à Madre Lucia Gorlin, vigária geral do Instituto em 16 de março de 1935]. Cópia in AGSS 1.5.

¹⁰ M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo - Scalabriniane*, cit., p. 32-33.

vêm parcialmente transcritas. Em primeiro lugar a carta de Scalabrini a Pe. Consoni de 25 de outubro, enviada um mês após a chegada das Apóstolas a São Paulo. Nela, o Bispo de Piacenza escrevia:

«Dizei às vossas antigas Irmãs que é necessário fazer um pouco de noviciado regular, pensando, sobretudo em sua perfeição, deixando, por enquanto os cargos e as obrigações às novas chegadas. Terminado o noviciado, renovarão os santos Votos entrando a fazer parte da congregação das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração, a qual, repito, é congregação nossa. Desejaria que se amassem como verdadeiras Irmãs, repletas de humildade, de espírito de sacrifício, de amor de Deus».

Esponaneamente nos perguntamos: porque tais orientações não foram enviadas à Serva de Deus, responsável direta das Irmãs de São Carlos e, por que jamais o ilustre escritor não procurou saber o que pensavam as “antigas Irmãs”, das mudanças propostas? Estes questionamentos são óbvios, mas diante deles só se pode dizer, apelando à fé, que o mistério da Cruz devia ser também para Assunta “morte”, antes de ser “ressurreição” e, portanto, fecundidade. Isto não elimina o fato de que, conhecer o conteúdo deste escrito através de intermediários, não fez senão amargar os ânimos das Irmãs de São Carlos, particularmente, aquele da Serva de Deus.

Outro escrito é o do Superior Provincial dos Missionários Scalabrinianos do Brasil, Pe. Domenico Vicentini, que em 29 de dezembro de 1900, talvez quando a Serva de Deus, juntamente com suas coirmãs se preparava para concluir a carta imperativa a ser enviada a Piacenza, escrevia a Scalabrini:

«Estou aqui há três semanas. Encontrei a maior confusão entre as Irmãs. Pe. Faustino e eu fizemos todo esforço para persuadir as antigas Irmãs para que se submetessem às novas e obedecessem, mas foi tudo inútil, tempo perdido. Disse a elas que a mudança do título não toca a substância da congregação, que permanece a mesma na sua finalidade, como permanece o mesmo Fundador, etc. etc., tempo perdido. Elas fizeram os votos como Missionárias de São Carlos e neles permanecem e querem as Constituições dos Missionários de São Carlos. O Pe. Faustino, para acalmar um pouco os ânimos, disse que por hora, melhor que continuassem a realizar os trabalhos da casa. No mês passado, estive aqui um Padre Jesuíta para dar os Exercícios às Irmãs, mas, quando

percebeu a situação, disse que é um verdadeira confusão, difícil de acomodar e encurtou os Exercícios pois os considerou tempo perdido».

As notícias não podiam ser piores. Contudo, nem mesmo deste período extremamente tempestuoso, emergiu alguma reação que fizesse duvidar da virtude e da coerência da Serva de Deus. Nunca fez alterar o comportamento irrepreensível que lhe era próprio. Deste período, os arquivos fornecem, de Madre Assunta, apenas a carta, cheia de franqueza e dignidade, enviada por ela ao Fundador em 28 de dezembro de 1900, e que passou à história, exatamente, como ‘carta de Madre Assunta’, embora estivesse assinada também pelas demais Irmãs. Nela existe espaço somente para a verdade e o grande desejo de *ajudar* ao Ilustre Destinatário tomar consciência de uma realidade mais grave de quanto se possa imaginar. Este escrito significativo permanece sem uma resposta direta,¹¹ mas, no começo do mês de fevereiro de 1901, Dom Scalabrini respondia, indiretamente, comunicando a Pe. Consoni que tinha informado o Padre Provincial sobre o que deveria ser feito a respeito das Irmãs, acrescentando laconicamente:

«Ao Padre Provincial escrevi o que deve ser feito a respeito das Irmãs. Sinto muito que aquelas boas filhas que cuidaram da Casa desde o início, não tenham compreendido que aquilo que eu estabeleci era tudo para o maior bem delas, e, que não se podia ter somente uma Casa de Religiosas separadas, isoladas, sempre em perigo de extinguir-se».¹²

Depois de aproximadamente dois meses, Pe. Consoni dava resposta ao Bispo de Piacenza, com uma notícia totalmente inesperada:

«A finalidade desta minha carta é a de consolar V. Excia. pelo feliz êxito obtido na fusão das Irmãs, que agora, graças a Jesus Bendito, caminham bem».¹³

¹¹ Com isso não se pode dizer que Scalabrini tenha substancialmente descuidado as Irmãs de São Carlos enquanto existe em AGSS I.1.1. a síntese de cinco cartas regularmente datadas e enviadas pelo Bispo de Piacenza ao Pe. Faustino Consoni, com claras referências ao delicado e difícil momento histórico que estavam atravessando as Irmãs.

¹² M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo - Scalabriniane*, cit., p. 36.

¹³ Carta de F. Consoni a G. B. Scalabrini, São Paulo, 30/3/1901. AGS 396.3.

Quanto, porém, fosse relativa à bonança, é demonstrado pelo fato de que Ir. Maria Bassi, por exemplo,

«não concordando com as pretensões das Irmãs Apóstolas e com as novas e draconianas disposições, que, despojando as Irmãs de São Carlos de toda prerrogativa, ofendiam sua liberdade de consciência, pedida e obtida, de Dom Scalabrini, a dispensa dos votos, se retirava à vida privada».¹⁴

A DÓCIL ADESAO DA SERVA DE DEUS AOS DESÍGNIOS DA PROVIDÊNCIA

A Serva de Deus, embora tivesse declarado no seu escrito ao Fundador preferir deixar tudo que renegar sua identidade vocacional, pareceu a um determinado tempo, adequar-se a uma realidade aparentemente fechada a qualquer solução. Volubilidade? Se, com olhar retrospectivo se considera alguns momentos especiais vividos anteriormente por Assunta, deve-se excluir essa possibilidade. Por exemplo, renunciou ao seu ingresso no Carmelo, quando os pais se opuseram, mas, sem renunciar ao seu projeto que re-propôs mais tarde, com a mesma determinação; adiou uma segunda vez a entrada no mosteiro quando da morte do pai, porque percebeu que naquele momento, como nunca, era necessária sua presença junto da mãe, mas sempre ficando à espera que Deus abrisse o seu caminho; substituiu com a vocação missionária aquela claustral, mas só depois de ter compreendido que era isto que Deus queria dela. Madre Assunta foi, portanto, sempre totalmente dependente de Deus, a quem nunca negou nada, merecendo ser constantemente guiada por Ele. Isto leva a ler a sua “mudança” em chave de obediência heróica ao querer do Senhor e, de confiança total em suas intervenções providenciais. Portanto, tratou-se de uma prudente atitude contemplativa diante de eventos ainda hoje impenetráveis por parte da compreensão humana. Não querendo fugir dos caminhos de Deus, ela viveu por sete anos na espera de descobrir a luz divina na complexa realidade que a envolvia, e sempre com um equilíbrio e uma paz admiráveis. Isto vem confirmado pelas palavras que dirigiu às Coirmãs para mitigar seu sofrimento por aquilo que lhes era imposto:

¹⁴ *Brevi Cenni*, cit., p. 17.

«Que faremos agora, se ninguém quiser obedecer? Pe. José já não existe e Pe. Marco Simoni¹⁵ vem com uma determinação de Dom Scalabrini, que é um bispo e sabe o que faz. Em frente! Coloquemo-nos nas mãos de Deus e façamos a sua vontade. Ele pensará por nós. Nós devemos obedecer».¹⁶

E todas, exceto Ir. Maria Bassi, convictas de sua sabedoria e de sua virtude, se confiavam a ela. Desta forma, delineava-se pela segunda vez seu papel especial, de cofundadora do Instituto, ainda que devesse passar muitos anos antes que tal título lhe fosse oficialmente atribuído. Sua carta a Dom Scalabrini não trouxe frutos imediatos, é verdade, mas resultou em um documento de inestimável valor histórico, do qual tirarão proveito as Irmãs Scalabrinianas de todos os tempos.

Apesar do transcurso do tempo e do otimismo expresso na última carta citada, de Pe. Consoni a Scalabrini, o clima comunitário das Irmãs, no Orfanato do Ipiranga, continuava não sendo nada sereno: desavenças e rivalidades entre os dois grupos estavam na ordem do dia. A situação se agravou, quando a direção de todas as Irmãs foi entregue às Apóstolas.¹⁷ Assunta, porém, havia compreendido bem: a esta altura, não restava senão esperar que alguém, ou algo viesse mudar a situação caótica que fora criada. Desta forma, começou, principalmente para ela, um período de resistência ativo-passiva que teria destruído qualquer um, mas que ela enfrentou com singular energia e maturidade.

Foi um grande dom de Deus a chegada de duas postulantes, Lúcia Gorlin e Teresa Montagnoli.¹⁸ Esta alegria, porém, foi seguida pela dor de outro luto, há tempo temido: a morte de Ir. Maria Franceschini,¹⁹ a única companheira sobrevivente do grupo que partiu da Itália em 1895,

¹⁵ «Desta forma ficamos sabendo a razão pela qual, quando Pe. Marco chegou, reuniu todas as Irmãs [...] dizendo-lhes que, a partir daquele dia, a direção da casa seria entregue às Irmãs Apóstolas, “porque vocês não têm instrução e estas são instruídas. Portanto, vocês devem entrar na congregação delas”». (A frase foi ouvida pela irmã da Serva de Deus, Maria Luisa Marchetti Zioni, naquele tempo uma menina, quem a transmitiu depois para a filha, Marta Maria Luiza Marchetti Zioni que a inseriu, posteriormente, entre suas recordações escritas a respeito da tia Madre Assunta), conservadas in *APR*.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Cf. *Brevi Cenni*, cit., p.18.

¹⁸ *Ibid*, p.17.

¹⁹ V. Cap. VIII.

enferma desde abril de 1896.²⁰ Morria depois de anos de sofrimento, deixando Madre Assunta sozinha, na árdua tarefa de infundir serenidade na pequena família religiosa da qual tinha ficado a guia espiritual mais consistente. Lúcia Gorlin e Teresa Montagnoli, «depois de dois anos de experiência positiva, em 15 de fevereiro de 1903, recebiam o véu, aquele das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus».²¹ O Instituto das *Irmãs de São Carlos* parecia literalmente morto, mas a presença da Serva de Deus, mantendo viva no coração das Irmãs “a verdade” sobre sua Instituição, possibilitou sua sobrevivência. Como sempre, Madre Assunta não desperdiçará forças descarregando suas amarguras nas palavras. Com seu critério prático, tinha compreendido que só existiam duas possibilidades: ou abandonar o lugar que havia se tornado estranho e hostil, ou aceitar cristãmente o mistério de fé que o presente convidava a vivenciar. E, decidida escolheu a segunda alternativa.

Do período que vai de 15 de fevereiro de 1903 a 9 de julho de 1904 não encontramos notícias. Ao contrário, a data de 9 de julho é lembrada como um dia memorável: naquela data, para encontrar seus missionários e os emigrantes, chegou ao Brasil o mesmo Dom Scalabrini.²² Nos motivos de sua visita “as Irmãs de São Carlos” não estão mencionadas, mas ninguém, no Ipiranga podia esperá-lo com a ansiedade da Serva de Deus e das Irmãs em sintonia com ela, na fidelidade ao Bispo de Piacenza. Madre Assunta iria vê-lo depois de nove anos. Quantos acontecimentos tinham passado desde o encontro em Piacenza de 25 de outubro de 1895! E quantos, de quando saiu de São Paulo a histórica carta de 28 de dezembro de 1900, aparentemente inútil!

Dom Scalabrini viveu debaixo do mesmo teto das Irmãs, por todo um mês; pode, assim, encontrar aquelas que, no íntimo do coração, eram sempre Irmãs de São Carlos e falar com elas.²³

²⁰ V. Cap. VI: Carta de C. Marchetti a G. B. Scalabrini, São Paulo, 26 de abril de 1896, in *AGSS* 1.3.5.

²¹ *Brevi Cenni*, cit., p. 18.

²² M. FRANCESCONI, *Storia della Congregazione Scalabriniana*, Vol. III, cit., p. 150.

²³ «As boas Coirmãs daquela época, testemunhas dos fatos, lembravam quanto dissera

«Em um dia de inverno, na hora do almoço, o venerado Fundador, enquanto saía da secretaria e passava pelos corredores do convento, encontrou-se com Madre Assunta que, toda recolhida, com passo rápido, levava uma tigela de sopa. Dom Scalabrini, que com olhar penetrante lia no fundo das almas [...] dirigiu-se a ela, com voz paternamente comovida e encorajadora, as memoráveis palavras: “Ah, pobre Assunta, coragem, coragem, que morrereis missionária de São Carlos”! Proféticas palavras! Um mês antes de morrer, Madre Assunta, já sem esperança de recuperação física, as recordará com comoção porque delas tinha alcançado tanta coragem e tanta esperança».²⁴

Esta frase de Dom Scalabrini parece ser, um pouco, a conclusão de um precedente diálogo, um diálogo esperado por Madre Assunta desde quando, com tom angustiante, tinha escrito ao Fundador mostrando-lhe a urgência de uma intervenção esclarecedora.

Com a bênção de Scalabrini,

«a 04 de agosto de 1904, acontecia a separação das duas sessões dos órfãos – masculina e feminina - que antes funcionavam no mesmo edifício da sessão masculina, no Ipiranga. A sessão feminina foi transferida no edifício especialmente construído em Vila Prudente, sob a direção das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração».²⁵

A Serva de Deus, ao contrário, ficou ainda três anos na sessão masculina do Ipiranga com outras três Irmãs, de quem, provavelmente, tornou-se responsável: Ir. Camila Dal Ri, Ir. Clarice Baraldini e Ir. Maria das Dores. E, destes três anos não existem notícias.

O ESFORÇO PARA DAR NOVAMENTE LIBERDADE AO CARISMA

No dia 05 de agosto de 1904, Dom Scalabrini escrevia a Mons. Camillo Mangot,²⁶ seu fiel secretário:

Dom Scalabrini, no Orfanato do Ipiranga, por ocasião de sua viagem ao Brasil quando, confidencialmente, colocavam no seu coração de Pai suas angústias, incertezas, as preocupações pelo futuro» (E. MARTINI, *Memorie sulla fondazione della Congregazione delle Suore Missionarie di S. Carlo Borromeo - Scalabriniane*, p. 5. Datilografado. In AGSS 1.4.4.).

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ *Brevi Cenni*, cit., p. 18-19.

²⁶ Mons. Camillo Mangot nasceu em 1850 e morreu a 10 de maio de 1945, aos 95 anos de idade. Em 1876 foi escolhido como secretário de Dom Scalabrini, quando era ainda jovem sacerdote

«Hoje inaugurei o edifício de Vila Prudente, um edifício magnífico que será o Orfanato feminino, e nomeei os superiores dos missionários e as superiores das Irmãs; com isso, posso dizer ter concluído minha missão».²⁷

Disto pode-se deduzir que a Serva de Deus, provavelmente, tenha sido nomeada pelo mesmo Fundador,²⁸ superiora da pequena comunidade que permaneceu no Orfanato do Ipiranga.

Finalmente, ele deixou São Paulo consciente da situação dramática em que se encontravam as Irmãs e, enfim convencido de que, sendo diferente as origens dos dois grupos chamados por ele a fundir-se, dois deveriam ser seus nomes, e seus endereços. A experiência da fusão devia ser considerada fracassada, porque a realidade constatada era muito mais grave daquela que lhe fora apresentada por escrito. No Brasil, Scalabrini pode tomar consciência da qualidade da virtude de Madre Assunta e da riqueza do seu silêncio humilde e digno, razão pela qual só podia encorajá-la a olhar o futuro com otimismo, no contexto de um projeto diferente.

No seu retorno à Itália, o ótimo Bispo não esqueceu o compromisso que, implicitamente, havia assumido com a Serva de Deus, nos corredores do convento Ipiranga. Depois de apenas um mês do seu retorno, decidiu propor à Sé Apostólica a separação das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração²⁹ e, no seguinte mês de abril escreveu à Madre Merloni que podia transferir a Casa Mãe da diocese de Piacenza àquela de Alessandria, passando à dependência daquele Bispo.³⁰ Com o mérito de ter salvaguardado suas respectivas

no colégio Alberoni. Permaneceu junto ao seu Bispo constantemente e, foi um dos primeiros a considerá-lo santo, dotado de espírito profético. Distinguiu-se, como seu ilustre Superior, pela sua caridade. Depois da morte do Fundador, acompanhou, com o mais vivo interesse, os destinos da Congregação dos Missionários de São Carlos, de quem parecia também próximo a assumir a direção, a convite da Sé Apostólica (Cf. *Menologio - Confratelli Scalabriniani* – 10 de maio).

²⁷ Carta de G. B. Scalabrini a C. Mangot, São Paulo, 05 de agosto de 1904, in *AGSS* 1.1.

²⁸ Cf. *Perfil Espiritual*, cit., p. 60.

²⁹ Cf. Apontamento autógrafo de Dom G. B. Scalabrini, provavelmente, de janeiro de 1905, in *AGS*, já citado in M. FRANCESCONI, *Una Donna "Forte"*, Lito Erregi, Torre Bordone (BG) 1974, p.34.

³⁰ Carta de G. B. Scalabrini a C. Merloni, sem data, in *AGS* 104/7.

identidades, os dois Institutos podiam agora divisar a possibilidade de voltar à própria inspiração original. A situação, porém, não alcançou a conclusão desejada porque, no dia 1º de junho de 1905, a morte colheu de surpresa o Bispo Scalabrini, que partiu deixando profunda dor no coração de muitos. Havia passado apenas dois meses desde que tinha encaminhado as negociações de separação com a Fundadora das Apóstolas. Para a Serva de Deus não houve novidade imediata, porque já estava confortada com as palavras de encorajamento, parecida a uma promessa, que lhe havia dirigido o Fundador.

Dois escritos de Pe. Faustino Consoni não deixavam dúvida sobre o fato de que o ambiente continuava a ser, para as Irmãs de São Carlos, “um campo de batalha”. Naquele enviado ao Superior Geral, Pe. Domenico Vicentini, no começo de 1907, se pode ler:

«Também as Irmãs causam não poucos aborrecimentos e a aspereza continua contra as pobres seis Irmãs de São Carlos, enquanto as novas não sabem nada, com exceção de duas ou três, e não sei como isso irá terminar, quando acontecer a visita do Bispo. Imagine que a superiora mal sabe escrever o próprio nome e, de português, *ne verbum quidam*, e tem tanta arrogância. [...]... Continua-se num estado comatoso, que acabará por tornar-se uma gangrena. [...] De uma vez por todas, busque esclarecer com esta bendita Merloni a respeito de suas filhas e não deixe a situação em um “talvez”. Também no hospital, existe um dualismo assustador [...]».³¹

Do segundo escrito, enviado a Mons. Attilio Bianchi, sobrinho de Dom Scalabrini e secretário particular de Pio X, alguns meses mais tarde, recolhemos:

«[...] A veneranda Superiora da Ordem de Piacenza (Apóstolas do Sagrado Coração), depois da morte do nosso amado Geral, transferiu seu domicílio para Alessandria e não quis mais saber das nossas Irmãs e, quer até que as “suas filhas” não mais dependessem aqui, dos Missionários de São Carlos, nem que as Irmãs associadas aos mesmos Missionários não tenham nada em comum com as Apóstolas do Sagrado Coração, as quais pensam levar adiante suas obras mediante um prévio preço anual estipulado. Tenho absoluta necessidade de Irmãs de Caridade e

³¹ M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo - Scalabriniane*, cit., p. 48.

só posso contar com Irmãs que se formaram aqui, como associadas aos Missionários de São Carlos,³² enquanto as demais poderiam retirar-se ao Hospital Italiano, entregue aos seus cuidados. Mas, para fazer as coisas corretamente, a fim de obter a licença de manter um número limitado de Missionárias associadas à Ordem de São Carlos, faz-se necessária a ajuda e intervenção do Cardeal, nosso Protetor, ou um acordo com o Sumo Pontífice».³³

O problema continuava a ser sério.³⁴ Em seguida, Pe. Consoni, sempre benemérito e iluminado guia das Irmãs de São Carlos, considerando inúteis todas as tentativas de reconciliação seja, por aconselhamento de Pe. Vicentini e Mons. Bianchi,³⁵ ou em força das Constituições de 1900, entendeu que as Irmãs deveriam recorrer ao Bispo da diocese onde estivesse a sede da casa principal, e não à Santa Sé.³⁶ Madre Assunta e suas Coirmãs entregaram-se, então, à autoridade do Bispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva,³⁷ que se empenhou para definir a questão da separação dos dois grupos. Em 22 de setembro de 1907, as Irmãs Apóstolas que estavam no Orfanato de Vila Prudente,

³² As Irmãs, «associadas aos Missionários de São Carlos», deduz-se de quanto foi afirmado logo acima, tinham sempre trabalhado gratuitamente e, Pe. Consoni não tinha motivo para pensar que essa modalidade de compromisso tivesse que mudar.

³³ Carta de F. Consoni a A. Bianchi, sobrinho de Dom G. B. Scalabrini [...] e Secretário da Congregação dos Missionários de São Carlos junto à Santa Sé, São Paulo, 21 de março de 1907. (Arquivo dos Missionários Scalabrinianos de São Paulo, SP). O Cardeal Protetor dos Missionários de São Carlos era o capuchinho espanhol José Vives y Tuto (1854 – 1913).

³⁴ *Brevi Cenni*, cit., a p. 19: refere-se a este momento obscuro com palavras inequívocas: «Depois da morte de Dom Scalabrini os desentendimentos e as divergências entre as Irmãs de São Carlos e as Apóstolas do Sagrado Coração se acentuaram, alcançando um grau de incompatibilidade que levou a considerar impossível sua ulterior convivência».

³⁵ Cf. M. FRANCESCONI, *J. B. Scalabrini*, cit., p. 1105.

³⁶ *Regole della Congregazione delle Suore Apostole del Sacro Cuore di Gesù*, Tip. vescovile G. Tedeschi, Piacenza, 1902, p. 6.

³⁷ Dom Duarte Leopoldo e Silva, filho de Bernardo Leopoldo e Silva e de Ana Rosa Marcondes Leopoldo e Silva, nasceu em Taubaté, Estado de São Paulo, no dia 4 de abril de 1867. Em 1884, foi ao Rio de Janeiro para estudar Medicina, mas voltou a Taubaté, doente. Em 1887, começou a estudar no Seminário de São Paulo e, em 30 de outubro de 1892, foi ordenado sacerdote. Em 22 de maio foi consagrado Bispo, em Roma, e, em 02 de outubro tomou posse da Diocese de Curitiba. Em 1906, foi transferido para São Paulo. No Consistório de 29 de abril de 1909, foi nomeado Arcebispo de São Paulo, onde permaneceu até a morte em 1938 (*Positio super vita et virtutibus - Biografia Documentata di Paulinae a Corde Iesu Agonizante* [Amabile Visintainer], Sacra Congregatio Pro Causis Sanctorum, Prot. 1084, Romae 1986, p. 44-45).

se uniram àquelas do Hospital Umberto I, enquanto as Irmãs de São Carlos que prestavam serviços naquele Hospital, juntamente com Ir. Lúcia Gorlin, profundamente scalabriniana de coração, e algumas Apóstolas que quiseram aderir ao grupo das Irmãs Missionárias de São Carlos (Ir. Carmela Tomedi, Ir. Antonietta Fontana e Ir. Geltrude Toloni), foram para a Sessão Feminina de Vila Prudente, onde, por determinação de S. Excia. o Arcebispo de São Paulo, todas renovaram os votos segundo as Constituições das Irmãs de São Carlos.³⁸

No dia 19 de dezembro seguinte, também as Irmãs de São Carlos que ainda estavam na sessão masculina do Orfanato do Ipiranga - Madre Assunta Marchetti, Ir. Camila Dal Ri, Ir. Clarice Baraldini e Ir. Maria das Dores – chegaram à Vila Prudente. Ali, sob a direção da Serva de Deus, nomeada oficialmente há alguns meses superiora, iniciaram, pode-se dizer, um caminho de esperança.³⁹

Aquele de 1907 deve ter sido um Natal particularmente feliz para as nove Irmãs de São Carlos reunidas em Vila Prudente, finalmente, livres para expressar sua identidade vocacional e para ajudar-se reciprocamente a vivê-la. Para defendê-la, a Serva de Deus, tinha tanto lutado e sofrido.⁴⁰

Embora designadas para a sessão feminina, as Irmãs de São Carlos continuaram a cuidar da roupa da sessão masculina do Ipiranga e, toda semana, como nos contam os relatos, a Serva de Deus com algumas órfãs maiores, percorriam os seis quilômetros que separam os dois edifícios, acompanhando uma charrete cheia de roupas, puxada

³⁸ Foi Dom Duarte, arcebispo de São Paulo, que efetuou a separação dos dois Institutos. Em um primeiro momento reuniu a Serva de Deus com as Irmãs de Madre Merloni, procurando convencer a todas de permanecerem unidas, mas encontrou enrijecimento de ambas as partes, porque cada uma insistia em salvar a própria identidade. Então o Bispo procedeu à separação [...] (Cf. *Brevi Cenni*, p. 21 e a *narração por escrito* de uma Irmã anciã († 2008), recebida no Instituto pela Serva de Deus. In *APR*).

³⁹ Cf. *Brevi Cenni*, cit, p. 21, 22.

⁴⁰ «Desde setembro, data da separação, a Serva de Deus foi superiora das seguintes Irmãs de São Carlos: Ir. Clarice Baraldini, Ir. Camila Dal Ri, Ir. Maria das Dores, Ir. Antonietta Fontana, Ir. Lucia Gorlin, Ir. Angela Meneguzzi, Ir. Carmela Tomedi e Ir. Geltrude Toloni» (M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo - Scalabriniane*, cit., p. 54).

por um cavalo: a roupa dos órfãos que ela e suas coirmãs tinham lavado e consertado.⁴¹ Em Vila Prudente, Madre Assunta continuou, portanto, a servir a Comunidade como superiora e a doar-se sem reservas, na fadiga cotidiana. Porém, agora, tudo era mais leve, porque favorecido pelo clima de liberdade e de mútua compreensão que permeava a jornada. Este era um bem de incalculável valor e pago a alto preço⁴² quando, por um erro de cálculo humano, as Apóstolas do Sagrado Coração, foram chamadas para fundir o seu carisma com aquele das Irmãs de São Carlos.

⁴¹ M. FRANCESCONI, *Una Donna “Forte”*, cit., p. 36.

⁴² «Madre Assunta aceitou sempre os acontecimentos como plano de Deus e da sua vontade divina. [...] Costumava dizer: “Deus vê, Deus provê!”» (Das recordações de Ir. Maria José Vasconcellos, cit.).

CAPÍTULO X

O TERCEIRO NOVICIADO DA SERVA DE DEUS

SUA NOMEAÇÃO COMO SUPERIORA GERAL (1912)

Em Vila Prudente, bairro de São Paulo, SP, estava concentrada a vida das Missionárias de São Carlos, pequeno rebanho, ainda que na alegria de ter encontrado a liberdade da própria expressão, viu-se obrigada, bem cedo, deparar-se com uma realidade mais que deprimente. Depois de vários anos de caminho um tanto acidentado, pois, a Serva de Deus se encontrava em uma comunidade de apenas nove Irmãs, desprovidas, depois da morte de Dom Scalabrini, de um ponto de referência autorizado e com uma expressão missionária estática, que não havia evoluído no tempo.

A documentação relativa aos anos que seguiram a separação das Apóstolas é escassa,¹ mas evidencia bem que, Madre Assunta tinha boas razões para continuar a trepidar: a embarcação, da qual tinha se tornado timoneira, continuava a ser realmente muito frágil.

O texto histórico de Pe. Mario Francesconi, ao qual se refere a nota anterior, traz alguns dados, que revelam e justificam a preocupação da Serva de Deus, em consolidar a sua Família Religiosa e de garantir à mesma, continuidade e eficácia na Igreja. Felizmente, encontrou mais uma vez a compreensão e a inteligente colaboração de Pe. Consoni, que serviu de mediação providencial para contatar

¹ A principal fonte de notícias deste período é o texto: M. FRANCESCONI, *Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas*, cit., p. 83-89.

personalidades eclesiais autorizadas, inacessíveis à Serva de Deus. Desta forma, enquanto ela continuava a traduzir em coerência de vida seu *sim* incondicional ao Senhor, Pe. Consoni procurava obter para a ‘Congregação’ – melhor seria dizer sempre ‘grupo!’ – das Irmãs de São Carlos, um espaço reconhecido na Igreja. Seu desejo era o de dar vida ao antigo projeto de Dom Scalabrini e de Pe. Marchetti: o de ter uma Congregação feminina associada àquela masculina. Era de parecer contrário o seu superior geral, Pe. Domenico Vicentini,² que lhe escreveu drasticamente a propósito: «Se você pensa de, com o Bispo de São Paulo, interessar-se para regularizar esta Congregação, eu penso que em nada se deve comprometer a Congregação dos Missionários de São Carlos».³

Pe. Faustino, porém, não se deu por vencido, e escreveu novamente ao mesmo superior, insistindo no seu propósito. O escrito é interessante porque traz à luz também o estado de ânimo das Irmãs:

«A respeito das Irmãs [...] tome V. R. uma decisão séria porque estão preocupadas pelo seu futuro, enquanto se poderia, com S. Excia. Dom Duarte, dar vida à Congregação delas. Aconselhe-se com Dom Duarte, pois que foi ele quem estabeleceu a divisão das Irmãs, e que bondosamente, prometeu apoiá-las com todos os meios, para continuar a obra fundada por Dom Scalabrini e ratificada por três bispos, entre os quais Dom Antonio Alvarenga,⁴ o qual quis que se chamassem como

² Nasceu em Pescantina (Verona) em 06 de julho de 1847. Foi ordenado sacerdote no seminário de Verona. Em 1881, entrou com os Estigmatinos de Verona. Missionário em Kartum em 1888, apenas fundada a missão, a revolução de Madhi o obrigou fugir. No ano seguinte foi chamado a regressar à Itália. Sentindo-se inativo, em 1900, entrou no Instituto dos Missionários de São Carlos. Foi destinado pelo Fundador, aos Estados Unidos e, depois, ao Brasil. Foi Superior Provincial nos Estados Unidos e no Brasil. Com a morte do Fundador tornou-se Superior Geral por 14 anos (1919). Em 1907, obteve da Santa Sé a permissão de substituir os votos religiosos pelo juramento de perseverança. Morreu em Piacenza em 15 de março de 1927 (*Menologio - Confratelli Scalabriniani* - 15 março).

³ M. FRANCESCONI, *Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas*, cit., p. 83.

⁴ Dom Antonio Candido de Alvarenga nasceu na cidade de São Paulo, aos 22 de abril de 1836, filho de Alfares Tomé de Alvarenga e de Josefina Maria das Dores de Alvarenga. Depois de ter frequentado as classes de teologia, de moral e de dogmática, organizadas pela Catedral de São Paulo, entrou no Seminário Diocesano. Ordenado sacerdote, foi coadjutor nas paróquias de Taubaté em 1865, depois de Santa Branca e enfim, vigário de Mogi das Cruzes de 1870 a 1876. Eleito Bispo da Diocese de Maranhão a 28 de setembro de 1876, recebeu a consagração

nós: Irmãs de São Carlos. Fazendo bem as coisas, poder-se-ia conseguir também uma bênção do atual Pontífice, e dar continuidade ao que existe há treze anos».⁵

Era óbvio que as Irmãs estivessem «preocupadas com o seu futuro» e que se preocupassem pelo destino do seu grupo, a caminho sob a insígnia da incerteza, há tantos anos. A Serva de Deus era agora a única que conhecia e podia relatar todas as surpresas deste caminho de sombras e sentia o peso da responsabilidade. Tudo isso explica o envio de uma carta, quase contemporânea àquela de Pe. Consoni ao Pe. Vicentini, acima citada. Quem escreve é outro missionário de São Carlos, Pe. Antonio Serraglia⁶ que, dirigindo-se também ao superior geral, escreve:

«As Irmãs me pediram com insistência para escrever-lhe que, por caridade, tenha em conta também a elas, que se encontram em difícil situação, e se as chamam de “pobres mulheres vestidas de monjas” têm razão. Se o senhor escrevesse algo para aquelas pobres filhas, com certeza faria uma obra de caridade. Recomende-as ao Bispo diocesano, para que as tome sob sua jurisdição, com uma constituição adaptada para estes lugares. O Bispo, mostra-se propenso».⁷

A Serva de Deus já havia vivido tantos momentos difíceis, mas o atual não o era menos. A carta de Pe. Serraglia deixa entrever Madre Assunta oprimida e confusa. A situação era tal que não se percebia uma saída. Nem os lutos, nem os desprendimentos, nem as fadigas, nem os injustificados silêncios, nem a marginalização a qual se viu obrigada em

episcopal em 31 de março de 1878 e, tomou posse da Diocese em julho de 1878. Foi transferido para São Paulo por Leão XIII em 28 de novembro de 1898 e fez a entrada solene na Diocese de São Paulo, em 25 de março de 1899. Foi Bispo de São Paulo até sua morte, ocorrida a 1º de abril de 1903 (cf. V. S. VASCONCELLOS, *História da Província Eclesiástica de São Paulo*, SP, 1957, p. 91-93).

⁵ M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo - Scalabriniane*, cit., p. 56.

⁶ Antonio Serraglia nasceu em Seren del Grappa (Belluno) em 05 de maio de 1871. Iniciou os estudos com Mons. Mander, que depois o recomendou a Dom Scalabrini. Fez a profissão perpétua nas mãos do beato Fundador e foi ordenado sacerdote em Piacenza, em 1895. Dedicou quase toda sua vida missionária no Brasil onde morreu, chorado por todos, aos 22 de maio de 1944 (cf. *Menologio - Confratelli Scalabriniani - 22 maio*).

⁷ M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo - Scalabriniane*, cit., p. 56-57.

1900, com a chegada as Apóstolas do Sagrado Coração, não havia feito estremecer o seu coração de “mulher forte”. A sua imperturbabilidade que tinha muitas vezes causado admiração, agora parece estar a ponto de sucumbir. Mas a fê continua a sustentá-la e, com a fê, a plena consciência de dever continuar sustentando, a qualquer preço, a Família espiritual que, há treze anos, pedia-lhe o melhor de si mesma.

Por volta da metade de 1909, começou a aparecer algum raio de luz. Isto é revelado mais uma vez, por uma carta de Pe. Consoni a Pe. Vicentini. Essa diz:

«Falei com Sua Excelência sobre as Irmãs, como V. S. me solicitou. Ele está disposto a tomá-las sob a sua proteção e a receber também algumas órfãs que se sentem chamadas ao estado religioso, contanto que eu providencie para elas os retiros, os Exercícios espirituais anuais, alguma conferência, e tudo isso, com os Padres da Companhia de Jesus. [...] Quanto às Constituições que são ainda aquelas que V. R. conhece [...], S. Excia. Dom Duarte as mantém. Ele me disse que, em seguida, se verá. Por favor responda-me se está satisfeito que se faça tudo de comum acordo com S. Excelência».⁸

A resposta do Superior Geral foi explícita:

«Se você, pessoalmente, quer ser o Instituidor de um Instituto de Irmãs com o beneplácito do Ordinário ao qual deverão estar submetidas, como todas as Irmãs locais, eu não tenho nada contra, mas, fazendo isso, não deve comprometer, de nenhuma maneira, o nosso Instituto, nem os seus sucessores».⁹

Com tal premissa a essência da finalidade do Instituto desejada por Dom Scalabrini e por Pe. Marchetti, sustentada pela Serva de Deus estava garantida, mas se perfilava um novo modo de relacionamento das Irmãs com os Missionários Scalabrinianos: aquele da dependência seria logo substituído pela relação da colaboração fraterna no campo apostólico.

O Bispo de São Paulo procedeu gradativamente à reestruturação jurídica das Irmãs de São Carlos. Como primeiro passo, estabeleceu que

⁸ M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo - Scalabriniane*, cit., p. 57.

⁹ *Ibidem*.

todas fizessem o noviciado regular. Nomeou Ir. Fulgência Huysmans das Irmãs de São Vicente de Paulo, residente na Penha, bairro de São Paulo, superiora e mestra das noviças e Pe. Lourenço Hubbauer, redentorista, seu delegado junto às mesmas. A Pe. Lourenço foi também confiada à direção espiritual. As Irmãs iniciaram o noviciado em abril de 1910. A Serva de Deus tinha trinta e oito anos e este era o seu terceiro noviciado.¹⁰ «Será a mais edificante das noviças».¹¹ Porém, não será somente noviça, porque a ela estavam confiados, também, os trabalhos da casa.¹²

«Em abril de 1910 a Serva de Deus iniciou, pela terceira vez, o noviciado pelo querer do Ordinário do lugar, para assim legitimar a Congregação. Sujeitou-se com submissão e humildade a esta determinação porque sabia que era para o bem da Congregação. Foi para todas, modelo de humildade e de obediência».¹³

O noviciado, iniciado, como se viu, em abril de 1910,¹⁴ concluiu-

¹⁰ Cf. L. M. SIGNOR, *Giovanni Battista Scalabrini e l'emigrazione italiana*, cit., p. 235.

¹¹ Perfil biográfico anônimo e inédito de Madre Assunta Marchetti, in *AGSS* 1.3.

¹² *Perfil Espiritual*, cit., p. 61.

¹³ Memórias deixadas ao Instituto por uma Irmã Scalabriniana, falecida em 2001. Tinha conhecido muito bem a Serva de Deus, com quem teve uma relação muito familiar em 1924. In *APR*.

¹⁴ Esta data liga a Serva de Deus a um episódio doloroso que a preocupou muito e, por muitos anos, a atmosfera de Vila Prudente, episódio que passou à história como “o caso Idalina”. A ela, acena também o sobrinho da Serva de Deus, Alexandre Antônio Marchetti Zioni. O triste acontecimento teve dimensões nacionais e aparece, sobretudo, através do texto de R. AZZI, *A Igreja e os Migrantes*, Vol. II, Ed. Paulinas, São Paulo, Brasil, 1988, p. 144-148, e foi um posterior, difícil banco de prova para a Serva de Deus, que o superou de maneira egrégia, pela sua capacidade de “calar perdendo”. Seguindo a narração do livro citado acima, apresentamos em grandes linhas o acontecido. Tudo começou em 1907, quando estava por concluir a tempestade entre as Irmãs Apóstolas e as Irmãs de São Carlos, embora, no começo, o caso, apesar de doloroso, não tocou diretamente à Serva de Deus. No dia 1º de outubro de 1905, o senhor Domingos Stamato tinha levado ao Orfanato Cristóvão Colombo duas crianças, de quem era o pai adotivo: Sócrates e Idalina. Sócrates ficou no Ipiranga e Idalina foi à Vila Prudente, que funcionava há apenas um ano, sob a direção das Irmãs Apóstolas. Dois anos depois, apresentou-se, no Orfanato, uma senhora de nome Itália Forte, dizendo-se mãe de Idalina e, portanto, como tal, desejava levar consigo a filha. A Superiora não permitiu, mas o diretor interno, Pe. Giovanni Cappello (1879-1930) consentiu e, assim, Idalina deixou o Orfanato. Uma de suas companheiras, Isoleta Penha, recordou que, poucos dias antes, chegaram ao Orfanato, fora do horário estabelecido, pessoas desconhecidas, que encheram a menina de presentes, dizendo-lhe que logo voltaria uma senhora para buscá-la. Quando a senhora chegou, é sempre Isoleta quem conta, vestiu Idalina com roupas novas e a levou consigo, já que, como se disse, tinha o consentimento do Pe. Cappello. No começo de 1908, o pai

se a 1º de janeiro de 1912. Nesta data a Serva de Deus emitiu, finalmente, a profissão perpétua de forma pública, segundo as Constituições das Irmãs de São Carlos, como resulta de sua Ata de profissão,¹⁵ recebeu o anel de esposa do Senhor¹⁶ e «o nome de Ir. Josefina, mas, era tão

adotivo, Domingos Stamato, não encontrando mais a menina no Orfanato, denunciou à polícia. Fizeram muitas buscas, mas inutilmente e assim, no dia 20 de julho de 1909, Itália Forte foi declarada raptora. A esta altura, a questão podia ser considerada encerrada. Ao contrário, por obra dos anarquistas anti-clericais de São Paulo, o episódio voltou à ribalta da opinião pública e com contornos terríveis. No dia 22 de outubro de 1910, (a Serva de Deus estava empenhada no seu terceiro noviciado) os anarquistas Oreste Ristori, diretor de um jornal e Beniamino Motta, apresentaram denúncia do caso ao tribunal dos Órfãos. Segundo eles, Idalina tinha sido violentada por Pe. Stefani e, tentando fugir, tinha sido assassinada por Pe. Consoni que, por sua vez, teria violentado e matado outra órfã, Josefina. Ristori declarava ainda que América Ferraresi, ex-aluna do Orfanato, conhecia este fato. Por três dias fizeram escavações na quadra de jogos do Orfanato para encontrar os cadáveres. Grande emoção e indignação provocada pelo encontro de um grande osso que, em seguida, porém, resultou ser de um burro. No dia 03 de novembro de 1910, foi interrogada América Ferraresi, de 14 anos. Também a Serva de Deus, naquele dia, foi constrangida a apresentar-se ao tribunal, na qualidade de diretora oficial atual do Orfanato. Foi acompanhada pelo cunhado Giuseppe Zioni, como comprova a mesma filha dele, Ana Lúcia C. Bianco, que assim narra: «Meu pai, Giuseppe Zioni, foi acompanhá-la, na qualidade de secretário do Orfanato. Ele nos contava que a tia sentiu enorme vergonha, muito mais por ser uma religiosa, que chamava muito a atenção por causa do hábito. O povo lá presente, gritava exigindo a menina. E lhes dizia impropérios que não deveria ouvir. A Serva de Deus, porém, não vacilou, permaneceu dignamente impassível. Demonstrou não sentir ressentimento por ninguém: aceitou com espírito de fê». Mas América Ferraresi, quando a viu, ajoelhou-se, pedindo-lhe perdão e confessando que tudo tinha sido dito por instigação do Sr. Ristori e dos seus companheiros, que tinham prometido a ela de torná-la famosa no mundo, publicando seu nome em vários jornais. Portanto, tudo tinha sido uma invenção, mas, de quanto sofrimento a infame calúnia tinha sido causa! No dia 12 de agosto de 1933, morreu o venerando e benemérito sacerdote, Pe. Faustino Consoni e seus restos mortais foram expostos para a visita pública na igreja de Santo Antonio, na Praça Patriarca. Entre as pessoas que vieram a prestar homenagem ao corpo deste Padre tão atacado pelos inimigos da Igreja e, tão benemérito na cidade de São Paulo, aparece Idalina. Estava com mais de trinta anos. Ficou duas horas rezando e chorando ao lado do ataúde. Parece que alguém a tenha também ouvido murmurar: «Quanto sofreu, por minha causa, este querido velhinho! Mas não foi por minha culpa!»[...] (R. Azzi, *A Igreja e os Migrantes*, Vol. 2º, cit.).

¹⁵ «No primeiro dia do mês de janeiro de 1912, na capela dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, no Orfanato (*sic*) Cristóvão Colombo, sessão feminina, a Ir. Assunta Marchetti, no século Assunta Marchetti, fez os votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência, conforme as Constituições da Congregação de São Carlos, estando presente, na qualidade de delegado de Sua Excelência Revma. Dom Duarte, Arcebispo Metropolitano, o sacerdote Lourenço Hubbauer, redentorista e as testemunhas: Pe. Faustino Consoni, Ir. Fulgência, Ir. Lambertina, Ir. Emeranda, vicentinas, e toda a Comunidade».

¹⁶ *Brevi Cenni*, cit., p. 23. «Nesta ocasião foi introduzido na Congregação o uso do anel», (Z. DELFORNO, *Identidade Espiritual das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo* –

popular com o seu primeiro nome que este não ‘pegou’ e se continuou a chamá-la “Ir. Assunta ou Madre Assunta”».¹⁷

No dia 16 de dezembro de 1911, a responsável do noviciado, Ir. Fulgência Huysmans, tinha feito o seguinte pedido, por escrito, para o exame canônico das Irmãs admitidas à profissão perpétua na Congregação das Irmãs de São Carlos:

«Exmo. Revmo. Senhor Arcebispo Metropolitano,
a abaixo assinada, superiora atual das Irmãs de São Carlos, na Vila Prudente, vem por meio desta, perante V. Excia. Revma. solicitar se digne delegar um sacerdote para proceder ao exame canônico das seguintes Irmãs: Ir. Assunta, Ir. Camila, Ir. Angelina, Ir. Carmela, Ir. Antonieta, Ir. Lucia, que estão para fazer os Votos Perpétuos no dia 1º de janeiro, na Congregação de São Carlos».¹⁸

Do grupo que partiu de Piacenza em 25 de outubro de 1895, permanecia, portanto, somente a Serva de Deus, disponível como sempre, a aceitar as surpresas do Senhor.¹⁹

RENASCIMENTO DO INSTITUTO

Cinco meses depois da cerimônia da primeira profissão perpétua pública da Congregação, Ir. Fulgência Huysmans pede, por escrito, ao bispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, para nomear superiora da Comunidade, por um triênio, a Serva de Deus:

«Exmo. Revmo. Senhor Arcebispo Metropolitano,
A abaixo assinada, Irmã Fulgência, Superiora de Vila Prudente, vem, por meio desta, perante V. Excia. Revma. pedir se digne nomear como Superiora da Comunidade Irmã Assunta Marchetti, para o período de

Scalabrinianas, Ed. Loyola, São Paulo, Brasil, 1990, p. 65).

¹⁷ Informação fornecida por uma Irmã scalabriniana, diligente pesquisadora de notícias relativas à Serva de Deus. In *APR*.

¹⁸ Carta de F. Huysmans a S. Excia. Dom Duarte, Vila Prudente, São Paulo, 16 de dezembro de 1911, in *AGSS* 1.3.

¹⁹ Cf. M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo - Scalabriniane*, cit., p. 58 e Ata da Profissão das Religiosas de São Carlos, 1º de janeiro de 1912, p. 1, in *AGSS* 1.12.

três anos, segundo as Constituições já aprovadas por V. Excia. Vila Prudente, 08 de maio de 1912”.²⁰

Tal pedido é um implícito reconhecimento das belas qualidades encontradas nela durante o seu noviciado canônico. Na carta de Ir. Fulgência se fala, é verdade, de “triênio”, mas, de fato, Assunta Marchetti foi superiora geral por um sexênio (1912 - 1918) - como resulta em sua Ficha pessoal²¹ e, como se deduz da existência de uma única comunidade - dando prova de grande sabedoria, de espírito profético e de capacidade de colaborar com o Arcebispo de São Paulo, também desejoso de tornar significativa a presença das Irmãs de São Carlos na Igreja.

Neste ínterim, Deus não deixou de dar sinais de animadora complacência; um tempo novo carregado de promessas, começou a delinear-se. Algumas jovens, alunas do Orfanato, pediram para entrar como postulantes já em 1911,²² e no dia 04 de novembro de 1912, era canonicamente ereto o noviciado em Vila Prudente, em uma das dependência da recenteme construção. Alguns meses mais tarde, em 1913, se confirmava o sonho da Serva de Deus e de suas coirmãs de sair do Orfanato de Vila Prudente e da cidade de São Paulo, propriamente dita, com a abertura de três comunidades. A primeira, foi definida no dia 13 de junho de 1913, quando o governo geral, presidido pela superiora geral, Madre Assunta Marchetti, decidiu enviar as missionárias de São Carlos a São Bernardo do Campo, SP, (localidade habitada prevalentemente por imigrantes), a convite do zeloso scalabriniano Pe. Francesco Navarro, para a formação e instrução da juventude.²³ O início

²⁰ Carta de F. Huysmans a S. Excia. Dom Duarte, Vila Prudente, S. Paulo, 08 de maio de 1912, in *AGSS* 1.3.

²¹ Madre Assunta Marchetti, Ficha pessoal – Irmãs Falecidas, Matrícula N°1, Vida Religiosa e Vida Missionária, in *AGSS* 4.3.

²² São elas: Carolina Ferraresi, Maria Brasilina Grazia Oricchio, Maria Rosa Oricchio, Benedetta Giuliana de Camargo (Cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 23).

²³ Francesco Navarro (1873-1944) nasceu em Rovato (Brescia) e morreu em São Paulo, depois de ter sido pároco em São Bernardo do Campo de 1922 a 1934, sempre zeloso e bondoso. Por ocasião da reintrodução dos Votos, fez a Profissão Perpétua como Missionário de São Carlos em 1935. Foi superior provincial e empregou os últimos anos de vida como reitor da Igreja Santo Antonio, em São Paulo (A cura de Pe. Angelo Susin, *Missionari Scalabriniani nella Casa del Padre*, 1891 – 2005, Ed. Città Nuova della P. A. O. M, Roma, p. 299).

desta missão foi um grande acontecimento, porque marcou o primeiro passo da expansão missionária do Instituto, a primeira expressão concreta da scalabrinianidade feminina entre os migrantes.²⁴ No dia 29 de junho, poucos dias depois da chegada das Irmãs naquela localidade, as missionárias tiveram a alegria de dar início ao funcionamento de uma escola feminina, Colégio São Bernardo do Campo, que permaneceu ativo até 1925. No dia 09 de dezembro do mesmo ano, assumiam a direção da casa de acolhida para os mais pobres, “*Nossa Senhora da Candelária*”, em Itu, SP, e, no começo de 1914, aquela da “*Santa Casa de Misericórdia*” de São Luiz de Paraitinga, SP.²⁵ O ano de 1913 foi também um ano fecundo em vocações, e diversas jovens²⁶ começaram sua formação à vida religiosa scalabriniana exatamente naquele ano. A essas, uniram-se outras, em 1914. A maioria provinha do Orfanato, prova tangível de que a pedagogia da Serva de Deus se mostrava convincente.

Entretanto, Pe. Hubbauer e Ir. Fulgência, ainda presente como encarregada da formação, começaram a redigir as novas Constituições, que foram aprovadas pelo Arcebispo de São Paulo em 16 de abril de 1914. Com estas Constituições houve, de fato, o término da dependência das Irmãs, dos Missionários de São Carlos, e começou a esboçar-se uma relação de colaboração e de complementaridade entre as duas Congregações.²⁷ As novas Constituições confirmaram, além disso, a humilde Congregação feminina na sua peculiar missão: o serviço missionário a favor dos migrantes.²⁸ Madre Assunta, ao menos, desde

²⁴ «A paróquia de São Bernardo do Campo abrangia naquele tempo uma área muito grande, situada entre São Paulo e Santos. Compreendia também o Orfanato do Ipiranga e aquele da Vila Prudente e era formada prevalentemente por imigrantes italianos. Em 29 de junho de 1913, as missionárias abriram ali uma Escola feminina: o Colégio São Bernardo do Campo. Era então superiora geral Madre Assunta Marchetti» (Histórico das Casas, Vol. I, p. 4. In *AGSS* 3.1.1).

²⁵ As Irmãs de São Carlos deixaram este Hospital no mesmo ano, por divergências surgidas entre elas e os membros do Conselho de Administração (cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 24).

²⁶ Entre estas: Maria Bosio, Eliza Ugatti, Rosa Mosca, Rita Grasti e Etelvina de Mello (cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 24).

²⁷ Cf. M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo - Scalabriniane*, cit., p. 58-59 e *Brevi Cenni*, cit., p. 24.

²⁸ «As Irmãs de São Carlos considerarão como sua missão particular e principal, prestar todo apoio e secundar, enquanto possível e conveniente, as obras de zelo empreendidas pela

1900, ou seja, desde o tempo da comovente carta enviada por ela a Dom Scalabrini, tinha compreendido claramente que tal missão era querida por Deus para as Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas.

A EXISTÊNCIA COTIDIANA DE MADRE ASSUNTA MARCHETTI

«A vossa humilde serva»: assim assinava, habitualmente, a Serva de Deus. E nesta frase, para ela nada convencional, estava a síntese das suas aspirações e de sua vida. Como superiora geral, sentiu-se na obrigação de trabalhar mais que as outras nos trabalhos mais humildes e fadigosos. Considerava-se a última e, logicamente, colocava-se a serviço de todos: coirmãs, órfãos, pobres, doentes. Para os doentes pobres do bairro, abriu um ambulatório, onde aplicava injeções, desinfetava feridas, fornecia remédios, dava conselhos e consolações. Era a última a deitar-se, porque, com frequência, prolongava a vigília para remendar as roupas dos órfãos ou para costurar roupas com o pano conseguido com os sacos de farinha. Ocupava-se ainda da assistência das crianças doentes, «porque - dizia - as outras Irmãs têm tanto que fazer durante o dia». As Irmãs se levantavam às cinco, mas a superiora geral, já estava de pé há uma hora. A cozinha parecia ser seu lugar preferido. Sentia-se “mãe” e, como as mães, se preocupava para que não faltasse a comida. Pouco antes da morte, olhando para suas mãos, exclamará: «Quanto pão para os órfãos estas mãos cortaram!» Quando não sabia de onde conseguir o necessário, sem amedrontar-se, pedia à Ir. Clarice Baraldini para ir à capela rezar com as crianças menores, certa de que logo chegaria na portaria o que precisava para alimentar os órfãos. No fundo, durante toda a vida, independentemente da função assumida, continuou a considerar-se “uma serva dos órfãos e dos abandonados no exterior”, mas sem deixar de lado a responsabilidade de superiora.²⁹

Congregação dos Sacerdotes de São Carlos, fundada pelo servo de Deus D. G. B. Scalabrini, com o fim de promover a fé e a piedade nos emigrantes» (*Constituições das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo*, São Paulo, 1914, p. 5-6).

²⁹ Cf. M. FRANCESCONI, *Una Donna “Forte”*, cit., p. 39 e Recordações de algumas pessoas que conheceram a Serva de Deus, in *APR*.

Ir. Filipina Rocha († 2005), no século Zulmira, ex-aluna do Orfanato de Vila Prudente, narra:³⁰

«Quando meu pai, emigrante português em terra brasileira desde 1911 com uma menina de três anos, morreu, eu tinha apenas quatro meses. Minha mamãe, migrante estrangeira, com duas meninas para criar, estava desempregada. Um dia, através de um jornal, soube que uma família precisava de uma ama. Pedi então ao Orfanato de Vila Prudente assistência e hospitalidade para as suas pequenas. A Serva de Deus, então superiora, não titubeou em acolher imediatamente a maior; a respeito da menor disse à minha mãe: “Quando a desmamar terá aqui um lugar!” Em 1916 entrei no Orfanato que, naquela época, acolhia “os pequenos”, como dizia Madre Assunta, e as meninas. Ocupavam-se dos “pequenos” Ir. Clarice e a Isoleta, *sic*, uma ex-aluna de origem africana que, por causa da cor de sua pele, não pode entrar no noviciado, como era o seu desejo. Madre Assunta, porém, a aconselhou a fazer os votos em forma privada e lhe havia dado também o anel de uma Irmã que havia falecido. Isoleta recebera ainda a incumbência de visitar os imigrantes dos arredores. Eram tantos e prevalentemente italianos. As Irmãs dirigiam ainda uma escola na Vila Prudente, a escola do Orfanato, frequentada pelas crianças de origem italiana do entorno. Madre Assunta se encarregava de tudo. Muito fez pelos pobres de Vila Prudente. Às vezes, à porta de entrada, estava uma verdadeira procissão de gente pobre em busca de trabalho e de pão. A Serva de Deus não dava aula, mas os seus exemplos de vida eram uma alta escola para todos. Falava quase sempre em italiano. Certa vez, quebrei um copo e fui contar-lhe. Eis o seu comentário: “Não faz mal! Reze uma Ave Maria para o fabricante para que possa vender muitos copos e ganhar o suficiente para viver!” Nós, órfãs, percebíamos que a comunidade era unida, em paz. As Irmãs se tratavam bem. A caridade que se respirava atraía. Madre Assunta estava sempre ocupada, era precisa, exigia que se fizessem bem as coisas, mas encontrava tempo para contar historietas divertidas, para falar da Itália. As Irmãs de Vila Prudente tinham também a tarefa de lavar e consertar as roupas dos meninos do Ipiranga e as dos padres Scalabrinianos da paróquia de Santo Antônio. Tudo era lavado a mão, sobretudo, pelas órfãs maiores que, a bem da verdade, se cansavam neste trabalho. Madre Assunta bem o sabia e, por isso, preparava sempre um doce feito com farinha de milho para oferecer-lhes ainda quente. Nunca ficava nervosa, impaciente, triste. Corrigia com delicadeza. Depois da minha entrada no noviciado, tive a alegria de vê-

³⁰ Recordações de Ir. Filipina Rocha († 2005), transmitidas verbalmente à Ir. Laura Bondi, 20 de julho de 1995, no Orfanato de Vila Prudente. In *APR*.

la frequentemente. Na ocasião da minha profissão religiosa, minha mãe desejava muito ir a Aparecida, onde era o noviciado, para participar da cerimônia, mas não tinha dinheiro para a viagem, uma viagem de mais ou menos 250 quilômetros. Quando Madre Assunta soube, procurou o dinheiro necessário, dando-nos muita alegria. Naquele tempo Vila Prudente era circundada de bosque. Chegava-se a São Paulo somente com o bonde que estacionava na Praça de Vila Prudente. Para chegar ao Orfanato, era preciso enfrentar uma subida a pé, se quisesse economizar o dinheiro do táxi, como, por exemplo, fazia sempre Madre Assunta. As órfãs ficavam na Vila Prudente até os dezesseis anos. Na “casa dos pequenos” eram recolhidos também meninos recém-nascidos. Ficavam ali até os três anos. Os menores dormiam num quarto chamado berçário. Ao lado deste estava o quarto de Madre Assunta, ou seja, o da superiora geral, sempre pronta a correr quando alguém chorava. Como postulante, eu ajudava na escola. Um dia, a Serva de Deus, percebeu que eu tinha aparência pálida. E foi logo falar à responsável das postulantes, que me desse todos os dias uma “gemada”.³¹ Essa me foi dada até o meu ingresso em o noviciado. À tarde, normalmente, Madre Assunta jantava apenas uma cebola e pão». ³²

ENTRE OS IMIGRANTES ITALIANOS DO RIO GRANDE DO SUL (1915)

No começo de 1915, a Serva de Deus sentiu-se feliz em responder afirmativamente ao pedido do pároco de Bento Gonçalves, RS, Pe. Enrico Poggi,³³ naquele tempo, missionário scalabriniano, enviando

³¹ Gema de ovo, batida com açúcar.

³² V. nota 30.

³³ Enrico Poggi: nasceu em Sarissola, província de Gênova, em 1868. Foi ordenado sacerdote em 1893 e partiu para o Brasil em 1897. Em 1921, se associou aos Missionários de São Carlos em Bento Gonçalves. Foi na sua qualidade de pároco desta cidade, no interior do Rio Grande do Sul, que abriu às Irmãs de São Carlos um novo e promissor campo missionário, chamando-as para assumir a direção do Colégio São Carlos, que funcionou em uma construção gratuitamente cedida a elas, por este bondoso sacerdote. Em 1925, pediu para retornar à Itália, onde morreu em 1936 (Cf. *Brevi Cenni*, cit. p. 25). Bento Gonçalves, antes de 1870 era habitada por índios. Em 1875, com a chegada dos primeiros 730 imigrantes italianos, entre eles, agricultores, ferreiros, sapateiros, carpinteiros, etc., estabeleceu-se a “colônia” de Dona Isabel, em homenagem à princesa brasileira Isabel de Bragança. Em 1890 a “colônia” foi desmembrada do município de Montenegro com o nome de Bento Gonçalves, em homenagem ao heróico general da “revolução farroupilha,” Bento Gonçalves da Silva. Os colonos encontraram ali um clima favorável, semelhante ao europeu, apropriado para o cultivo da uva, cultivo até hoje predominante, de tal forma que uma consistente parte do terreno é chamada “Vale dos Vinhedos”. A cidade é conhecida também como “capital brasileira do vinho”. Sua altitude é de 691 m. Sua população supera os 100.000 habitantes. (Cf.

para aquela localidade (Diocese de Porto Alegre, RS) cinco Irmãs: Ir. Lúcia Gorlin, Ir. Josephina Oricchio, Ir. Borromea Ferraresi, Ir. Joana de Camargo e Ir. Maria de Lourdes Martins para dirigir uma escola, Colégio São Carlos, logo transferido para outro prédio com o nome Colégio Medianeira. Esta escola era destinada aos filhos dos numerosos colonos italianos que tinham chegado àquela terra fértil em fins do século XIX.³⁴ Nada melhor para poder expressar a especificidade do carisma da Congregação. A Serva de Deus tinha compreendido bem e não titubeou em aceitar a proposta, apesar de não ter nenhuma garantia, além das palavras de Pe. Poggi: «O pão poderá faltar para mim, mas jamais para as Irmãs!».³⁵ Confiou e quis que também as Irmãs confiassem, apesar de que ao chegar a Bento Gonçalves, encontraram a acolhê-las um “convento” feito com tábuas pregadas de qualquer maneira, totalmente insuficiente para abrigá-las do temporal da primeira noite, de tal forma que foram obrigadas a buscar refúgio debaixo das camas.³⁶ A discreta moleira do moinho de “La Fabbrica di Camaione” (Lucca) era agora uma mulher amadurecida na fé, uma mulher segura que nunca saía perdendo, confiando-se a Deus. Também desta vez Deus não a decepcionou e logo tornou visível sua bênção. No mesmo ano da chegada das Irmãs, matricularam-se na Escola cinquenta alunos e, pela metade de 1916, cinco candidatas gaúchas, todas da colônia italiana, chegaram a São Paulo para iniciar seu caminho de preparação à vida religiosa.³⁷ Eram acompanhadas pela mesma Serva de Deus, que voltava da visita canônica à missão de Bento Gonçalves, onde esteve de 23 de julho a 10 de agosto, experimentando intimamente a alegria de

Coligamento Internet - Enciclopedia *Wikipedia*).

³⁴ Cf. L. M. SIGNOR, *Giovanni Battista Scalabrini e l'emigrazione italiana*, cit., p. 240-241.

³⁵ Ir. Vittorina CONSONI, Resumo histórico da fundação da missão scalabriniana no Rio Grande do Sul (1915-1934), manuscrito, p. 1, in AGSS 1.4.2. «No dia 04 de Fevereiro de 1915, com o consentimento de S. Excia. Revma. Dom Duarte Leopoldo Silva, partiam para o Rio Grande do Sul, Ir. Lúcia Gorlin (superiora), Ir. M. Borromea Ferraresi, Ir. Josephina Oricchio, Ir. Lourdes Martins e Ir. Joana de Camargo. No início se alojaram em casa particular até que o Pe. Henrique Poggi mandou construir o Colégio São Carlos, na Rua Rio Branco» (cf. Histórico das Casas, Vol. I, p. 4-5, in AGSS 3.1.1).

³⁶ M. FRANCESCONI, *Una Donna “Forte”*, cit., p. 39.

³⁷ «As primeiras cinco aspirantes riograndeses: Candida Lunelli, Nicolina Bolzan, Stanislaa Cherubini, Lorenzina e Pierina Caldieraro» (Cf. Ir. Vittorina Consoni, Resumo histórico da fundação, cit., p. 7).

ver a atuação das Irmãs entre os imigrantes italianos, comprometidas com um apostolado que respondia plenamente à finalidade do Instituto. Neste período foi-lhe permitido gozar um clima saudável, muito parecido ao de sua terra natal que não via há vinte anos.³⁸

Em sua viagem de regresso a São Paulo, passando por Porto Alegre, RS, quis cumprimentar o Arcebispo daquela cidade, S. E. Dom Becker que, demonstrando estima e confiança, lhe assegurou o seu apoio e a convidou a abrir outras casas, e até o noviciado, em sua Diocese.³⁹

Animada com estas palavras e pelo aumento das vocações, depois de poucos meses, a Serva de Deus, deu vida a duas novas missões naquela terra fértil: uma em Nova Vicenza (02/02/1917), hoje Farroupilha, e uma em Guaporé (05/03/1917), ambas no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Encaminhando-se à conclusão do seu sexênio como superiora geral, a Serva de Deus pode contemplar um futuro promissor.⁴⁰ As Irmãs de São Carlos estavam presentes no Orfanato Cristóvão Colombo do Ipiranga, São Paulo, SP (1895), no Orfanato Cristóvão Colombo de Vila Prudente, São Paulo, SP (1907), na Casa Geral, Vila Prudente, São Paulo, SP (1907), no Noviciado, Vila Prudente, São Paulo, SP (1912), no Colégio São Bernardo do Campo, SP (1913), no asilo “Nossa Senhora da Candelária”, Itú, SP (1913), no Colégio São Carlos, Bento Gonçalves, RS (1915), no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Farroupilha, RS (1917) e no Colégio Scalabrini, Guaporé, RS (1917).

A reestruturação da Congregação, da qual a paciência histórica da Serva de Deus fora a principal artífice, mas à qual tinham colaborado também Pe. Consoni e o Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, favoreceu um imprevisível progresso em todos os níveis.

Seguem, à continuação, notícias consideradas idôneas por colocarem em evidência a riqueza do ser e agir da Serva de Deus, tornando-a mais amada e admirada.

³⁸ *Ibidem*, p. 4.

³⁹ Cf. *Brevi Cenni*, p. 25.

⁴⁰ Cf. Histórico das Casas, Vol. I, p. 4, in *AGSS* 3.1.1.

«Como superiora geral era serena e boa. Sempre foi exemplar, trabalhou com fé e por amor, conseguindo dar notável expansão à Congregação. Apesar de sua pouca cultura, evidenciou uma considerável capacidade administrativa. Muito realista, não se deixou abater por contrariedade e críticas estéreis. Qualidade de guia, capacidade administrativa, capacidade de discernimento caracterizavam esta mulher de olhar sereno, de atitudes decididas e equilibradas ao mesmo tempo, que a ajudaram a ser o a fortaleza da Congregação e a ampliar seu campo de ação. Tinha um olhar penetrante, indagador, mas sereno. Mantinha-se em um constante espírito de sacrifício. Para economizar em favor dos pobres e das órfãs, sabia mortificar-se e evitar também gastos que poderiam lhe poupar sacrifícios ou incômodos. Frequentemente com as pernas inchadas e ulceradas, Madre Assunta descia e subia a pé a colina de Vila Prudente, e isto me deixava indignado. Na vida encontrou assim, tantas dificuldades que não encontramos explicação de como tenha podido, com tanta bravura, continuar à frente da Congregação. Não foi nunca autoritária, embora exortando as Irmãs, por exemplo, a viver os votos e a obediência sobrenaturalmente. Dizia com frequência que quem obedece nunca erra».⁴¹

Só Deus pode dar-lhe tanta força. Ensinou, por tanto tempo, com o exemplo, obedecendo sempre, livremente, com alegria.

⁴¹ Estas informações foram fornecidas pelo devotado sobrinho da Serva de Deus, Alexandre Antônio Marchetti Zioni, já citado anteriormente.

CAPÍTULO XI

DE SUPERIORA GERAL A SIMPLES MISSIONÁRIA

As Constituições das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, aprovadas em 1914, estabeleciam, no n. 59, que a superiora geral do Instituto fosse eleita por um sexênio e, no n. 60, que fosse eleita em Capítulo, como os demais membros do governo geral.¹ Em 1918 dever-se-ia, portanto, celebrar o Capítulo Geral para eleger a substituta de Madre Assunta, que deixava após seu mandato, um sexênio fecundo de frutos, sobretudo no que se refere à reestruturação e à expansão da Congregação. Porém, o Capítulo, por motivos até agora desconhecidos, não foi celebrado, mas, em 09 de setembro de 1918, durante uma reunião do Conselho, Dom Duarte Leopoldo e Silva, bispo de São Paulo, através de um dos seus delegados, o sacerdote Antônio Jorge, chamou Ir. Antonietta Fontana, então superiora da Comunidade operante em Guaporé, a substituir Madre Assunta Marchetti, «que com tanta dedicação e tantos sacrifícios tinha carregado a cruz [...] do serviço até aquele momento».² Na mesma reunião, a Serva de Deus, quase a fecundar com a própria virtude a árvore plantada por ela, era nomeada superiora local do Colégio São Carlos de Bento Gonçalves, RS, em substituição de Ir. Lúcia Gorlin, que tinha sido nomeada conselheira da comunidade.³ Oito dias depois, 18 de setembro de 1918 – encontramos

¹ As Constituições de 1914 nunca foram traduzidas ao italiano, e são conservadas somente em português: cf. *Constituições das Irmãs de São Carlos Borromeo*. São Paulo 1914, p. 40, n. 59 e n. 60, in *AGSS* 1.4.

² Atas do Conselho mensal das Irmãs Missionárias de São Carlos, p. 1, in *AGSS* 1.12.

³ Naquela reunião foram eleitas, o que foi omitido em 1912, também as seguintes conselheiras

em *Brevi Cenni* – que Madre Assunta deixava São Paulo para sua nova destinação, no Estado do Rio Grande do Sul, dando prova de disponibilidade e capacidade de desprendimento admiráveis. Foram suficientes oito dias para passar e entregar tudo a quem lhe sucedia e, talvez, para habituar-se à idéia de ter que se distanciar de um mundo que tinha sido seu por vinte e três anos. Não deveria parecer-lhe totalmente ingrata a prospectiva de ir onde o clima era muito parecido ao da Toscana, onde se cultivava vinhas como em Camaiole, e onde sua coragem de expansão tinha já obtido respostas gratificantes, apesar da transferência incluir o dever de deixar as órfãs e de ir longe de sua mãe, já em idade avançada e com a saúde cada vez mais delicada. Mas Assunta Marchetti não conhecia a fragilidade emocional, de tal forma que soube mais uma vez enfrentar com a dignidade exigida pela sua vocação, a dor da separação, tanto mais que não podia imaginar a cruz que, desde sua chegada, teria encontrado lá, naquela terra perfumada de italianidade.

A este ponto torna-se indispensável uma premissa: aquilo que aconteceu na sua chegada ao Rio Grande do Sul não pode ser contado nem com rigor cronológico, nem com a devida clareza, por falta de documentação suficiente. Poder-se-á, de fato, apenas considerar - e avaliar com possível objetividade - as notícias que nos chegaram, das quais, porém, ninguém pode vangloriar-se de ter como fonte a Serva de Deus, que nunca se afastou de sua práxis de um digno silêncio.

Duas de suas cartas⁴ deste tempo a Pe. Consoni o confirmam, demonstrando também seu singular equilíbrio, mas sem trazer elementos capazes de elucidar o nó de uma situação um tanto confusa.

Uma, com data de 30 de setembro de 1918, portanto, escrita em Bento Gonçalves, doze dias depois de sua partida de São Paulo, que pode

gerais: Ir. Angelina Meneguzzi, Ir. Carmela Tomedi, Ir. Camila Dal Ri e Ir. Maria da Divina Providência. Esta última, veremos a seguir, talvez não de má vontade, escreverá na história do Instituto uma página negativa, mas útil para compreender melhor o valor moral da Serva de Deus (Atas do Conselho mensal das Irmãs Missionárias de São Carlos, cit., p. 1-1b).

⁴ Carta de A. Marchetti a F. Consoni, Bento Gonçalves, 30 de setembro de 1918, cópia in AGSS 1.3.4 e Carta de A. Marchetti a F. Consoni, Bento Gonçalves, 22 de janeiro de 1919, cópia in AGSS 1.3.4.

ser considerada um hino de ação de graças, a Deus, primeiramente, que lhe havia concedido boa viagem e, a Pe. Faustino, de quem recordava a grande bondade. No final, um angustiante pedido de orações ao destinatário, com a promessa de intercâmbio. E é tudo. Mas, por que pedia com tanta insistência a ajuda da oração? A outra carta, datada em 22 de janeiro de 1919, e escrita ainda em Bento Gonçalves, é uma resposta a Pe. Consoni e comprova quanto Madre Assunta sabia evitar atitudes de centrar-se sobre si mesma e de se fazer de vítima, embora tenha sido mais explícita que na anterior. O tom é estranho, eco de um estado de ânimo, evidentemente necessitado de externar seu desapontamento, ao menos com um confidente muito querido como era Pe. Faustino, mas que, ao final, como se verá, consegue conter ainda a sua forma de dizer, dentro dos limites da sobriedade, como também da caridade:

«Entre outras coisas que o senhor, Padre, me dizia, percebi também que me recomendava de não formar dois partidos. Somos ainda as mesmas, e não sabemos de onde partem estes discursos. O que soubemos é que falaram tantas coisas inúteis que, particularmente a mim, são penosas injúrias. Não lhe digo mais porque não vale a pena. Peço-lhe, Padre, que não demore muito para fazer aquelas escrituras, como tínhamos combinado, (*sic*) de forma que, ao menos nisto, não tenha que ouvir tantas reclamações injustas. Digo a verdade, estou cansada de ouvir tantas fofocas. Mas não faz mal, Deus existe para todos, e o mal é melhor recebê-lo que fazê-lo, porém, somos todos de carne e pele (*sic*) e, as coisas injustas ninguém as experimenta com prazer. Recomendo-me muitíssimo às suas orações para que o Senhor me conceda muita paciência. Abençoe-me, Padre, enquanto, respeitosamente, beijo-lhe a mão. Sou sua humilde serva».

De Bento Gonçalves, em 8 de fevereiro de 1919, escreveu novamente a Pe. Consoni.⁵ No Sul, há mais de quatro meses, já tinha feito a experiência das amarguras e das humilhações que a nova residência lhe havia reservado, pelo que se poderia considerar muito normal, um tom desconsolado. A Serva de Deus, ao contrário, de modo muito formal, limita-se a expressões de felicitações ao Padre pelo seu

⁵ Carta de A. Marchetti a F. Consoni, Bento Gonçalves, 08 de fevereiro de 1919. Cópia in AGSS 1.3.4.

próximo onomástico e, ao pedido caridoso de orações. Inútil, portanto, esperar saber algo mais da parte dela. Contudo, vários testemunhos recolhidos concordam, por exemplo, ao informar que a Serva de Deus, embora encontrando à sua chegada em Bento Gonçalves um clima nada acolhedor, teve que permanecer lá por alguns meses, aceitando de bom grado a situação de sentir-se uma hóspede pouco desejada. A um determinado ponto, viu-se, praticamente obrigada a sair, sempre como superiora, para a comunidade de Guaporé (RS), de onde havia partido Ir. Antonietta Fontana, ao ser nomeada superiora geral, deixando em Guaporé, como substituta provisória, Ir. Gertrudes Mileti. Mas «motivos que não é o caso mencionar»⁶ fizeram com que fosse confirmada superiora Ir. Gertrudes, pelo que à Madre Assunta não restou senão voltar a Bento Gonçalves.⁷ Embora, ao partir de São Paulo, tudo parecesse claro, vendo o que aconteceu, pode-se deduzir certa aproximação em projetar sua transferência e, a pouca clareza, ao transmitir a quem correspondia, o que estava relacionado com a mesma. Consultando as memórias deixadas por Ir. Vittorina Consoni em seu Resumido manuscrito,⁸ tem-se a impressão de que Madre Antonieta Fontana tenha transmitido de modo informal as decisões das duas reuniões do Conselho, de setembro de 1918. Levaria a esta dedução, por exemplo, o fato de ter dado a Madre Assunta, exatamente no momento da partida, «ordens desta forma»:

«Tome conhecimento da realidade e depois escolha, podendo livremente permanecer em Bento Gonçalves ou ir a Guaporé, ou ainda, abrir uma nova comunidade, se o considera-se oportuno».[...] «Madre Assunta não pensou que as coisas ficassem tão complicadas e, partiu de São Paulo sem nenhum documento escrito nas mãos para provar, no

⁶ Cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 26.

⁷ Ir. Vittorina CONSONI, Resumo histórico da fundação – manuscrito - cit., p. 35-36, in *AGSS* 1.4.2. Ir. Vittorina, sobrinha de Pe. Faustino Consoni nasceu em Milão, Itália, em 18 de setembro de 1885. Entrou na Congregação aos 15 de agosto de 1917, retornou à Itália em 1935, e terminou sua peregrinação terrena dez anos mais tarde em Piacenza, na Casa Provincial. Os seus restos mortais repousam no cemitério daquela cidade. Foi uma religiosa exemplar, comprometida em fazer tudo com a máxima perfeição (cf. Ficha pessoal –Irmãs Falecidas, in *AGSS* 4.3).

⁸ *Ibid*, p. 42.

momento oportuno, quanto lhe havia sido permitido fazer».⁹

Estas orientações apenas orais, que não aparecem nas atas oficiais,¹⁰ seriam conhecidas pelas Irmãs do Sul? Entretanto, Pe. Giovanni Morelli,¹¹ pároco de Nova Bréscia, RS, que há tempo tinha pedido a presença das Irmãs de São Carlos na sua paróquia, estava ainda esperando uma resposta. A certo ponto, parece que as Irmãs do Rio Grande do Sul se sentiram autorizadas a dar àquele pároco uma resposta afirmativa e, decidir enviar para lá a Serva de Deus como superiora, mas sem prévia comunicação ao Governo Geral.¹² Madre Assunta e suas companheiras partiram para Nova Bréscia no dia 11 de março de 1919.¹³

Enquanto isso, em São Paulo, na reunião do Conselho Geral de 09 de fevereiro anterior, havia sido claramente concordado: responder ao Pe. Morelli dizendo que se reconsideraria seu pedido de ter Irmãs de São Carlos em Nova Bréscia, somente quando fosse possível ter Irmãs disponíveis. Estudariam, se fosse o caso, de fechar uma Comunidade para ter pessoal livre de compromissos; realizar uma visita às Irmãs do Sul para verificar pessoalmente o que fazer com as duas Comunidades aí presentes.¹⁴ Aqui, poder-se-ia abrir espaço para uma longa série de perguntas, mas, nos limitamos a que nos parece central: como justificar a atitude das Irmãs de São Carlos do Rio Grande do Sul em relação à

⁹ Histórico do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Nova Bréscia ou Ginásio Moderno Sagrado Coração de Jesus (datilografado), p. 1. In *AGSS* 1.4.4.

¹⁰ Cf. Atas do Conselho mensal das Irmãs Missionárias de São Carlos, cit., p. 1-3 (As reuniões do Conselho a que se faz referência acima são as de 08 e 26 de setembro).

¹¹ Pe. G. Morelli (1872-1937) nasceu em Verdello (Bergamo). Ordenado sacerdote a 29 de janeiro de 1872, entrou na Congregação Scalabriniana em 03 de dezembro de 1907. Após o Noviciado, partiu para o Brasil onde foi missionário, primeiro em Santa Felicidade, depois em outras paróquias do Paraná. Em 1914, foi ao Rio Grande do Sul, primeiro em Muçum e, depois em Nova Bréscia, onde construiu a nova igreja e a comunidade paroquial com aqueles compatriotas que ficaram, até a sua chegada, totalmente abandonados. Com paciência conseguiu mudar aquele lugar e deixou recordações muito profundas em todos os que dele se aproximaram.(cf. *Menologio - Confratelli Scalabriniani* - 05 de junho).

¹² Cf. M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo - Scalabriniane*, cit., p. 60-61.

¹³ Arquivo da Paróquia São João Batista, Registro das Memórias, Nova Bréscia, RS, Brasil. Cópia in *AGSS* 1.4.2.

¹⁴ Atas do Conselho mensal das Irmãs Missionárias de São Carlos, cit., p. 3.

sua ex Superiora Geral, e, de onde partir para chegar a uma avaliação objetiva? Com certeza, a Serva de Deus, chegando a Bento Gonçalves, encontrou à sua espera um clima pouco sereno, resultante de vários episódios. Convém recordar que existia, desde algum tempo, certo contraste entre o Arcebispo de São Paulo e as Irmãs de São Carlos, iniciado por ocasião da abertura da primeira comunidade no Sul.

O motivo: a relação pouco cordial entre ele e o Arcebispo de Porto Alegre, RS, Dom João Becker. Dom Duarte Leopoldo e Silva não teria jamais permitido a abertura de uma Casa no Sul, se tivesse sido informado de modo conveniente. De fato, resulta que, em 1915, ele deu seu consentimento para a abertura da primeira Casa scalabriniana lá no Sul, porque, ao ouvir falar em Rio Grande, pensou que se tratasse de uma pequena cidade com este nome, situada a poucos quilômetros de São Paulo. Resulta ainda, que ficou muito entristecido quando percebeu o equívoco.¹⁵

Desde 1915, ou seja, de sua chegada no Rio Grande do Sul, as Irmãs de São Carlos não foram mais bem aceitas pelo Arcebispo de São Paulo, por isso, não é de se admirar se agora ele não conseguia aprovar a abertura da Casa de Nova Bréscia, já que não tinha sido consultado a este respeito. Caso se queira investigar os motivos que prejudicaram as relações entre o Governo Geral e as Irmãs do Sul até o ponto de se constituírem dois grupos contrapostos, fazem referência os resultados da pesquisa de Mario Francesconi.¹⁶

Segundo ele, a relação entre os dois grupos tornou-se conflitiva, antes de tudo, porque o Governo Geral não quis reconsiderar a decisão tomada no Conselho de 09 de setembro, de enviar Madre Assunta Marchetti como superiora a Bento Gonçalves, decisão inexplicavelmente não compartilhada com as Irmãs do Rio Grande do Sul. Além do que, o mesmo Bispo não considerou o pedido de ter um noviciado no Sul, para evitar mandar as candidatas a São Paulo para a formação. Uma terceira

¹⁵ Cf. A. CICOGNANI, então Delegado Apostólico, Relações à Concistorial sobre a Congregação das Irmãs de São Carlos - Scalabrinianas, na qualidade de visitador apostólico, Roma, 06 de novembro de 1926. AGSS 1.4.4.

¹⁶ M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di S. Carlo Borromeo - Scalabriniane*, cit., p. 60.

causa poderia ser a comunicação, naquele tempo, inadequada, entre os dois grupos, trazendo dificuldade de um diálogo franco e confiante. A documentação recolhida não se distancia, substancialmente, de todas estas hipóteses, acrescentando apenas algum aspecto significativo ao contexto em que a Serva de Deus veio a encontrar-se na terra gaúcha, colocando, desta forma, em maior evidência sua singular virtude. Eis alguns:

«Madre Assunta foi mandada ao Rio Grande do Sul com ordem de assumir a direção da Casa de Bento Gonçalves. Mas, as ordens da Madre Geral, foram transmitidas de modo pouco claro, ou foram mal interpretadas. Madre Assunta, depois de sua chegada a Bento Gonçalves, RS, esperou esclarecimentos, colocando-se, como sempre, no último lugar, disposta a obedecer e capaz de sofrer e calar, na fidelidade à sua ascética habitual».¹⁷

«Terminado o tempo do seu mandato, a Serva de Deus foi enviada ao Rio Grande do Sul, como superiora da comunidade de Bento Gonçalves, RS. As Irmãs de lá, porém, não reconheceram a autoridade de Dom Duarte, à qual estava subordinada a Congregação, preferindo, se necessário, recorrer a Dom Becker,¹⁸ Bispo de Porto Alegre, RS. Por este motivo Madre Assunta não só não foi bem recebida, mas foi até desprezada».¹⁹

«Ao término do seu sexênio de superiora geral, em 1918, a Serva de Deus foi enviada para assumir a responsabilidade da Comunidade de Bento Gonçalves, RS, mas, quando aí chegou, não foi aceita pelas Irmãs. Com espírito de fê, viu nisto a vontade de Deus - e quanto Deus permitia, era para ela um bem – portanto, não se permitiu murmurar no confronto nem dos superiores, nem das Irmãs».²⁰

¹⁷ M. FRANCESCONI, *Una Donna "Forte"*, cit., p. 42.

¹⁸ Dom João Becker, filho de Carlos Becker e Catarina Becker, nasceu em S. Wendelino (S. Wansel) na Diocese de Treveri, Alemanha, em 24 de fevereiro de 1870. Emigrou com a família para o Brasil, no Rio Grande do Sul, aos 9 anos. Estudou no Colégio dos Padres Jesuítas de São Leopoldo, RS. Em 1891 entrou no Seminário em Porto Alegre e foi ordenado sacerdote a 02 de agosto de 1896. A 03 de maio de 1908, o Papa Pio X o nomeou Bispo. Em 08 de dezembro de 1912 tornou-se Arcebispo de Porto Alegre onde morreu a 15 de junho de 1946 (Cf. *Positio super vita et virtutibus, Biografia documentada da Serva de Deus Paulina a Corde Iesu Agonizante*, cit., p. 45).

¹⁹ Lembranças de Ir. Afonsina Salvador (†1988), cit.

²⁰ Informações obtidas de uma Irmã do Instituto que viveu com a Serva de Deus de 1921 a 1926, in *APR*.

Enfim, a demonstração da consistência espiritual da Serva de Deus, revela-se verdadeiramente heróica naquela penosa situação e, para encerrar um triste assunto, do qual, muitas pessoas estavam interessadas de diferentes modos, acrescentamos de modo sintético, outros elementos históricos que podem projetar nova luz sobre a esplêndida figura de Madre Assunta.

«Em 1918, Madre Assunta foi transferida para Bento Gonçalves, RS. Chegando àquela localidade, por razões que ela nunca quis revelar, não pode assumir o cargo de superiora, mas foi enviada a iniciar uma comunidade em Nova Bréscia, RS, e o fez sem considerar as motivações que, talvez, houvessem inspirado tal decisão».²¹

Do conjunto dos dados recolhidos parece que a Comunidade de Nova Bréscia tenha sido aberta, sobretudo, por ordem da responsável das Irmãs do Sul, Ir. Lúcia Gorlin,²² e de sua conselheira, Ir. Borromea Ferraresi,²³ no desejo de atender ao pedido do Pároco daquela localidade.

²¹ Autora desta informação é uma Irmã da Congregação que, tendo defendido a tese sobre a espiritualidade do Instituto, conheceu e recolheu muita informação, hoje depositadas in *APR*.

²² Ir. Lúcia Gorlin fez parte, como guia, das Irmãs pioneiras no Rio Grande do Sul, em 1915 e, logo passou a ser elemento de relação com o Governo Geral e as coirmãs do Sul. Em 1927, foi nomeada superiora provincial da Província do Rio Grande do Sul (Cf. Carta de E. Lari, Visitador Apostólico, Encarregado de assuntos da Sé Apostólica, à Ir. L. Gorlin, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1927, in *AGSS* 4. 3) e, em 1928, deixou definitivamente o Sul, porque transferida para São Paulo, onde chegou a 22 de setembro de 1928. Lá continuou como conselheira geral vivendo, porém, na comunidade do Pari. (Cf. Carta de E. Lari à Superiora Geral, Madre A. Marchetti, Rio de Janeiro, 21 de julho de 1928, in *AGSS* 1. 3).

²³ Conversa de Ir. Paulina Miotto (†2001) com Ir. Laura Bondi, Jundiaí, SP, 17 de julho de 1995. A conversa transcrita é, atualmente, conservada in *APR*.

DE BENTO GONÇALVES, RS, A NOVA BRÉSCIA,²⁴ RS

Algumas Irmãs scalabrinianas, entre as quais, Ir. Letícia Negrisolo, autora de um Perfil Inédito, várias vezes citado, sintetizam mais ou menos assim o primeiro período de permanência da Serva de Deus no Rio Grande do Sul: «Depois de não ter sido acolhida, nem pelas Irmãs de Bento Gonçalves, nem por aquelas de Guaporé, Madre Assunta partiu para Nova Bréscia».

«A Serva de Deus partiu de Bento Gonçalves para Nova Bréscia em 11 de março de 1919, às 8h da manhã, juntamente com Ir. Atília Angeli e Ir. Justina de Camargo. Acompanhadas pelos senhores José Zambiasi e Luis Zanatta e pelas senhoras Maria Bongiorno e Ignez Daltoé, foram abrir uma humilde escola paroquial, identificada, desde os primeiros documentos que nos chegaram como Colégio Sagrado Coração de Jesus, há tempo solicitada pela gente do lugar, em benefício dos próprios filhos. [...] A distância entre Bento Gonçalves e Nova Bréscia não permitia

²⁴ “Nova Bréscia, RS, está situada na chamada Encosta Inferior do Nordeste gaúcho. É uma cidade de pouco mais de 5 mil habitantes, a maioria de origem italiana: o nome indica claramente a presença lombarda, mas não faltam as famílias vênetas. Esta localidade teve início nos primeiros anos de 1900. Quando lá chegaram os primeiros colonizadores, encontraram apenas mata e trilhos. Os primeiros tempos não foram fáceis para a nova comunidade. Seus primeiros colonizadores com suas famílias e suas poucas coisas, aí chegaram subindo a cavalo escarpadas montanhas e, com esforço, construíram suas casas de madeira, serrando as tábuas necessárias à mão. A este esforço, agregue-se logo outro: o cultivo da terra, a plantação do trigo, do milho e de feijão, de onde tiravam o necessário para viver e a única fonte de ingresso, o que era vital em um lugar onde existia a terra, mas onde não circulava o dinheiro. Para comercializar utilizavam exclusivamente os burros, que facilitavam os contatos com uma localidade mais desenvolvida, a 15 km de distância: Encantado. Os dois povoados foram ligados por uma estrada somente em 1914. Em 1916 foi criada a paróquia São João Batista. O primeiro pároco foi o missionário de São Carlos, Pe. Giovanni Morelli (1872-1937). Chegou à Nova Bréscia, no ano anterior, e percebeu que os habitantes, todos italianos, estavam quase totalmente abandonados e com santa paciência conseguiu transformar o rosto do povoado, (cf. *Missionários Scalabrinianos na Casa do Pai*, cit., p. 189). Em 1924, chega à Nova Bréscia o primeiro médico, o Dr. José Lorenzin, e foi aberta a primeira farmácia. Até então, quando necessário, os doentes eram levados em padiola ao médico, residente em Encantado. Com o passar dos anos, cobiçada atividade dos habitantes de Nova Bréscia, passou a ser aquela de churrasqueiros, nome que indica os que vendem carne assada na brasa. Hoje, esta cidade é ainda conhecida pela exploração de pedras semi-preciosas, o que lhe valeu o título de “capital das pedras semi-preciosas”. O Município de Nova Bréscia compreende 33 comunidades (cf. Link Internet-Enciclopedia Wikipedia”). Em Nova Bréscia, a Serva de Deus continua sendo lembrada e venerada. Em 2007, a *Rua 15 de Novembro* de Nova Bréscia passou a ser denominada *Rua Madre Assunta Marchetti* como lembrança e, em honra, da Serva de Deus que doou muito de si àquele lugar (cf. Lei Municipal Nº 1.609 - 2007 de 18 de Novembro de 2007, AGSS 1.5.13).

fazer a viagem em um único dia, por isso, as Irmãs passaram a noite em Santa Teresa, onde era pároco o Pe. Pietro Negri, missionário de São Carlos, que as acolheu bondosamente. No dia seguinte, prosseguiram para Nova Bréscia, onde eram esperadas, ansiosamente, pela população. Duas horas antes de chegarem ao destino, encontraram um grupo de cinquenta pessoas - senhoras e jovens - que, alegremente, vinham ao seu encontro, a cavalo. Alinhadas em perfeita ordem, continuaram o caminho em encantadora conversa com as senhoras».²⁵

«Naquele tempo, para chegar a Nova Bréscia eram necessários dois dias a cavalo, se tudo corresse bem. A estrada era péssima porque a localidade estava no alto [...]. As estradas acompanhavam a encosta das montanhas, atravessavam a mata virgem, com o perigo dos animais ferozes e, costeavam precipícios. As pessoas ainda recordam que, para evitar desgraças e também pelo medo que se sentia, em alguns trechos, preferia-se andar a pé, puxando os cavalos pelas rédeas até chegar à estrada menos perigosa».²⁶

A Serva de Deus e suas companheiras chegaram à Nova Bréscia no dia 13 de março de 1919, às 5 horas da tarde,²⁷ mas o Revmo. Pe. Morelli ainda não tinha podido arrumar a casa para elas. Lá, nenhuma construção se prestava para ser escola. A pobreza era grande; muitos não tinham nem roupa para trocar. O povo de Nova Bréscia tinha somente a terra. Pe. Morelli, porém, pensando na ajuda que os seus paroquianos receberiam da parte das Irmãs, resolveu o problema hospedando-as, provisoriamente, em uma casa de madeira, ao lado da casa paroquial, onde ficaram muito mal acomodadas.²⁸ A Serva de Deus foi mais

²⁵ Cf. L. M. SIGNOR, *Província Cristo Rei, uma abordagem sócio-pastoral*, Ed. Renascença, Porto Alegre, RS, Brasil, p. 92. (A Serva de Deus, partiu, em setembro de 1918 de São Paulo, SP, para ser a superiora da comunidade de Bento Gonçalves, RS, em março seguinte. Depois de alguns meses de sofrimento e de humilhações, estava a caminho para ir, como fundadora e superiora da comunidade, entre os emigrantes italianos de um lugar quase inacessível, onde tudo estava para ser criado e construído).

²⁶ Cf. Histórico do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Nova Bréscia ou Ginásio Moderno Sagrado Coração de Jesus, (datilografado), cit., p. 2.

²⁷ Cf. Recordações de uma Irmã Scalabriniana (†1994), Ficha pessoal, Coirmãs falecidas, AGSS 4.3) que esteve em contato com a Serva de Deus, sobretudo, de 1927 a 1928, quando ambas residiam no Orfanato de Vila Prudente: Madre Assunta, como superiora geral e a Irmã acima citada como encarregada dos serviços da casa. In *APR*.

²⁸ Cf. nota 27.

uma vez superiora,²⁹ de uma pequena comunidade que começava sob a insígnia da pobreza e, portanto, no abandono confiante na Divina Providência, o seu caminho missionário em favor de um grupo de imigrantes italianos marginalizados – ao todo, sessenta famílias³⁰ – entre os quais tinha, docilmente, aceitado viver.

Motivo de grande conforto para as Irmãs deve ter sido o Decreto enviado a Pe. Morelli, depois de apenas nove dias da chegada delas, por S. E. Dom João Becker (Arcebispo de Porto Alegre, RS, a cuja diocese Nova Bréscia pertencia), datado de 21 de março de 1919. Com este documento estava oficialmente “abençoada” a presença das Irmãs e autorizada sua futura missão apostólico-educativa. Dada a importância que o documento teve na época, considera-se oportuno fazer a transcrição parcial do mesmo.

«Informamos que, em resposta a quanto nos foi pedido pelo Revdo. Pe. João Morelli, pároco de Nova Bréscia, temos o prazer de autorizar as Irmãs de São Carlos a fundar uma escola paroquial na mesma paróquia para a manutenção da qual serão garantidos 80 mil réis mensais [...]».³¹

Tudo parecia ir bem, ainda que a abertura da Casa, certamente efetuada pela Serva de Deus em força de uma permissão, sem dúvida, considerada por ela legítima, tinha comportado tantas humilhações e tanto sofrimento.³² Como poderia demonstrar, por exemplo, de ter sido autorizada pela Madre Geral a fundar também uma nova comunidade?

Em fevereiro de 1920, a Escola, tão almejada pelos habitantes do lugar, tinha começado a funcionar, e desde o começo pode contar com a participação de uma centena de alunos. O Pároco e a população sabiam

²⁹ Cf. Histórico das Casas, Vol. I, p. 6, in *AGSS*, 3.1. A comunidade das Irmãs estava assim constituída: superiora Madre Assunta Marchetti, ex Madre Geral, Ir. Atília (sic) Angeli e Ir. Joana (sic) de Camargo.

³⁰ M. FRANCESCONI, *Una Donna “Forte”*, cit., p. 42.

³¹ Cf. nota 25.

³² Escrito anônimo, Ginásio Moderno Sagrado Coração de Jesus, - Datilografado, p. 4, in *APR*.

prover com generosidade à manutenção das três missionárias.³³

Mas nos primeiros meses de 1920,³⁴ como se não bastasse a acusação fatal de ter aberto a Casa arbitrariamente (pode parecer inacreditável, mas disto foi acusada),³⁵ embora tudo tivesse partido da autoridade legítima do Sul, chegou para a Serva de Deus um novo momento de Getsemani. Foi determinado pela chegada à Nova Bréscia do missionário scalabriniano Pe. Enrico Preti, naquele tempo superior provincial de todas as Missões dos Padres Scalabrinianos do Brasil,³⁶ o qual trazia às Irmãs uma ordem taxativa da superiora geral, madre Antonieta Fontana: cada Irmã da Comunidade deveria enviar, mensalmente, 20 mil réis para contribuir com os gastos do Governo Geral inerente à formação das candidatas. Se a Comunidade de Nova Bréscia não pudesse atender a isto, deveria ser fechada. Ora, poder dispor de 60 mil réis por mês para enviar a São Paulo era uma empresa árdua para a pobre Comunidade de Nova Bréscia. A Paróquia tinha feito

³³ Ir. Vitorina CONSONI, Colégio Sagrado Coração de Jesus, Nova Bréscia, p. 73. In *AGSS* 1.4.4.

³⁴ Algumas datas são orientativas. Datas seguras são as seguintes: desde dezembro de 1919 tinha sido elaborada a circular que devia ser assinada, além da Madre Geral, também pelo Arcebispo de São Paulo. Esta carta-circular coloca em evidência e confirma que deveria ser fechada a Casa que não pudesse dar a contribuição pedida, in *AGSS* 1.5. O Governo Geral tinha considerado no Conselho de janeiro de 1920 a possibilidade de imitar o exemplo dos Missionários de São Carlos, pedindo às Comunidades uma subvenção para fazer frente às despesas necessárias para a formação (cf. Atas do Conselho mensal das Irmãs Missionárias de São Carlos, p. 6, sem a indicação do dia, in *AGSS* 1.12). Na reunião de Conselho, de 06 de abril de 1920, o Conselho Geral tratou do fechamento da Comunidade de Nova Bréscia (Cf. p. 7). Na reunião de Conselho de julho de 1920, o Conselho Geral, depois da visita da Madre Geral a Nova Bréscia, onde colheu as reações do Pároco e dos paroquianos, às ameaças de fechamento da Comunidade, decidiu «*deixar funcionar o dito estabelecimento, aguardando uma ocasião mais favorável para o seu fechamento*» (Cf. p. 8).

³⁵ Cf. Relato escrito (*APR*) de uma Irmã falecida em 2007, Ficha pessoal Irmãs Falecidas in *AGSS* 4.3.

³⁶ Nascido em Casale Monferrato (Alessandria) em 1862, tornou-se sacerdote em 1886, e entrou na Congregação dos Missionários de São Carlos, em 1902. Partiu para o Brasil em 1904, onde se fez benemérito por um consistente trabalho missionário em várias localidades. De 1911 a 1919, foi superior provincial dos Missionários de São Carlos do Rio Grande do Sul e de 1919 a 1922 de todas as missões dos Scalabrinianos do Brasil. De 1922 a 1924 foi Reitor da Casa Mãe de Piacenza. Retornou depois ao Brasil, onde veio a ser pároco de Sarandi. Em 1936 voltou à Itália onde morreu em 1942 à idade de 78 anos. Queria voltar ao Brasil e se lamentava de não ter 20 anos menos. Foi um grande missionário. (Cf. *Missionari Scalabriniani nella Casa del Padre*, cit., p. 210).

consideráveis esforços para construir a casa e a Escola e agora, com os trabalhos mais ou menos terminados, chegava aquela determinação que parecia mesmo não levar em conta nem as reais possibilidades das Irmãs, nem a delicada situação em que as colocava a previsão do fechamento da Casa e da Escola. Madre Assunta, porém, não se assustou. No fundo, estava acostumada a resolver os problemas com a fé, a oração e todo o seu empenho de mulher volitiva e inteligente. Visto ter sido inútil – o que se pode deduzir do objeto da Reunião de Conselho do Governo Geral de 06 de abril de 1920³⁷ – suas explicações, com a clareza que a caracterizava, sobre as dificuldades para conseguir a quantia pedida, esperou a visita da Madre Geral e, enfim, confiando sem reservas em Deus e na ajuda do Pároco e dos paroquianos, conseguiu livrar a Casa do perigo de ser fechada.

Finalmente, conseguiu pagar e tudo se acomodou.³⁸ Mas, chegou-se a este resultado satisfatório com uma grande paciência: de fato, só na reunião de Conselho de julho, o Governo Geral, refletindo sobre a forte reação do Pároco³⁹ e dos paroquianos ao projeto de fechamento apresentado pela Madre na visita à Nova Bréscia, resolveu a questão, decidindo «deixar funcionar o dito estabelecimento aguardando uma ocasião mais favorável para o seu fechamento».⁴⁰

No seu conjunto, os demais relatos conservados comprovam as notícias às quais se acenou e com estes, constituem uma pequena coletânea da qual emerge nitidamente a estatura moral da missionária que é capaz de acreditar no Amor de Deus, de testemunhá-lo e de ler com os olhos do coração os sofrimentos de cada irmão. Eis alguns:

«A Serva de Deus partiu de Bento Gonçalves, onde foi mal recebida, para ir à Nova Bréscia, com espírito de obediência, de submissão e na disponibilidade de dirigir-se àquele lugar pobre para dedicar-se aos trabalhos mais humildes, com alegria e mansidão, sabendo conciliar bem com esta última virtude, a firmeza necessária. Em Nova Bréscia, a Serva

³⁷ Atas do Conselho mensal das Irmãs Missionárias de São Carlos, cit., p. 7, in AGSS 1.12.

³⁸ Cf. Ir. Vitorina CONSONI, Resumo Histórico da fundação, inédito, cit, p. 43-46.

³⁹ «Pe. Morelli chegou a exclamar que, se as Irmãs saíssem, ele também deixaria Nova Bréscia» (Histórico do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Nova Bréscia, datilografado), cit., p. 6.

⁴⁰ nAtas do Conselho mensal das Irmãs Missionárias de São Carlos, cit. p. 8.

de Deus praticou sobretudo, a virtude da paciência, da caridade e viveu, de modo especial, unida a Deus. Doou-se sem reservas, sobretudo, em relação aos doentes, aos pobres, às crianças, e ainda hoje é recordada pela sua caridade».⁴¹

«A Serva de Deus desenvolveu em Nova Bréscia inúmeras atividades: era catequista, “doutora”, enfermeira, cozinheira, hortelã, enfim, um *factótum* (pau para toda obra), sempre disponível. Aceitava tudo com espírito de humildade e de sacrifício. Fato relevante: sua dedicação aos enfermos que a levava a sair de casa à noite a cavalo, para ir socorrê-los, também longe, apesar do cansaço pelo trabalho do dia. Praticou, neste tempo, especialmente, a caridade».⁴²

«De Bento Gonçalves foi à Nova Bréscia para estar entre as pioneiras da Comunidade lá situada. Nova Bréscia era um lugar esquecido e muito pobre. A Serva de Deus, com sacrifícios inacreditáveis, conseguiu equipar uma escola para o proveito dos filhos dos habitantes. Atuava também como enfermeira e catequista. Um fato relevante aconteceu em Nova Bréscia: a cura e a conversão de um ateu pela dedicação e caridade da Serva de Deus. Cuidou daquele doente que sofria de um mal estranho: tinha o corpo coberto de chagas vivas. A Serva de Deus lhe curou o corpo e a alma. Houve também a cura de um alcoólatra que, acompanhado por ela, deixou de beber e se converteu».⁴³

«A Serva de Deus não se limitava a acolher quem a procurava. Não havia médico em Nova Bréscia e ela fazia, às vezes de médico. Lembram que saía frequentemente à noite, a cavalo, sempre acompanhada por uma senhora, para cuidar dos doentes dos sítios vizinhos. Algumas vezes, minha mãe lhe emprestava o cavalo. Além disso, organizava a reza do terço e convidava as crianças e o povo para a Missa dominical. Ia confortar as famílias enlutadas, ou, sofrendo por qualquer outra razão. Deixou em Nova Bréscia recordações singulares de caridade. Sua bondade e doação testemunharam eficazmente o seu amor por Deus e ao próximo. Rezava muito, era toda de Deus. Realizou também representações teatrais com muito sucesso».⁴⁴

⁴¹ Recordações de uma Irmã scalabriniana (†2008) que viveu alguns períodos com a Serva de Deus e que lhe foi sempre afeiçoada, in *AGSS*, 4.3.

⁴² Memórias de uma Irmã (†1989) recordada como uma das primeiras Irmãs do Instituto encaminhadas a estudar, in *AGSS* 4.3.

⁴³ Recordações de uma Irmã que viveu com a Serva de Deus apenas um mês, mas, ouvindo falar tanto dela, ficou entusiasmada, in *APR*.

⁴⁴ Recordações de um habitante de Nova Bréscia que conheceu a Serva de Deus durante sua permanência naquela localidade, in *APR*.

Por benévola disposição da Providência chegaram até nós três cartas escritas pela Serva de Deus a Pe. Faustino Consoni, de Nova Bréscia.⁴⁵ A primeira expressa humilde gratidão e estima em relação ao missionário com quem tinha partilhado, desde 1897, tantas vicissitudes pessoais e evidencia ainda uma vez aquele equilíbrio que foi uma constante na sua vida atribulada. Aparece apenas – fugaz, impessoal e implícita – uma referência a si: «Padre, não seja tão avarento de notícias, comigo; escreva-nos mais vezes, porque suas cartas são para nós, motivo de consolação».

No final, como de costume, a Serva de Deus recomenda-se vivamente às orações do bondoso sacerdote, que soube merecer sua estima, e lhe pede a bênção.⁴⁶ Na segunda, consegue ser, finalmente, um pouco explícita, e lhe somos agradecidas, porque, raramente, possibilita o acesso mundo íntimo:

«Embora em meio às cruzes e tribulações, eu estou feliz e agradeço ao Senhor que me faz sofrer neste mundo para poupar-me na eternidade. Padre, aceito seus sábios conselhos e, tentarei, no que de mim depende, colocá-los em prática. Agradeço-lhe, infinitamente, e peço-lhe que me recomende muito ao Senhor para que me dê força, coragem e resignação à Sua santa vontade. Parece-me impossível que o Senhor não atenda os meus anseios de deixar-me morrer, como desejo, entre os órfãos. Oh! Padre, isto aspiro de coração e é o único objeto de meus desejos. Mas se o Senhor não me atender, nem por isso me desespero, porque sei que obedecendo, faço a Sua vontade. Sempre que quiser me consolar um pouco com alguma carta, não tenha dúvida de que lhe serei muito reconhecida. Contudo não deixarei de recomendá-lo ao bom Deus, esperando o mesmo de sua parte».

⁴⁵ Carta da Serva de Deus a F. Consoni, de Nova Bréscia: a) 11 de setembro de 1920; b) 21 de janeiro de 1921; c) 15 de fevereiro de 1921, in *AGSS* 1.3.

⁴⁶ Muitas vezes, para não dizer sempre, a Serva de Deus pede orações para si. A sua provada existência conheceu muitas adversidades externas, mas muito pouco sabemos de suas lutas interiores e do preço de sua constância na virtude e na adesão plena à vontade de Deus (Cf. Análise sobre a grafia de Madre Assunta Marchetti, cit., in *AGSS* 1.3).

A TRANSFERÊNCIA PARA NOVA VICENZA, RS (HOJE FARROUPILHA⁴⁷)

Com a terceira carta a Pe. Consoni, acima referida e datada de 15 de fevereiro de 1921, a Serva de Deus ao formular votos de feliz onomástico, ao estimado confidente, comunica-lhe um fato importante: sua transferência de Nova Bréscia, RS, para Nova Vicenza, RS. O estilo, como sempre, é pacífico e sóbrio, um estilo que desta vez nos deixa particularmente surpresos e edificadas. Escreve:

«Revdo. Padre, eu fui transferida para Nova Vicenza. Vai-se de cá para lá até que o Senhor queira tomar-nos no Paraíso, não é mesmo, Padre? Reze muito por mim que tanto necessito e escreva-me alguma vez, pois suas cartas me são de grande consolação. Partirei, na próxima semana para Nova Vicenza».

No dia 11 de março, de dois anos antes, havia percorrido o íngreme caminho que naquele tempo ligava Encantado e Nova Bréscia, onde sua presença se revelaria significativa, fecunda e prometedora. Que mistério se escondia nesta imprevisível transferência? Em nível

⁴⁷ A história de Farroupilha começa em 1875 quando chegaram os primeiros imigrantes italianos e, por muitos anos, esta localidade dependeu de Caxias do Sul. Só em 1934 passou a ser município autônomo. Com muito trabalho, muitos sacrifícios e muita determinação, os bons colonos, vindos da Itália, conseguiram construir aqui uma cidadezinha, que até 1934, foi denominada Nova Vicenza, revelando a proveniência de seus fundadores de Vicenza. Hoje existe apenas um bairro com o antigo nome. A mudança do nome para Farroupilha foi determinada por razões políticas. Situada a 760 m acima do nível do mar, oferece um clima saudável com uma temperatura média de 17°. Sua população, no perímetro urbano, é hoje, de 70.000 habitantes, aos que se pode acrescentar os 12.000 da zona rural. As Irmãs Scalabrinianas entraram na história de Nova Vicenza em 1917, quando, respondendo à solicitação de Irmãs, por parte do pároco Pe. Luis Segala, estabeleceram-se naquele lugar, abrindo uma Escola intitulada Nossa Senhora de Lourdes (cf. Marcarini Maria das Dores, transcrição de uma comunicação verbal à Ir. Laura Bondi, Farroupilha, 21 de fevereiro de 1998, in AGSS 1.4.4). «No dia 23 de julho de 1916, Madre Assunta visitou Bento Gonçalves, no Sul, levando consigo Ir. Faustina Bosio, por motivo de saúde. Deixando Bento Gonçalves, já que passava por Porto Alegre, fez uma visita ao Arcebispo para ouvir seu parecer sobre as Irmãs e o Colégio. O Arcebispo, considerando as vantagens e o proveito espiritual que trouxe, em pouco tempo, o Colégio de Bento Gonçalves, recomendou-lhe a abertura de quantas casas fosse possível e, lhe propôs imediatamente Guaporé e Esperança. Madre Assunta, porém, lhe disse que, há meses, o Pároco de Nova Vicenza, o Canônico Luis Segala, pedia Irmãs para a sua Paróquia. E o Arcebispo aprovou esta abertura. Naquela ocasião, Dom João Becker pediu muito à Madre Assunta para abrir no Sul, também o noviciado, por ser grande a necessidade de missionárias na colônia italiana. E Madre Assunta lhe prometeu, para 1917 a abertura de Nova Vicenza e Guaporé» (Ir. Vitorina CONSONI, *Resumo Histórico da fundação* (manuscrito), cit., p. 19).

humano, como interpretá-lo? Os testemunhos que seguem, todos relacionados ao período em que a Serva de Deus viveu em Nova Bréscia, poderão ajudar na busca de uma resposta objetiva a estas perguntas e possibilitar um conhecimento mais completo do valor que a vida de Madre Assunta teve em Nova Bréscia:

«De Nova Bréscia Madre Assunta foi transferida muito cedo porque foi acusada de não observar as Constituições. Estas, de fato, proibiam sair depois do pôr do sol e exigiam que se saísse, fosse sempre com uma companheira. Madre Assunta, ao contrário, ia de dia e de noite, toda vez que a chamavam para prestar seus serviços e sua experiência também às pessoas gravemente enfermas, naquele lugar sem médico, sem farmácia, sem obstetra, sem telefone e com uma estrada que só permitia transitar a cavalo. Uma noite, de fato, veio um homem chamá-la: a esposa deveria dar à luz a um menino, mas estava com problemas e precisava da ajuda dela. A Serva de Deus foi, naturalmente, mas, a certo ponto do caminho, percebeu que não levava consigo a maleta que continha o necessário para dar a assistência requerida. “E agora, que fazer?”, perguntou ao homem que a acompanhava. Este lhe respondeu que ela deveria continuar o caminho, sozinha, enquanto ele voltaria para pegar a maleta. Madre Assunta disse não conhecer a estrada. E o homem retrucou: “Deixe as rédeas soltas e deixe-se guiar pelo cavalo: ele conhece a estrada. Irá levá-la à minha casa”. E assim aconteceu. Quando o homem chegou com a maleta, felizmente, a criança já tinha nascido».⁴⁸

Uma Irmã scalabriniana, transferida para Nova Bréscia em 1944, e ficando apenas um ano naquele lugar, está entre os que comprovam que suas intervenções urgentes eram frequentes, pelo que, embora já houvesse passado mais de vinte anos de sua partida, o povo continuava a recordá-la com veneração e com muita gratidão. Ela nos conta:⁴⁹

«Ao visitar as famílias, ouvi falar muito de Madre Assunta. Falavam os filhos de quantos a conheceram. Contavam que Madre Assunta era tudo naquele lugar, que era de uma disponibilidade única a respeito das solicitações do próximo [...] – naquele lugar em que só se chegava às costas de um burro – e

⁴⁸ Da narração escrita, enviada à Ir. Laura Bondi por uma Irmã scalabriniana natural de Bento Gonçalves, RS, Brasil (†2001), in *AGSS* 4.3.

⁴⁹ Da narração oral à Ir. Laura Bondi por uma Irmã scalabriniana que não conheceu, pessoalmente a Serva de Deus, mas que ouviu muito falar dela em Nova Bréscia, Fichas pessoais – Irmãs falecidas, in *AGSS*, 3.4.

que ela mesma preparava vários medicamentos para curar as doenças dos idosos e das crianças. Um senhor que, na época do acontecido era apenas um menino, contou-me um episódio significativo do qual ele nunca mais esqueceu. Uma mulher, sua vizinha de casa, portanto, habitante como ele e sua família, em uma casa isolada no campo, devia dar à luz um menino, mas este não nascia pelas dificuldades surgidas o que colocava em sério perigo a vida da mulher. O marido e as pessoas que a assistiam lembraram-se, então, de Madre Assunta e decidiram chamá-la. Era noite avançada; o tempo estava horrível: vento, chuva, trovões, relâmpagos. O marido da parturiente partiu com dois cavalos, porque um era destinado a Madre Assunta que, naturalmente, aceitou cavalgá-lo. Durante a viagem o homem deu-se conta de que precisava proteger melhor à Madre e lhe colocou sobre os ombros o manto para que se molhasse menos. Chegados ao destino, ninguém, em um primeiro momento, reconheceu a Irmã, debaixo do manto, nem mesmo quem conta o fato, que era naquele tempo um menino. Depois de certo tempo, felizmente, a criança nasceu».

A referida Irmã conclui dizendo que as Irmãs de Nova Bréscia, embora continuando os hábitos caridosos da Serva de Deus, ainda hoje ouvem dizer: «Nunca mais tivemos uma Irmã como Madre Assunta».

«A Serva de Deus tinha uma vida espiritual muito profunda e as curas que realizava não eram resultado das curas médicas, mas de suas orações e de sua participação à Vida Divina. Era muito devota de Nossa Senhora e gostava de difundir esta devoção. Ensinava rezar o rosário e a contemplar os mistérios. Ensinava também a doutrina cristã».⁵⁰

«Era uma Irmã heróica».⁵¹

«Todos diziam que a Serva de Deus tinha o dom de curar as doenças: a sua oração operava coisas admiráveis».⁵²

Conta-nos ainda uma pessoa ligada, como tantas outras, a uma recordação concreta da sua caridade:

«Também a minha mãe foi socorrida pela Serva de Deus durante a noite. Meu pai foi buscá-la com o cavalo; veio acompanhada por uma Irmã porque não estava acostumada sair sozinha».⁵³

⁵⁰ Da narração escrita de um habitante do Rio Grande do Sul, cuja madrinha tinha conhecido bem a Serva de Deus, in *APR*.

⁵¹ *Ibid*, p. 2.

⁵² *Ibidem*, p. 7.

⁵³ Recordações de uma ex-aluna do Colégio Sagrado Coração de Jesus, Nova Bréscia, RS,

Do relato de outra missionária de São Carlos, oriunda de Nova Bréscia, para onde foi transferida cinquenta anos depois da permanência de Madre Assunta naquele lugar, sabe-se o nome da companheira das viagens caritativas da Serva de Deus, e alguns particulares de sua colaboração na missão de Madre Assunta:

«A senhora Paula Macagnan foi a companheira inseparável de Madre Assunta. [...] Madre Assunta e a senhora Paula eram as primeiras pessoas a chegar onde houvesse alguém doente ou uma outra dor. Certa vez, partiram à noite avançada para ir assistir uma mãe: Madre Assunta a cavalo e a senhora Paula a pé, com as rédeas na mão. A certo ponto perderam a estrada, mas não desanimaram: foram por outro caminho e chegaram igualmente ao destino. Madre Assunta e a senhora Paula plantaram entre nós as sementes da caridade».⁵⁴

Embora já tenha sido dito, sempre tem seu valor quanto encontramos nas referências de Irmã Letícia Negrisolo:

«Neste tempo, a Serva de Deus praticou, sobretudo, a virtude da caridade. Era a providência do lugar, atenta a todos os casos de doença e a todas as necessidades. Para ir socorrer os doentes, saía também de noite, mas sempre acompanhada por uma senhora do lugar».⁵⁵

Estas últimas notícias sugerem ao menos duas reflexões: se a Serva de Deus foi transferida de Nova Bréscia antes de terminar o seu triênio como superiora, apesar do seu precioso trabalho pastoral, porque – diziam – que saía sozinha, mesmo de noite, pode-se considerar totalmente infundada esta acusação, tendo apurado a presença constante de uma acompanhante, a senhora Paula. Se, depois, foi considerada culpada pelo fato de que saía tarde da noite, ou seja, “depois do pôr do sol”, como diziam as Constituições, parece sem sentido tal extremo legalismo, se consideradas as emergências às quais devia responder. Ao contrário, é digno de consideração o coração aberto e solidário de Madre Assunta que, guiada por uma verdadeira liberdade de espírito, tinha

Brasil, in *APR*.

⁵⁴ Da narração de uma coirmã da Serva de Deus, que retornou à Casa do Pai em 2000, in *APR*.

⁵⁵ Ir. Letícia Negrisolo (†2007) foi a superiora que acompanhou os últimos instantes da vida terrena da Serva de Deus, in *APR*.

compreendido que não era a lei, mas o serviço gratuito e incondicional ao próximo na caridade, que expressava a vontade de Deus.

O TEMPO DA MISSIONARIEDADE ESCONDIDA

Madre Assunta foi transferida de Nova Bréscia para Nova Vicenza na função de cozinheira, ainda uma vez mais, sem deixar à história marcas de descontentamento, de ressentimento ou de busca de justificação, embora a transferência tivesse conotações de um verdadeiro e próprio castigo. No perfil biográfico inédito da Serva de Deus, escrito por Ir. Leticia Negrisola, sempre em relação ao período de Nova Bréscia, aparece a seguinte frase eloquente e enigmática ao mesmo tempo: «A calúnia não lhe poupou o proceder íntegro, e ei-la repreendida pela Superiora. Aceitou, passando serenamente de Nova Bréscia ao Colégio de Nova Vicenza».⁵⁶

Em nenhuma ata das Reuniões do Conselho Geral, porém, se acena a esta transferência,⁵⁷ o que poderia indicar uma decisão tempestiva e determinada, talvez, só pela Madre Geral. Além disso, é pouco comum que uma superiora local seja transferida antes de ter concluído o seu triênio de serviço e, é ainda insólito, que uma transferência seja realizada às vésperas ou ao início do ano pastoral; ademais, é raro que uma Irmã passe, diretamente, da função de superiora àquele de cozinheira.

Que dizer? A este ponto, pela falta de documentos a respeito, é possível sublinhar que aquilo que está à disposição evidencia somente – e isto é muito importante – que Madre Assunta soube ainda calar, sofrer, obedecer serenamente, como se deduz, sobretudo, de seus escritos a Pe. Faustino Consoni.

Na última semana de fevereiro de 1921, através de um seu escrito ao mesmo,⁵⁸ a encontramos oficialmente transferida a Nova Vicenza,⁵⁹ onde

⁵⁶ Ir. Leticia Negrisola, Perfil biográfico inédito da Serva de Deus, escrito a pedido da superiora geral em função, cit.

⁵⁷ Livro das Atas do Conselho mensal das Irmãs Missionárias de São Carlos, p. 46, Reuniões de Conselho de 1918 a 1925, in *AGSS* 1.12.1.

⁵⁸ Carta de Madre A. Marchetti a F. Consoni, Nova Bréscia, 15/02/1921, in *AGSS* 1.3.

⁵⁹ A respeito da distância entre as duas localidades, os dados recolhidos estabelecem que é de 1,50 km (*V. Mapa: Nova Bréscia, RS, Administração - 1993/1996, in APR*). Naturalmente, no tempo da Serva de Deus a distância era maior, porque a malha viária era mais reduzida.

lhe foi confiada a tarefa do serviço da cozinha,⁶⁰ serviço que lhe foi causa de particular sofrimento.

«De fato, algumas Irmãs da Comunidade nunca estavam satisfeitas com a comida e a humilhavam. Então, pedia desculpas e prometia fazer melhor. Era, também, submissa e respeitosa para com as superiores e caridosa com as coirmãs».⁶¹

Na cozinha de Nova Vicenza Madre Assunta soube sacrificar a sua capacidade apostólica e viver o anonimato do momento, sem lamentar a beleza, o esplendor, podemos dizer, da sua vida missionária de Nova Bréscia.⁶² De Nova Vicenza, porém, a Serva de Deus teve que se ausentar logo para ir a São Paulo: sua mãe, muito doente, solicitava sua presença e ela também precisava de cuidados.⁶³ Depois de um ano mais ou menos de sua partida de Nova Bréscia, e depois de 12 de fevereiro de 1922,⁶⁴ foi, novamente, transferida. Havia chegado em Nova Vicenza feliz em obedecer⁶⁵ e lá, tinha abraçado, “contente”⁶⁶ o trabalho menos gratificante e menos compreendido: a cozinha. Depois de apenas um ano, outra transferência. Não se sabe nada, mas é agradável imaginá-la ainda serena na obediência que a levará a Jundiaí,⁶⁷ SP, para infundir

⁶⁰ Cf. Fichas pessoais – Irmãs falecidas, in *AGSS* 4.3.

⁶¹ V. nota 43.

⁶² Como complemento, acrescentamos: «O desenvolvimento da Escola de Nova Bréscia no tempo, foi devido ao impulso inicial, claramente apostólico das primeiras Irmãs e, sobretudo à dedicação de Madre Assunta Marchetti, que deixou o seu coração impresso no coração da população» (L. BARBIERI, *Desenvolvimento da Missão nas Américas (1895-1975)*, *AGSS* 1.4).

⁶³ Sobre a saúde física da Serva de Deus deste período, não conhecemos quase nada. Podemos supor que já sofria da doença que a levará à morte e que, nos anos de 1922-1923, tenha se agravado.

⁶⁴ Cf. Livro das Atas do Conselho mensal das Irmãs Missionárias de São Carlos, cit., p. 6: «No dia 12 de fevereiro de 1922 houve a reunião de Conselho, mensal [...] quando foi determinada a abertura do Asilo de Mendicidade em Jundiaí, por ordem do Arcebispo, Dom Duarte. Como superiora da futura comunidade foi escolhida Ir. Assunta Marchetti e se fixou a abertura do mesmo para o dia 19 de março do corrente ano».

⁶⁵ V. nota 58.

⁶⁶ Carta da Serva de Deus a F. Consoni, Nova Vicenza, 13/09/1921, in *AGSS* 1.3.

⁶⁷ Origem do nome: Jundiaí = bagre = peixe. Jundiaí = rio do Bagre = rio do peixe. Outra interpretação é a seguinte: desdobramento de Yu - Ndiai = “pântano com folhas e ramos secos”. Jundiaí é um dos mais antigos municípios de São Paulo. Seu nome primitivo: Nossa Senhora do Desterro. Teve origem em 1615 por Rafael de Oliveira e Petronilla Rodrigues Antunes, fugitivos de São Paulo por terem cometido “crime de bandeirismo”. O “crime de bandeirismo”

entre os anciãos pobres e abandonados de uma Casa de Repouso o calor de sua bondade serena, fundamentada na alegria de estar fazendo a vontade de Deus e de servir.

DE NOVA VICENZA A JUNDIAÍ, SP

Com esta ulterior migração, a Serva de Deus encerrou, para sempre, o tempo de suas cavalgadas no Sul, que tinham tornado mais manifesta a sua heróica caridade. Não voltará mais, para ficar, naquelas terras, mas a lembrança de sua presença por lá, permanece tão persistente no tempo, transformando-se em fama de santidade. E a sua doença? E o estado de saúde de sua mãe? São interrogativos destinados a permanecer tais, porque faltam documentos suficientes para poder responder.

«Nos primeiros meses de 1922, exatamente no dia 12 de fevereiro, sob o governo da Revma. Madre Antonietta Fontana, o Governo Geral, reunido em Conselho, determinou a abertura de um Asilo de Mendicidade em Jundiaí, SP⁶⁸ para o dia 19 de março do mesmo ano: Asilo Barão do Rio

ou busca e exploração de recursos minerais era considerado “crime” porque provocava os indígenas e os incitava à guerra, à vingança. Quando a sede de se vingar os levava às zonas povoadas, as encontrava indefesas, porque os homens, dedicando-se ao bandeirismo, as abandonavam e este fato é que se constituía em crime. Jundiaí, até 1655, foi fração; tal fração se desenvolveu, assim que em 1655 passou a ser vila; em 1865, enfim, tornou-se cidade. Situada a 750 m de altitude, tem clima temperado. Do recenseamento resulta que em 1950 a população de Jundiaí chegava a 69.165 habitantes. Jundiaí limita-se com os municípios de Campinas, Vinhedo, Itatiba, Atibaia, Jarinu, Franco da Rocha, Parnaíba, Itu, e Indaiatuba (via Internet).

Atualmente a festa de Nossa Senhora do Desterro, padroeira da cidade de Jundiaí, é comemorada no dia 15 de agosto.

⁶⁸ «Sob o nome de Abrigo, existia em 1840, na cidade de Jundiaí, SP, um refúgio para os desamparados, patrocinado por personalidades entre as quais se destacava o ilustre estadista, Barão do Rio Branco. Dele afirmava o eminente Rui Barbosa, entre as excelsas virtudes e qualidades, distinguia-se pela caridade, principalmente para com os pobres. Em homenagem a tão reconhecido mérito, mais tarde, o abrigo foi denominado ‘Asilo Barão do Rio Branco’. Desde 1907, as Damas de Caridade comprometeram-se a melhorar a bela obra. Em 1921 empreenderam a realização do 1º plano. Durante alguns anos as Irmãs de São Carlos assumiram a direção do Asilo com grande dedicação e contentamento dos asilados. Em março de 1927, as Irmãs de São Vicente de Paulo de Gysegem substituíram as abnegadas Irmãs de São Carlos» (Histórico da fundação do Lar Nossa Senhora das Graças. Manuscrito. Cópia in AGSS 1.3.1). AS Irmãs scalabrinianas foram retiradas desta Comunidade em 18/02/1927.

Branco. A comunidade destinada para lá, era constituída pela superiora, Madre Assunta Marchetti e pelas Irmãs Rafaela Sozin e Cristina Quintal. No início, o Asilo era formado por pequenas casas, separadas umas das outras, em um lugar favorável, circundado por um terreno cultivado com árvores frutíferas, que permitia aos pobres assistidos passar horas serenas ao ar livre. Mais tarde, houve uma transformação e ficou apenas uma única casa grande, com vantagem para as Irmãs, mas não para os hóspedes a quem era destinada a casa».⁶⁹

A Serva de Deus tinha agora cinquenta e um anos, e podia se gabar de uma incomum experiência humana e espiritual que lhe favorecia, por exemplo, a capacidade de adaptar-se facilmente aos lugares e às pessoas. Tinha vivido intensamente cada minuto do seu tempo; tinha sofrido com virtude admirável e com uma fé tão convicta de ser capaz de traduzir concretamente cada inspiração interior, conseguindo assim, ser sempre e em toda parte expressão da ternura paterna e materna de Deus.

Do tempo de sua missão em Jundiá, não dispomos de dados: permanece um tempo - menos de dois anos – envolvido pelo silêncio, e o silêncio muitas vezes acompanha grandes coisas. Permanecem, é verdade, sete escritos enviados a Pe. Faustino Consoni, de Jundiá,⁷⁰ mas são formais e lacônicos, como são, em geral, aqueles de felicitações ou de agradecimentos, e destes não transparece nada que revele algo do mundo íntimo de Madre Assunta. Os escritos são de 14 de abril de 1922 a 15 de fevereiro de 1924. No primeiro, o de 14 de abril, a Serva de Deus apressa-se em notificar seu endereço, particular significativo, também na consideração do *post scriptum* colocado depois da assinatura: «Esperamos, ansiosas uma visita de V. Revma». O mesmo convite se repete no escrito que enviava ao bondoso Pe. Consoni com os votos de uma feliz festa de São Carlos. Em seis deles a assinatura é precedida da expressão: «Vossa grata filha»; naquele de 06 de setembro de 1923 é, em vez, antecedida da expressão: «vossa humilde serva».

⁶⁹ Histórico das Casas, I Vol., p. 7, in AGSS 3.1.

⁷⁰ Seis destes escritos são conservados in AGSS 1.3 e um, aquele de 06 de setembro de 1923, in APR.

PARA A SANTA CASA DE MONTE ALTO, SP

«Em 29 de janeiro de 1924, o Conselho Geral das Irmãs Missionárias de São Carlos se reuniu em Vila Prudente, para tratar de vários assuntos relativos à Congregação. Entre estes, a abertura de duas Comunidades: uma para a Santa Casa de Itatiba e outra para assumir a direção da Santa Casa de Misericórdia⁷¹ de Monte Alto, sobretudo para doentes pobres e de qualquer modo, necessitados de assistência. [...] A abertura desta última foi fixada para 14 de maio e, as Irmãs a ela destinadas foram: Ir. Assunta Marchetti, como superiora, Ir. Afonsina Salvador, Ir. Francisca Mugnol e Ir. Juliana Mugnol».⁷²

Se a Serva de Deus não tivesse sido constante em dar prova de ter suas raízes bem fundadas em Cristo, poder-se-ia, com razão, julgá-la com um equilíbrio comprometido pelas inúmeras provas e pelas transferências até então um tanto anômalos. Mas, aquela que, anos atrás, tinha escrito «vai-se de cá para lá até que agrade ao Senhor levar-nos ao Paraíso»,⁷³ era muito *sábia* para buscar o repouso aqui na terra, por isso, jamais lhe surpreendeu o fato de ter que preparar mais uma vez as malas. Monte Alto⁷⁴ verá suceder outros três anos de sua vida e será, mais que nunca, testemunha de sua caridade, de sua abnegação e do seu prudente bom senso, fruto da sabedoria que vem do Senhor.⁷⁵

⁷¹ No Estado de São Paulo, onde os pobres, sobretudo naquele tempo eram tantos, que foram fundadas algumas destas Casas ou *Irmadades de Misericórdia*. Cada uma dependia de uma Sociedade de membros da Conferência de São Vicente de Paulo (1581-1660). No começo uma *Santa Casa* devia acolher e assistir gratuitamente só os doentes mais pobres do lugar. A de Monte Alto foi fundada em 1917. Em 1960 estes hospitais foram declarados de utilidade pública, tornando assim beneficiários de subsídio do Estado.

⁷² Cf. Livro das Atas do Conselho mensal das Irmãs Missionárias de São Carlos, cit., p. 10 e Histórico das Casas, cit., p. 8.

⁷³ Cf. nota 66.

⁷⁴ «Monte Alto é atualmente uma cidade de 54.000 habitantes, situada na região de Ribeirão Preto, entre Taquaritinga e Jaboticabal, a 400 km aproximadamente, da cidade de São Paulo. A população é constituída de japoneses, italianos e de migrantes nordestinos, que se dedicam ao cultivo, sobretudo, da laranja, cebola, cana de açúcar. Muitos trabalham também no setor industrial» (PROVÍNCIA NOSSA SENHORA APARECIDA, *Centenário das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas*, 1895-1996, Revista Nº Único, p. 88, in AGSS 2.8.1).

⁷⁵ Notícias recolhidas pelas Irmãs Scalabrinianas da Província “Nossa Senhora Aparecida” e sucessivamente enviadas ao APR.

O doutor *José Ignacio Grellet*, que prestava serviços médicos também para a Santa Casa, deixou, à respeito de Madre Assunta estas significativas notas:

«Admirava nela a caridade. Quando eu ia visitar os doentes, sobretudo, aqueles da enfermaria, sempre encontrava a Serva de Deus ocupada a ajudar e a confortar os pacientes. Durante o dia a via constantemente no trabalho, com o hábito preso à cintura. Era de uma dedicação extraordinária. Admirava Madre Assunta e a considerava virtuosíssima. Também as outras Irmãs eram muito generosas, mas Madre Assunta era diferente. Pela função que exercia poderia não fazer nada daquilo que fazia. Mais que uma superiora parecia uma doméstica que prestasse todos os serviços, que estivesse limpando a casa com toda humildade. Durante a noite fazia companhia aos doentes. Era muito humilde, rezava muito. Como católico praticante, ia sempre fazer a visita ao SSmo. Sacramento, antes de começar meu trabalho, e a encontrava, muitas vezes, na capela, sozinho. Uma noite, fui à Santa Casa, já bem tarde: devia visitar um doente grave e, para minha surpresa, vi Madre Assunta ainda na capela, em oração, enquanto as outras Irmãs já estavam repousando. Com grande dedicação ocupava-se, sobretudo, dos doentes pobres da enfermaria e, entre estes, daqueles que sofriam doenças crônicas. Era de uma humildade e de uma humanidade extraordinárias. Era um testemunho vivo de fé e de humildade. Aceitava serena a vontade de Deus e não se lamentava nunca. Sua fidelidade à vida religiosa foi íntegra. Era feliz no estado que havia abraçado. Era prudente e falava pouco; era discreta, ponderada e muito modesta. Nunca vi coisa alguma que fizesse desacreditar a sua pessoa. Não era vaidosa. Suas vestimentas eram pobres e limpas. Em Monte Alto, era considerada por sua bondade e caridade indiscriminadas. Tenho provas reais de que passava noites inteiras junto ao leito dos doentes. Percebia-se nela uma grande disponibilidade em servir e, em servir especialmente os pobres».⁷⁶

Alguém recorda que o Dr. Grellet, quando falava da Serva de Deus, dizia: “A santa Madre Assunta,” e com tal emoção que lhe tremiam os lábios. Outras vozes fazem eco ao doutor Grellet e, lembram episódios edificantes da Serva de Deus. Por exemplo, os seguintes:

«O primeiro doente da Santa Casa de Monte Alto foi um homem de cor, um mendigo. Madre Assunta se compadeceu dele porque estava sozinho na enfermaria, enquanto não havia ainda os enfermeiros. Colocou, então,

⁷⁶ Preciosas recordações deixadas ao APR por J. I. Grellet.

uma cama no fundo do corredor, do lado oposto do doente, e dormiu aí algumas noites para poder atendê-lo logo que chamasse. Via Cristo no irmão pobre, sofrido ou doente».⁷⁷

«Madre Assunta deixou as melhores impressões em Monte Alto: todos lhe queriam bem».⁷⁸

«Madre Assunta agradava a todos. Com 15 anos fui internada na Santa Casa e tive uma crise renal muito forte. Minha mãe esteve comigo a noite toda. Na noite seguinte, a Serva de Deus fez com que não me lamentasse para não deixar minha mãe acordada e ficou comigo das sete da noite até as sete da manhã, depois de um dia de trabalho. Naquela circunstância, pedi-lhe que me aceitasse como religiosa na sua Congregação».⁷⁹

«Durante a epidemia chamada “espanhola” em Monte Alto, Madre Assunta socorria as vítimas, como sempre presente nas situações difíceis, feliz em poder ser útil. Outro fato: em Monte Alto, durante a revolução de 1924, nós, Irmãs mais jovens, tínhamos muito medo porque nos disseram que o hospital seria ocupado pelos soldados e pelos médicos, enquanto houve um começo de febre amarela. Madre Assunta, corajosa, nos dizia: “Não tenham medo! Se o comandante vier aqui, vamos recebê-lo”.⁸⁰ De fato o acolheu, tratou-o com benevolência e compreensão que lhes eram próprias, e não aconteceu nada de mal».⁸¹

«Em Monte Alto Madre Assunta gozava a fama de alma de Deus e também as pessoas não crentes falavam bem dela».⁸²

O seguinte testemunho revela mais que os outros, o quanto Madre Assunta sabia colaborar com a graça para ser, de fato, uma serva fiel do Senhor e com quanta generosidade sabia “pagar” o dom de uma virtude singular:

«Certa vez viajei com a Serva de Deus: devíamos ir a Monte Alto. Partimos de São Paulo com o trem das 19 horas. Logo depois da meia

⁷⁷ Notícias fornecidas por Ir. Afonsina Salvador, (†1988). Entrou no Instituto em 1916, quando Madre Assunta era superiora geral pela primeira vez. Ocupou vários cargos, entre os quais: assistente do Noviciado, mestra de noviças e secretária geral. Teve com a Serva de Deus um vínculo muito especial, que lhe permitiu entregar aos Arquivos da Casa Geral, preciosas informações.

⁷⁸ Cf. nota 77.

⁷⁹ Cf. nota 41.

⁸⁰ Cf. nota 77.

⁸¹ *Ibid.*

⁸² Cf. nota 77.

noite, Madre Assunta ofereceu-me um copo de leite, servido pelo assistente do trem. Convidei-a para pegar também para ela. Recusou dizendo que, chegando a Monte Alto, queria comungar, mas que eu, por ser jovem e fraco, devia tomá-lo. O fato me impressionou muito e, por isso, me lembro ainda hoje».⁸³

«Tinha capacidade administrativa, senso prático, e no trabalho pastoral que realizava junto aos familiares dos doentes, era maravilhosa. Os doentes tinham, com ela, uma assistência espiritual contínua e não apenas no fim da vida, quando o sacerdote trazia-lhes o Viático».⁸⁴

«No tempo em que estive em Monte Alto, onde a Serva de Deus tinha vivido, constatei que suas virtudes tinham deixado uma marca profunda de bem e percebi que a sua presença foi muito significativa para quantos a tinham conhecido».⁸⁵

A este ponto, não podemos duvidar de que a vida de Assunta Marchetti, apesar das muitas adversidades, tenha sido um canto harmonioso e constante, na qual se sucederam apenas palavras e coisas simples, mas essenciais e vitais, como são o ar, a água, o pão e a bondade autêntica, aquela que pode ser constante, somente se for sustentada por um grande Amor.

⁸³ *Ibid.*

⁸⁴ Cf. nota 75.

⁸⁵ Dados fornecidos por uma Irmã Scalabriniana (†2009), que se encontrou uma única vez com a Serva de Deus, mas que ouviu tantas ressonâncias positivas a seu respeito, sobretudo de quantos tiveram a graça de viver com ela. In *APR*.

CAPÍTULO XII

A CRISE DAS “CLEMENTINAS” (1924-1927)

A Serva de Deus não foi poupada da cruz nem mesmo em Monte Alto, seja pelo isolamento em que se encontrava, seja pelo tipo de prova a que foi submetida: a de ter que presenciar, sem nada poder fazer, à aparente destruição da Congregação.

Tudo começou com o Capítulo Geral eletivo, requerido pelas Constituições no término do período de superiorado de madre Antonieta Fontana.

No dia 25 de junho de 1924 enquanto a Serva de Deus se encontrava em Monte Alto há aproximadamente um mês, na Casa Mãe (São Paulo) reuniu-se o Conselho Geral da Congregação, sob a direção do Revmo Pe. Estevam Maria Heigenhauser,¹delegado do Exmo. Arcebispo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, para tratar da convocação do referido Capítulo. Estabeleceram-se, antes de tudo, os pontos fundamentais da carta Circular a ser enviada a todas as casas² e

¹ Pe. Estevam Maria Heigenhauser havia sido nomeado diretor da Casa dos Redentoristas de Aparecida do Norte, junto a célebre Basílica daquele lugar e, em seguida, delegado episcopal para as Irmãs de São Carlos (cf. M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo*, cit., p. 62). «Era de nacionalidade alemã, tinha fama de ser um sacerdote exemplar e zeloso. Mas, no desempenho de sua missão e no ardor de fazer o bem e de interpretar as disposições superiores, pensou que fosse seu dever dar uma nova ordem à Congregação das Irmãs de São Carlos, seja reformando-lhes os Estatutos, seja alterando-lhe a denominação, querendo chamá-las “Irmãs Clementinas” para desligá-las completamente dos Missionários de São Carlos» (Cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 28).

² Cf. Atas do Capítulo Geral eletivo de 1924 das Irmãs Missionárias de São Carlos: reunião

foi constituído o Colégio eleitoral. Resultou presidente do IV Colégio Ir. Assunta Marchetti.³

O Capítulo foi aberto no dia 25 de setembro do mesmo ano e, no dia 28, deu-se a eleição da superiora geral: Ir. Maria da Divina Providência de Campos, mestra de noviças, com oito votos.⁴ (Três votos foram para Madre Assunta).

Sete meses depois daquele Capítulo, em abril de 1925, a nova Madre Geral escreveu duas cartas que chocaram o ânimo das duas destinatárias e não somente delas. A primeira, de 03 de abril de 1925, foi enviada à conselheira geral, Ir. Angelina Meneguzzi e a outra, de 18 de abril de 1925, portanto, pouco depois da anterior, à Ir. Lúcia Gorlin, também conselheira geral e responsável das Comunidades do Sul.⁵ O conteúdo central destas cartas era: faz-se necessário mudar o nome da Congregação, seja porque, existindo outra congregação sob a proteção de São Carlos, dever-se-ia substituir São Carlos por outro Protetor, São Clemente, um santo sacerdote redentorista canonizado há pouco, seja porque – assim se dizia – não se tinha nada a ver com a obra de Scalabrini. Neste sentido, era preciso atualizar as Constituições, abrindo uma nova página histórica, totalmente desligada dos fatos ratificados por um caminho de trinta anos.⁶ Pe. Estevam, por sua parte, defendia a tese de que a indébita interferência da família Marchetti e

preparatória, 25/6/1924, p. 1. In *AGSS* 1.12.

³ *Ibid.* p. 2.

⁴ Cf. Atas do Capítulo Geral eletivo de 1924, cit., 28/09/1924: Ato solene da eleição, p. 7, in *AGSS*. Ir. Maria da Divina Providência, no século Vicentina de Campos, era filha de José de Campos e de Carlota de Oliveira, brasileira, nascida em Alegrete, RS, no dia 19 de julho de 1884. Em 1924 era Religiosa professa há nove anos. Deixou a Congregação no dia 1º de março de 1927 (V. Ficha pessoal, Irmãs que deixaram a Congregação, in *AGSS* 4.3), concluindo deste triste modo a aventura à qual tinha iniciado logo depois de ter sido nomeada superiora geral, com o apoio do Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva e do seu delegado ao Capítulo acima referido, Pe. Estevam Maria Heigenhauser, redentorista: a transformação das Irmãs de São Carlos em Irmãs de São Clemente. As suas Conselheiras: Ir. Angelina Meneguzzi, Ir. Lucia Gorlin, Ir. Immaculada e Ir. Maria do Divino Coração.

⁵ Carta de M. da Divina Providência de Campos a A. Meneguzzi, São Paulo, 03 de abril de 1925, in *AGSS* e Carta da mesma a Ir. L. Gorlin, São Paulo, 18 de abril de 1925, in *AGSS* 1.5.3.

⁶ As fontes principais do acima exposto e da crise agora em ato entre as Irmãs de São Carlos estão sobretudo em: L. M. SIGNOR, *G. B. Scalabrini e l'Emigrazione Italiana*, cit., p. 249-254, e M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo*, cit., p. 60-70.

a dependência total das Irmãs dos Padres Missionários de São Carlos, tinha criado uma situação impossível e até escandalosa. O Bispo também era de parecer de que as Irmãs de São Carlos deveriam se separar dos Padres Scalabrinianos. Ele era ainda de parecer que, se estas no Sul tinham dado prova de insubordinação e se em São Paulo surgiram dificuldades, dever-se-ia a influência dos Scalabrinianos e, no caso de São Paulo, de Pe. Faustino Consoni e de Pe. Marco Simoni. A atual Madre Geral, bem como o Bispo e Pe. Estevam, consideravam as Missionárias de São Carlos carentes nos aspectos próprios da vida religiosa (as acusações, porém, limitavam-se à falta de observância do silêncio e ao costume de fazer o retiro mensal de apenas meio dia e não o dia inteiro) e, além disto, o Bispo de São Paulo bem como Pe. Estevam, condenavam a dependência exagerada que as Irmãs tinham dos Padres Scalabrinianos, que se sentiam seus patrões, a ponto de mortificá-las até em público.⁷

É fácil intuir qual instrumento de confusão e de divisão resultasse a nova Superiora Geral e qual sofrimento tenha sido para a Serva de Deus, ver «o Instituto dividido em dois grupos distintos, as *Carlistas* e as *Clementinas*»,⁸ ou melhor, “as velhas” e as “novas”: as primeiras tão fiéis à finalidade primitiva da Congregação a tal ponto de fazer dela a sua bandeira; as segundas, fechadas ao redor do primado da observância religiosa, da formação e da instrução, nas quais, na verdade, não faltavam lacunas.

O eco de tudo isso não podia não chegar à humilde superiora da comunidade de Monte Alto. Tudo o que estava acontecendo podia ser para ela o ponto de partida para um exame retrospectivo decepcionante. Para honrar a verdade, as *Irmãs novas* não estavam totalmente equivocadas. Até então, de fato, as Irmãs de São Carlos tinham sido displicentes a respeito da oração, do sacrifício, da disciplina, daquilo que acreditaram cegamente desde o início: teria sido este um erro?

⁷ Pe. Francesconi, porém, em seu escrito: *Congregazione delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo*, cit., ao qual nos referimos ainda, menciona que isto aconteceu somente uma vez, em São Bernardo do Campo, quando, em 1925, a Superiora Geral havia retirado as Irmãs daquela paróquia, sem aviso prévio.

⁸ L. M. SIGNOR, G. B. Scalabrini e *l'Emigrazione Italiana*, cit., p. 249.

Por outro lado, como não condenar o erro de jogar a culpa de tudo o que era negativo sobre as origens da Congregação, portanto, sobre os Padres Scalabrinianos, sobre a família Marchetti, sobre os italianos, encontrando nisto - fato verdadeiramente inexplicável - um apoio do Arcebispo de São Paulo? Dom Duarte tinha, no passado, ajudado tanto as Missionárias de São Carlos, mas, porque, agora fazia delas vítimas da sua intolerância e da presença italiana na sua Diocese e no Brasil? E ela, a Serva de Deus, símbolo vivo da fisionomia primitiva da Congregação, membro da família Marchetti e italiana, como podia ficar indiferente ao litígio? O Arcebispo, como se pode ver, era tão desconfiado no confronto dos italianos em geral e, particularmente dos Scalabrinianos, e também tinha se decepcionado com as Irmãs do Rio Grande do Sul, consideradas por ele, insubordinadas. Como podia Madre Assunta não lembrar de ter sido ela também considerada uma das *rebeldes* do Sul naquele tempo, já distante, da abertura da Casa de Nova Bréscia? Dizer o quê? Explicar? Justificar? A quem? Como? E depois...? Era verdadeiramente uma intrincada vicissitude, da qual, só pessoas dotadas de alta virtude poderiam sair ilesas. Assunta foi uma destas. De fato, parece mesmo, que nem desta vez ficasse muito preocupada do que se dizia contra sua pessoa, sua família, seu Instituto e nem mesmo diante da divisão em ato na Congregação, ameaçada na sua existência pela própria Madre Geral, não apenas nas formas, senão também na sua mesma natureza, já salva da tempestade desencadeada com a chegada das Apóstolas do Sagrado Coração.

Inevitavelmente, lá, no isolamento de Monte Alto, eram reabertas as feridas de 1900, quando escreveu com tanta sabedoria a Dom Scalabrini:

«Com que coragem podemos e devemos nós, depois de seis anos passados na observância de nossas leis e do nome com o qual tanto nos gloriamos, o de Irmãs de São Carlos Borromeo, abandonar e perder a memória das nossas fadigas e as Constituições com as que fomos chamadas a fazer parte desta Congregação?»⁹

⁹ Carta da Serva de Deus a Dom G. B. Scalabrini, São Paulo, 28 de dezembro de 1900, cit. É uma carta de grande valor histórico. Nela a Serva de Deus, de modo iluminado, enérgico e, podemos dizer, inesperado, tinha defendido a identidade da Congregação.

Mas, a quem recorrer agora? Dom Scalabrini já tinha morrido e Dom Duarte se encontrava agora em uma posição que não deixava esperança de encontrar nele escuta e compreensão. A prudência, o bom senso, a fé naquele Deus que conduz tudo para o bem, apesar do mal, ou melhor, servindo-se até do mal, apontaram para a Serva de Deus, uma vez mais, o caminho do silêncio orante e confiante, um silêncio que soube conservar íntegro, calando até com a única pessoa que teria sabido escutá-la e compreendê-la: Pe. Faustino Consoni. Três cartas, enviadas a ele pela Serva de Deus, de Monte Alto chegaram a nós: duas são de dezembro de 1924 e uma, de fevereiro de 1926.¹⁰ Sempre no Arquivo geral das Irmãs Scalabrinianas, são conservadas outras duas, enviadas, exatamente, em 1925: uma no dia 12 de fevereiro e outra no dia 10 de novembro. Estas últimas, portanto, foram escritas quando já se sentia os efeitos da *crise das Clementinas*.¹¹ Mas nelas, não se encontra sinais de angústia ou de alteração psicológica e, como de costume, limitam-se a fazer chegar ao destinatário, de modo cortês, o eco da gratidão e da memória.¹² Somente na carta do dia 10 de novembro aparece um pedido eloquente, legítimo e que deixa perceber o estado de marginalização da Serva de Deus: «Concluo pedindo-lhe um favor: quando souber de alguma notícia a respeito de nossa Congregação, faça-me participar, e nós, desde já lhe somos agradecidas».

Nas duas cartas de 1925 envolve toda a comunidade na mensagem de felicitações que deve transmitir. A primeira termina com a expressão: «Padre, queira abençoar estas vossas indignas servas», e é assim assinada: «Irmãs Missionárias de São Carlos». A expressão final e a assinatura da segunda não são muito diferentes: «Vossas filhas em Jesus Cristo que vos pedem a bênção» e a assinatura é a seguinte: «As

¹⁰ Carta da Serva de Deus a F. Consoni, Monte Alto, 09 de dezembro de 1924, in *AGSS* 1.3. Carta de Madre A. Marchetti a F. Consoni, Monte Alto, 22 de dezembro de 1924, in *AGSS* 1.3 e Carta de Madre A. Marchetti a F. Consoni, Monte Alto, 15 de fevereiro de 1926, in *AGSS* 1.3.

¹¹ A mudança do nome da Congregação tinha sido sugerida, como se viu, pelo desejo de prestar homenagem a Clemente Hofbauer, redentorista canonizado há pouco (Cf. L. M. SIGNOR, G. B. Scalabrini e *l'Emigrazione Italiana*, cit., p. 249). São Clemente teria sido uma relação eficaz para aproximar o Instituto “renovado” das Irmãs de São Carlos à espiritualidade da Congregação do SS. Redentor.

¹² Carta da Serva de Deus a F. Consoni, Monte Alto, 12 de fevereiro de 1925 e 10 de novembro de 1925, in *AGSS* 1.3.

Irmãs da Santa Casa». E é tudo, enquanto parecia próxima a catástrofe da Congregação de quem a Serva de Deus - única sobrevivente das Irmãs da primeira hora - vivia intensamente todos os acontecimentos há trinta anos.

CAPÍTULO XIII

A INTERVENÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

«ELEVOU OS HUMILDES» (Lc 1,54)

Deus, porém, intervém e intervém concretamente servindo-se, como sempre, de várias mediações humanas que levaram a Sé Apostólica à decisão de encarregar-se da solução da intricada situação das Irmãs de São Carlos. De fato, no dia 15 de outubro de 1925, o Cardeal Gaetano De Lai, secretário da S. Congregação Concistorial, escrevia à superiora geral, Madre Maria da Divina Providência:

«Esta S. Congregação, que por querer do Santo Padre assumiu a direção da Pia Sociedade Scalabriniana, propõe-se de regulamentar e disciplinar também a Congregação das Irmãs de São Carlos».¹

¹ Carta de G. De Lai a M. da Divina Providência, Roma, 15 de outubro de 1925, in *AGSS* 1.5.3. Sem entrar em particulares, que estariam fora do interesse específico desta exposição, acenamos apenas ao descontentamento provocado entre as Irmãs do Rio Grande do Sul pela carta enviada a Ir. Lucia Gorlin (superiora regional para as Irmãs do Rio Grande do Sul) pela superiora geral, Madre Maria da Divina Providência, em 18 de abril de 1925, da qual já se falou. Um descontentamento que chegou à Santa Sé, sobretudo através de uma carta por demais realista enviada por Ir. Lucia Gorlin ao Cardeal Camillo Laurenti, então Prefeito da S. Congregação dos Religiosos, para conseguir sua intervenção. A carta (cópia in *AGSS* 1.4.4.) é assinada por todas as Irmãs de São Carlos residentes no Sul e deve ter sido escrita em maio de 1925 (Cf. L. M. SIGNOR, *Giovanni Battista Scalabrini e l'Emigrazione Italiana*, cit., p. 256). Outra carta, (cópia in *AGSS* 1.5) sem assinatura, presumivelmente escrita pelo Cardeal Gaetano De Lai, secretário da Consistorial (atualmente S.C. para os Bispos), de 15 de outubro de 1925, parece ser a resposta à anterior. É enviada à Madre Geral das Irmãs de São Carlos. O seu conteúdo é o seguinte: «Revma Madre, esta S. Congregação, que por querer do S. Padre assumiu a direção da Pia Sociedade Scalabriniana, propõe-se regulamentar e disciplinar também a Congregação das Irmãs de São Carlos. Em espera das disposições, peço-lhe, portanto, de suspender qualquer providência de

No mês de maio seguinte, o mesmo De Lai escrevia também ao Arcebispo de São Paulo:

«Comunico à S. V. que o S. Padre prescreveu uma Visita Apostólica às Casas Scalabrinianas do Brasil com a finalidade de solucionar as dificuldades que se opõe à vida da Pia Sociedade. Estou certo de que esta decisão será recebida com satisfação por S. V. Revma que, nestes últimos tempos tanto se interessou pelos Scalabrinianos e pelas Irmãs de São Carlos».²

Em novembro do mesmo ano, um comunicado de mons. Egidio Lari, Encarregado de Negócios da Nunciatura Apostólica do Rio de Janeiro ao Cardeal De Lai tornou conhecido o nome do Visitador Apostólico: mons. Amleto Cicognani, Substituto da S. Congregação Concistorial.³ O Visitador chegou ao Brasil no mês de agosto de 1926 e interrogou uma a uma, separadamente, as Irmãs da Província de São Paulo, portanto, também a Serva de Deus,⁴ recolhendo o desejo e o parecer de cada uma. Eis a resposta sóbria, clara, equilibrada de Madre Assunta:

«Desejo que a Congregação continue sem mudança de nome; na minha Comunidade (Monte Alto) não existe divisão; a noviça do 2º ano gostaria de fazer os votos. Nós fizemos tudo o que estava ao nosso alcance: às 4h30min meditação; não se deixa de fazer o retiro mensal; só se sai para ir à Igreja; sempre dependemos do Arcebispo de São Paulo, também as do Rio Grande do Sul; estive em Guaporé, em Bento Gonçalves; o noviciado estava bem aqui, enquanto lá está fechado. Quando lá estava o Pe. Lourenço, redentorista, tudo ia bem. Depois, com o Pe. Estevam as coisas foram mudadas; eu penso que poderão viver unidas; assim me disse Ir. Afonsina, mestra de noviças e de bom espírito».⁵

caráter geral que possa se relacionar com a direção ou a transformação da Congregação e, ao mesmo tempo ser-lhe-ei grato se fizer o favor de me enviar uma cópia das Constituições, o número e o nome das Irmãs, tanto as do Estado de São Paulo como as de Porto Alegre, e o elenco das Casas atualmente existentes. Abençôo-a no Senhor». As duas cartas mencionadas são chaves para justificar os acontecimentos que seguiram, e compreendê-los.

² Carta de G. De Lai ao Arcebispo de São Paulo, 1 de maio de 1926. Cópia in AGSS 1.4.

³ Carta de E. Lari a G. De Lai, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1927. Cópia in AGSS 1.4.4.

⁴ M. FRANCESCONI, *Congregazione delle Suore Missionarie di S. Carlo Borromeo-Scalabriniane*, cit., p. 75. Do diálogo com mons. Cicognani resulta que as *Clementinas* eram 19, mais quatro ou cinco noviças e uma postulante. As *Carlistas* eram 19, mais 22 Irmãs e 10 postulantes do Rio Grande do Sul [...].

⁵ Respostas da Serva de Deus às perguntas feitas pelo Visitador Apostólico, mons. Amleto Cicognani sobre a crise de identidade em ato. Orig. in AGSS 1.4.8.

É uma resposta que causa admiração pelo desprendimento e sabedoria. Sobre isso são possíveis várias reflexões. Por exemplo: chama atenção o verbo “desejo”; tal verbo fala de humildade, de submissão, de anonimato, de ausência de qualquer compensação, talvez, tivesse sido espontânea. Ademais, embora na sua sobriedade, a resposta seja concreta e não oculte a verdade capaz de colocar em luz a positividade de um quadro pintado com muitas tintas foscas; não passa despercebido nem mesmo o impessoal “poderão viver unidas”, como se dissesse: «O problema não é meu, não me pertence, como não compete a mim a sua solução; um e outra estão nas mãos do bom Deus, estão no plano da sua amorosa Providência na qual sempre confiei inteiramente e de cuja solidariedade nunca tenho motivo para duvidar, portanto não posso desconfiar nem mesmo desta vez».

Também em relação aos dois sacerdotes redentoristas o fez com prudência, sem detalhes inúteis que poderiam deixar transparecer certa animosidade pessoal, totalmente insólita na Serva de Deus, sempre mansa, sem pretensão de ser protagonista.

Durante o mês de novembro a visita apostólica devia estar concluída, pois o relatório, apresentado pelo zeloso mons. Cicognani à S. Congregação Concistorial, leva a data de 06 de novembro de 1926.⁶ É um relatório completo e realista. Eis alguns trechos:

«[...] As Irmãs Carlistas, apesar dos seus defeitos e falta daquela formação que se tem com um noviciado, o qual não foi possível a Dom Scalabrini proporcionar-lhes - nem mesmo para as primeiras - no fundo são boas Irmãs; não têm instrução e cultura, que é própria das jovens da sociedade educadas nos conventos de certa distinção, mas são bem preparadas para a missão de professoras para os filhos dos emigrantes e de enfermeiras nos hospitais: este é o trabalho prescrito nas suas Constituições. É a concretização, entendida por elas, como realização da sua vocação. Fazem isso com constância e fidelidade, as mais antigas, o realizam a mais de 30 anos. Portanto, não merecem humilhações, nem censuras, mesmo desejando levá-las a um modo mais perfeito de Vida Religiosa. [...] Não se deveria conceder às *Clementinas* licença de se separar e se constituir em comunidade própria, o que seria legitimar a desleal rebelião de poucas

⁶ A. Cicognani, Relatório da visita apostólica às Irmãs de São Carlos, cit.

‘cabeças. Portanto, não resta senão demitir as chamadas Clementinas ‘temperamentais’, deixando ao Arcebispo de São Paulo prover a continuação delas, se e como quiser. [...] Enfim, como providenciar orientação melhor que a do passado, por parte da Autoridade Eclesiástica? As Irmãs pediram para serem declaradas de Direito Pontifício. [...] A meu modo de ver, não resta senão um duplice modo de solução para favorecer o desenvolvimento do Instituto: declará-lo de Direito Pontifício, ou conservá-lo ainda por um determinado tempo, até que possa caminhar melhor, sob a direção do Cardeal Secretário da S. C. Concistorial».

Este segundo modo de resolver a situação pareceu o mais conveniente e foi o adotado. No dia 19 de novembro de 1926 o Papa Pio XI aprovou as decisões apresentadas pela S. C. Concistorial, e, no dia 27 do mesmo mês o Cardeal De Lai pode nomear, por carta, o Visitador Apostólico para concretizar as mesmas decisões, na pessoa de mons. Egidio Lari, residente, como se viu, no Rio de Janeiro, Brasil.⁷ A carta dizia ainda:

«Dentro de um mês da chegada desta, realize-se a eleição da Madre Geral que,⁸ desta vez, será eleita sem fazer Capítulo, mas com cédula secreta, a ser enviada à mesma C. Concistorial, concedendo voto a todas as Irmãs de direito, com a condição, porém, de que declarem o desejo de perseverar no Instituto das Irmãs Missionárias de São Carlos. Para o momento, porém, ao Senhor, como Visitador Apostólico, é concedida toda e qualquer faculdade, como Ordinário, para todas as Irmãs Missionárias de São Carlos».

Esta carta chegou ao seu destinatário no dia 19 de janeiro de 1927. Mons. Lari apressou-se em enviar, no mesmo dia, uma resposta:

«Chegou-me a respeitável correspondência de Vossa Eminência Reverendíssima, n. 514/25, com data de 27 de novembro p.p., através do qual se compraz em comunicar a nomeação de minha pobre pessoa

⁷ Carta de G. De Lai a E. Lari, Roma, 27 de novembro de 1926, cópia in AGSS 1.4.4.

⁸ «A Congregação das Irmãs de São Carlos ficou acéfala e desagregada, porque a Geral havia se retirado em *Santo Antônio do Pari* com uma parte das dissidentes, reconhecendo suas só as Clementinas; enquanto as demais, portanto também a Serva de Deus, ficaram como ovelhas sem pastor, convictas de não ter um Protetor e um Pai no Arcebispo de São Paulo, e ao mesmo tempo conscientes de que o Arcebispo de Porto Alegre não arriscava a dar passos em favor delas para não entrar em conflito com o seu colega de Episcopado» (*Relatório de mons. Amleto Cicognani*, cit., p. 19).

para realizar as decisões da S. Sé, depois da Visita Apostólica realizada pelo Revmo. mons. Cicognani ao Instituto das Irmãs Scalabrinianas existentes nesta República. Asseguro que farei o melhor possível para corresponder à confiança que me foi depositada».⁹

Mons. Lari não perdeu tempo e apressou-se em comunicar às superiores provinciais da Congregação, as disposições de prover as votações nos primeiros dias do mês de março.¹⁰ Assim, nos meses de março, abril e, talvez, maio chegaram a Roma todas as cédulas com as quais as Irmãs indicavam o nome da superiora geral. Chegou também a da Serva de Deus:

«Eu, abaixo assinada, entrada na congregação a 25 de outubro de 1895 e professa com votos perpétuos desde 25 de outubro de 1897, pretendo continuar a viver fielmente na Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos e dou meu voto para a R. M. Ir. Angelina Meneguzzi para ser eleita Madre Superiora Geral».¹¹

Feita a apuração das cédulas, chegou-se ao seguinte resultado: Ir. Assunta Marchetti: 30 votos; Ir. Angelina Meneguzzi: 16 votos; Ir. Lucia Gorlin: 4 votos; Ir. Antonietta Fontana: 1 voto.¹² O resultado era evidente e não deixava dúvidas a respeito da vontade das votantes. Só faltava a aprovação da S. C. Concistorial e a aceitação da interessada, a Serva de Deus.

Várias pessoas, então ligadas, de algum modo à Madre Assunta, entregaram aos arquivos, elementos significativos, sobre seu proceder altamente virtuoso no tempo que precedeu o resultado daquelas inesperadas votações, e quanto segue, o confirma:

«Madre Assunta procurou, dentro de suas possibilidades, combater a idéia de transformar a sua Congregação na das Irmãs Clementinas. Não protestava. Objetiva como era em seu proceder, não recorria a ninguém.

⁹ Carta de E. Lari a G. De Lai, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1927, cópia in *AGSS* 1.4.4.

¹⁰ Carta de E. Lari às superiores provinciais da Congregação, Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1927, cópia in *AGSS* 1.5.4.

¹¹ Cédula do voto de Assunta Marchetti, eleições individuais pedidas pela S. C. Concistorial para a eleição da madre geral, 05 de março de 1927, orig. in *AGSS* 1.5.4.

¹² S. Congregação Concistorial, resultado da votação para a eleição da revma. superiora geral, Roma, 18 de maio de 1927, cópia in *AGSS* 1.5.4.

Esperou serenamente a solução do problema, sempre confiante na ajuda divina. A S. Sé colocou fim à pretensão do grupo contestador, conservando a denominação e as normas já existentes».¹³

«Monte Alto é o Monte das Oliveiras para a Serva de Deus, porque circulavam rumores de que as Irmãs estavam deixando a Congregação e que se estava pensando em mudança de nome e de estrutura da mesma Congregação. Lá, em Monte Alto, a Serva de Deus estava isolada de tudo e de todos, por isto não conhecia bem a realidade. As Irmãs de Aparecida e do noviciado eram orientadas por Pe. Estevam, CSSR, que queria mais vida de oração e de contemplação para as Irmãs. Queria para elas uma espiritualidade nova, a de São Clemente. Ele contava com o apoio da nossa superiora geral, Madre Maria da Divina Providência. A Serva de Deus, também naquele período tempestuoso não se rebelava. Sempre dava testemunho de confiança em Deus e na sua santíssima vontade. Calava e rezava, plena confiança. Com a intervenção da S. Sé, Madre Assunta foi eleita pela mesma S. Sé, superiora geral. A Congregação permaneceu sob a orientação da Concistorial que nomeou mons. Egidio Lari secretário da Nunciatura, Visitador Apostólico do Instituto. As Irmãs que quisessem se retirar podiam fazê-lo».¹⁴

Neste tempo tão carregado de sofrimento e de espera, a vida de Madre Assunta foi marcada também por outra prova: a morte da mãe, sua primeira superiora. No dia 22 de fevereiro de 1927, Carolina Ghilarducci deixava, de fato, a habitação terrena.¹⁵ Sobre sua morte e sobre os sentimentos com os quais a Serva de Deus a tinha aceitado, fala-nos a mesma Madre Assunta, em uma carta à sua irmã Elvira, que havia emigrado para a Argentina.¹⁶

«Caríssima mana Elvira, faz muito tempo que não recebo notícias suas, agora venho dar as minhas. As minhas são boas, como também as de nossos parentes, mas, talvez já saiba, nossa Mãe, Jesus a (sic) levou ao céu. Morreu no dia 22 de fevereiro; teve uma santa morte, assistida com todos os confortos religiosos; esteve consciente até o último momento; foi assistida por todos os Padres de São Carlos, que não a abandonaram por nada. Pe. Faustino recomendava sua alma chorando, muito bela foi sua morte; morreu

¹³ Informação fornecida por um sobrinho da Serva de Deus, in *APR*.

¹⁴ Relatório de uma Irmã que entrou no Instituto logo depois da eleição da Serva de Deus, in *APR*.

¹⁵ Atestado de óbito de Carolina Ghilarducci Marchetti, cópia in *AGSS* 1.3.5.

¹⁶ Carta da Serva de Deus à sua irmã Elvira, Monte Alto, SP, 16 de março de 1927, orig, in *AGSS* 1.3.2.

entre os braços de Teresinha e os meus. Pe. Faustino, na cabeceira da cama, confortava os cunhados e sobrinhos. Quantas vezes chamou por você, Elvira, e pelo Pio! Teve todos os confortos, todas as satisfações, só não teve a de poder ver vocês dois. Paciência, que devemos fazer? Resignar-nos à vontade de Deus. As nossas irmãs, porém, não se conformam de não ter mais a mãe viva. Elvira, mande celebrar alguma Missa, se puder. Agora, não nos resta senão rezar e continuar a ser bons cristãos, honestos, como foram nossos pais, assim nos ajudarão e nos abençoarão do paraíso. Se visse, que bonito foi o funeral! Dele participaram todos os Padres de São Carlos, dois Padres jesuítas, os órfãos, as órfãs e muita gente. Foi sepultada no túmulo do pobre José. Pe. Faustino fez um discurso no cemitério; em uma palavra, na nossa tristeza, foi para nós, filhos e para todos os parentes uma consolação. Todos se recordam de quem faz o bem no mundo. Imitemos também nós nossos pais e assim poderemos ganhar o céu. Reze por mim. Agora me encontro a doze horas de trem, longe de São Paulo, em uma Santa Casa; lembranças para vossas duas filhas e para todos os outros sobrinhos e diga-lhes que rezem pela tia e pela avó. Receba um abraço apertado e creia-me sempre vossa afetuosa irmã».¹⁷

Esta carta é mais uma prova de quanto a Serva de Deus era capaz de ler os acontecimentos como *kairós*, isto é, como espaço privilegiado, portador de salvação, pelo que tudo, também a dor, se transforma em graça. Pela sua fé acontecia uma espécie de milagre, onde também as emoções e as comoções mais violentas passavam a compor um espaço interior de equilíbrio e de serena confiança.

SUPERIORA GERAL PELA SEGUNDA VEZ (1927 - 1935)

Em 15 de junho de 1927, foi enviada ao Cardeal Gaetano De Lai uma carta de um escritor não claramente identificado, mas que se supõe tenha sido mons. Cicognani. É uma carta preciosa porque, entre outras coisas, evidencia o pensamento positivo que se tinha em Roma a respeito de Madre Assunta. É a seguinte:

«Da síntese elaborada por dom Baldelli e confrontada com cada cédula, resulta que Ir. Assunta Marchetti obteve 30 votos sobre os 51, enquanto Ir. Angelina Meneguzzi 16; Ir. Lucia Gorlin 4 e Ir. Antonietta Fontana

¹⁷ Maria Adelaide Carola Ghilarducci, nasceu no dia 13 de dezembro de 1849 e morreu com 77 anos e dois meses de idade.

1. Portanto, pode-se, sem mais, fazer a nomeação da Geral; mons. Lari telegrafou que, de sua parte, nada tem que se oponha sobre o nome de Assunta Marchetti. É irmã do Pe. Marchetti que morreu com apenas 28 anos (sic), depois de ter fundado o Orfanato (sic) de São Paulo, no Brasil. É religiosa há 31 anos e foi superiora geral em outra ocasião. Atualmente é superiora em Monte Alto, Diocese de São Carlos do Pinhal, mas penso que deverá transferir-se para Vila Prudente. Mons. Lari, em sua última carta, dizia que, nomeada a superiora, a Visita Apostólica já não tinha razão de ser. Considero oportuno que por algum tempo, mons. Lari permaneça ainda Visitador Apostólico para este Instituto, para que não haja aborrecimentos por parte do Arcebispo de São Paulo que, naturalmente, até agora teve que dobrar a cabeça, mas é evidente que coactus egit. Nunca escreveu, nem ao menos uma vez à Concistorial. Disse aos Redentoristas que não se interessaria por estas Irmãs, etc.: são todos indícios que aconselham a permanência de quem possa, pouco a pouco, colocar as Irmãs em situação amigável junto ao Arcebispo. Ir. Marchetti é muito boa, talvez até demais; mas no conjunto vai bem; porém, é bom que seja sustentada por autoridade benévola, como será sempre mons. Lari, e não o Arcebispo de quem todas as Irmãs desconfiam. Com a volta de Ir. Marchetti ao poder, os preconceitos do Arcebispo de São Paulo facilmente renascerão. É bom satisfazê-lo até onde se pode; e, portanto, não voltem os Padres Scalabrinianos a serem os patrões em Vila Prudente, como aconteceu em outro tempo. Para a função de confessores e diretores espirituais das várias casas, mons. Lari escolha, de acordo com o Arcebispo, pessoas que sejam aptas e do agrado de Dom Duarte».¹⁸

No dia 21 de julho de 1927, mons. Egidio Lari comunicava à Serva de Deus sua eleição como superiora geral e lhe expunha sobre a necessidade de ter quanto antes uma resposta de aceitação.¹⁹ A Serva de Deus respondeu no dia 29 do mesmo mês, dizendo:

«Ilmo e Revmo Monsenhor, recebi sua prezada carta de 21 de julho p.p. Perdoe-me, Monsenhor, se demorei um pouco para responder. Tratando-se de uma tão grave responsabilidade que as minhas Coirmãs querem me confiar, tomei alguns dias para refletir e rezei ao bom Deus para que me iluminasse.

Conheço, Revmo Monsenhor, a minha indignidade e incapacidade e conheço também as muitas dificuldades que existem para o governo de uma Congregação religiosa como é a nossa. Mas, confiando no Senhor e,

¹⁸ Autor anônimo, datada em Roma, 15 de junho de 1927, orig. in *APCMI*.

¹⁹ Carta de E. Lari à Serva de Deus, Rio de Janeiro, 21 de julho de 1927, orig. in *AGSS* 1.5.4.

recebendo de Suas mãos este chamado, humildemente aceito e, a partir deste momento, Revdo Monsenhor, coloco-me à sua disposição. Peço a sua bênção e a poderosa ajuda de sua fervorosa oração [...]».²⁰

Com esta carta mais que concisa, a dócil, a humilde autora revela plena consciência da importância daquilo que lhe estava sendo pedido, mas também de ter tamanha fé para não recusar. O segredo de sua coragem é, o que ela mesma diz, a confiança no Senhor.

Mons. Lari logo lhe responde:

«Apenas chegada em minhas mãos sua comunicação oficial, Revda Madre, na qual declara de aceitar a eleição de superiora geral da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos. Com viva satisfação recebi esta resposta, pois a mesma se constitui em um passo adiante na obra de consolidação da fundação do Servo de Deus Scalabrini. No exercício de minhas funções de Visitador Apostólico da Vossa Congregação devo, agora, dispor quanto segue: 1) a Superiora Geral reside em São Paulo; 2) a Revda Madre Geral eleita está autorizada a nomear desde já uma superiora para a Comunidade de Monte Alto. Faço votos de que o governo da nova Madre Geral seja abençoado por Deus e promova grandemente o progresso da Congregação e a santificação das almas que lhe são confiadas».²¹

A carta, embora na sua gentileza, determinava uma práxis: a da completa dependência da Madre Geral do Visitador. A Serva de Deus o compreendeu bem e começou, imediatamente, a ser obediente como uma noviça, e assim foi por oito anos, sem nunca contradizer. Como já foi visto, a carta de mons. Lari dispunha sua saída de Monte Alto e sua transferência para São Paulo.²² Sem demora, a Serva de Deus se dispõe a partir para

²⁰ Carta de Madre A. Marchetti a mons. E. Lari, Vila Prudente, 29 de julho de 1927, cópia in AGSS 1.5.4.

²¹ Carta de E. Lari a Madre A. Marchetti, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1927, in AGSS 1.5.4.

²² Monte Alto não a esqueceu! Em 05 de setembro de 1994 a Câmara Municipal da cidade, a quase setenta anos da partida da Serva de Deus, decidiu, na sede municipal, dedicar-lhe uma rua, aquela codificada “Rua 27” que passou a se chamar Rua Madre Assunta Marchetti (cf. Documento assinado pelo Prefeito de Monte Alto, Aparecido Donizete Sartor, no dia 12 de setembro de 1994, in AGSS 1.3.3). No dia 16 de outubro de 1997, Izabel I. Zaniboni, de 73 anos, residente em Monte Alto, escrevia com orgulho: «Sou a primeira menina nascida na Santa Casa, «eu nasci nas mãos de Madre Assunta Marchetti», in AGSS 1.3.3.

Monte Alto-SP: Porfêrio Luis de Alcântara Pimentel, farmacêutico, capitão do imperador, homem dedicado à exploração da terra, foi o fundador de Monte Alto. Segundo as narrações,

fixar sua nova morada em um lugar muito conhecido para ela: em Vila Prudente, depois de pedir, humildemente, permissão ao Visitador.²³

O retorno da Serva de Deus como superiora geral era fortemente indicativo: dizia, de fato, que bom número de Irmãs, apesar do clima confuso dos últimos acontecimentos, não foi nem parcial, nem superficial no discernimento, identificando em Madre Assunta aquela que saberia governar com retidão e com amor desinteressado para com todas e para com o Instituto, desde sempre, por assim dizer, alimentado pelas suas virtudes e que agora encontrava, em sua humilde pessoa, fundados motivos de esperança.

Em 1927, quando se quis ajudar a Congregação sair de uma segunda tremenda tempestade, Madre Assunta foi chamada novamente a reger seus destinos: e foi «a Mãe» de suas Irmãs até 1935.²⁴

em uma noite ele sonhou com uma região montanhosa e entreviu do alto de uma montanha uma igreja, parecida com a de Pirapora. Decidiu buscá-la e encontrou, de fato, uma região parecida com a que sonhara. Denominou-a: Bom Jesus de Pirapora de Monte Alto das três Divisas. Como sinal, colocou uma cruz. Ao lado dela construiu uma capelinha e comprou quatro hectares de terra para a casa paroquial. Fixou a data de 15 de maio de 1881 para a cerimônia de fundação; deu como patrono do lugar o *Senhor Bom Jesus de Pirapora*. Pouco a pouco o nome ficou, simplesmente, “Monte Alto” ou “Cidade do sonho”. Está situada a 720 m de altitude. Em 1950 tinha uma área de 449 km quadrados e uma população de 15.939 habitantes (cf. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, cit., p. 157-158).

²³ Carta da Serva de Deus a E. Lari, Vila Prudente, 09 de agosto de 1927, in *APR*. Madre Assunta responde à carta de mons. Lari de 30 de julho, informando-o de ter cumprido suas ordens e pedindo-lhe que a Casa de Vila Prudente seja a Casa Mãe da Congregação.

²⁴ Cf. L. Negrisoló, Perfil biográfico inédito, cit. p. 3. «Com a intervenção da Sé Apostólica, a Congregação passou sob a jurisdição da S. Congregação Concistorial, representada pelo Nuncio Apostólico no Brasil, mons. Egidio Lari. Quero explicar o que sei a respeito da crise das “Clementinas” e suas conseqüências: as Irmãs do Sul recorreram à S. Sé, ajudadas pelos Padres Carlistas. A Santa Sé não aceitou a mudança projetada e determinou que ficassem no Instituto as Irmãs que quisessem permanecer missionárias de São Carlos; as demais deviam retornar às suas casas ou entrar em outra Congregação. De nossa Congregação saíram dezoito Irmãs. A Santa Sé retirou a Congregação da jurisdição de Dom Duarte e a colocou sob a proteção da Nunciatura. Sempre a Santa Sé, pediu uma eleição individual às Irmãs, cujos votos foram enviados diretamente a Roma. A Serva de Deus foi amplamente votada. Ela recebeu a notificação de sua eleição com muita humildade, com temor, obediência e conformidade com a vontade de Deus» (Trecho de um escrito posterior, que hoje se encontra in *APR*, de Ir. Letícia Negrisoló).

CAPÍTULO XIV

O INSTITUTO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS DE 1927 A 1935

O COMEÇO DO SEGUNDO MANDATO DE MADRE ASSUNTA MARCHETTI

A eleição da Serva de Deus foi motivo de alegria para todas as Irmãs que permaneceram fiéis ao ideal scalabriniano, a ser encarnado sob a proteção de São Carlos. Desta alegria temos vários testemunhos: o santinho-lembrança impressa e difundida exatamente para lembrar com certa solenidade a providencial eleição;¹ a carta de Ir. Angelina Meneguzzi, superiora provincial da Província de São Paulo, a mons. Egidio Lari, com data de 05 de agosto de 1927, com a qual agradece ao Visitador Apostólico por ter dado à Congregação uma Madre Geral tão digna de tal função, e a carta de Pe. Estevam Heigenhauser, também a mons. Egidio Lari, na qual se encontra esta expressão: «Francamente Madre Assunta é a mais apta a ocupar esta função».² Digna de ser integralmente transcrita é a carta que o Cardeal Gaetano De Lai (Secretário da S. Congregação Concistorial) enviou à mesma Serva de Deus em data de 04 de outubro de 1927:

¹ «Recordação da eleição de Madre Assunta Marchetti como Superiora Geral das Irmãs Missionárias de São Carlos (27 de julho de 1927) e do lindo dia do seu onomástico (15 de agosto de 1927). Assinam: As Irmãs Missionárias de São Carlos dão graças a Deus e se congratulam com ela», in *APR*.

² Carta de A. Meneguzzi a E. Lari, São Paulo, 05 de agosto de 1927, Orig. in *APCMI*; Carta. de E. M. Heigenhauser a E. Lari, Aparecida, 18 de agosto de 1927, Orig. in *APCMI*.

«Esta S. Congregação lhe expressa as mais vivas felicitações pela nomeação de V. M. superiora geral das Irmãs Missionárias de São Carlos. A senhora que foi uma das primeiras a responder ao chamado do Fundador e a dedicar sua vida para o bem espiritual dos emigrantes italianos, saberá, no governo do seu Instituto, infundir aquele espírito de piedade sólida, de completo sacrifício e de obediência para torná-lo forte e compacto. Não se faz necessário dizer-lhe que qualquer decisão que irá tomar será sempre inspirada pela caridade e justiça tendo diante de si o exemplo de São Carlos Borromeo e recordando que o Instituto precisa de um completo restabelecimento e gradual desenvolvimento».³

De sua parte, a Serva de Deus foi solícita em responder com determinação aos deveres do seu mandato. Em 07 de agosto escreveu, de Vila Prudente, a mons. Lari para informá-lo que já havia transferido sua residência de Monte Alto para São Paulo.⁴ Em data de 08 de setembro enviou a *cada* superiora sua primeira circular, definida pelo mesmo Visitador Apostólico um «oportuno documento que trouxe um grande bem».⁵ É a seguinte:

«Querida coirmã, a paz de Nosso Senhor esteja com a senhora. As queridas e boas coirmãs, com seu voto, carregaram meus pobres ombros com uma responsabilidade tremenda. Gostaria de esquivar-me de tanto peso, consciente da minha incapacidade absoluta, mas a insistência do nosso Exmo. Visitador, mons. Lari (que me fazia ver nesta eleição a voz de Deus) me levou a aceitar. E assim, como nunca, em nenhuma circunstância e lugar, como nesta, verifica-se a profunda sentença: que Deus se serve dos instrumentos mais inadequados, mais insuficientes, para suas obras. Toda a minha confiança depusitei-a no seu dulcíssimo Coração. Por Ele e Nele, eis-me nesta delicadíssima e muito espinhosa missão. Além do que, nesta minha aceitação, sorri-me uma grande esperança: a cooperação leal, pronta e generosa de todas as minhas boas coirmãs, sobretudo das Superiores de cada casa. V. R. sabe muito bem de que terrível luta sai a nossa querida Congregação. Uma tormenta inominável procurou arrastar-nos e engolir-nos. Fomos salvas por milagre e podemos dizer que neste duro perigo, que foi a prova de fogo, o bom Deus nos deu um sinal visível da sua admirável proteção. Trata-se agora de nos estreitarmos todas em um doce vínculo

³ Carta de G. De Lai à Serva de Deus, Roma, 04 de outubro de 1927, Orig. in *APCMI*.

⁴ Carta da Serva de Deus a E. Lari, Vila Prudente, 09 de agosto de 1927, Cópia in *APR*.

⁵ Mons. E. LARI, *Relatório sobre a Congregação das Irmãs de São Carlos ao Card. G. De Lai*, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1927, in *AGSS* 1.4.4.

de caridade e, esquecidas de um triste passado, retomar nosso caminho, ou melhor, recomeçar uma vida nova. Por enquanto, do que sei, nenhuma novidade será introduzida. O que nossos Veneráveis Superiores nos pedem com doçura sim, mas com toda energia, é a observância íntegra e fiel das Constituições, e a dependência absoluta e incondicional de sua autoridade. A experiência do passado nos mostra que devemos andar por um caminho de maior disciplina e obediência àqueles (sic) Exmos. Superiores que, salvando-nos de certa ruína, dedicam seus admiráveis esforços para o incremento da nossa querida Congregação. Portanto, baseando-nos neste princípio, minha querida coirmã, julgo necessário, para meu bom governo e também de V. Revma, advertir que nenhum compromisso, de nenhuma espécie, nenhuma mudança ou novidade, nada pode ser feito sem licença (sic) do Revmo. Visitador da Concistorial, de quem única e diretamente dependemos. Ademais, cada Superiora governe sua comunidade com tal clareza e conformidade com as Constituições e aos usos da Congregação, como se tivesse que deixar o seu cargo, de um dia para outro, pela voz da santa obediência. Chamo, humildemente e com caridade, a atenção sobre este ponto muito essencial da boa ordem, para não incorrer em mal entendidos e amargas desilusões. Conto muito, minha amada coirmã, com sua prudência, bondade e caridade e me congratulo com sua firmeza e santo espírito de sacrifício. Trabalhem, todas, para a glória do Senhor, para a nossa santificação e para o verdadeiro bem da nossa Congregação. O bom Deus nos abençoe. Vossa humilde serva em Jesus Cristo».⁶

De fato, fechava-se uma época caótica para a Congregação e dolorosa para a Serva de Deus que, na fé, encontrava uma vez mais o vigor necessário para colocar mãos à difícil obra de reconstrução. Isto é confirmado pela circular acima citada e pela carta enviada no dia 15 de outubro de 1927 por Madre Assunta, à Ir. Lucia Gorlin, superiora provincial das Irmãs do Sul, na qual, a escritora, pródiga em conselhos, orienta a uma profunda ação em favor da unidade, entendida como meio imprescindível para chegar à consolidação do Instituto. A estes escritos pode-se acrescentar aquele enviado, dois anos mais tarde, à Ir. Imaculada Mileti e Conselho,⁷ que contém, entre outros, também este precioso ensinamento:

⁶ Carta circular de Madre A. Marchetti às Superiores da Congregação, 08 de setembro de 1927, Orig. in *AGSS* 1. 3.

⁷ Carta da Serva de Deus a L. Gorlin, Vila Prudente, 15 de outubro de 1927, Orig. in *AGSS* 1.3; Carta da Serva de Deus a Mileti e Conselho, Bento Gonçalves, 22 de novembro de 1929, in *APR*.

«Sem sacrifício não se pode fazer o bem ao próximo, e menos ainda se pode fazer se não tivermos caridade entre nós, mas esperamos que esta nunca nos venha a faltar. União e caridade! Com isto tudo se suporta, todas as cruzes pesam menos. Amar, sacrificar-se e obedecer!»

Enfim, da carta⁸ da Serva de Deus à Ir. Borromea Ferraresi extraímos as palavras que podem ser consideradas, verdadeiramente, a síntese de um exigente programa pessoal ascético:

«Por enquanto recomende tranquilidade e paciência. [...] Qualquer ato nosso, contrário, incorreria [...] a nosso dano.

A nossa máxima deverá ser: “Obedecer, obedecer a qualquer preço, também ao preço do nosso amor próprio e dos nossos interesses”».

A Serva de Deus sempre tinha obedecido, mas foi, sobretudo, no governar dependendo totalmente do Visitador Apostólico, que teve de experimentar a fadiga da obediência (*Hb* 5,8).

Por certo, o progresso do Instituto nos anos 1927-1935 encontra sua explicação, principalmente, nas qualidades superiores de vida espiritual da Madre e na sua constante atenção em cumprir a vontade de Deus.⁹ E Deus abençoou a obra a ela confiada com a confiança das coirmãs¹⁰ que tinham votado nela e, do querer da Igreja, que tinha ratificado tal votação. Assim, o carisma de fundação foi salvo e o Instituto reencontrou a clareza e a segurança do seu caminho.

RUMO AO CAPÍTULO GERAL DE 1935:

RELATÓRIO DO TÉRMINO DO MANDATO

O *relatório* de Madre Assunta Marchetti ao Capítulo Geral eletivo de 1935 se intitula: ‘Relatório e prestação de contas financeiro

⁸ Carta de Madre A. Marchetti a B. Ferraresi, São Paulo, 29 de janeiro de 1931, Orig. in *AGSS* 1.3.

⁹ Carta de Madre A. Marchetti a C. Zini, Vila Prudente, 18 de maio de 1931, Orig. in *AGSS* 1.3. Com finalidade indicativa transcrevemos algumas linhas desta carta maternal, porém determinada: «Caríssima Ir. Clementina, como sei que a senhora não quer saber de responsabilidade, aproveito o fato de encontrar-nos no belo mês consagrado a Maria Santíssima, para pedir-lhe um sacrifício em sua honra, ou seja, de tomar a cruz de superiora do hospital Tacchini, tendo como máxima: fazer em tudo a vontade de Deus».

¹⁰ Carta de C. Tomedi a Madre A. Marchetti, Bento Gonçalves, 02 de outubro de 1927, Orig. in *APCMI*.

de término do mandato, correspondente ao período: agosto de 1927 a dezembro de 1934, apresentado e lido na sessão preliminar do Capítulo em março de 1935, na presença das Irmãs capitulares, no dia anterior à eleição da nova Superiora geral'.¹¹

Este *Relatório* constitui, ainda hoje, um instrumento precioso para uma avaliação objetiva do prolongado governo, que teve por sete anos como superiora geral, a Serva de Deus. Este período teve origem por expressa vontade das Irmãs que permaneceram fiéis ao carisma original e, sob o materno cuidado da Igreja, que não subestimou acompanhá-lo em protegê-lo de modo caloroso e abençoado. Durante este período foi traçado um caminho claro em metas, substancial nas opções, corajoso e prudente, ao mesmo tempo, nas decisões. Foi, sem dúvida, um período muito frutuoso tanto sob o ponto de vista espiritual, quanto do ponto de vista material, mas também fecundado com muita oração, sofrimento e fadigas. No sexênio, a Serva de Deus se demonstrou capaz de organizar programações equilibradas e válidas, sem nunca encontrar qualquer repercussão negativa. No coração da humilde 'moleira' de Lombrici de Camaiore a graça de Deus encontrou plenamente, ainda uma vez, o espaço para realizar esplendidos prodígios.

A Madre, em seu *Relatório* de término do mandato, ofereceu à posteridade o dom de conhecer, em sequência cronológica, os acontecimentos e as atividades principais que, naquele tempo, marcaram a Congregação das Irmãs de São Carlos, favorecendo a compreensão dos ouvintes e a orientação para quem a deveria suceder. Por certo, que seria impossível, ser mais cuidadosa e fiel do que ela, na narração, porque tudo tinha sido iluminado pela sua inteligência, corroborado pelo seu coração e pela sua oração, por isso consideramos que as páginas que seguem, imediatamente, merecem ser transcritas, ao menos em suas partes mais significativas.

«[...] No dia 30 de julho de 1927, mons. Egidio Lari, Delegado e Visitador Apostólico, transmitia oficialmente a comunicação da S. C. Concistorial da eleição de Madre Assunta Marchetti como superiora geral das Irmãs

¹¹ Madre A. Marchetti, *Relatório* do período 1927–1934, São Paulo, 14 de março de 1935, in *AGSS I.6.2*. (Transcrição parcial).

Missionárias de São Carlos, novamente confirmada a 04 de março de 1929, juntamente com o Conselho Geral, constituído pelas seguintes Conselheiras: Ir. Imaculada Mileti, Ir. Angelina Meneguzzi, Ir. Camilla Dal Rì e Ir. Lucia Gorlin.¹² A nova Superiora Geral que, por disposições superiores devia residir em São Paulo, na seção feminina do Orfanato Cristóvão Colombo, em Vila Prudente, não ignorava as dificuldades que encontraria aquela que tivesse sido escolhida para tão penoso cargo, cargo superior às suas forças, a seus dotes, mas, as anteriores disposições da S. Congregação Concistorial (que tinha submetido nossa Congregação sob a imediata dependência e jurisdição de S. E. Revma mons. Egidio Lari, nomeado, no início, seu Delegado e Visitador Apostólico, e depois de S. Excia. Revma o Nuncio Apostólico no Brasil, mons. Benedetto Aloisi Masella), a zelosa e sábia assistência destes distintos Representantes da S. Sé e ainda a coesão, a boa vontade e a cooperação de todas as Irmãs de São Carlos, quiseram que aceitasse ser sua Superiora Geral e, depois, continuar em uma tão espinhosa responsabilidade. Um elogio é devido à diligente atuação das duas Superiores Provinciais, ou seja, à madre Lucia Gorlin, então Provincial para o Rio Grande do Sul e, ainda mais, à madre Angelina Meneguzzi, então Provincial no cargo, por São Paulo, a qual, a 25 de janeiro de 1927, foi encarregada por mons. Lari de tratar, sob sua dependência, dos assuntos da Congregação, até a nomeação da nova Superiora Geral. Não foi uma gestão simples, mas ela a realizou com habilidade e abnegação. De fato, com a renúncia das Irmãs que queriam se chamar *Irmãs Clementinas* e, da então Superiora Geral, madre Maria da Divina Providência a qual, em janeiro de 1926 tinha adquirido duas casas, foi urgente pensar na extinção de um débito que onerava aqueles edifícios com a soma de cem contos, pagando juros de 12%, além de outro débito de 32 contos de reis devidos ao empreiteiro que fez a reestruturação: débitos estes, considerados onerosos para nossas débeis costas, sem meios e sem entradas. Foi admirável o esforço de nossas coirmãs de São Paulo que colaboraram reduzindo os gastos, fazendo economias e daquelas do referido Colégio, para encontrar ajudas. Seguiram uma após outra, novas dificuldades, tanto para a Província do Sul quanto para a de São Paulo. Mas, devemos a mons. Lari, se não nos venceu o desânimo, e não desistimos daquilo que havia sido comprado, conservando também o noviciado de Aparecida e, em janeiro de 1927, começando a funcionar o noviciado de São Carlos em Bento Gonçalves, a conselho do Arcebispo de Porto Alegre, mons. João Becker e autorizado pela S. C. Concistorial de Roma. [...] No mês de

¹² Carta de Madre A. Marchetti às Irmãs da Congregação, por indicação de mons. Egidio Lari, para notificar a confirmação do Conselho Geral da parte da Sagrada Congregação Concistorial, São Paulo, 04 de março de 1929, in *AGSS*.

janeiro de 1930 começou a funcionar o Colégio Santa Teresinha em Anta Gorda que, desde o começo, foi frequentado por um bom número de crianças. Em 05 de outubro de 1929, o noviciado São Carlos de Bento Gonçalves que, no início, estava no mesmo edifício do Colégio São Carlos, foi transferido para um edifício, em parte construído e em parte reestruturado, que existia em um terreno anexo, comprado em 28 de agosto de 1928. Na Província do Estado de São Paulo, a pedido de mons. Antonio Ramalho, atual Vigário Geral da Diocese de Jaboticabal, no dia 20 de julho de 1930, as Irmãs de São Carlos assumiam a direção do Asilo de Mendicidade para anciãos inválidos. No dia 22 de fevereiro de 1931, na localidade de Roca Sales, RS, começou sua atividade o Colégio São José, devido à generosidade da senhora Laura Broc que doava à nossa Congregação um vasto terreno, com uma casa de tijolos. Sempre em 1931, mons. Egidio Lari foi nomeado Nuncio Apostólico na Pérsia. A S. C. Concistorial, com Decreto 514/25, datado de 06 de junho de 1931, nomeava, então, para substituí-lo, mons. Benedetto Aloisi Masella, Nuncio Apostólico do Rio de Janeiro, seu Delegado e Visitador Apostólico, do nosso Instituto.¹³ Ele, em data de 02 de julho de 1931, nos comunicava esta feliz notícia que demonstrava o benevolente interesse com que a S. C. Concistorial cuidava do bem estar e do futuro da nossa Congregação [...]. Não há dúvida de que devemos ao Nuncio Apostólico o fato de ter resolvido todas as dificuldades, removido todos os obstáculos, reformadas e aprovadas, pela Sé Apostólica, as nossas Constituições. Sob a orientação de um Visitador Apostólico tão sábio e ilustre, tiveram início as seguintes comunidades: em 22 de fevereiro de 1932, em Roca Sales, RS, na mesma localidade onde funciona o Colégio São José, as Irmãs de São Carlos assumiram a direção do hospital São Camilo, ou Sanatório Roca-Salense. No dia 1º de fevereiro do mesmo ano de 1932, as Irmãs de São Carlos assumiam a direção da Santa Casa de Misericórdia de Socorro, SP. A 10 de outubro de 1933, começava a funcionar o Colégio de Muçum. Para facilitar a frequência de algumas Irmãs, particularmente dotadas, na Escola Normal e também para diminuir os gastos, no futuro, foi aberto em Caxias do Sul, RS, um Pensionato, denominado São João Bosco que, além de hospedar nossas Irmãs estudantes, devia acolher pensionistas, jovens e senhoras

¹³ Carta do Card. R. C. Rossi a B. Aloisi Masella, 16 de junho de 1931, Orig. in *APCMI*: «Com a nomeação de Mons. Egidio Lari como Delegado Apostólico na Pérsia, fica vacante o Cargo de Visitador Apostólico das Irmãs de São Carlos B. (scalabrinianas) confiado, desde 26 de novembro de 1926, ao já mencionado Mons. E. Lari, antes que S. Excia Revma fosse nomeado Nuncio Apostólico no Brasil. [...] Na certeza de que V. Excia aceitará este novo cargo, atribuído pela confiança do S. Padre e destinado a favorecer um Instituto que tem feito e ainda faz tanto bem às almas, fico à espera da sua agradável resposta...».

de boa família, que quisessem desfrutar do clima saudável e da amena paisagem. No dia 02 de julho de 1934, as Irmãs assumiam a direção do Sanatório S. José, localizado em Porto Alegre, para pessoas com doenças nervosas e mentais.

Desde a minha nomeação até o final do meu mandato, visitei todas as casas; aquelas da Província do Rio Grande do Sul, quatro vezes. Aquelas da Província de São Paulo, pela sua proximidade, eram visitadas periodicamente, um pouco por vez. A primeira visita aconteceu em 1928; parti de São Paulo no dia 28 de maio. A segunda foi no mesmo ano; parti de São Paulo no dia 15 de agosto. A terceira foi em 1929; parti de São Paulo no dia 22 de junho e permaneci na Província do Sul nove meses, em obediência às instruções que me foram dadas pelo Visitador Apostólico. Regressei a São Paulo no mês de março de 1930 com a saúde muito abalada. A quarta visita foi em 1933; parti de São Paulo no dia 08 de maio e retornei no dia 19 de junho do mesmo ano. De cada uma, entreguei um relatório da mesma ao Visitador Apostólico.¹⁴ Atualmente no Rio Grande do Sul existem treze casas abertas e na Província de São Paulo nove [...].

Na época da minha eleição a superiora geral não tinha nenhum inventário dos bens da Congregação, cuja situação financeira foi regularizada depois da minha visita a todas as comunidades religiosas das duas Províncias.

No ano de 1929 conseguimos ter o primeiro balanço recapitulativo com o passivo e o ativo da Congregação. Felizmente foram extintas todas as dívidas que pesavam sobre a Província do Estado do Rio Grande do Sul. Com a graça de Deus foram extintas também as que pesavam sobre a Província de São Paulo. O saldo, verificado em 30 de dezembro de 1934, é ativo para as duas Províncias. Resta-me agora sublinhar que a escritura dos livros, em geral, deve ser feita escrupulosamente, de forma metódica e em ordem cronológica, ou seja, diariamente, especificando todos os elementos que são fonte de entrada, ou de gastos de cada comunidade [...].

O noviciado São Carlos de Bento Gonçalves, RS, pelas informações obtidas e pelas notícias dadas pela Madre Diretora e pela Provincial, deixa prever os mais abundantes frutos, pois as vocações são numerosas. Atualmente contam com 26 postulantes e 16 noviças. Quase todas filhas de colonos italianos. O noviciado de Aparecida do Norte, SP, tem, atualmente, apenas duas postulantes e cinco noviças [...].

Para dispor de pessoas mais preparadas, cuja carência se fazia e continua

¹⁴ Breve relação da visita canônica efetuada pela Madre A. Marchetti na missão do Rio Grande do Sul, 08 de maio - 19 de junho de 1933. Cópia in *APR*.

a se fazer sentir nas nossas Escolas e nos setores que exigem uma cultura regular, cinco das nossas Irmãs da Província do Rio Grande do Sul foram matriculadas e frequentam o curso secundário de Caxias, RS; duas das nossas Irmãs da Província de São Paulo, por concessão gratuita das Irmãs Salesianas, foram matriculadas na Escola Normal do Colégio Santa Inês do Pari, Colégio reconhecido pelo Governo Federal. Os nossos esforços devem, sem dúvida, conseguir e ter professoras preparadas não só para ensinar na escola primária, mas também para a organização, no futuro, de Escolas e de cursos secundários independentes, em confronto com os leigos/seculares [...].

Foi observada regularmente, todos os anos, a prescrição dos exercícios espirituais de oito dias, em dois períodos [...].

Em todas as Casas das duas Províncias, as Irmãs foram fiéis ao seu dia de retiro mensal. No dia 26 de agosto de 1934 uma nova era se abria para a nossa Congregação e suscitava em nossos corações uma alegria mais intensa. S. Excia. mons. Benedetto Aloisi Masella, Nuncio Apostólico do Brasil, veio do Rio de Janeiro a São Paulo, entregar-nos, oficialmente, o original e a cópia das Constituições elaboradas e aprovadas pela S. C. Concistorial de Roma e traduzidas do italiano para o português;¹⁵ estas, segundo o parecer de S. Excia Revma o senhor Nuncio, foram imediatamente mandadas para a imprensa e distribuídas às coirmãs. A edição de 500 exemplares custou a soma de um conto de réis. Recebemos os primeiros exemplares, encadernados com capa preta, no começo do mês de outubro; nos dias 11 e 12 de outubro nos apressamos em enviá-los às Comunidades das duas Províncias.

Em obediência às disposições da S. C. Concistorial e às instruções de S. Excia Revma o Nuncio Apostólico, nos dias 11 e 12 de outubro, foram também expedidas cartas-circulares¹⁶ a todas as casas e Comunidades das duas Províncias, juntamente com os exemplares das novas Constituições, com as normas a seguir para proceder às eleições das Delegadas, com as prescrições e os exercícios de piedade a serem feitos em preparação ao Capítulo Geral, que deveria reunir-se em São Paulo no começo do mês de janeiro de 1935. Mas, quando o evento estava próximo de se realizar, por uma divergência surgida na interpretação do parágrafo referente à nomeação das Delegadas, por ordem do Nuncio Apostólico, pedimos que se procedesse a novas eleições, retardando as reuniões do capítulo geral.

¹⁵ Carta de B. Aloisi Masella a Madre A. Marchetti, Rio de Janeiro, 19 de maio de 1934, cópia em português, in *AGSS* 1. 3. 2. (Comunicação à Madre geral sobre a aprovação das Constituições por parte do Santo Padre Pio XI).

¹⁶ Carta circular à Congregação de Madre A. Marchetti, Vila Prudente, 11 de outubro de 1934, Orig. in *AGSS* 1.3.2.

Agora, antes de encerrar o presente Relatório, devemos manifestar, nestas linhas, os sentimentos de sincera gratidão, que nasce do nosso coração, à respeito do Revmo mons. Benedetto Aloisi Masella, Visitador Apostólico e Representante da S. Sé no Brasil, pela sua sábia atuação em favor da nossa Congregação, como também ao Revmo mons. Egidio Lari, atual Delegado Apostólico em Tehéram (Iran), a quem devemos, antes de tudo, a aprovação do nosso Instituto e das suas Constituições, e a quem prometemos, observá-las fielmente.

Na iminência,¹⁷ pois de deixar o cargo, peço um favor às minhas coirmãs. Trata-se disto: apenas acabamos de sair vitoriosas, graças à proteção da S. C. Concistorial de Roma, de um grave incidente que havia perturbado muito a nossa paz; tivemos a felicidade de receber as nossas novas Constituições elaboradas e aprovadas pela S. C. Concistorial, conforme o Decreto de reconhecimento de S. Excia mons. Benedetto Aloisi Masella, Núncio Apostólico no Brasil, com data de 19 de maio de 1934, Decreto que reconhece como nosso fundador, o falecido Bispo de Piacenza (Itália), Dom G. B. Scalabrini,¹⁸ que, como diz o referido Decreto, fundou a nossa Congregação “a pedido do Revdo Pe. José Marchetti”, irmão da vossa Madre Geral e fundador dos Orfanatos Cristóvão Colombo desta Capital. Depois das declarações do referido Decreto, escrito em virtude de especiais faculdades concedidas pela S. C. Concistorial de Roma ao representante da S. Sé, o Núncio Apostólico no Brasil, dando por canonicamente ereta a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos, recomendando que seja reconhecido como tal e sanando o passado, enquanto necessário, como a falta de ereção canônica, etc.; peço-lhes com insistência, que se abandone qualquer investigação, que só pode suscitar discórdias, sobre o fundador do nosso Instituto. São fatos que pertencem ao passado e desconhecidos pela maioria de nossas coirmãs, conhecidos somente por mim e em parte por Ir. Camila dal Ri, que, como postulante, foi aceita pelo Pe. José Marchetti, por minha mãe, Carolina Marchetti, que fora a primeira superiora da então Congregação das Missionárias ‘Servas dos órfãos e abandonados no exterior’, como se denominava o Instituto no início e pelas Irmãs Maria Franceschini e Angela Larini que, com vossa atual Madre Geral, formaram o primeiro núcleo das Irmãs que chegaram em São Paulo onde, dois meses depois, assumiam a direção do Orfanato Cristóvão Colombo ainda em construção. Estas que já não existem, Deus as chamou a uma vida melhor concedendo-lhes, disto estamos certas,

¹⁷ O conteúdo referido nesta nota encontra-se in *AGSS* 1.6.2. em folhas separadas daquelas que contém a primeira parte do relatório.

¹⁸ *Decretum Recognitionis Congregationis Religiosae* - Titulo Missionariorum – a Sancto Carolo Borromeo, Rio de Janeiro, 19 de maio de 1934, Cópia in *AGSS* 1.4.4.

o merecido prêmio destinado aos servos fiéis [...], e que todas nós, assim espero, receberemos, se O servirmos fielmente. Portanto devemos considerar caso encerrado».

A longa exposição feita por Madre Assunta no Capítulo, sugeriu-nos, como já foi acenado, a eliminação, de partes não essenciais do texto. Cada Irmã scalabriniana é convidada a ler com atenção a transcrição do documento, para colher todas as riquezas que ele oferece para seu proveito moral e espiritual, como também em benefício da ação missionária no mundo.

DOCUMENTAÇÃO ADICIONAL

Os quatro escritos, que seguem (v. nota 19) têm a finalidade de acrescentar algum detalhe de um *mosaico*, do qual é difícil ‘colher’ toda a amplitude.¹⁹

O primeiro escrito, o já citado com a letra (a), é de S. Excia Mons. Egidio Lari e, por ele enviado ao Cardeal Gaetano De Lai, para transmitir-lhe uma carta recebida de Madre Assunta. Eis uma parte de tal carta:

«Peço-lhe que não permita novas fundações de casas da Congregação no Sul antes de ter reforçado as já existentes. Em três casas parece que estejam apenas duas Irmãs. Isto não se pode permitir, não formam comunidade, não podem observar as Constituições. É mesmo necessário que venham a São Paulo as três Irmãs que pediram para pertencer a esta Província, caso contrário, não saberei o que fazer. Estou pagando quatro professoras seculares, todas as Irmãs têm boa vontade, mas não as posso sacrificar ainda mais. Se a Divina Providência continuar nos ajudando, esperamos poder pagar a próxima prestação da Casa do Pari sem pedir empréstimo. Peço ainda, de não permitir às Irmãs visitar os parentes.

¹⁹ Faz-se referência às seguintes cartas:

a) Carta de Mons. E. Lari ao Cardeal G. De Lai, Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1927, Orig. in *APCMI*.

b) Carta das Conselheiras Gerais a Madre A. Marchetti em visita canônica no Sul, São Paulo, 21 de agosto de 1929, Orig. in *AGSS* 1.3.1.

c) Carta da Serva de Deus a F. Bosio, Vila Prudente, 9 de julho de 1932, Orig. in *AGSS* 1.3.2.

d) Carta da Serva de Deus a uma superiora não identificada, Vila Prudente, 19 de maio de 1931, Orig. in *AGSS* 1.3.2.

Eu nunca concedi tal permissão. Todas as outras dúvidas ficarão para quando tiver a felicidade de falar com V. Emcia».

Esta carta permite conhecer alguns dos problemas concretos que marcaram, sobretudo, o começo do segundo mandato da Serva de Deus e, mais uma vez, o seu proceder sincero e responsável, mas ao mesmo tempo, subordinado à autoridade do Visitador Apostólico.

O segundo escrito, obviamente indicado com a letra (b), traz uma carta do Conselho Geral à Madre Assunta, então empenhada na visita canônica às Casas do Sul, como se pode deduzir pela data do término do mandato. Esta carta revela que a Serva de Deus tinha criado um estilo de governo com ampla participação. As Conselheiras, de fato, desenvolvem a respectiva função com responsabilidade e, se expressam com franqueza; sabem que serão ouvidas como convém a pessoas de reconhecida maturidade que, embora falando sem cerimônias, sabem acatar as decisões superiores, conforme a obediência.

«Não estamos de acordo em mudar a Casa Provincial para Nova Milano, por diversos motivos: Roma escolheu Bento como sede da Província e ela é a primeira casa nossa aberta (no Sul). Pedimos-lhe que não regresse antes de colocar todas as coisas em ordem, para evitar novos gastos com novas viagens, porque, em breve, as coisas voltariam a piorar. Portanto, nós, absolutamente, não consentimos, porque a consciência e o bem da Congregação não o permitem».

O terceiro documento, o indicado com a letra (c), é um escrito enviado a uma superiora provincial. Nesse caso, Madre Assunta deixa transparecer seu temperamento enérgico e sua intransigência, pois se tratava de obediência e de clareza.

«A finalidade desta minha carta é para dizer que entendi tudo o que me diz sobre o problema das contas; a este respeito, faça a caridade de dizer qual comunidade não a obedece. E o porque e em que pontos. Sobre a razão pela qual a senhora não quer continuar em seu cargo: peço o favor de mandar tudo por escrito, ponto por ponto, a razão e os motivos, tudo para o bem, em consciência; envie a carta aqui; depois será enviada ao Núncio e ele resolverá o caso. Quero lhe dizer que faremos o que ele nos disser, a senhora sabe que eu não posso fazer nada sem a sua permissão! Tenha muita paciência para ir a Guaporé quanto antes, para

ver o que é necessário fazer. Armemo-nos de paciência e trabalhemos por amor a Deus, se amamos a nossa querida Congregação. Reze por mim e carreguemos a cruz juntas: a minha é mais pesada que a sua».

O quarto, ou seja, aquele indicado com a letra (d) é um escrito enviado a uma superiora não identificada. Nele, a Serva de Deus, com um estilo linear e claro, mas delicado e fraterno, expressa sua solicitude por um caminho correto das comunidades da Congregação e sublinha qual deveria ser sua firmeza sem faltar com a caridade e a prudência.

«Não tenho a intenção, com esta minha carta, de fazer-lhe observações, nem às boas Irmãs, mas é somente para o bem de cada Comunidade e de cada Irmã que falo, como uma boa mãe que quer a harmonia em cada membro da Congregação. Se na Comunidade acontecer alguma coisa que prejudique seu bom nome, é dever da Superiora falar ou escrever à Madre Provincial, a qual, com prudência e caridade, tomará as necessárias providências».

Segue depois um escrito de grande valor comprovativo.²⁰ É uma carta de mons. Benedetto Aloisi Masella, escrita após dois meses de sua nomeação como Visitador Apostólico e enviada ao Cardeal Raffaello Carlo Rossi, então Secretário da S. C. Concistorial²¹ para relatar a visita às Irmãs Missionárias de São Carlos:

«Visitei a Casa Geral de Vila Prudente e o Colégio Santa Teresinha que as mesmas Religiosas têm em São Paulo. Encontrei-me com quase todas as Religiosas e elas me pareceram satisfeitas e animadas com bom espírito. Por três vezes falei, individualmente com a Madre Geral, Ir. Marchetti, religiosa sem instrução, mas piedosa e de bom critério».

Enquanto que mons. Lari, em 1930, no seu relatório ao Cardeal Raffaello Carlo Rossi sobre o Instituto das Irmãs Scalabrinianas, tinha escrito: «A Madre Geral vai muito bem e é amada pelas Irmãs».²²

²⁰ Carta de B. Aloisi Masella a R. C. Rossi, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1931, Org. In *APCMI*.

²¹ O Cardeal acima mencionado foi nomeado secretário da S. C. Concistorial após a morte do seu mestre e amigo, o Cardeal Gaetano De Lai, (cf. V. e V. BONDANI, (a cura de), *Come lo conobbero, Raffaello Carlo Rossi nella testimonianza*, Ed. Saggi ed Esperienze, Roma 1972, p. 28).

²² Relatório de Egidio Lari sobre o Instituto das Irmãs Missionárias de São Carlos, enviada ao Cardeal R. C. Rossi, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1930. Orig. in *APCMI*.

Finalmente, trazemos uma carta escrita por Madre Assunta ao Visitador Apostólico em data de 25 de abril na qual a Serva de Deus²³, três meses antes do término do seu mandato como superiora geral, conforme a orientação das Constituições apresentava com serena, humilde dignidade, sua demissão:

«Exmo e Revmo mons. Benedetto Aloisi Masella, Nuncio Apostólico no Brasil, Rio de Janeiro. Por estar próximo o término do mandato que, em virtude da santa Obediência venho humildemente desempenhando, nos limites dos poucos talentos que o Senhor me concedeu, pela presente, comunicando-lhe, me permito colocar nas mãos de V. E. Revma meu cargo de superiora geral da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos, com sede em São Paulo. Faço votos e continuarei rezando para que o Senhor ilumine as nossas mentes e nos conceda a graça de ver eleita e confirmada uma nova guia, animada de santos propósitos e de uma mente eleita para bem guiar a porto seguro nossa humilde Congregação. Enfim, agradeço vivamente V. E. Revma pelos sábios conselhos e pela preciosa proteção dispensada a todas nós, principalmente à humilde abaixo assinada».

O Visitador Apostólico, porém, com sabedoria, buscou, antes de tudo, os elementos para uma resposta ponderada e prudente. Pediu à respeito, o parecer do superior provincial dos Missionários de São Carlos, Pe. Francesco Navarro, quem se expressou a favor de uma reconfirmação, sobretudo, considerando que «as novas Constituições das Missionárias estavam sendo examinadas pela S. Congregação Concistorial para serem aprovadas em breve, então poder-se-ia reconfirmar a atual Superiora até as próximas eleições, segundo as novas Constituições».²⁴ Mons. Aloisi Masella, por sua vez, transmitia tal parecer ao Cardeal Raffaello Carlo Rossi²⁵ que, a 11 de julho de 1933, assim lhe respondia:

²³ Carta da Serva de Deus a B. Aloisi Masella, São Paulo, 25 de abril de 1933, Orig. in *APCMI*.

²⁴ Carta de F. Navarro a B. Aloisi Masella, São Bernardo, 1º de junho de 1933, Cópia in *APR*. Pe. Francesco Navarro nasceu em Rovato (Brescia) a 26 de julho de 1873 e morreu em São Paulo, no dia 24 de setembro de 1944. Foi missionário zeloso, seja em São Bernardo do Campo, seja em São Paulo e foi também superior provincial de 1929 a 1935 (cf. *Missionari Scalabriniani nella Casa del Padre*, cit., p. 299).

²⁵ Carta de B. Aloisi Masella al R. C. Rossi, Rio de Janeiro, 06 de junho de 1933, Orig. *APCMI*.

«Em resposta à carta de V. Revma em data de 06 de junho pp, lhe informo que esta S. C., consideradas as especiais circunstâncias do momento, enquanto estão em estudo as Constituições, entende confirmar, e confirma, Madre Assunta Marchetti na função de superiora geral das Irmãs Missionárias de São Carlos. V. Excelência queira comunicar tal disposição à interessada que, por sua vez, participará sua reconfirmação às superiores provinciais e a cada Casa do Instituto».²⁶

Com este procedimento um tanto rápido, totalmente ‘desvinculado’ da disponibilidade da interessada, que era ainda constrangida a superar o embaraço de ter ela mesma que comunicar às coirmãs a reconfirmação do seu cargo por um tempo indeterminado, a Serva de Deus se viu na necessidade de prolongar seu serviço de timoneira. Já estava com 62 anos e muitas fadigas e sofrimento nas costas, mas, como sempre, disse o seu “sim” e seguiu adiante. Alguns meses depois veio saber de uma probabilidade que deveria enchê-la de alegria: a de poder rever sua pátria, de poder ir à Itália - para onde não havia mais voltado desde que partiu em 1895 - para dar consolidação à Congregação, levando-a lá, de onde havia partido trinta e oito anos antes. Não é difícil imaginar o que podia significar esta previsão para o *coração de carne* da Serva de Deus. Na carta com a qual comunica o perfilar-se da possibilidade desta viagem, fala sobre a mesma de um modo desapegado, desprendido, fazendo referência apenas às vantagens que poderia trazer para o Instituto. A carta foi enviada à Ir. Lucia Gorlin, sua Conselheira, que lhe responderá muito entusiasmada.²⁷ Mas a viagem só aconteceu mais tarde, quando a Serva de Deus, já não era superiora geral e teve que aceitar ver outras partirem. Para ela só ficou o sonho, como se tivesse que acrescentar uma nova renúncia às tantas outras que tinham cravejado sua vida. Para esta ulterior prova da sua liberdade interior, que a mantinha serena e livre diante dos acontecimentos também adversos, Assunta Marchetti passará para a história como exemplo de resposta radical ao chamado a ser religiosa e missionária.

²⁶ Carta de R. C. Rossi a B. Aloisi Masella, Roma, 11 de julho de 1933, Orig. in *APCMI*.

²⁷ Carta de Madre A. Marchetti a L. Gorlin, Vila Prudente, 17 de outubro de 1933, Orig. in *AGSS* 1.3.2. e Carta de L. Gorlin à Serva de Deus e Conselheiras, Bento Gonçalves, 16 de novembro de 1933, Orig. in *AGSS* 1.3.2.

O ÚLTIMO ANO DE SUPERIORATO DA SERVA DE DEUS (1934)

O ano de 1934 foi, sem dúvida, um ano de graça para a Serva de Deus, no qual lhe foi concedido experimentar alegrias intensas e especiais que contribuíram em prepará-la ao seu *nunc dimittis* na gratidão e na paz mais profundas. Foi o ano em que Deus quis dar-lhe sinais tangíveis de sua paterno-materna ternura e complacência, um ano rico de datas consoladoras. No dia 19 de março, o Visitador Apostólico lhe comunicava que o S. Padre, na audiência de 13 de janeiro, tinha aprovado as Constituições, *ad experimentum ad septennium*.²⁸ O fato constituía um dos sinais mais convincentes da solidez alcançada pela Congregação feminina scalabriniana e a segura promessa de um tempo fecundo para esta Família religiosa, de começos incertos e tortuosos. Com a aprovação das Constituições poder-se-ia olhar para frente e pensar, de modo concreto, no Capítulo Geral eletivo.

No dia 19 de maio do mesmo ano, o Visitador Apostólico, mons. Benedetto Aloisi Masella, publicou o *Decretum Recognitionis*²⁹ da

²⁸ Carta de B. Aloisi Masella a Madre A. Marchetti, Rio de Janeiro, 19 de março de 1934, Cópia in AGSS 1.3.2.

²⁹ *Decretum recognitionis*, V. nota 18.

Dada sua importância, transcrevemos, aqui, integralmente o Decreto de Reconhecimento Pontifício, na tradução em português:

«Benedito Aloisi Masella, por graça de Deus e da Sé Apostólica, Nuncio Apostólico na república dos Estados Unidos do Brasil. Decreto de reconhecimento da Congregação Religiosa das Missionárias de São Carlos Borromeo. Há cerca de quarenta anos atrás, foi fundada pelo Revmo Dom Geovanni Battista Scalabrini então, bispo de Piacenza, a pedido do sacerdote Giuseppe Marchetti, da Sociedade dos Missionários de São Carlos, a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo. As Irmãs deste Instituto não só se dedicam à própria santificação, mas também à educação cristã e civil das meninas, cuidam dos doentes nos hospitais e procuram com todas as forças conservar e promover a fé e os bons costumes entre os emigrantes da Itália, no Brasil. Emitem os votos simples, primeiramente temporários anuais, renovando-os por quatro vezes, e perpétuos, depois de cinco anos. Por vontade do mesmo Bispo Fundador, em 1895 as Irmãs foram para a Arquidiocese de São Paulo, no Brasil, onde, com o consentimento do Ordinário têm a Casa geral. Com a ajuda de Deus, pouco a pouco, erigiram novas Casas, não só na Arquidiocese de São Paulo, mas também em outras dioceses do Brasil, dedicando-se aos cuidados dos enfermos, dos idosos, à educação da juventude nas escolas, orfanatos e colégios. Como não foi possível encontrar o Decreto da primeira ereção, nós, tendo tudo considerado, em virtude das especiais faculdades concedidas pela S. C. Concistorial, por este decreto declaramos canonicamente ereto, e como tal ordenamos que seja reconhecido, o Instituto das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, cujas Constituições foram aprovadas

Congregação das Irmãs de São Carlos, Decreto em que declarava a ereção canônica do Instituto. Dada sua importância, transcrevemo-lo integralmente em nota.

Dois meses depois, um escrito sem remetente e sem destinatário,³⁰ datado de 04 de julho, transmitia o pedido do Nuncio Apostólico para poder realizar a eleição da superiora geral, assim que as circunstâncias o permitissem.

No dia 07 do mesmo mês, o Cardeal Raffaello Carlo Rossi autorizou, sem demora, o Visitador Apostólico a convocar o Capítulo Geral das Irmãs de São Carlos, de acordo com as novas Constituições, convidando-o ainda para presidir, ele mesmo, o Capítulo.³¹ A Serva de Deus, depois de ter sido informada sobre tal autorização, pode começar a animar as Irmãs para participarem ativamente na preparação do segundo Capítulo eletivo da Congregação. E o fez, enviando, no dia 11 de outubro, uma carta circular para cada Casa. É uma carta muito concreta, mais que tudo comprometedora, porém, onde não faltam matizes delicados, a começar pela habitual frase conclusiva que tem, um pouco, ‘sabor’ de adeus: «Um afetuoso abraço da vossa Madre». Voltou, sobretudo, a pedir orações e a encorajar a uma caridade fraterna mais intensa para obter a necessária assistência divina para o Capítulo; é um escrito que, de alguma maneira faz lembrar a circular de sete anos atrás, quando então, a Serva de Deus convidava, com tom premente à caridade, entendida como condição essencial para ter êxito nas várias empresas. Trata-se do seguinte:³²

pela S. Sé, de acordo com o novo Direito dos Religiosos, sanando, no que respeita o passado, enquanto seja necessária, a falha de ereção canônica. Esperamos que as Irmãs Missionárias de São Carlos, reconhecidas por este novo benefício divino, se comprometam, com ainda maior zelo, progredir em todas as virtudes, com o fim de buscar, verdadeira e somente a Deus, nas obras de caridade, renunciando totalmente ao mundo e obedecendo perfeitamente aos mandamentos de Deus, para sua maior glória e para a salvação das almas. Dado no Rio de Janeiro, a 19 de maio, vigília de Pentecostes, do ano do Senhor de 1934».

³⁰ Escrito de A. Cicognani (presumivelmente), sem destinatário, Roma, 04 de julho de 1934, Orig. in *APCMI*.

³¹ Carta de R. C. Rossi a B. Aloisi Masella, Roma, 07 de julho de 1934. Orig. in *APCMI*. «Em 29 de dezembro, Mons. Benedetto Aloisi Masella, por meio de carta, assegurou assim ao Cardeal Rossi: «Eu mesmo presidirei o Capítulo».

³² Carta Circular à Congregação de Madre A. Marchetti, Vila Prudente, 11 de outubro de 1934,

«Caríssimas Irmãs,
Estamos em um momento, em que precisamos de muitas orações, para o feliz êxito do Capítulo geral. Por isso, indico as seguintes orações: uma novena ao Espírito Santo; uma novena ao Sagrado Coração de Jesus; uma novena à Imaculada Conceição; uma novena a São Carlos; uma novena a São José. Em cada novena lhes peço um dia de jejum, três pequenas mortificações e sacrifícios para merecer as bênçãos de nosso Senhor. Abusando ainda de vossa grande bondade em me ouvir, lhes peço algo mais, ou seja, de mandar celebrar as seguintes Missas: uma em louvor ao Espírito Santo; outra por nossas Irmãs falecidas para que nos enviem do Céu as graças de que necessitamos e as luzes que nos sejam necessárias. Peço-lhes também, juntamente com meu Conselho, a mais terna caridade entre vocês para obter de Deus as graças de cumprir a sua santa vontade. Não lhes explico como devem fazer a respeito do Capítulo eletivo. Irá, a Revda Madre provincial em cada Casa, e explicará cada coisa. Desde agora lhes digo que o Capítulo Geral se reunirá para as eleições na primeira quinzena de janeiro. Ainda uma vez, confiando em vossa grande bondade e docilidade em escutar meus pedidos, lhes agradeço de todo o coração. Peço ao bom Deus a bênção para cada uma. Um afetuoso abraço e a bênção de vossa Madre».³³

Chegou também o dia 16 de março de 1935, dia em que levou ao Instituto a nova Superiora Geral em substituição daquela que tinha sido por mais sete anos, sempre com grande empenho, inteligência, humanidade, tato psicológico, proceder linear, íntegro. A votação chegou ao resultado no terceiro escrutínio, no qual Ir. M. Borromea Ferraresi totalizou 11 votos, enquanto Ir. M. Lucia Gorlin 10.³⁴ Imediatamente, assinado pela Madre Assunta Marchetti, partiu de São Paulo um telegrama com a devida informação a S. E. o Cardeal Raffaello Carlo Rossi. É o seguinte:

Orig. in AGSS 1. 3. 2.

³³ Dois meses antes, a 26 de agosto de 1934, o Visitador Apostólico «entregou, pessoalmente, às Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, as Constituições do seu Instituto, conforme a atual legislação canônica e aprovadas pelo S. Padre na audiência de 13 de janeiro anterior *ad experimentum ad septennium*. A comovente cerimônia aconteceu no salão principal de Vila Prudente. As Religiosas receberam com santa satisfação e beijaram com verdadeira emoção as Constituições que, a cada uma, era entregue pela Madre Geral e me pediram de fazer chegar a V. Excia. a certificação do seu mais profundo reconhecimento pela atenção que dispensou ao seu Instituto» (Carta de B. Aloisi Masella ao Cardeal R. C. Rossi, Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1934, Orig.: APCMI).

³⁴ Atas do Capítulo das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, 16 de março de 1935, Registro das Atas, ff. 17-19, Orig. in AGSS 1.12.2.

«Missionárias de São Carlos, reunidas Capítulo, sob presidência Nuncio Apostólico, pedem bênção, agradecem, participam eleição da nova superiora geral, Ir. M. Borromea Ferraresi».³⁵

A Serva de Deus, que há quarenta anos, na docilidade de coração e com atitude de constante doação de si nos vários serviços a que Deus, através das circunstâncias e dos superiores, a enviava e a purificava, tinha 64 anos.

Pe. Carlo Porrini, missionário de São Carlos, em um jornal cotidiano de São Paulo,³⁶ depois de ter falado da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos, de suas crises, do seu Capítulo e da eleição da nova Madre Geral, realizada doze dias antes, refere-se à Serva de Deus dizendo:

«Por sete anos o governo da Congregação esteve nas mãos da Veneranda Madre Assunta Marchetti. Prestemos a honra de arma a esta querida Mãe bondosa! É a irmã do inesquecível e santo Pe. Marchetti. Foi uma daquelas Religiosas que receberam o véu de Dom Scalabrini. Governou a Congregação nos tempos mais trágicos. Religiosa, no verdadeiro sentido da palavra, com a oração, humildade, sacrifício levou o amado Instituto a um nível não inferior a nenhum, e melhor que qualquer outro».

As Irmãs Scalabrinianas lerão sempre estas palavras com enternecimento e gratidão, pois encontram nelas, desde o início de sua história institucional, uma *madre* tão bondosa como a Serva de Deus.

O SEGUNDO MANDATO DE SUPERIORA DA SERVA DE DEUS ATRAVÉS DOS TESTEMUNHOS DE CONTEMPORÂNEOS

As fontes à disposição ilustram muito sinteticamente este período, mas todas são concordes em salientar a substancial positividade.

«Sempre ouvi dizer que Madre Assunta dava estes conselhos: obediência, amor a Deus, às autoridades, disciplina, trabalho, fé, caridade. Recebeu a notícia do falecimento de sua mãe com serenidade. Durante seu tempo de superiora deu grande incremento à Congregação: aconteceu um

³⁵ Telegrama da Serva de Deus a R.C. Rossi, São Paulo, 21 de março de 1935, Orig. in AGSS.

³⁶ V. *La Fiamma*, jornal cotidiano, São Paulo, quinta-feira, 28 de março de 1935, Cópia in APR.

aumento de vocações e melhorou a formação das Irmãs; algumas Irmãs frequentaram a Escola para obter diploma de professoras. Além do cargo de superiora geral, realizava a função de cozinheira, enfermeira, responsável da rouparia, assumindo todo o trabalho pesado. Muitas vezes, encarregado de entregar-lhe documentos ou correspondência, era introduzido na cozinha onde a encontrava no trabalho. Aceitou a nomeação de superiora geral com desprendimento e sempre se considerou, não merecedora, de qualquer honra».³⁷

«Durante seu segundo mandato, a Serva de Deus manifestou constantes sentimentos de confiança em Deus e nas Irmãs; estimulou sempre a caridade e a união entre as Irmãs e a obediência ao Visitador Apostólico. Eu havia saído da Congregação, mas quando soube que Madre Assunta tinha se tornado a nova superiora geral, retornei à minha Família religiosa, onde estou até hoje, agradecendo a Deus. Além das atribuições de superiora geral, Madre Assunta desempenhava tudo o que fosse necessário, suprimindo, muitas vezes, onde faltava alguém: na cozinha, na enfermagem, na horta; fazia de tudo, também a limpeza. Passou o cargo à sua substituta com grande naturalidade».³⁸

«A Serva de Deus recebeu a notícia da morte de sua mãe com resignação. Conta-se que sua mãe, agonizante, olhava, agitada, para a parede que estava à sua frente. Madre Assunta a aspergiu com água benta e a mãe se tranquilizou. Interessava-se muito pela formação das Irmãs, tanto a espiritual quanto a cultural. Era ela quem cortava todo o pão para as crianças. Trabalhava, não só como superiora geral, mas também como doméstica. Era a primeira a levantar-se. Levantava às 4h30min da manhã, fervia a água para o café, depois ia à capela rezar. Às vezes comia apenas um pedaço de pão, enquanto trabalhava, para não perder tempo. Deixou seu cargo de superiora geral serenamente, conforme seu comportamento habitual».³⁹

«Considerava-se em posição de inferioridade, apesar da função que exercia, mas sem sentir-se humilhada. Estava sempre contente, era uma pessoa realizada na sua vocação. Chegou ao término do seu mandato

³⁷ Particulares transmitidos pelo sobrinho da Serva de Deus, Alexandre Antônio Marchetti Zioni, citado várias vezes.

³⁸ Recordações de Ir. Afonsina Salvador, nascida em 1899 e falecida em 1988. Conheceu a Serva de Deus em 1915 e esteve sempre em contato com ela, demonstrando-lhe profundo afeto e interesse, cit.

³⁹ Recordações da sobrinha da Serva de Deus, Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, que conheceu pessoalmente Madre Assunta e que, sobretudo, recebeu muitas informações a respeito, de sua própria mãe, Maria Luisa Marchetti Zioni, irmã menor de Madre Assunta, nascida em 1891, dois anos antes da morte do pai, Angelo Marchetti, in *APR*.

com alegria, seja porque já estava cansada e doente, seja porque se sentia melhor nos serviços mais humildes, sem funções importantes».⁴⁰

«A Serva de Deus aceitou a função de superiora geral, depois de uma crise quase mortal do Instituto. Em sua primeira circular às Irmãs falou sobre sua grande responsabilidade e sobre sua absoluta incapacidade de governar, acrescentando que a vontade de Deus a havia forçado a aceitar. Eu recebi esta circular em uma carta durante os exercícios espirituais, que fiz em preparação aos votos perpétuos, e a mostrei ao pregador Pe. Carlo Porrini, e ele, durante uma conferência, nos disse, que a Serva de Deus deveria ter escrito aquela carta-circular ajoelhada e com lágrimas nos olhos. Neste período do governo da Serva de Deus houve uma grande expansão da Congregação (1927-1935). Foram constituídas novas comunidades, o noviciado e a Província do Sul. Os noviciados estavam cheios. Havia muitas vocações. A relação da Serva de Deus com as Provinciais era de muita compreensão e de colaboração; no Instituto dominava um clima geral de serena alegria. A Serva de Deus tirou das superiores toda outra tarefa para que pudessem acompanhar melhor as respectivas comunidades. A Serva de Deus teve a grande graça de ver a Congregação e as Constituições aprovadas pela Sé Apostólica, exatamente durante seu governo. Foi um grande acontecimento na sua vida. A notícia a este respeito foi por ela recebida com alegria e com espírito de gratidão. Dizia: “Deus nos ama e nos ajuda sempre”».⁴¹

«Em 1928, fez os exercícios espirituais com outras Irmãs. O pregador foi Pe. Carlo Porrini, missionário de São Carlos que, durante o retiro, mencionou Madre Assunta, definindo-a uma *verdadeira religiosa*. À noite realizamos o ‘capítulo das culpas’. Madre Assunta foi a primeira a acusar-se diante do grupo: de joelhos, pediu perdão de todas as faltas de humildade, de caridade, dos maus exemplos. Parecia não terminar nunca e nos fez chorar».⁴²

«A Serva de Deus, na sua primeira circular às Irmãs, manifestou uma extraordinária confiança em Deus. Com esta confiança superou o sentido de sua nulidade diante das tantas qualidades requeridas de quem devia guiar uma Congregação que saía de uma crise quase mortal. Recomendava às Irmãs que fossem obedientíssimas ao Visitador Apostólico, às suas

⁴⁰ Informações fornecidas por Ana Lucia C. Bianco, irmã de Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, *cit.*

⁴¹ Memórias de Ir. Virginia Zini (†2001), quem conheceu a Serva de Deus em 1924. Nunca morou com ela, mas a encontrou diversas vezes e, sobretudo, lhe foram referidos muitos comentários positivos a seu respeito, in *APR*.

⁴² *Ibid.*

decisões e aos seus conselhos; as exortava à caridade fraterna e à unidade. A relação com as Provinciais era boa, de muita compreensão, de interesse por seu bem espiritual e material. As orientava sobre o modo de conduzir a Província, de organizar as comunidades e sobre os critérios para receber as candidatas e admiti-las à vestição, à profissão. Um fato gratificante para a Serva de Deus foi a aprovação das Constituições. Recebeu-as com emoção, alegria, gratidão, humildade, pois tinha colocado todo o seu esforço para que a Congregação prosperasse. Recebeu-as de joelhos. Além de suas ocupações como superiora geral, que lhe tomavam muito tempo, aproveitava todas as oportunidades para dar sua colaboração também nos serviços domésticos: cozinha, despensa, rouparia, enfermagem. Durante uma epidemia de gripe, fez o possível para conseguir cuidar de setenta órfãs acamadas, para as quais ela mesma preparava a comida. Terminado seu governo, convocou o Capítulo eletivo e com desenvoltura e humildade passou o cargo para madre Borromea Ferraresi, em quem a Serva de Deus depositava grande esperança para a continuidade da obra, que percebia como agradável a Deus».⁴³

ANOTAÇÕES CONCLUSIVAS SOBRE O SEGUNDO MANDATO DA SERVA DE DEUS

Como podia a Serva de Deus, acompanhar a vida de cada Irmã e o caminho da Congregação, apesar de suas múltiplas atividades cotidianas, as grandes distâncias que separavam as várias localidades onde o Instituto estava presente e a sua pouca familiaridade com a caneta, permanece um verdadeiro mistério, por certo era fruto da graça, que guiava sua inteligência e capacidade organizativa.

Não lhe faltaram dificuldades, mas sua sabedoria sempre a colocou em condições de enfrentá-las e de dar respostas adequadas. Um problema a ser resolvido, por exemplo, foi a volta de Ir. Afonsina Salvador à Congregação, depois da crise das *Clementinas*, a quem a Irmã tinha aderido. Acena-nos a mesma Ir. Afonsina nas suas memórias, deixadas para o Arquivo da Casa Geral.⁴⁴ Outra documentação⁴⁵ revela

⁴³ Memórias de uma Irmã, falecida em 1994. Encontrou Madre Assunta em 1921 e, em seguida, teve a alegria de viver com ela por cinco anos, in *APR*.

⁴⁴ Recordações de Ir. Afonsina Salvador, cit.

⁴⁵ Carta de Madre A. Marchetti a E. Lari, Vila Prudente, 20 de agosto de 1927, Cópia in *APR*.

quanto tenha sido trabalhoso regularizar este retorno que, além do mais, não foi um caso isolado.⁴⁶ Existem alguns documentos⁴⁷ que revelam certo dissenso reacendido entre o Sul e São Paulo, ou melhor, entre a Província do Sul e a Casa Geral, talvez alimentado, ao menos assim se diz, exatamente por parte de Irmãs a quem Madre Assunta, desde o início do seu segundo mandato, havia pedido apoio e colaboração.⁴⁸

Não existem, enfim, palavras capazes de dizer toda fadiga que deve ter custado governar, por quase oito anos, em absoluta dependência do Visitador Apostólico, embora tivesse feito um longo aprendizado de obediência no Orfanato Cristóvão Colombo, desde a chegada de Pe. Faustino Consoni. Mas agora a situação era tal que a Superiora Geral devia depender até, por exemplo, para permitir a uma Religiosa visitar o pai moribundo. Contudo, também neste caso, um caso limite sem dúvida, a Serva de Deus, sem comentários, nem escritos, nem verbais, dizia-se sempre disponível a aceitar aquilo que o Visitador decidisse.⁴⁹

Outro escrito indicativo⁵⁰ é aquele enviado a uma superiora provincial que, na incapacidade para remediar algumas situações, via como única saída sua demissão. A Serva de Deus foi, também neste caso, uma boa conselheira, mas clara e consciente do seu papel. Isto o revelam as palavras enviadas à Irmã, encerrando, com autoridade, a questão:

«As ordens que tenho são estas: de deixar tudo como está até o término dos 6 anos, e depois, será feito o que a Providência dispuser. Estas são as precisas palavras que disse o Visitador Apostólico. Agora deixo a você

⁴⁶ Carta de Madre A. Marchetti a E. Lari, Vila Prudente, 26 de agosto de 1927, Cópia in *APR* (Aqui a Madre Geral fala de Ir. Afonsina Salvador, sempre na espera de ser readmitida na Congregação).

⁴⁷ Carta de L. Gorlin a Madre A. Marchetti, Bento Gonçalves, 25 de outubro de 1927, Orig. in *APCMI*.

⁴⁸ Carta de Madre A. Marchetti a L. Gorlin, Vila Prudente, 15 de outubro de 1927, Cópia in *APR*.

⁴⁹ Carta de Madre A. Marchetti a E. Lari, Vila Prudente, 13 de fevereiro de 1928, Cópia in *APR*. (Este escrito demonstra a bondade e a sensibilidade de coração da Serva de Deus, além de sua capacidade de ver as Irmãs a ela confiadas com olhar materno, sem minimizar o que é pedido a uma vida religiosa vivida com seriedade).

⁵⁰ Carta de Madre A. Marchetti a Ir. F. Bosio, Vila Prudente, 09 de julho de 1932. Orig. in *AGSS* 1.3.

meditar e para refletir bem sobre o que poderia acontecer se não quisesse continuar ainda por um ano».

O espinho mais pungente, porém, deveria vir ao constatar que existiam ainda outros sinais de profunda desunião interna. Procurou colocar remédio com o contínuo chamado à caridade e com a exortação à união das mentes e dos corações, como aparece também no final do seu Relatório ao Capítulo Geral. Esta conclusão foi, por assim dizer, um fraterno, desinteressado, respeitável modo de despedir-se de sua função de superiora geral:

«No final deste relatório e na iminência de deixar o meu cargo, peço um favor às minhas coirmãs: “Devemos abandonar, peço-vos com insistência, ou interromper - se algo tem sido feito - qualquer pesquisa que possa suscitar discórdia sobre o Fundador da nossa Congregação”». ⁵¹

Estas palavras revelam quanto a Serva de Deus queria o verdadeiro bem e a fecundidade *da obra de suas filhas*. Volto a chamar a atenção sobre algumas passagens da primeira circular e, em certo sentido, vou além, porque brotam do coração de quem, depois de ter demonstrado compreensão e misericórdia por vários anos, tem, por assim dizer, o direito de intervir com certa competência em relação às coirmãs, para determinar-lhes sempre mais profundamente a fazer a vontade de Deus.

⁵¹ Madre Assunta M., Relatório e Prestação de contas correspondente ao período agosto de 1927 – dezembro de 1934, cit.

CAPÍTULO XV

MIRASSOL: OS ÚLTIMOS ANOS DE ATIVIDADE MISSIONÁRIA (1935 – 1947)

AINDA DISPONÍVEL À OBEDIÊNCIA E À DOAÇÃO DE SI

A Serva de Deus podia agora, com direito, aplicar a si mesma o que havia escrito em 1930 a uma Irmã: «Estamos certas de que nossa Congregação é obra de Deus, porque não nos faltam cruzes»¹ e repensar, com reforçada convicção, nas palavras de orientação dirigidas por ela a uma candidata no longínquo mês de julho de 1918: «Se quiseses ser feliz na Congregação, deves comportar como o tapete da porta: todos passam, pisam-no, limpam os sapatos, e depois, com os pés o empurram a um canto».²

Durante toda a vida este humilde papel tinha sido o seu, mas agora, mais do que nunca lhe era pedido para ser o dócil tapete que aceita, sem nenhuma queixa, ser colocada a um canto, depois de ter recolhido pó e sujeira. Julgava a Irmã que a tinha sucedido e o demonstrou fazendo a entrega no modo mais sereno, para não dizer satisfeito.³

No dia 22 de abril de 1935, um mês depois da eleição da nova superiora geral, a Serva de Deus, com humilde submissão e como

¹ Carta de Madre A. MARCHETTI a Ir. F. Bosio, São Paulo, 23 de fevereiro de 1930, in *AGSS* 1.2.3.

² Cf. Recordações de uma Irmã falecida em Itatiba em 1917, in *APR*.

³ Cf. Memórias de uma Irmã que conheceu Madre Assunta em Mirassol em 1946 e que viveu com ela de 1947 a 1948, ou seja, até a morte da Madre, in *APR*.

sempre, lembrando somente dos bens recebidos, acompanhou a nova Madre Geral Borromea Ferraresi a prestar homenagem ao Arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva, para apresentar, com o devido respeito, a nova Madre Geral. Infelizmente, como sinal de fragilidade humana, o Bispo não conseguiu conduzir este encontro com as Irmãs Scalabrinianas e sua acolhida não foi por nada cordial.⁴ Este fato poderia levar a Serva de Deus a recordar as passadas amarguras que o mesmo Bispo de São Paulo lhe havia causado, por exemplo, no tempo da *crise das Clementinas*. Madre Assunta, porém – havia demonstrado frequentemente –, ser pouco dada a voltar-se sobre suas amargas recordações, propensa como era, a acolher com fé o momento presente, com o seu dom de graça, pelo que a atitude de Dom Duarte não deveria feri-la tanto.

Em 14 de maio fez a entrega de tudo à nova superiora local, Ir. Gema Magrin,⁵ sinal de que a Serva de Deus havia exercido também a função de superiora local durante todo o tempo em que foi superiora geral.⁶

Enfim, no dia 30 de junho, ainda disponível para a vida missionária, apesar dos seus 64 anos, no virtuoso silêncio próprio dos pobres, que não têm direitos nem pretensões para fazer valer, partiu para Mirassol,⁷ SP, como superiora local da comunidade, a pedido do bispo diocesano, Dom Libânio Lafayete, a fim de dirigir a Santa Casa de Misericórdia⁸ daquela localidade.⁹ Estavam com ela três coirmãs: Ir. Afonsina Salvador, Ir. Regina Ceschin e Ir. Catarina Viana.¹⁰

As quatro Missionárias chegaram a Mirassol depois de uma viagem noturna de dez horas e, na própria casa, depois de caminhar dois quilômetros. De fato, por falta de informações precisas, aventuraram-se a ir a pé, carregadas de bagagens, fazendo a experiência de percorrer

⁴ Cf. Diário da Casa Geral, vol. I - 22 de abril de 1935, p. 5. In AGSS 1.2.3.

⁵ Cf. Diário da Casa Geral, vol. I - 14 de maio de 1935, p. 7. In AGSS 1.2.3.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Cf. Diário da Casa Geral, vol. I - 30 de junho de 1935, p. 10. In AGSS 1.2.3.

⁸ Cf. Nota 13.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ Cf. Registro de abertura das Casas, I Vol., p. 15, in AGSS 3.1.

uma distância que não imaginavam.¹¹

Foram recebidas festivamente; acompanhadas até a igreja, onde foi cantado um solene *Te Deum* e receberam a bênção com o Santíssimo Sacramento, depois do que, sempre em modo triunfal, dirigiram-se à *Santa Casa*,¹² construída para acolher os doentes pobres da localidade e os “andarilhos” (sem morada fixa).¹³ Daquilo que se sabe não parece mesmo que a Serva de Deus tenha tido muito tempo para contemplar os girassóis de Mirassol. Uma generosidade que se pode dizer heróica diferenciou os doze anos do último período missionário de Madre Assunta, uma generosidade que pareceu crescer à medida que as forças físicas diminuía por causa da idade e, sobretudo, por causa das doenças. Mirassol pode-se dizer *O canto do cisne* da missionária Assunta Marchetti, que parece ser ilimitada na sua caridade e em todas as virtudes que dela derivam. Isto pode ser percebido considerando o conjunto das memórias que nos remetem às suas condições físicas e ao

¹¹ Mirassol é uma cidade modesta, situada ao noroeste do Estado de São Paulo e distante 574 km desta cidade. Seu nome primitivo era Mata Una. Os seus habitantes são denominados “mirassolenses”. Atualmente a cidade conta com 50.000 habitantes. Quando São José do Rio Preto tornou-se município em 1904, separou-se de Jaboticabal, recebeu homens que amavam a terra e desejosos de encontrar novas possibilidades de subsistência. Estes deram vida a várias fazendas. Por volta de 1908 as fazendas Sertão dos Inácios, Bálsamo, Tatu, Campo e Barra Grande foram adquiridas por novos colonos, Joaquim da Costa Penha e Vítor Cândido de Souza que passaram a residir nas fazendas de Campo e de Sertão dos Inácios. A seguir, estes unificaram suas propriedades dando-lhes um único nome: São Pedro da Mata Una e, este foi, como já se disse, o primeiro nome de Mirassol. Mirassol passou como primeiro nome em 1912, por causa da presença de campos de girassol. A mudança do nome parece ter acontecido porque os espanhóis da zona começaram a substituir “gira” por “mira” dando assim origem ao nome “Mirassol”. Está localizada a 573 m de altitude. Conta com dois hospitais particulares e uma Santa Casa com Maternidade anexa (cf. I. PRATI, Notícias obtidas através do jornalista “mirassolense” Toninho Prati, Curitiba, 17 de outubro de 1997, in *AGSS* 3.1).

¹² Cf. Registro de abertura das Casas, cit., p. 16.

¹³ «Em 1931, eu era prefeito de Mirassol, quando recebemos a primeira visita de S. Excia. Dom Libânio Lafayete, digníssimo bispo de São José do Rio Preto. Ele nos pediu para iniciar uma Santa Casa, onde pudessem ser hospitalizados os doentes mais pobres. Acolhemos seu pedido como uma ordem e começamos os trabalhos que foram concluídos em 1934, quando vimos a obra terminada e equipada com todos os requisitos necessários para o seu funcionamento. Dirigimo-nos então a S. Excia, o Senhor Bispo para que nos conseguisse um grupo de Religiosas a quem entregar a direção da Santa Casa, apenas construída. Poucos dias mais tarde fomos informados de ter conseguido as Irmãs: pertencem à Congregação de São Carlos Borromeo e a sua Superiora Geral nos visitaria logo para tomar os relativos contatos» (Um benfeitor de Madre Assunta e da sua comunidade de Mirassol, in *APR*).

seu trabalho cotidiano. Dos dados que emergem, é possível intuir o alto grau de virtude a que chegou.

Considere-se, por exemplo, quanto segue:¹⁴

«Em 1915, quando Madre Assunta acompanhou as Irmãs a Guaporé (era então superiora geral) para a abertura daquela casa, meu pai com outras pessoas de Guaporé foi convidado a ir ao encontro das Irmãs. Lembro que ao seu regresso, durante o jantar, contou para minha mãe que a superiora - Madre Assunta – chegou a Guaporé com uma perna tão inchada e roxa que a obrigou a tirar a meia».

Qual a causa daquele inchasso e daquela estranha cor da perna da Serva de Deus que tinha impressionado o senhor Miotto, pai da Ir. Paulina? E, não é significativo que a menina não tenha esquecido um fato ouvido quando tinha apenas cinco anos, a tal ponto de saber contá-lo com precisão depois de tanto tempo?

É sem dúvida significativo também quanto escreveu à Ir. Laura Bondi, Ir. Jesuina Peroni, que entrou no Instituto em 1928.¹⁵ A Irmã conta que, ainda noviça, recebeu a agradável obediência de compartilhar o quarto de dormir com a Serva de Deus em visita canônica e pode assim constatar que ela dormia sentada, apoiada nos travesseiros, já em 1929.¹⁶

Damos agora espaço à recordação eloqüente, embora muito breve, de outra Irmã scalabriniana:

«Encontrei Madre Assunta no Colégio Santa Teresinha em 1940,¹⁷ quando, entrando no banheiro cuja porta estava aberta, vi, com espanto, que estava fazendo curativo em uma grande ferida na perna».¹⁸

«A saúde da Serva de Deus não era boa. Quando veio à Mirassol, já sofria de erisipela, mas isto não lhe impedia realizar seu trabalho. Mais

¹⁴ Particular propiciado por Ir. Paulina Miotto (†2001) que, quando menina de 5 anos, ouviu o pai contar à sua mãe, in APR.

¹⁵ Ir. Jesuina Peroni, falecida em 1998, in AGSS 4.3.

¹⁶ In APR.

¹⁷ A Serva de Deus, que estava em Mirassol há 5 anos, foi ao Colégio Santa Teresinha do Pari, SP, para os exercícios espirituais.

¹⁸ A Irmã, que transmite esta recordação biográfica, estava lá, na qualidade de professora de bordado.

tarde, agravando-se a doença, começou a caminhar com dificuldade, de tal forma que outra Irmã a substituiu na direção da casa. Aceitava a doença com paciência e serenidade. Não exigia nada de especial para si. Às vezes repousava na cama, outras vezes permanecia sentada numa cadeira, apoiando a perna doente sobre um banco».¹⁹

De uma das informações referentes ao Governo Geral das Irmãs scalabrinianas emerge que uma das causas que agravou sem dúvida o estado físico de Madre Assunta foi o fato seguinte:

«Na Santa Casa de Misericórdia de Monte Alto (1924-1927), enquanto a Serva de Deus cuidava de um jovem com convulsões, foi ferida em uma perna com um ferro que caiu da cama dele. Nessa perna, logo depois, formou-se uma úlcera que nunca mais cicatrizou. Seu estado de saúde já não era tão bom, mas suportava a enfermidade com heroísmo. Não se lamentava e não deixava de trabalhar».²⁰

Outro documento também se refere “ao incidente do ferro da cama”, afirmando ainda que a úlcera varicosa foi consequência deste fato.

«A úlcera varicosa surgiu, pelo que sabemos, da ferida causada por um ferro da cama do hospital, quando foi atender a um soldado ferido, muito agitado, durante a Revolução.²¹ O médico de plantão percebeu que o sangue escorria pelo chão, vindo da perna de Madre Assunta. Queria tratá-la imediatamente, mas não foi possível, porque a Serva de Deus insistiu para que cuidasse primeiro do soldado. Como consequência, formou-se em sua perna uma ferida que a acompanhou desde 1924 até o final de sua vida».²²

¹⁹ Memórias de uma senhora de Mirassol que diz recordar-se da Serva de Deus com gratidão, amizade, interesse espiritual, in *APR*.

²⁰ Recordações de uma Irmã scalabriniana que, enquanto membro do Governo Geral, teve a possibilidade de averiguar muitos documentos da Congregação e de cada Irmã que já havia passado à melhor vida, in *APR*.

²¹ Esta Revolução é lembrada como a “rebelião de 1924”. Foi a revolta dos oficiais, desencadeada em São Paulo, em 05/07/1924. A capital foi tomada pelos militares rebeldes, encabeçados pelos generais Isidoro Dias Lopes e Miguel Costa. Os revoltosos forçaram à fuga o governador do Estado e ocuparam a cidade por 22 dias. Em seguida São Paulo foi bombardeada pelas tropas federais. No final de julho, os revolucionários marcharam para o Sul para unirem-se às tropas encabeçadas pelo tenente Luis Carlos Prestes (Cf. *Almanaque*, Abril 1993, São Paulo, SP, Ed. Abril 1992 - 1993, Vol. 1, p. 183).

²² Carta de V. Marchetti Zioni, sobrinho da Serva de Deus, a L. Bondi, Botucatu, 26 de fevereiro

O doutor Alexandre Antônio Marchetti Zioni, na sua qualidade de médico precisa:

«Quando a Serva de Deus foi para Mirassol sua saúde já era precária. Tinha problemas circulatórios: varizes, úlceras varicosas, erisipela, hipertensão arterial. Suportava tudo heroicamente».²³

Uma pessoa nascida em Mirassol informa sobre outra doença de Madre Assunta, diabetes.²⁴

Este dado é confirmado pelo Dr. *Renato Aloysio da Silva*, médico que tratou da Serva de Deus de 1945 a 1947, em Mirassol. Ele, de fato, confirma que Madre Assunta era portadora de diabetes, doença incurável naquele tempo como hoje, de úlceras varicosas nas articulações inferiores e também de erisipela, doenças, estas últimas, constantes entre as patologias, frequentemente associadas ao diabetes.²⁵ O mesmo doutor, em outro escrito, afirmava que a erisipela geralmente é crônica, apesar dos progressos da terapia antibiótica.²⁶

«A erisipela a fazia sofrer muito e lhe dava febre alta e tantas dores que a obrigava a permanecer acamada. Dizia que o Senhor lhe tinha mandado a doença nas pernas para poupar-lhe os braços e as mãos e assim permitir que continuasse trabalhando».²⁷

A respeito do trabalho manual, ao qual, sobretudo, se dedicava Madre Assunta em Mirassol, conta-se que a Serva de Deus lavava bem os sacos de farinha, deixava-os completamente brancos e com este tecido confeccionava peças íntimas para as Irmãs e para os doentes. Ainda aproveitava o barbante para fazer meias, porque sabia muito bem tricotar. Começou a dedicar-se a este trabalho quando teve que se

de 1994, in *AGSS* 1.3.

²³ Informações de A. A. Marchetti Zioni, outro sobrinho da Serva de Deus, in *APR*.

²⁴ Notícia fornecida por uma pessoa que acompanhou com admiração e afeto o último caminho missionário de Madre Assunta. In *APR*.

²⁵ Cf. Carta de R. A. da Silva a L. Bondi, Neves Paulista (SP), 24 de setembro de 1996, in *AGSS* 1.3.

²⁶ Cf. Carta de R. A. da Silva a L. Bondi, Neves Paulista (SP), 05 de novembro de 1996, in *AGSS* 1.3

²⁷ Recordações de uma Irmã que viveu por cinco anos em Monte Alto, SP, com a Serva de Deus, in *APR*.

conceder tempos de repouso.²⁸

Irmã Tecla Tatto, tendo vivido com a Serva de Deus em Mirassol, nos últimos dois anos da vida missionária de Madre Assunta, fornece inéditos particulares que comprovam, na Serva de Deus, um grau de debilidade física considerável.²⁹ Por exemplo:

«A Serva de Deus não tinha dentes: tinha apenas um que eu mesma lhe arranquei. Com frequência, um dentista, o irmão do Sr. Brandão, lhe oferecia gratuitamente uma prótese, mas nunca a aceitou dizendo que, não tendo que ir à escola, podia ficar sem dentes. Estava muito doente das pernas nas quais tinha três enfermidades: úlceras varicosas, erisipela e eczema. Chegou a ter vinte orifícios nas pernas. A erisipela lhe dava febre alta. O pé esquerdo não tinha circulação de sangue a tal ponto, que afinal foi necessário cortar-lhe o dedão. O eczema era aquele úmido e lhe produzia tanto líquido que às vezes molhava o chão. Dormia pouquíssimo. Às vezes era obrigada a medicar-se duas vezes ao dia e eu mesma a ajudava nisso. Por razões de higiene usava roupa de cama e louça, pessoais. Não se sabe, se também neste tempo, usasse o cilício: sabe-se que o usou e que, a um determinado ponto, teve que renunciá-lo por sua saúde debilitada».³⁰

Também Ir. Letícia Negrizolo deixou escrito em suas recordações que Madre Assunta deixou de usar o cilício somente quando Deus lhe deu o cilício da doença.³¹

A um certo ponto, portanto, o cilício não pode mais conciliar-se com suas condições físicas, e foi deixado de lado. A Serva de Deus foi, ao contrário, firme na fidelidade ao trabalho, na doação de si, no abandono confiante nas mãos de Deus, na atenção para perceber, no momento presente, a mensagem da salvação.

²⁸ Recordações de Ana Lúcia C. Bianco, uma das sobrinhas da Serva de Deus, cit.

²⁹ Cf. Recordações de Ir. Tecla Tatto (†1999), in *AGSS* 4.3.

³⁰ «Uma ocasião, quando veio a procurar-me, trouxe tecido para fazer um ‘casaco’ aberto na frente e com um cinto duplo em baixo, aberto dos dois lados para guardar algo. Lá dentro Madre Assunta colocava um “ferro”: era um cilício para fazer penitência. Sei que depois o usou sempre. Era do Pe. José, foi encontrado entre as coisas dele» (Escrito de Maria Luisa Marchetti Zioni, a irmã mais nova de Madre Assunta, conhecida por ‘Marieta’), in *APR*.

³¹ Cf. Memórias de Ir. Letícia Negrizolo, quem afirma que toda sexta-feira Madre Assunta jejuava e carregava o cilício.

Não sabemos quanto lhe fosse habitual sua aproximação com a Palavra de Deus. Seus contemporâneos informam que sua oração preferida era o rosário, que é como uma síntese das verdades da fé. Dando um olhar retrospectivo ao seu caminho existencial, percebe-se que a Palavra estava no seu interior, operava no seu íntimo e lhe transmitia mensagens contínuas as quais seu coração amoroso e contemplativo sabia acolher, sem pedir nada a Deus, agradecida por poder confiar, acreditar que na vida cotidiana, muitas vezes tão opaca, está o mundo do divino, que solicita continuamente nosso crescimento humano e espiritual. Caso contrário, não se explicaria sua capacidade de ultrapassar, sempre, as vicissitudes terrenas para chegar a ver a mão de Deus nos acontecimentos.

«Estava sempre com o sorriso nos lábios, também quando sofria. Não permitia que alguém tivesse que sofrer por sua culpa. Sei que saiu de Mirassol por causa da pouca saúde, mas não se lamentou nunca de sua enfermidade, nunca exigiu nada de especial para si e não se permitiu jamais repousos extraordinários. Todos se lembram de Madre Assunta e são unânimes em dizer que não virá outra Irmã igual a ela. Sua pessoa já se constituía uma lição de virtude».³²

Outras pessoas de Mirassol têm conservado vivas recordações do tempo em que Madre Assunta lá viveu. Faz-se referência a algumas para salientar uma vez mais a constante virtude da Serva de Deus que neste último período de sua vida alcançou cumes de inegável santidade.

«Além dos seus deveres como superiora, a Serva de Deus acompanhava e dirigia todos os trabalhos da casa. [...] Suas relações com o pessoal eram ótimas. Nunca levantava a voz. Tinha um respeito edificante para com todos. Estava sempre com o terço entre as mãos e conversava com as pessoas sempre com ele na mão. Aos doentes graves fazia visitas mais frequente e, às vezes, lia para eles o Evangelho, para lhes infundir força, coragem, serenidade. Cuidava de todos, sem discriminação. A todos os que morriam na Santa Casa a Serva de Deus conseguia prover uma sepultura digna, com caixão. Porém teve que lutar muito antes de conseguir eliminar o triste costume de sepultar os pobres da Santa Casa

³² Recordações de uma senhora de Mirassol que colaborou por muito tempo com a Serva de Deus no trabalho paroquial de Assistência social.

sem ataúde. Meus irmãos e eu éramos órfãos de pai e a Serva de Deus nos tratava muito bem. Almoçávamos sempre na Santa Casa. Minha mãe, viúva, recebeu muitos benefícios de Madre Assunta. Conheço um enfermeiro, hoje eficiente profissional, que foi internado por ela na Santa Casa. Aqui Madre Assunta cuidou dele, até que ficasse completamente curado. Tornou-se enfermeiro e continuou a viver na Santa Casa. Madre Assunta era especial: devia ser mesmo uma santa. Deixou belas lembranças entre o povo. As pessoas que a conheceram lembram-se dela com afeto e saudades».³³

«A Serva de Deus fazia de tudo. Tinha ótimas relações com as pessoas, sem exceção. Eu comecei a aprender o catecismo na sua escola. Dizia às crianças, indicando a Igreja: “Olhem, lá está Jesus, vão saudá-Lo”! Não apenas providenciava o ataúde para o sepultamento dos mortos, como também a roupa para enterrá-los. Soube que sofria de uma ferida em uma perna, que a incomodava muito. De fato, quando andava, arrastava aquela perna. Mas nunca reclamava. Trabalhava o dia todo, não se poupava, nem mesmo quando estava doente. Usava um tratamento evangélico com todos. Eu a via na horta, rezando o terço. Era devota de Nossa Senhora. Em qualquer momento do dia nós a víamos em oração. Vivía na presença de Deus. Dedicava-se a todos com extrema bondade; via em cada pessoa necessitada o mesmo Jesus. Deixou-nos a lembrança de uma verdadeira santa. O Povo daqui ainda se lembra dela com carinho».³⁴

«Quando precisava de roupa para os defuntos, ia pedir de esmola o pano nos armazéns e, depois confeccionava o necessário. Na câmara ardente dos seus pobres rezava e convidava a rezar. Suportava a doença com serenidade e paciência. Quando, de manhã a encontrava lhe perguntava como estava, respondia: “Bem, minha filha, bem”. Nasceu um menino na Santa Casa e a mãe o deixou lá, na esperança de que alguém o pegasse para cuidar dele. Madre Assunta o cuidou até que fosse bem acolhido por uma família. Eu fui a madrinha deste menino. Certa vez, na minha presença, um médico aconselhou Madre Assunta a ir a uma curandeira, considerada capaz de ‘benzer’ a erisipela. A Serva de Deus respondeu com firmeza: “Desculpe-me, doutor, mas eu sou uma religiosa e jamais irei procurar estas coisas”. Com ela aprendi muito: rezar o terço, mas também a fazer bem o meu serviço de camareira e de passadeira. Segundo meus critérios, era uma santa: sua bondade, sua fé e sua caridade eram extraordinárias. Nunca a vi impaciente. Dedicava

³³ Informações obtidas do filho de uma pessoa que trabalhava na Santa Casa de Mirassol. In *APR*.

³⁴ Recordações de uma ex-aluna de catecismo da Serva de Deus, em Mirassol. In *APR*.

muito amor e atenção também às suas coirmãs. O povo daqui lembra-se dela como um exemplo de virtude».³⁵

«Não se preocupava muito com a sua saúde. Deveria repousar por causa de sua perna ulcerada, mas descansava apoiando-a em um banquinho, enquanto com o outro pé pedalava a máquina de costura. Ia igualmente trabalhar na horta e dizia: “Com uma perna sadia me arranjo”. As pessoas que a conheceram lembram-se ainda de seus ensinamentos e do seu testemunho vivo de bondade, de serviço, de doação aos pobres, de humildade. Foi um exemplo magnífico de amor para com o próximo. Queríamos dar-lhe um hábito novo, porque aquele que tinha estava já muito desgastado, mas não o aceitou. Tinha um espírito de fé edificante. Um fato de bondade concreta: meu irmão, doente, ficou internado por muito tempo na Santa Casa, onde recebeu atenções contínuas da Serva de Deus: dieta especial, porções de gelatina, por exemplo; para nós, os familiares, providenciou um quarto para que pudéssemos, com menos desconforto, dar assistência ao nosso doente. Era uma pessoa madura, equilibrada, senhora de suas emoções».³⁶

«Durante muitos anos fui diretora da Santa Casa e, portanto, tive possibilidade de viver junto à Madre Assunta: era incansável, humilde, capaz de levar aos necessitados palavras de conforto, de infundir a esperança da cura a quem a tinha perdido, de dar aos outros quanto ela, na sua resignação serena, não pedia para si. Com sua atividade afável conquistava toda a vizinhança. Uma de suas vizinha de casa, a senhora Rosa Antunes, ficou viúva ainda jovem, com vários filhos e muitas dificuldades econômicas. Madre Assunta contratou aquela senhora como lavadeira na Santa Casa e, fez de tudo para ajudá-la. Ajudou-a também na educação dos filhos, hoje pessoas bem colocadas. Fez tudo isto enquanto a erisipela se estendia sobre a perna, fazendo-a sofrer muito».³⁷

«Interessava-se pelos casais em desacordo e conseguiu, muitas vezes, restabelecer a paz entre o casal. Ajudava os viciados a abandonar seus vícios».³⁸

«Sabia dar conselhos apropriados às pessoas que a buscavam com esta finalidade. Dizia-lhes: “Esta vida é passageira: a vida melhor é outra, lá no céu”. Seus prediletos eram os mais necessitados: considerava-se a “serva dos pobres”. Estes se reuniam cada dia diante da porta da Santa

³⁵ Notícias fornecidas por uma colaboradora da Santa Casa de Mirassol, in *APR*.

³⁶ Recordações de uma senhora que, tendo o irmão internado na Santa Casa, teve oportunidade de conhecer bem Madre Assunta. In *APR*.

³⁷ Informações de uma dirigente da Santa Casa de Mirassol, in *APR*.

³⁸ Testemunho de um homem que, depois de ter sido hospitalizado, fez sua primeira Comunhão, celebrou o matrimônio religioso e deixou de beber, in *APR*.

Casa e Madre Assunta distribuía-lhes alimento e os medicava, a partir do momento em que um médico, estimando-a muito, lhe havia permitido. Tratava os doentes com o coração aberto, como uma verdadeira mãe. Também com o pessoal tinha ótimas relações. Deixou em Mirassol uma grande herança».³⁹

«Em Mirassol é lembrado de que a Serva de Deus acolheu com muita compreensão uma jovem mãe que, expulsa da casa paterna, tinha frequentado um lugar de perdição. Uma amiga a acompanhou à Santa Casa e a entregou à Serva de Deus que lhe deu hospitalidade até o nascimento do menino».⁴⁰

Afirma um protestante:

«Madre Assunta não tinha precauções, como não tinha tratamentos diferenciados».⁴¹

«A Santa Casa vivia completamente da caridade e também aqui Madre Assunta demonstrou sua grande confiança na Providência [e sua criatividade]. Para os seus internados, por exemplo, fazia pijamas com sacos de açúcar. Dormia no refeitório, onde colocou para ela uma cama de ferro com colchão de palha. Não havia a possibilidade de destinar-lhe um quarto pessoal. Desejava, e repetia com frequência, ter uma mesinha toda para si, já que, também como superiora, podia apenas dispor da mesa onde a Comunidade fazia as refeições. Mas, saiu de Mirassol, depois de doze anos, sem ter podido realizar este legítimo desejo. Teve visão ampla. Compreendia, desde então, que as Irmãs não deveriam ficar fechadas e limitar sua atividade apostólica a um Orfanato ou a um hospital. Por isso pedia – ela nunca mandava – às Irmãs para ir visitar e atender também os doentes da vizinhança. Eu a ajudava muitas vezes a tratar das pernas e posso testemunhar que estavam muito feias. Nos momentos mais agudos, ficavam avermelhadas e ficavam febris».⁴²

«Ficava feliz quando as Irmãs se empenhavam no apostolado. Se lhe dirigissem algum elogio, logo disfarçava com um: “Eu sei! Deus o sabe”!, querendo dar a entender com isso que não o merecia. Às vezes, no decorrer de uma conversa, lembrava-se de algum acontecimento de

³⁹ Memórias de uma pessoa de Mirassol, que conheceu Madre Assunta desde sua chegada naquela localidade.

⁴⁰ Particular edificante da vida de Madre Assunta percebido por vários habitantes de Mirassol, in APR.

⁴¹ Afirmação de um protestante que conheceu a Serva de Deus, in APR.

⁴² Notícias transmitidas verbalmente por Ir. Tecla Tatto a Ir. Laura Bondi e depois transcritas. In APR.

sua infância e o contava: com naturalidade, com um sorriso evocativo e com um brilho particular nos bons olhos castanhos, já opacos ao redor da íris. Era como se entresse o campo, o moinho, o trigo, a família, os passarinhos, o céu. Com ternura e veneração dizia: “o pobre papai”, “a pobre mamãe”.⁴³ Recordava que, desde pequena, acompanhava cada dia sua mãe na igreja, distante alguns quilômetros de sua casa. Quando a saúde piorou, continuou seu trabalho serena, sem se lamentar. Certo dia, a uma jovem amiga que comentava sobre o excessivo calor, disse: “E, filha, o inferno é muito mais quente”. Não buscava nenhum conforto para si mesma. Na impossibilidade de caminhar, dedicou mais tempo à costura acionando a máquina com apenas um pé, mantendo a perna doente estendida sobre um banquinho de madeira, moderadamente amaciado: era assim que fazia o repouso prescrito pelo médico. Era delicada para com todos e agradecida aos benfeitores da Santa Casa».⁴⁴

A Serva de Deus, normalmente, ia a São Paulo, cada ano, para os exercícios espirituais. Não lhe faltaram, porém, motivos fora do programa, seja por causa de sua saúde, ou por motivos familiares. No dia 11 de novembro de 1936,⁴⁵ por exemplo, teve permissão para acompanhar sua irmã Filomena que, devendo passar por uma séria operação, tinha pedido à Madre Geral de poder ter ao seu lado a irmã

⁴³ Seu pobre papai havia encerrado sua jornada terrena com apenas quarenta e sete anos, em 26 de abril de 1893 (Prefeitura de Camaioire - Lucca, Registro dos falecidos de 1893, n. 122). Seu falecimento, embora não se tenha encontrado sinais, deve ter pesado ao coração de Assunta, com vinte e dois anos porque, pelo que disse o grafólogo, a figura paterna era para ela particularmente significativa pela sua dificuldade de estar em sintonia com a mãe (Cf. Análise sobre a grafia de Madre Assunta Marchetti, cit.).

⁴⁴ Recordações de uma pessoa de Mirassol muito amiga de Madre Assunta, desde sua chegada na Santa Casa. In *APR*.

⁴⁵ Cf. Diário da Casa Geral, Vol. I, 11 novembro de 1936, p. 94, in *AGSS* 1. 12. 3.

Em 1941, Madre Assunta, escrevendo ao cunhado Giuseppino a quem era particularmente ligada por sentimentos de gratidão, disse: «Não se preocupem por mim. Estou bem. A perna é sempre a mesma, mas que fazer? Paciência. Enfim já completei 70 anos (!), mas a Comissão não quer que a Madre me transfira» (Carta de Madre A. Marchetti ao cunhado Giuseppino, Mirassol, 15 de agosto de 1941, in *APR*).

Da nota 45 dependem ainda as seguintes citações:

29 de maio de 1944: cf. Diário da Casa Geral, Vol. II, 29 de maio 1944, p. 344, in *AGSS* 1.12.3.

Dia 11 de junho de 1937: cf. Diário da Casa Geral, Vol. I, 11 de junho 1937, p. 153, in *AGSS* 1.12.3.

23 de novembro de 1942: cf. Diário da Casa Geral, Vol. II, 23 de novembro de 1942, p. 336, in *AGSS* 1.12.3.

Assunta, sinal da consideração de que a Serva de Deus gozava também na família. No dia 29 de maio de 1944, chegou a irmã Teresinha, que, há anos prestava um humilde, mas precioso serviço no Orfanato do Ipiranga e estava agora gravemente enferma. Desta vez, ao contrário, chegou da parte das coirmãs ou das superiores de São Paulo, preocupadas com o seu estado de saúde. Em 11 de junho de 1937, a menos de dois anos de sua chegada a Mirassol, havia chegado à sede geral uma carta com a notícia de que Assunta estava acamada com uma particular crise de erisipela nas pernas. Foram, imediatamente, visitá-la a Madre Geral e outra Irmã, depois de ter devidamente informado também seus parentes. Com o mês de novembro de 1942 começou o sistemático ir e vir de Madre Assunta de Mirassol a São Paulo, em busca de cuidados médicos mais adequados dos que lhe propiciava a Santa Casa onde, entre outros, lhe era tão difícil viver como doente.

O JUBILEU DE OURO DA SERVA DE DEUS (1945)

Não faltaram, ademais, para a Serva de Deus momentos felizes ou significativos. Foi tal, por exemplo, o dia 19 de dezembro de 1938, quando, depois de ter concluído o triênio como superiora, apressou-se - inutilmente - a apresentar sua demissão, à qual lhe foi respondido, confirmando-a no cargo por outros três anos, apesar de suas condições de saúde. No dia 25 de outubro de 1945, muitas pessoas vieram para lembrar seus 50 anos de vida religiosa e missionária, humilde Serva do Senhor e dos pobres. Esta data foi considerada como uma possibilidade de prestar uma pública, merecida homenagem à Serva de Deus, que, com habilidade, fez o possível para encobrir vozes e rumores de festa com o manto daquele silêncio e daquele esconder-se, que tinham diferenciado sua existência.⁴⁶ Ir. Tecla Tatto contou, em 1995, que para o seu 50º aniversário de profissão religiosa, que correspondia ao Jubileu de Ouro da Congregação, o Bispo de São José do Rio Preto, querendo celebrar uma S. Missa de Ação de Graças na igreja paroquial de Mirassol para prestar homenagem à Madre Assunta e à sua Congregação, pediu ao

⁴⁶ Cf. Diário da Casa Geral, Vol II, 1940 – 1945, 25 de outubro de 1945, Festa das bodas de ouro da Revda Madre Assunta Marchetti, in *AGSS* 1.12. 3.

pároco, Pe. Firmato, para marcar uma data. Ele fixou aquela Missa para um domingo em que julgava que Madre Assunta, que naquele momento estava em São Paulo, pudesse estar presente. Regressou alguns dias depois, deixando desiludidos, na Praça de Mirassol, todos os que a esperavam para congratular-se com ela. Mas o Bispo celebrante, não pode deixar de recordá-la durante a homilia, que começou com estas palavras:

«Há cinqüenta anos, o grande bispo piacentino G. B. Scalabrini deu início à Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo. Uma das primeiras foi a pobre e humilde Madre Assunta Marchetti, pessoa de fé, confiante na Providência divina».⁴⁷

Ao seu retorno, a Serva de Deus teve que escutar as queixas de muitas pessoas e, particularmente, as ressentidas de Pe. Firmato que a obrigou a ir pedir desculpas ao Bispo pela sua ausência. Não pode recusar, mas, depois de ter pedido desculpas, apressou-se em dizer que não lhe agradavam as festas. A resposta do Bispo foi: «Está bem, à Senhora não lhe agradam as festas, mas a Congregação deve ser conhecida». E daí nasceu uma conversa que durou aproximadamente três horas. Porém, no dia 25 de outubro, na capela da Santa Casa, foi celebrada com solenidade uma S. Missa da qual participou também a Madre Geral. Na homilia o Celebrante saudou Madre Assunta com palavras apropriadas e exaltou suas virtudes. A Missa foi às 9h da manhã. À tarde, houve uma bênção solene com o Ssmo. Sacramento. Foi uma festa íntima, emocionante, que, com tristeza, viram a ausência completa dos familiares da Serva de Deus,⁴⁸ particular não indiferente porque salienta ainda uma vez a vocação peculiar da primeira superiora geral das Irmãs Missionárias Scalabrinianas: a renúncia a todo brilho terreno para o triunfo absoluto de Deus na sua vida.

Daquele dia, além do que já foi dito, existe até agora, no arquivo das Irmãs Missionárias de São Carlos, também um santinho - lembrança tendo de um lado a imagem de Nossa Senhora do Carmo

⁴⁷ Particulares do Jubileu de Ouro de Madre Assunta Marchetti narrados a 16 de julho de 1995 a Ir. Laura Bondi, na Casa Provincial de São Paulo, por Ir. Tecla Tatto, in *APR*.

⁴⁸ *Ibid.* Outros particulares da festa do Jubileu.

– oportunidade para levar a festejada à sua primeira vocação? - e do outro lado o seguinte texto:

«Humilitas, 1895-1945. Quid retribuam Domino? In aeterno cantabo misericordiam suam. Madre Assunta Marchetti, Missionária de São Carlos Borromeo Scalabriniana, recorda seu jubileu de ouro de vida Religiosa às coirmãs e aos amigos que participaram da santa alegria desta grande festividade».

O santinho foi um delicado, reconhecido mimo da Madre Geral em consideração à Serva de Deus, uma pequena, mas significativa recompensa àquela que, há cinqüenta anos, era a fiel, laboriosa operária de Deus nas pegadas da missionariedade scalabriniana feminina e a única sobrevivente do grupo que tinha dado início à Congregação.

De que modo a Serva de Deus falava de sua saúde tão comprometida? Examinando suas cartas aos familiares, percebe-se que fala muitas vezes, também porque, frequentemente solicitada a fazê-lo por causa do interesse deles. O tom com que lhes fala, porém, não deixa nunca de ser sóbrio, sem apreensão, confiante, cristão.

Alguns exemplos:

«Quanto a mim, estejam seguros de que estou bem, exceto o pequeno problema na perna» (1937). «Rezem por mim, pobre velha» (1937). «Estou um pouco mais contente; sim, confiemos em Jesus e em Maria: Deus aflige, mas não abandona nunca» (1938). «Eu, graças ao céu, estou bem. A perna também está melhor; sarar não pretendo, mas Jesus me dá mais do que mereço. Todo este meu estar bem atribuo às vossas orações e as de tantas almas boas, porque eu não mereço nada, e pobre (sic) de mim, se Jesus olhasse para os meus méritos» (1938). «Reze por mim e digne-se abençoar esta pobre religiosa que tem tantas necessidades» (1938). «O mês passado ficamos sem cozinheira, sem horticultor e não falta o que fazer, paciência. Trabalhamos para a glória de Deus e para o bem do próximo» (1939). «Eu estou bem; a perna vai como sempre; agora estamos com muitos doentes e assim podemos trabalhar para a glória de Deus e fazer um pouco de bem para estes pobrezinhos» (1940). «Não se preocupem comigo, estou bem; a perna é a mesma, mas alguma cruzinha é necessária, paciência! Servimos Deus como Ele quer ser servido. Cheguei aos 70 anos e devo contentar-me com a saúde que Ele me deu» (1940). «Eu de saúde estou bem, embora já tenha completado os 70 anos. A perna é sempre a mesma. Paciência! Que fazer?» (1941).

«Não se preocupem por mim. A perna é a mesma, mas sem cruzeiros ninguém pode ficar. A minha é bem pequena» (1941). «Quanto à minha saúde: melhor dia a dia! A perna também está melhor» (1942). «De saúde estou bem, a perna é a mesma, neste dias deu-me ainda a erisipela. Paciência! Deus assim o quer, seja feita a sua Santa Vontade, cuidados não me faltam. Servimos o Senhor como Ele quer ser servido» (1942). «Sinto que estão todos bem, menos Marieta. Que devemos fazer? Ela com o estômago eu com a perna, mais ou menos estamos sempre as (segue palavra inlegível), mas eu estou sozinha, enquanto ela tem sete filhos para pensar» (1942). «Eu também estou bem. A perna sempre a mesma e cuidados não me faltam. Paciência! Que fazer?» (1942).

A carta de 22 de setembro de 1942 ao cunhado Giuseppino é menos evasiva das anteriores e contém alguma informação precisa e alguns traços daquela sabedoria simples que caracteriza os puros de coração:

«Não se preocupem por mim, sei cuidar-me; por enquanto continuamos assim, mais adiante, se for necessário, irei fazer um tratamento em São Paulo; não estou mal, só a perna!!! Aceito os seus conselhos e agradeço, faremos de tudo para ver se ao menos melhora um pouco. Também aqui os médicos fazem o que podem, mas é preciso paciência na espera de que a coisa se resolva, porque, se a natureza não reage, pouco importa estar aqui ou lá, não é verdade?»

Depois se encontra frente ao usual tom indiferente, com o qual Madre Assunta parece fazer de tudo para ser esquecida:

«Eu mesma estou bem; a perna mais ou menos é a mesma, mas faz três meses que a erisipela não voltou. Não me falta o tratamento, mas sabe-se que é preciso sofrer algo. Talvez todos pensassem que não fui ao retiro por causa da perna, mas não foi este o motivo» (1944). «Eu mesma estou bem, somente a perna que mais ou menos é sempre a mesma; a erisipela de vez em quando volta. Paciência, que fazer? Cuidados médicos tenho até demais, mas Deus assim o quer, seja feita sua santa vontade. No demais estou até muito bem» (1944). «Eu estou bem; não estive doente, só o aborrecimento com a perna. Como você sabe, de vez em quando, dá a erisipela, mas para isso sempre estou me cuidando. Quanto a isso fique feliz porque não me falta nada. Deus assim o quer, e que assim seja» (1945).⁴⁹

⁴⁹ As cartas acima referidas seguem a ordem cronológica seguida no APR.

Assim seja! Com estas palavras Madre Assunta Marchetti marcou cada passo do seu caminho existencial, onde Alguém lhe tinha incessantemente recriado o impulso oblato e a capacidade de saber libertar-se de toda resistência, permitindo-lhe um modo de proceder superior, efeito do poder da Graça.⁵⁰ Com esta chave de leitura pode-se nos explicar sua constante concentração no dever, seu sentido de disciplina e de responsabilidade, seu sadio critério valorativo, sua coerência moral e no modo de pensar, seu compromisso na vida interior e na vida de relação com o próximo, sua constante linearidade, ou seja, aquele patrimônio de talentos caracterizados de profunda fé e de fecundidade apostólica também os doze anos de seu serviço missionário em Mirassol.

⁵⁰ Cf. Análise sobre a grafia de Madre Assunta Marchetti, cit., Quadro final.

CAPÍTULO XVI

OS ÚLTIMOS MESES DE VIDA DA SERVA DE DEUS

DE VILA PRUDENTE À JERUSALÉM CELESTE

Entre uma e outra crise de febre, alternadas por momentos de certo alívio,¹ chegou-se ao início de agosto de 1947 e Madre Assunta, por alguns dias, foi obrigada a ficar acamada, sendo preciso chamar o médico.² O diagnóstico não foi pessimista, mas no dia 12 de setembro vamos encontrá-la internada no hospital N. S. Aparecida, ex-hospital Umberto I, em São Paulo,³ sinal evidente de que sua situação se agravara. Suas coirmãs, Ir. Adélia Rimi e Ir. Gabriela Magalhães, tinham anteriormente avisado o Governo Geral sobre o agravamento da saúde da Serva de Deus. Naquele momento a Madre Geral, Ir. Borromea Ferraresi estava no Sul; a superiora provincial, Ir. Angelina Meneguzzi, por causa de sua pouca saúde, não estava em condições de enfrentar a viagem até Mirassol. No seu lugar foi enviada a conselheira geral, Ir. Fulgência de Mello, que, para não impressionar a doente, fez de conta ter ido para uma visita. Na verdade queria saber se Assunta estava disposta a deixar sua missão. Felizmente tudo saiu muito bem: quando Ir. Fulgência falou na sua volta a São Paulo, Madre Assunta, para surpresa de todos, disse: «Se me espera, vou também». A esta

¹ «A doença foi muito longa, com períodos de melhoras. Desde a última crise que foi em setembro de 1947, a Serva de Deus não mais se recuperou» (Recordações de uma Irmã que conheceu a Serva de Deus em Mirassol em 1946 e que viveu com ela de 1947 a 1948, cit.).

² *Ibid.*

³ *Ibid.*

frase seguiu imediatamente com outra, sinal de sua atitude interior de dependência: «Mas, a Madre Geral não se sentirá bem, se eu parto assim, sem o seu consentimento?» Ir. Fulgência lhe assegurou prontamente, e a Serva de Deus aceitou que se fizessem os preparativos para a partida. Ajuntaram suas coisas, quando viram que não tinha quase nada, depois de ter vivido naquele lugar por doze anos.⁴ A atitude da virtuosa doente faz lembrar o texto de Joel 4,13: «Lança a foice, pois a messe está madura!» A Serva de Deus estava madura: ao sol do sacrifício paciente, da abnegação constante e serena, do sofrimento moral e físico⁵ e ao da humilhação. O carvalho, que tinha desafiado tantos vendavais, estava por ceder. Desde algum tempo, teve que renunciar à fadiga do trabalho, que havia sido o seu pão cotidiano. Coxeando, como estava, teve, a um certo ponto, limitar-se a conversar com os doentes, a costurar pedalando com um só pé, a supervisionar a dispensa e a rouparia e a participar, na medida do possível, da comunidade. Uma de suas coirmãs conta:

«Não me recordo que se lamentasse. Eu a ajudava a fazer curativo nas pernas e posso garantir que estavam mesmo muito feias e lhe provocavam dores atrozes. A perna esquerda já não tinha mais movimentos. De algum tempo nós, Irmãs, achávamos muito estranho que a Madre Geral não chamasse Madre Assunta para São Paulo».⁶

Ao deixar a Santa Casa, comportou-se com a digna reserva de sempre. Encontrando o diretor, o Sr. Brandão, disse-lhe: «Sr. Brandão, vou para casa».⁷ Com esta frase talvez quisesse indicar algo mais do que a viagem a São Paulo. Talvez sentisse próximo o fim de sua peregrinação terrena. Partiu disposta a enfrentar, naquele estado, dezoito horas em trem, exigidas para percorrer a distância entre Mirassol e São Paulo. Conhecia bem a viagem. Tinha-a feito tantas vezes e, muitas delas, carregada de malas cheias de presentes para os seus assistidos. Em uma

⁴ Cf. Recordações deixadas por Ir. Tecla Tatto à Ir. Laura Bondi e à casa geral. In *APR*.

⁵ «A doença que levou a Serva de Deus à morte foi a gangrena, consequência da úlcera varicosa que a fez sofrer por vinte e cinco anos, sem nunca aceitar um tratamento especial» (Informações da Superiora que acompanhou a Serva de Deus ao encontro definitivo com o Senhor. In *APR*).

⁶ Cf. nota 4.

⁷ *Ibidem*.

ocasião contaram-nas, eram realmente, quinze.⁸ Agora tinha apenas uma mala, que, com suas poucas coisas, como religiosa verdadeiramente pobre, encerrava a lembrança preciosa de tanto bem realizado e uma profunda paz. «Partiu secretamente»:⁹ talvez para evitar uma vez mais qualquer forma de consideração externa ou os discursos convencionais nestas circunstâncias.¹⁰ Contudo, parece que Mirassol tenha tido um espaço privilegiado no seu coração tão desprendido.¹¹ E Mirassol sente a obrigação de retribuir com uma imperecível recordação a bondade de Madre Assunta,¹² deixando na capela da Santa Casa, ainda bem visível, um quadro com a fotografia da Serva de Deus, sinal evidente de uma devoção que o tempo não diminuiu.

No hospital, além de um tratamento muito especial por causa da gangrena no pé esquerdo, lhe foi amputado também o dedão deste pé.¹³ Recebeu alta no dia 28 de setembro e voltou para Vila Prudente.¹⁴ Lá encontrou a esperá-la suas queridas órfãs, entre as quais tinha sempre desejado morrer e, a cadeira de rodas para mover-se, quando podia deixar a cama. Aceitou sua situação com o mesmo sereno silêncio: o modo como tinha dito implicitamente: *eis-me aqui*, em tantas circunstâncias dolorosas.

«A Serva de Deus, apesar de estar na cadeira de rodas, não faltava a nenhum ato comum e era muito entregue à vontade de Deus. Dizia sempre: “Seja feita a vontade de Deus”. Fazia dos seus sofrimentos uma

⁸ Cf. Ir. Leticia Negrisol, Perfil biográfico inédito da Serva de Deus, cit.

⁹ Recordações de um habitante de Mirassol que hospedou, gentilmente, a Serva de Deus quando chegou naquela localidade, in *APR*.

¹⁰ Com frequência, as várias recordações verbais e escritas transmitidas afirmam que Madre Assunta evitava qualquer tratamento especial.

¹¹ Diz-se que os doentes da Santa Casa vêem ainda Madre Assunta caminhar pelos corredores e distribuir remédios (cf. Antonio Alves de Andrade, na época, médico na Santa Casa, “Fax” enviado a Ir. Laura Bondi, 16 de outubro de 1997. In *AGSS* 1.3).

¹² Diz-se ainda que, numa noite, a enfermeira de turno, que tinha se adormecido, foi despertada por “uma Irmã”, exatamente no momento em que um menino doente tinha necessidade urgente de assistência, e a “Irmã”, foi depois reconhecida no quadro que representa a Serva de Deus (Notícia enviada à casa geral em 1988), in *AGSS* 1.3.

¹³ Cf. Notícia verbalmente transmitida à Ir. Laura Bondi em 1994, pela sobrinha de Madre Assunta, Marta Maria Luiza Marchetti Zioni e depois transcrita, in *AGSS* 1.3.

¹⁴ Cf. Diário da Casa Geral, Vol III, 28 de setembro de 1947, p. não enumerada, in *AGSS* 1.12.3

oferta pelos pecadores e pela Congregação. Era tratada sem nenhum privilégio. Aceitava aquilo que lhe ofereciam. Submissa como era, às vezes, pedia até licença para deixar aquilo que já não podia engolir. Rezava muito e pedia a graça de poder fazer uma santa morte. Suportou com resignação as dores e as dificuldades da enfermidade sem perder a paciência, aceitando tudo como expressão da vontade de Deus e com o desejo de entrar no céu». ¹⁵

«A Serva de Deus aceitou com paciência sua enfermidade. Dizia: “Este sofrimento é porque Jesus nos ama”. Aceitou com amor a provação. Uma semana antes de morrer, eu, então sua superiora, lhe propus fazer uma novena, rezando comigo o terço, pelo bem da Congregação. Respondeu-me que oferecia tudo, também a sua vida por esta finalidade. Fez a novena até a véspera de sua morte. Nunca se lamentou. Durante a doença recebeu todo o conforto espiritual possível; foi assistida pelos Padres: Marco Simoni, Corrado Stefani e Isidoro Bizzotto, missionários de São Carlos. Estava totalmente abandonada nas mãos de Deus, com espírito sobrenatural. Nunca se notou nela alguma coisa que indicasse falta de confiança em Deus. Ao contrário, demonstrou confiança total Nele». ¹⁶

«Os últimos dias marcaram o momento mais reluzente daquele astro que se apagava. Nunca um lamento, nunca uma expressão de abatimento, nunca uma impaciência. Obrigada a ficar na cama por causa da gangrena que lhe paralisava as pernas, era edificante seu sorriso, que animava à esperança. Esperava, de fato, ficar curada e trabalhar ainda pelo bem da Congregação». ¹⁷

«Diante do sofrimento Madre Assunta continuou mostrando paz e conformidade com a vontade de Deus. Dizia sempre que oferecia seu sofrimento pela salvação das almas, pela conversão dos pecadores e em reparação dos próprios pecados. Dizia: “Os sofrimentos do inferno são piores dos presentes”. Aceitou os limites da cadeira de roda com grande resignação, de modo a edificar todos os que a visitavam». ¹⁸

O hospital N^a Sr^a Aparecida de São Paulo e o Orfanato Cristóvão Colombo de Vila Prudente receberam as últimas irradiações «daquela

¹⁵ Notícias recolhidas e transmitidas pelas Irmãs presentes naquele tempo na Comunidade do Orfanato de Vila Prudente, São Paulo, in *APR*.

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ Ir. Leticia Negrisol, Perfil biográfico inédito da Serva de Deus, cit.

¹⁸ Notícias edificantes transmitidas por uma Irmã que viveu com Madre Assunta de 1946 a 1948, in *APR*.

vela silenciosa que ia se apagando aqui na terra para resplandecer no céu».¹⁹

«Nunca a ouvi dizer que temesse a morte».²⁰

«Certa vez fui visitá-la no hospital. Estava sozinha no quarto. Nenhum lamento, somente um sorriso. Estava sozinha, ou melhor, estava com Deus e com o seu terço».²¹

A espera da passagem foi bastante breve.

«No dia 30 de junho de 1948, último dia inteiro de sua vida terrena, sofreu muito: gemia continuamente, mas com uma tranquilidade invejável. Às duas da madrugada do dia 1º de julho, piorou a tal ponto de a enfermeira, Ir. Celina Barana ver-se na necessidade de avisar a superiora, dizendo-lhe: “Estamos no fim”. A Superiora percebeu e julgou oportuno chamar um sacerdote para dar-lhe o Viático. E, para prepará-la, perguntou: “Madre Assunta, quer comungar?” A resposta foi edificante: “Se a Superiora quiser...”. Foram suas últimas palavras sobre a terra».²²

«Administrou-lhe os Sacramentos o missionário Pe. Marco Simoni».²³

«Em seguida chegaram alguns dos seus parentes».²⁴

De fato, a sobrinha Marta Maria Luiza Marchetti Zioni afirma:

«Eu estava presente nos últimos momentos de tia Assunta».²⁵

Faltava somente o sobrinho sacerdote, talvez o sobrinho mais querido, que então era simplesmente Pe. Vicente Zioni. Ele mesmo narra comovido:

¹⁹ Madre Joana de Camargo – Ir. Paulina Miotto, Perfil biográfico inédito da Serva de Deus, in *AGSS* 1.3.

²⁰ Notícia transmitida por uma Irmã que viveu alguns períodos de sua vida religiosa com Madre Assunta, in *APR*.

²¹ Particular referido pelo Dr. Alexandre Antônio Marchetti Zioni, sobrinho de Madre Assunta, in *APR*.

²² Carta de Ir. L. Negrisol a Ir. L. Bondi, 14 de agosto de 1993, orig. in *AGSS* 1.3.3.

²³ Notícia transmitida pela sobrinha da Serva de Deus, Ana Lúcia C. Bianco, cit.

²⁴ Particular fornecido por uma Irmã que viveu com Madre Assunta apenas um mês, mas que ouviu muito falar dela, in *APR*.

²⁵ Recordações pessoais de Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, sobrinha da Serva de Deus, cit.

«Estava moribunda quando os familiares presentes, em voz baixa, estavam combinando de me chamar de Itanhaem, cidade próxima ao mar, na diocese de Santos, onde me encontrava na função de reitor, com os seminaristas em férias. A Serva de Deus ouviu e disse com firmeza: “Deixem-no tranquilo! Está cumprindo seu dever”. E assim morreu, renunciando a ter a seu lado o sobrinho sacerdote. Para ela o dever foi sempre colocado em primeiro lugar».²⁶

«Manteve-se serena até os últimos instantes. Nem a dolorosa incisão que lhe fizeram no braço, sem anestesia, a fez gemer de modo menos controlado».²⁷

Os médicos, Alexandre Antonio Zioni e Antonio Del Priore, ambos seus sobrinhos, tentaram, de fato, uma sangria no braço esquerdo, para facilitar a circulação do sangue, mas sem resultado: o sangue já estava coagulado. Aquele suplemento de sofrimento, foi, talvez, a última oferta de Madre Assunta que, a exemplo de Jesus, já tinha dado tudo. Quando Maria Luisa, a irmã que a Serva de Deus, então com 20 anos, acolheu ao nascer, chegou à cabeceira da cama, a enferma tentou levantar-se e falar, mas não conseguiu. Caiu então em um torpor e em uma prostração que duraram até a morte.²⁸

«Às 15h do dia 1º de julho de 1948»,²⁹ quinta-feira, festa do Preciosíssimo Sangue, confortada com os últimos Sacramentos, Madre Assunta Marchetti voltava à Casa do Pai, com aquela simples e humilde dignidade que sempre foi sua característica. Tudo isto, exatamente, na seção feminina do Orfanato Cristóvão Colombo, junto às “suas” órfãs.

«Estavam presentes Madre Borromea Ferraresi, superiora geral, Ir. Leticia Negrisolo, superiora da comunidade, quase todas as Irmãs da casa, os médicos e os sacerdotes já mencionados».³⁰

²⁶ Escrito de Dom Vicente Ângelo José Marchetti Zioni, sobrinho bispo da Serva de Deus, in *APR*.

²⁷ Particular fornecido por Ir. Leticia Negrisolo, superiora do Orfanato Cristóvão Colombo de Vila Prudente, São Paulo, in *APR*.

²⁸ Cf. *Perfil Espiritual*, cit., p. 52-53.

²⁹ Atestado de óbito de Madre Assunta Marchetti, São Paulo, SP, Cemitério da Consolação, 26º sub-distrito - Vila Prudente, 07 de julho de 1986, in *AGSS* 1.3.

³⁰ Notícias referidas por Ir. Leticia Negrisolo, a superiora, por quem Madre Assunta foi amavelmente assistida nos últimos meses de sua vida terrena, in *APR*.

Partiu pacatamente, «sem uma contorção»,³¹ no coração do inverno brasileiro. Sua morte «deixou um vazio no Orfanato, na Congregação e no mundo».³² Muitas pessoas diziam: «Esta Madre foi uma santa, foi de uma bondade extraordinária».³³

A morte de Madre Assunta «deixou uma grande paz e serenidade em todos os presentes»,³⁴ como se cada um contemplasse dentro de si a verdade sálmica, contida no versículo: «Quem semeia entre lágrimas colherá com alegria. Quando se vai, vai-se chorando, levando a semente para plantar [...], mas quando se volta, volta-se alegre, trazendo seus feixes».³⁵ Lágrimas, seu coração deve ter derramando muitas, portanto, não lhe poderia faltar a recompensa de uma colheita abundante: o grande júbilo prometido aos servos fiéis. Sentia-se, acreditava-se. O atestado de óbito traz como causa de sua morte a insuficiência cardíaca hipertensa.³⁶

«Ir. Celina Barana, a dedicada enfermeira já citada, apressou-se em enxugar suas últimas lágrimas com um lençinho que, logo depois, entregou-o à superiora para conservá-lo».³⁷

«A câmara ardente foi preparada na capela de N^a Sr^a de Lourdes do Orfanato para onde afluíram muitos fiéis: sacerdotes, religiosos, religiosas e, sobretudo, os pobres, as pessoas que a Serva de Deus tinha ajudado. Foi constantemente velada pelas órfãs. Muitos pegavam flores do caixão³⁸ e colocavam objetos sobre seu corpo, tocavam o terço que tinha entre as mãos, em sinal de devoção. Ficou ali até às 10h do dia seguinte, 02 de julho, quando foi celebrada a Missa de Exéquias pelo Pe. Isidoro Bizzotto, diretor do Orfanato. Foi

³¹ *Ibid.*

³² Recordações de Maria Carlota Barana, irmã de Ir. Celina Barana, a enfermeira que acompanhou Madre Assunta durante sua última enfermidade, in *APR*.

³³ Notícia enviada por uma Irmã scalabriniana (†2000) que ouviu falar muito da ‘Madre’ no Orfanato de Vila Prudente, in *AGSS* 4.3.

³⁴ V. nota anterior.

³⁵ *SI* 126,5-6.

³⁶ V. nota 29.

³⁷ Recordações de Ir. Leticia Negrisol, que recolheu as últimas palavras da Serva de Deus, in *APR*.

³⁸ «Durante o funeral, foi notado com desapontamento que o caixão não era branco, como convinha a uma pessoa consagrada. De fato, o sobrinho que se encarregou de comprá-lo, pensando na idade avançada da falecida, tinha preferido o preto. Houve quem comentou o fato, vendo nisto o último ato de humildade e de renúncia, pedido à Serva de Deus» (Recordações de Marta Maria Luiza Marchetti Zioni, sobrinha da Serva de Deus, cit.).

uma Missa festiva. As órfãs conheciam a Missa dos Defuntos, mas Ir. Jacinta, que cuidava do coro, executou hinos ao Sagrado Coração de Jesus, porque era a 1ª sexta-feira do mês, dia dedicado exatamente ao Sagrado Coração».³⁹

A Serva de Deus sempre foi muito devota do Sagrado Coração e nele sempre tinha confiado e ensinado a confiar.⁴⁰

Foi sepultada no cemitério da Consolação em São Paulo,⁴¹ «para onde a acompanhou um grande número de pessoas, entre as quais os órfãos dos dois Orfanatos».⁴²

Foi sepultada ao lado do irmão, Pe. José, aquele que tinha sido determinante para sua partida missionária para o Brasil, de sua mãe, Carolina Ghilarducci Marchetti, e da irmã Teresa Marchetti Angeli que, na sua viuvez, tinha colaborado com ela na condução do Orfanato. Enquanto fechavam o ataúde, cantaram hinos a Nossa Senhora.⁴³

³⁹ V. nota 37.

⁴⁰ «Sua devoção ao Sagrado Coração de Jesus era profunda. Além do amor terno, dirigido a este Coração, centro de todos os corações, copiava-lhe as virtudes, pois a característica principal de Madre Assunta foi uma humildade nunca desmentida e uma caridade ardente. [...] Quando as Constituições foram submetidas à aprovação definitiva, Madre Assunta pediu que se inserisse nela a reza da Coroinha ao Sagrado Coração de Jesus» (Ir. Leticia Negrisoló, Perfil biográfico inédito, cit.).

⁴¹ V. nota 29.

⁴² Recordações de Ir. Leticia Negrisoló, cit.

⁴³ «O Governo Geral das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo (Scalabrinianas), no 75º aniversário da fundação da Congregação, decidiu perpetuar a memória dos cofundadores do Instituto, Pe. Giuseppe Marchetti e Madre Assunta Marchetti, mandando edificar um monumento de mármore e bronze, para eles, no cemitério da Consolação, quadra n. 19 da rua 22ª. Em agosto de 1970, na presença de Dom Vicente Marchetti Zioni, de Ir. Leticia Negrisoló e de Ir. Irinéia Bueno foi feita a exumação administrativa dos restos mortais de Madre Assunta. Quando abriram o caixão, Ir. Leticia pegou o crucifixo que estava ainda na altura do peito e os encarregados do cemitério recolheram os restos, já em pó, em uma urna própria e a colocaram no mesmo lugar onde antes estava o ataúde. Tinha ainda as pantufas. O crucifixo e as pantufas comoveram os presentes porque fizeram recordar o grande amor de Madre Assunta por Jesus Cristo e ao Seu sacrifício, e seu incessante caminhar em favor dos mais pobres e abandonados» (*Perfil Espiritual*, cit., p. 54).

Faltava pouco mais de um mês para o seu 77º aniversário.⁴⁴ No dia 30 de março anterior, tinha tido início o III Capítulo Geral da Congregação. Madre Assunta, como ex- superiora geral, deveria, por direito, participar, mas, foi totalmente excluída porque estava hospitalizada e as Constituições não permitiam a que as escrutinadoras saíssem de casa para recolher os votos. No dia 22 de junho seguinte, uma Irmã scalabriniana, na véspera de sua partida para a Itália, passou para despedir-se dela no seu quarto. A Irmã que ia partir, muito comovida, chorava e os soluços a impediam de falar. Madre Assunta disse-lhe, então:

«Não chore, eu a invejo. Gostaria de estar no seu lugar e ver ainda uma vez minha querida Itália. Mas o querer de Deus é diferente: seja feita sua santa vontade. Vou rezar para que faça uma boa viagem e, hoje mesmo, começarei uma novena».⁴⁵

Anos atrás, falando com uma futura Irmã de São Carlos, tinha dito: «Itália, minha querida terra! Quanta saudades sinto! Mas, paciência. Agora estamos aqui, onde está o mesmo Deus que tinha lá».⁴⁶

Agora O via, na alegria merecida do “face a face”, lá, onde o espaço é imensidão e onde já tinham se tornado plena felicidade os seus cinquenta e três anos de Brasil, nos quais, migrante com os migrantes, órfã com os órfãos, pobre com os pobres, teve que, muitas vezes, apagar

⁴⁴ Certidão de nascimento da Serva de Deus: O Oficial do Estado civil de Camaione, Lina Pellegrini certifica que do ato 402, parte I, do Registro dos Atos de Nascimento do ano de 1871 resulta que Maria Assunta Caterina nasceu em Camaione, no dia 15 do mês de agosto, do ano de 1871, in *AGSS* 1.3. Uma coirmã que entrou na Congregação das Irmãs de São Carlos no dia 1º de janeiro de 1935, quando o segundo período de superiora da Serva de Deus estava por concluir, recorda: «No dia de sua morte eu estava em Bento Gonçalves, na comunidade situada no bairro do 1º Batalhão Ferroviário. Durante a leitura comunitária, aconteceu um fato interessante: uma andorinha entrou pela janela, fez três vôos pela sala e depois saiu pela mesma janela. Nós comentamos o fato, dizendo: ‘Vejam os sinais que este’. E tomamos nota da hora e do dia. Mais tarde, fomos informadas de que naquele dia morria Madre Assunta» (Testemunho de uma Irmã que morreu em 2000, viveu com Madre Assunta apenas uma semana, mas que, em Nova Bréscia, para onde foi enviada muitos anos depois, ouviu contar numerosos episódios edificantes a respeito dela). In *APR*.

⁴⁵ Cf. nota 4.

⁴⁶ Cf. Diálogo acontecido em 1932 entre Madre Assunta e ‘a futura Irmã de São Carlos’ do qual se fala. In *AGSS* 1.3.

corajosamente a saudade da pátria distante com o generoso, constante dom de si a Deus e aos irmãos. Tudo havia terminado, *as coisas de antes tinham passado*,⁴⁷ também aquela terrível dor na perna à qual faz referência o testemunho de Ir. Caetana Borsatto (†1996):

«Em 1929, depois de uma viagem de trem de cinco dias e três noites, Madre Assunta chegou a Guaporé, RS. Todas as Irmãs a esperavam com ansiedade e entusiasmo. Depois dos primeiros cumprimentos, voltou-se para a superiora da casa, Ir. Bernardina Miele e lhe disse: “Por favor, cuide da minha perna que, depois desta viagem, está muito mal e amanhã devo seguir para Bento Gonçalves”».⁴⁸

Daquele tempo já se haviam passado dezenove anos, durante os quais a perna apenas piorou, chegando a formar gangrena. Tudo passou, tudo acabou. Mas... «Àquele que tem, será dado e será dado em abundância».⁴⁹ Madre Assunta sempre acreditou e esperou esta abundância, imperecível recompensa. Um habitante de Mirassol, falando com uma Irmã scalabriniana, lembrou quanto segue: «Às vezes a Serva de Deus olhava para o céu e dizia: “Espero chegar logo lá, depois de ter sofrido aqui”, e sua esperança, estamos seguras, não foi em vão.

Quase sinal de festa, «o sino do Orfanato, logo depois do último respiro da Mãe dos órfãos, começou a tocar, sem que alguém o tivesse acionado, e as órfãs, gritaram: “Morreu Madre Assunta”».⁵⁰

As órfãs tinham sido ‘o próximo privilegiado’ da sua existência por muito tempo: foram, portanto, por direito, as primeiras pessoas externas a perceber de modo prodigioso (?) a sua partida.⁵¹ Ir. Clarice Baraldini, a humilde Irmã, trazida como órfã para o Orfanato, pelo mesmo Pe. Marchetti, no dia 15 de julho de 1896,⁵² aquela que a Serva de Deus mandava rezar para a Providência com os órfãos menores para pedir o necessário, uma vez constatada a morte da Serva de Deus, saiu

⁴⁷ Cf. *Ap* 21, 4.

⁴⁸ Recordações de uma Irmã do Instituto (†1996). In *APR*.

⁴⁹ *Mt* 13,12.

⁵⁰ Cf. nota 4.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² Cf. *Brevi Cenni*, cit., p. 13.

chorando, do quarto e disse: «Hoje, nesta casa, morreu a caridade».⁵³

Madre Assunta tinha suportado heroicamente e com espírito sobrenatural também as dores e dificuldades da última enfermidade. Podia agora repousar em paz, na espera da ressurreição. Até o fim tinha continuado a doar linfa vital à Congregação: o dia de sua morte era o sétimo dia da novena pedida pela Superiora em favor da Congregação, seu último dom às coirmãs, completado no céu.⁵⁴

RESSONÂNCIAS DEPOIS DA MORTE

A 04 de julho de 1948, a superiora geral, Madre Borromea Ferraresi, através de carta circular, comunicava às Irmãs da Congregação a morte da Serva de Deus com algumas informações sobre quanto a tinha antecedido. Além disso, a Madre exortava a olhar para Madre Assunta como exemplo de vida e como uma guia segura, capaz de orientar nas obscuridades do caminho terreno. É a seguinte:

«Caríssimas Superiores e Irmãs, comovida, venho a informar-lhes sobre a partida de nossa veneranda Madre Assunta. Depois do último tratamento que a deteve por longo tempo no hospital, seu estado de saúde ficou estacionado. Voltou para Vila Prudente no dia 22 de maio, mas continuou sendo obrigada a permanecer acamada, podendo sair do quarto apenas algumas vezes, na cadeira de roda. Na última semana, sofreu frequentes ataques de tosse. Os medicamentos prescritos não produziram nenhum efeito. Às duas da madrugada do dia 1º de julho seu estado se agravou inesperadamente e lhe foram, imediatamente administrados os últimos sacramentos. Antes do nascer do novo dia, teve uma rápida melhora, como reação a algumas injeções, mas o médico que a visitou pela manhã, declarou caso perdido. Quis, porém, fazer uma última tentativa,⁵⁵ o que lhe causou somente aumento de sofrimento. Às 15h do mesmo dia expirou docemente nos meus braços. Esteve lúcida e falou quase até o fim. Reconheceu todos os parentes, também aqueles que chegaram à tarde. Às 9h do dia seguinte celebrou-se a Missa cantada,

⁵³ Recordações de uma Irmã (†2007) que, por razões particulares, teve freqüentes contatos epistolares com Madre Assunta antes de entrar na Congregação, onde, finalmente, chegou, com a ajuda da Serva de Deus, em 1932. In. APR.

⁵⁴ Cf. Carta de L. Negrisola a L. Bondi, São Paulo, 1º de novembro de 1993. Orig. in AGSS 1.3.3.

⁵⁵ Refere-se à sangria da qual se falou.

de corpo presente,⁵⁶ depois do que o féretro foi levado ao cemitério.

Caras Irmãs, Madre Assunta, apesar de sua idade avançada, foi-nos tirada muito cedo: sua vida nos era preciosa, porque edificante. Suas virtudes foram mais que comprovadas durante sua longa enfermidade. Nunca se ouviu um lamento, resplandecia em tudo uma santa resignação, constantemente estampada no seu semblante sereno, emoldurado com um doce sorriso que ocultava todo o seu sofrimento. Quando lhe perguntavam sobre sua saúde, parecia que estivesse alimentando toda a esperança de um completo restabelecimento e respondia: “Estou bem melhor, penso que logo poderei levantar-me”. Nem mesmo nas menores de suas ações quis valer-se da liberdade que lhe fora concedida. Tivemos a última prova de sua submissão: quando, no dia 1º de julho lhe perguntaram se queria receber a Comunhão, respondeu: “Se a Madre quiser, posso Comungar”. Procuremos, queridas Irmãs, servir-nos destes exemplos de santidade de nossa querida Madre Assunta, sobretudo na submissão, na paciência e na humildade. Seja ela, que viveu nossa vida e nossos dias, uma guia que nos oriente em nossas dificuldades. Vencer como ela venceu deve ser nosso ideal para chegar a uma suave e santa morte semelhante a sua e, conseqüentemente, à recompensa eterna».⁵⁷

No sétimo dia depois de sua morte foi distribuído um escrito-lembrança. Trazia um perfil biográfico essencial da Madre, acompanhado destas palavras:

«Senhor, Tu nô-la emprestaste para que contribuisse à nossa alegria. Foi isto que ela realizou deixando-nos luminosos exemplos de vida religiosa durante sua existência toda dedicada à fadiga e ao sofrimento e marcada pela simplicidade celestial. Nós Vô-la restituímos, resignados, mas com o coração partido pela dor, certos de que está no céu, unida aos nossos Patronos».⁵⁸

No mesmo mês de sua morte, o n. 8 da revista mensal *Mensageiro da Paz* de São Paulo trazia um artigo interessante, escrito por uma Irmã scalabriniana. Transcrevemos algumas partes para delinear a personalidade e a ação da Serva de Deus:

⁵⁶ Expressão portuguesa para indicar a Missa de Exéquias.

⁵⁷ Carta circular de Madre B. Ferraresi às Irmãs da Congregação, 04 de julho de 1948, in *AGSS* 1.3.

⁵⁸ Santinho-lembrança de Madre Assunta Marchetti, distribuída sete dias depois de sua morte, in *APR*.

«Ao declinar palidamente⁵⁹ a tarde do dia 1º de julho, declinou também, suavemente para as sombras do túmulo o luzeiro de nossa Congregação, Madre Assunta Marchetti. E nossos corações, mergulhadas na penumbra da saudade, ficaram contemplando a radiosidade daquele astro que não se apagou, mas transpondo as fronteiras do tempo, foi abismar-se na luz da glória. Foi uma trajetória luminosa a descrita por Madre Assunta, na humildade fecunda de sua longa vida, passada quase toda, entre os muros austeros do convento. Desde juvenzinha, piedosa, afável, serviçal, já deixava entrever sua operosidade futura. Filha dedicada, irmã extremosa, coração feito de ternura para os seus, não vacilou em sacrificar seus afetos mais puros no altar da consagração voluntária, no holocausto da vida religiosa. Unida à sua mãe em uma novel Congregação [...], a jovem Assunta tornou-se, com mais algumas companheiras, a base dessa Instituição que deveria devotar-se ao amparo daqueles que a desventura forçava a buscar, fora da pátria, o pão cotidiano. [...] Começa então a trajetória de dores e de fulgores. O Anjo da Guarda de Madre Assunta, quanto nos poderia dizer dos sacrifícios, da devoção, das lágrimas e fadigas de sua tutelada! Por várias vezes foi a condutora, dos destinos supremos da frágil barquinha de nossa Congregação, quantos pesares lhe amarguraram a alma quando o pobre batel, ameaçado por ondas devastadoras, parecia a todo o momento sucumbir. Muitas vezes, quando tudo parecia perdido, a fé e a confiança, a doçura; a humildade do destemido piloto, alcançaram do Senhor a bonança esperada, e o batelzinho fazia-se ao largo [...]. Madre Assunta soube concretizar constantemente as palavras de nosso Senhor: “Aprende de Mim que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para vossas almas”. Madre Assunta foi uma alma de paz. Foi humilde. [...] Jamais contrariedade ou dor puderam lhe alterar a calma do suave semblante. [...] Foi mansa: jamais alguém vislumbrou nela indícios de temperamentais. Na sua longa e pertinaz moléstia deu exemplo da mais adorável doçura. Dir-se-ia a imagem da esperança e da bondade. [...] Não sentiria dores físicas? Mas, se os médicos diagnosticaram cruel gangrena num dos membros inferiores! E, apesar disso, o sorriso não abandonou seus lábios. [...] Quisestes Senhor, que sua vida se findasse, como sempre decorreria: simples, humilde, serena. Mas qual a recompensa que lhe reservastes por tão sublime dedicação? Adivinha-a nossos corações amantes, nesta suave impressão de que lá do céu, seu olhar tão maternal e doce nos olha com bondade, seu sorriso nos anima e conforta. [...] Madre Assunta será sempre para nós o modelo mais perfeito de verdadeira Missionária de São Carlos

⁵⁹ “... pálido”, porque no Brasil era inverno.

Borromeo - Scalabriniana, a interpretação mais autêntica do modelo de religiosa ideado por nosso fundador, Dom João Batista Scalabrini». ⁶⁰

Um mês depois de sua morte, no dia 07 de agosto, o Instituto das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas recebia a aprovação definitiva das Constituições e isto foi interpretado como o fruto da última oferta da Serva de Deus, ⁶¹ «encontrada, no regresso do Senhor, com a lâmpada acesa». ⁶² Apenas quatro anos depois, em Caxias do Sul (RS), era difundida a primeira novena para a sua glorificação. ⁶³

Mais tarde, Dom Lafayete Libânio, bispo de São José do Rio Preto, que a tinha conhecido e admirado, escrevia a seu respeito:

«A Santa Virgem se elevou em santidade com a prática das palavras: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim a sua vontade”. Madre Assunta seguiu de perto este modelo e disto advém sua santidade». ⁶⁴

Desde 29 de julho de 1991 os restos mortais da Serva de Deus repousam na capela do Orfanato de Vila Prudente. As órfãs podem assim, a todo o momento, encontrar a ‘Mãe’ e confiar a ela os sofrimentos mais secretos do coração; as Irmãs podem encontrar aquela «que se preocupava para que se sentissem bem no serviço do Senhor», ⁶⁵ e com ela o exemplo de sua vida religiosa e missionária, da sua fé capaz de fazer milagres, e «do seu amor mais forte do que a morte». ⁶⁶

⁶⁰ UMA IRMÃ MISSIONÁRIA SCALABRINIANA, *Madre Assunta Marchetti*, em *Mensageiro da Paz*, n. 8 – Julho de 1948, São Paulo, SP, Caixa Postal 3.103, in *AGSS* 1.3.

⁶¹ R. C. ROSSI, Pro - memória para o pedido ao S. Padre da aprovação das Constituições e relativa concessão. Audiência Pontifícia, 07 de agosto de 1948, in *AGSS* 1.4.1.

⁶² Cf. *Lc* 12, 37.

⁶³ ‘Santinho’ com a primeira Novena, para obter graças através da intercessão da Serva de Deus, in *APR*.

⁶⁴ Dom Libânio Lafayete, bispo de São José do Rio Preto, 19 de agosto de 1962, in *AGSS* 1.3.

⁶⁵ Recordações de uma Irmã (†2006) que encontrou Madre Assunta durante o capítulo eletivo de 1935, depois de tê-la encontrado rapidamente em 1928, in *AGSS* 3.4.

⁶⁶ Cf. M. Francesconi, *Una Donna forte*, cit., p.73.

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	07
<i>Apresentação</i>	09
Contexto ambiental e familiar de Maria Assunta Caterina.....	11
Os primeiros anos da Serva de Deus.....	29
Adolescência e juventude.....	37
Disponibilidade ao projeto de Deus.....	51
O fenômeno migratório na segunda metade do século XIX.....	61
Os primeiros passos de um longo caminho (1895-1896).....	67
Rumo aos primeiros votos perpétuos (1897).....	79
O triênio 1897-1900.....	97
As Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração.....	111
O terceiro noviciado da Serva de Deus.....	129
De superiora geral à simples missionária.....	145
A crise das “Clementinas”.....	173
A intervenção do Espírito Santo.....	179
O Instituto das Irmãs Missionárias de São Carlos de 1927 a 1935.....	189
Mirassol: os últimos anos de atividade missionária (1935 a 1947).....	213
Os últimos meses de vida da Serva de Deus.....	231
<i>Índice</i>	245